Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner

**A gênese do nacional-socialismo na Alemanha
do século XIX e a autodefesa judaica**

**Versão Corrigida
São Paulo
2017**

Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner

**A gênese do nacional-socialismo na Alemanha
do século XIX e a autodefesa judaica**

Tese de doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História Social da
Universidade de São Paulo, redigida sob
orientação da Professora Emérita Doutora
Anita Waingort Novinsky.

**Versão Corrigida
São Paulo
2017**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O' OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel
'A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século 19 e a autodefesa judaica' / Miriam Bettina Paulina Bergel OELSNER ; orientadora Anita Waingort NOVINSKY. - São Paulo, 2017.
194 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Judeus - antissemitismo - Alemanha (século 19) (século 20). 2. Resistência judaica - Alemanha (século 19) (século 20). 3. Sionismo - Alemanha (século 20). 4. Nacional-socialismo - Alemanha (século 20). 5. Judeus - República de Weimar. I. NOVINSKY, Anita Waingort, orient. II. Título.

APROVAÇÃO

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. **A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica.** Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

Esta tese foi apresentada à banca que a aprovou em 29 de junho de 2017.

Anita Waingort Novinsky
Professora Doutora Emérita / USP
Orientadora

Andrea Giuseppe Lombardi
Professor Doutor / UFRJ

Tullo Vigevani
Professor Doutor / UNESP

Gabriel Steinberg Schwartzman
Professor Doutor / USP

Oswaldo Luis Angel Coggiola
Professor Doutor / USP

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT	11
ZUSAMMENFASSUNG.....	12
ILUSTRAÇÕES	13
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	15
1 PREÂMBULO	1-14
1.1 Título.....	1-14
1.2 Relevância do tema.....	1-15
1.3 Objetivo	1-19
1.4 Fontes teóricas	1-20
1.5 Fontes bibliográficas	1-22
1.6 Método.....	1-22
2 INTRODUÇÃO	2-27
2.1 Primeiros judeus na Alemanha	2-29
2.2 Judeus na Alemanha antes do Iluminismo	2-31
2.2.1 Os Hofjuden	2-31
2.2.2 Moses Mendelssohn e o Iluminismo	2-32
2.2.3 Reflexos da Revolução Francesa na Alemanha: 1795-1813.....	2-37
2.3 Período Napoleônico.....	2-40
2.4 Antissemitismo na Alemanha – os judeus entre 1815 e 1893	2-43
2.5 A Revolução Industrial na Alemanha foi tardia	2-52
2.5.1 Vormärzrevolution – período de 1815 até Revolução de Março de 1848	2-53
2.5.2 O período entre 1848 e 1869: caminhos para a Unificação alemã em 1871.....	2-61
2.5.3 “Era Liberal” para os judeus	2-63
2.5.4 Segunda Onda antissemita	2-64
2.5.5 Os judeus e a Bildung (formação e cultura)	2-67
2.6 A vida judaica na Alemanha a partir da unificação	2-70
2.7 Ressurgimento do antissemitismo	2-75
2.7.1 Antissemitismo de Richard e Cosima Wagner	2-84
2.7.2 Primórdios da socialdemocracia alemã.....	2-88
2.7.3 Antissemitismo oficial na política	2-89
2.7.4 Retomando o início do século XIX.....	2-91
2.7.5 Antissemitismo econômico	2-96
3 INÍCIO DE IDEIA DE AUTODEFESA – O CV	3-98
3.1.1 O Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens	3-98

3.1.2	Aumento do antissemitismo.....	3-100
3.1.3	Judeus procuram meios de autodefesa.....	3-101
4	O ANTISSEMITISMO A PARTIR DE 1893 ATÉ A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	4-104
4.1	Loewenfeld dá o pontapé inicial.....	4-104
4.1.1	Contenda verbal	4-105
4.1.2	Manifestações de autodefesa	4-106
4.1.3	A fundação do Central Verein	4-108
4.2	A ideia do censo demográfico judaico	4-116
4.3	Antissemitismo na Áustria.....	4-117
5	ENTRE-GUERRAS	5-119
5.1	Esperança no Leste.....	5-141
5.2	Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial.....	5-143
5.2.1	Tratado de Versalhes em junho 1919	5-147
5.2.2	Tratado de Rapallo assinado em 24 de abril de 1922	5-148
5.2.3	Alemanha a partir de 1929	5-151
5.3	Alemanha nazista	5-153
5.3.1	Os judeus e o regime nazista.....	5-153
6	ARQUIVOS DE MOSCOU, DESCOBERTOS EM 1991	6-158
6.1	Fontes anteriores à descoberta dos Arquivos de Moscou	6-165
6.2	O papel da língua alemã para os judeus.....	6-169
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	7-172
	REFERÊNCIAS.....	175
	GLOSSÁRIO.....	184
	ÍNDICE ONOMÁSTICO	185
	ANEXO.....	189

“A problemática de *Entre dois mundos*, o fulcro de tudo, inicia-se com a emancipação dos judeus, resultado do Século das Luzes e da Revolução Francesa. Antes disso, os judeus viviam perseguidos como um grupo coeso, solidamente entrincheirado nas tradições multisseculares. Depois disso, continuaram a ser perseguidos, mas de um modo mais civilizado, mais sub-reptício, mais elegante, mais cordial” Anatol Rosenfeld¹

¹ ROSENFELD, Anatol. *Entre dois mundos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967, p. 9.

AGRADECIMENTOS

À Emérita Professora Doutora Anita Waingort Novinsky externo a minha gratidão e respeito por sua sabedoria e pelos ensinamentos que me confiou ao longo desta jornada, com paciência, carinho e generosidade. Seus ensinamentos me proporcionaram vontade de aprender mais, estimulando o espírito de pesquisa e desejo de transmitir o resultado deste trabalho da melhor forma possível!

POESIA de MIRIAM & RUBENS

Para Professora Anita

Professora Anita – com admiração e afeto
Alguns sucumbem cedo demais,
A vida é para fortes de espírito.
Flores que se mantêm vicejantes e longevas!
As luzes que encontramos,
As luzes que brilham de alguns poucos iluminados,
Que brilho, que generosidade em espalhar tanta luz!
Dê-nos mais e mais, Mestra!

Ao Emérito Professor Doutor David Bankier Z'L' externo minha admiração e gratidão e dedico este trabalho. O tema deste estudo provém de uma orientação do historiador David Bankier Z'L', em Jerusalém, em fins de 2007, juntamente ao historiador Dr. Avraham Milgram, ambos do Yad Vashem. Bankier, que faleceu em 2010, escreveu suas recomendações já hospitalizado, em minha agenda, e eu as guardo com muito carinho, respeito e saudades. Durante muitos anos, Bankier foi Diretor de Pesquisa do Yad Vashem em Jerusalém, o maior memorial da Shoá. Deixou vasta literatura sobre os temas de suas pesquisas. Ministrou cursos em vários continentes, onde todos os pesquisadores sentem a sua falta. O objeto desta tese se ampliou e pôde-se constatar a necessidade de retroceder o leque do período estudado até a Revolução Francesa, e recuar à história dos judeus na Alemanha da Antiguidade ao século XVIII.

Dedico também à minha netinha Pérola,
que nasceu juntinho com a tese.

Alice Irene Hirschberg
in memoriam

Daniel Oelsner Lopes

Débora Oelsner Lopes

Dina Lida Kinoshita

Eneida Beraldi Ribeiro

Fanny Gelehrter da Costa Lopes

Gabriela Suzana Wilder

Ivanilze Estácio

Lina Gorenstein Ferreira da Silva

Miriam Serman Dolnikoff

Mario Dolnikoff

Mauricio Orestes Parisi

Nicole Stefanie Loghin Grosso

Renato Mezan

Dr. Roberto Dantas Queiroz

Rubens Hirscl Oelsner Bergel

Prof. Dr. Wilson do Nascimento Barbosa

RESUMO

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. **A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

O objetivo desta tese é o estudo da vida dos judeus na Alemanha, a partir de sua saída do gueto ao final do século XVIII. Tive a preocupação em contextualizar a história do antijudaísmo, desde a chegada dos romanos na antiga Germânia no século II, ressaltando os momentos mais críticos, como a Primeira Cruzada em 1096 e o enforcamento do judeu Süß em 1738, por razões de animosidades políticas. O estudo rastreia o antissemitismo a partir dos acontecimentos da primeira metade do século XIX, permitindo compreender a eclosão dos horrores da *Shoá*, como o auge de um processo que se desenvolveu durante um longo período. Foram observadas tentativas de integração à sociedade alemã, envolvendo progressos curtos, entremeados por recuos, pontuados por movimentos dos próprios judeus, evidenciando o paradoxo entre a liberdade adquirida pela saída do gueto, com a entrada na vida urbana, e os crescentes sentimentos antijudaicos, agora no seio da sociedade alemã, ocasionando o agravamento desses sentimentos, com os quais os judeus tiveram de conviver. O trabalho demonstra como essa integração se tornou estímulo para o recrudescimento de tendências antijudaicas latentes. O antissemitismo foi tomando, progressivamente, forma mais política e serviu de sustentação ao crescimento do nacional-socialismo, que o tomou como bandeira, para dar sentido ao ódio gerado pelas tensões vigentes na nação germânica. A insatisfação decorrente da humilhação acarretada pela derrota da Primeira Guerra Mundial e pelo Tratado de Versalhes fez com que o movimento crescente em direção à Segunda Guerra Mundial ficasse aí determinado. A imagem dos judeus ficou associada ao que passou a ser visto pelos setores reacionários e nacionalistas, como intimamente ligados à República de Weimar, levando os ‘arianos’ a declarar guerra a tudo o que fosse ocidental, judaico, liberal e iluminista. A maldição estava posta. Houve tentativas de reação judaicas, objeto central deste estudo, a partir da fundação do *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens* em 1893, que existiu até 1938, e é a reafirmação da identidade alemã dos judeus. A insistência dos judeus em constituir-se como parte integrante da sociedade alemã pôde ser verificada “a posteriori”. Foi uma tentativa derradeira, condenada ao fracasso, porém corajosa. A abertura dos arquivos de Moscou permitiu conhecer este processo e alimentou de informações preciosas o estudo aqui apresentado.

Palavras-chave: Judeus - antissemitismo [Alemanha] [Século 19] [Século 20]. Resistência judaica [Alemanha] [Século 19] [Século 20]. Sionismo [Alemanha] [Século 20]. Nacionalsocialismo [Alemanha] [Século 20]. A República de Weimar.

ABSTRACT

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. **The genesis of National Socialism in nineteenth-century Germany and the Jewish self defense.** Thesis (PhD) – Post-Graduate Program in Social History. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

The purpose of this study was to investigate the life of the German Jews after leaving the ghetto at the end of the 18th Century. There was a concern to put the History of Anti-Judaism in context, ever since the Romans entered Ancient Germania, emphasizing critical moments such as the 1st Crusade and the hanging of the Jew Süß in 1738 because of political animosities. The study tracked Anti-Semitism from the events of the first half of the 19th century, allowing an understanding of the outburst of the horrors of the Holocaust as the peak of a long progressing process. Attempts of the Jews to become integrated in the German society were observed, with momentary progresses interspersed with retreats, punctuated by movements of the Jews themselves in this integration process. There is a paradox between the freedom conquered by exiting the ghetto and entering the urban life and the growing anti-Jewish feelings within the German society with which they had to live. It is shown in this work how this integration became a stimulus for anti-Jewish revivals. Anti-Semitism became more and more political, supporting the growth of National Socialism that adopted it as a flag, in order to give a meaning to the hatred arising from the tensions present in the German population. Then the dissatisfaction resulting from the humiliation caused by the defeat in World War I and the Treaty of Versailles determined the increasing movement towards World War II. Reactionary and nationalist sectors associated the image of the Jews with the Weimar Republic and so the “Arians” declared war against everything considered Western, Jewish, liberal and enlightening. The curse was on. Jewish attempts to react, also featuring a confirmation of their German identity and their insistence in belonging to the German society, were the core of this study. In retrospect, the foundation of the CV can be considered a last and brave attempt, yet destined to fail. The opening of the Moscow archives allowed getting to know this process, providing valuable information for the present study

KEY WORDS. Jews - Antisemitism [Germany] [19th Century] [20th Century]. Jewish withstanding [Germany] [19th Century] [20th Century]. Zionism [Germany] [20th Century]. National socialism [Germany] [20th Century]. The Weimar Republic.

ZUSAMMENFASSUNG

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. **Die Entstehungsgeschichte des Nationalsozialismus im neunzehnten Jahrhundert in Deutschland und die jüdische Selbstverteidigung.** Thesis (Doktor) – Post-Graduate Program in Sozialgeschichte. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

Das Ziel dieser Arbeit besteht daraus, das Leben der Juden in Deutschland nach dem Verlassen des Ghettos klarzulegen. Dabei wurde es notwendig das Geschehen mit der Geschichte des Antijudaismus bis zur Erscheinung der Römer in der früheren Germania, zu verbinden. Hier waren die kritischsten Vorfälle angegeben: Die Kreuzzüge und das Erhängen des Juden Süß. Diese Arbeit ersorgt den Antisemitismus in Ereignissen ab erster Hälfte des XIX Jahrhunderts ab, was den Ausbruch des fürchterlichen Geschehens der Shoah wie einen Höhepunkt eines sich lange Zeit wachsenden Vorgang entwickelt hatte. Man kann zeitweilige Fortschritte beobachten, wie auch teilweise Rückgänge, wie die Bewegung der Juden selbst, die versuchten der deutschen Gesellschaft anzupassen. Das Leben in Freiheit ausserhalb des Ghettos und der Eintritt in ein städtisches Leben und der wachsende Antijudaismus, der nun in in der Gesellschaft herrschte war ein Paradox. Man kann in dieser Arbeit wahrnehmen, wie diese Zugehörigkeit der Juden ein Ansporn zu neuem Antijudaismus geworden war. Der Antijudaismus bekam schrittweise eine politische Gestalt und war die Stütze zum Wachstum des National Sozialismus. Der National Sozialismus benutzte den Antisemitismus als Fahne, um der Unzufriedenheit und Spannung und dem Hass der Deutschen einen Sinn zu geben. Die Unzufriedenheit und Erniedrigung durch verlorenen Erstem Weltkrieges und dem Vertrag von Versaille bestimmte auch das Wachsen der Partei. Das Bild des Juden wurde von Reaktionären und Nationalisten, wie eng verbündet mit der Weimarer Republik. Alles was vom Westen kam wurde befeindet, jüdisch, liberal und iluministisch. Die Verdammung war bereit. Der Versuch jüdischer Antworten zu erhalten, was eigentlich unserer Arbeit entspricht. Die Bestetigung einer Angehörigkeit und ihr wiederholtes Bemühen dem Deutschtum anzugehören kann man a priori als ein letzter Versuch, der zu einem Missglück, aber trotzdem heldenreichen geworden war. Moskauer Archive haben es erlaubt dieses besondere Phänomen kennenzulernen und erlaubt und wertvolle Informationem über dieses Thema für diese Arbeit geliefert.

Stichwörter: Juden - Antisemitismus [Deutschland] [19. Jahrhundert] [20. Jahrhundert]. Jüdische Gegenwehr [Deutschland] [19. Jahrhundert] [20. Jahrhundert]. Zionismus [Deutschland] [20. Jahrhundert]. Nationalsozialismus [Deutschland] [20. Jahrhundert]. Die Weimarer Republik.

ILUSTRAÇÕES

Fotos

Foto 1 – Victor Klemperer (1881-1960).	1-21
Foto 2 – Estréia mundial da peça Tambores na Noite, de Brecht.	2-75
Foto 3 – Heinrich von Treitschke (1834–1896).	2-84
Foto 4 – Raphael Löwenfeld (1854-1910).	4-104
Foto 5 – Família de David Introligator, anos c1920.	4-111
Foto 6 – Julius Brodnitz (1866-1936) nos anos 1920.	4-112
Foto 7 – Hans Oppenheimer (1903-1985) e dois outros funcionários na redação do C.V. Zeitung.	5-120
Foto 8 – Cerca de 100.000 judeus alemães serviram ao Kaiser na Grande Guerra.	5-121
Foto 9 – Soldado judeu alemão, sem mais dados.	5-121
Foto 10 – Rabino Leo Baeck.	5-123
Foto 11 – Ludwig Holländer em 1935.	5-132
Foto 12 – Kurt Blumenfeld (1884–1963).	5-142
Foto 13 – Walther Rathenau (1867-1922).	5-143
Foto 14 – O chanceler Joseph Wirth (centro, de perfil) e o Ministro do Exterior soviético Georgi Chicherin, 1922 em Rapallo.	5-148
Foto 15 – Família em Berlin toma o café da tarde com seus fones de ouvido.	5-150
Foto 16 – O mestre da Bauhaus Walter Gropius com as outras principais luzes do movimento.	5-150
Foto 17 – Alfred Hirschberg, último Syndikus do Central Verein.	5-152
Foto 18 – Durante o boicote a toda a rede de negócios judeus, a partir de 1º de abril de 1933, homens das SA colam cartazes em uma loja de varejo em Berlim com folhetos pela restrição.	5-153
Foto 19 – Posto de boicote das SA ante uma loja judaica em Berlim, abril de 1933.	5-154
Foto 20 – Alfred Wiener (1885-1964) à mesa da biblioteca, em Manchester, 1953.	5-156
Foto 21 – Membros do Hashomer Hatzair, 1924.	6-161
Foto 22 – Eugen Fuchs (1856-1923).	6-166

Figuras

Figura 1 – Capa da primeira edição de LTI.	1-20
Figura 2 – Incêndio no gueto dos judeus em Frankfurt am Main, 1796.	1-26
Figura 3 – Flagelantes – penitência contra Peste Negra, 1350.	2-29
Figura 4 – Poster do Filme Jud Süß de Veit Harlan - 1940.	2-31

Figura 5 – Moses Mendelssohn (1729-1786).....	2-32
Figura 6 – Conversa imaginária na casa de Moses Menlssohn na presença de Gottfried Efrahim Lessing, o pastor Lavater e a esposa de Mendelssohn.	2-34
Figura 7 – O Tratado de Tilsit – 6 de julho de 1807.	2-39
Figura 8 – Quebra da Bolsa em 1873 (Viena).	2-43
Figura 9 – Folheto mostrando os ataques anti-semitas Hep-Hep em Frankfurt, 12-13 de agosto de 1819.....	2-47
Figura 10 – Napoleão em Berlim	2-47
Figura 11 – Queima de livros em 1817 na Wartburgfest.	2-50
Figura 12 – Gabriel Riesser (1806-1863).	2-54
Figura 13 – Chanceler Bismarck em entrevista com o Kaiser Wilhelm I.	2-60
Figura 14 – Refugiados judeus da Europa Oriental.....	2-63
Figura 15 – Coroação do Kaiser Wilhelm I no Salão dos Espelhos, Versalhes, 18.01.1871.....	2-64
Figura 16 – La fin du sabbath. Dat. 1901.	2-68
Figura 17 – O grande desfile no campo de Tempelhof em 7 de setembro de 1873.	2-72
Figura 18 – Atentado de Emil Max Hodel contra o Kaiser Wilhelm I, 11 de maio de 1878.....	2-95
Figura 19 – Adolf Stöcker (1880).	2-96
Figura 20 – Wehrt Euch! : Ein Mahnwort an die Juden von F. Simon.	4-106
Figura 21 – Folheto do CV contra a propaganda antissemita, 1928.....	4-107
Figura 22 – Cartão postal antissemita, c1900.....	4-108
Figura 23 – Nova objetividade: o Expressionismo Alemão.	5-124
Figura 24 – Capa do jornal L’Aurore, de 13 de janeiro de 1898, com a carta de Zola sobre o caso Dreyfus.	5-130
Figura 25 – Estatística de desemprego: 1919-1932.....	5-146
Figura 26 – Assinatura do Tratado de Versalhes, 28 de junho de 1919.....	5-147
Figura 27 Convocação do CV para as eleições para o Parlamento Reichstag em 1924.....	5-149
Figura 28 – O NSDAP se torna o segundo maior partido.	5-152
Figura 30 – Judische Rundschau, número 27, 4 de abril de 1933.	6-164
Figura 29 – Virada do século, Reigen, de Arthur Schnitzler.....	6-169

Quadro

Quadro 1 –Alemanha – Segundo Reich – 1871-1918 Cadeiras ocupadas pelos partidos políticos e sua participação relativa.....	2-94
--	------

SIGLAS E ABREVIATURAS

AHJB – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro;

CAHJP – Central de Arquivos da História do Povo Judeu;

CEI – Comunidade dos Estados Independentes;

CIP – Congregação Israelita Paulista;

CV – *Central Verein* (Associação Central de cidadãos alemães de fé judaica) *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*;

DIGB – *Deutsch-Israelitischer Gemeindebund* (Associação das comunidades israelitas alemãs);

IdR – *Im deutschen Reich* (No Reich – império alemão) jornal mensal do CV;

KfdO – *Kommitte für den Osten* (Comitê para o Leste);

KGB – *Komitet gosudarstvennoy bezopasnosti*;

LEI – Laboratório dos Estudos da Intolerância;

LTI – *Lingua Tertii Imperii* (Linguagem do Terceiro Reich);

NSDAP – *Nationalsozialistische deutsche Arbeiter-Partei*;

RDA – República Democrática Alemã;

RSHA – *Reichssicherheitshauptamt* (Escritório Central de Segurança do Reich);

SA – *Sturm Abteilung* (Divisão de Assalto);

SPD – *Sozialdemokratische Partei Deutschlands*;

SS – *Schutz Stafel* (Esquadrão Protetor);

VdJ – *Verein deutscher Juden* (União dos Judeus Alemães);

WZO – *World Zionist Organization* (Organização Sionista Mundial);

ZVfD – *Zionistische Vereinigung für Deutschland*; (Associação Sionista para a Alemanha);

1 PREÂMBULO

No presente trabalho, pretendo estudar o avanço e a radicalização do antissemitismo ao longo do progressivo domínio da política nacional-socialista alemã, desde suas raízes nos primórdios do século XIX. Este estudo vai focar o surgimento de algumas linhas de resistência judaica em resposta à crescente asfixia e impossibilidade de qualquer existência dos judeus no solo alemão. Dentre as linhas de resistência, despontou de modo especial o *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*, também chamado de CV – *Central Verein* (Associação Central de cidadãos alemães de fé judaica), criado em Berlim, em 1893.

Pouco tempo depois, articulou-se outro grupo para proteger os “irmãos do Leste” liderado pelo jornalista e escritor Theodor Herzl, o *Zionistischer Verein für Deutschland* (Associação Sionista para a Alemanha) – ZVfD, que escreveu, em 1894, o livro: *O Estado Judeu*, após ter assistido o terrível e humilhante julgamento contra o Capitão Alfred Dreyfus em Paris².

Segundo a visão proposta por Hannah Arendt, a realização progressiva da política antissemita pôde ocorrer porque cidadãos, até então apolíticos, adotaram comportamentos de conveniência em face do antissemitismo vigente. Assim, nesse campo favorecido pelo exercício do poder, floresceram movimentos como os *Freikorps* (corporações liberadas), que eram milícias de extrema direita, seguidos mais tarde pelas SA e as SS³. Em todos esses movimentos predominou a agressividade, ressentimentos, ódio e destrutividade sádica, bem como expedientes mais sanguinários como os que viriam ocorrer no regime nazista.

1.1 TÍTULO

A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica. O título denota a minha preocupação em apresentar o antissemitismo na Alemanha no século XIX, tema pouco conhecido no Brasil. Pesquisei suas origens e constatei que se iniciou no ocaso do Iluminismo, no começo do século XIX.

² É importante salientar que, em vista do antissemitismo reinante na Alemanha, um judeu jamais teria alcançado o posto de capitão do exército, como foi o caso de Dreyfus, na França.

³ SA *Sturm Abteilung* (Divisão de Assalto) e as SS *Schutz Stafel* (Esquadrão Protetor).

A preocupação inicial foi tornar conhecida a existência do grupo de defesa judaico contra o antissemitismo, criado na Alemanha em 1893, o *Central Verein*, oferecendo aos judeus uma segurança, apesar de precária.

1.2 RELEVÂNCIA DO TEMA

Até mesmo para estudiosos brasileiros a gênese do nacional-socialismo na Alemanha é bastante desconhecida. Inclusive em nossa Academia pouco se sabe a respeito.

A figura de Adolf Hitler tende, geralmente, a ser simplesmente associada ao mal, de tal forma que muitas pessoas até vinculam este nome a qualquer coisa de ruim. Alguns sabem que a Segunda Guerra Mundial foi provocada por Hitler. Mesmo para os conhecedores de História, o antissemitismo corrente na Alemanha no século XIX é tema desconhecido. Da mesma forma, não se tem conhecimento no Brasil da existência do grupo de defesa judaico, o *Central Verein*.

A relevância deste estudo reside em denunciar as Guerras Mundiais que foram declaradas pela Alemanha no século XX, e toda a extensão de sua tragédia. A Segunda Guerra Mundial aconteceu praticamente como desdobramento da Primeira, trazendo horrores inéditos para a história. Os acontecimentos que nos separam do drama que se abateu sobre todos ainda estão muito próximos de nós, da nossa vida pessoal e familiar. As duas guerras são uma mancha na história que envergonha a todos nós. Este estudo visa a entender como se deu a catástrofe envolvendo o antissemitismo, a partir do século XIX, na Alemanha, atingindo toda a humanidade, de um modo geral, e os judeus, em particular.

Descendentes que somos dos fugitivos do regime nazista que se instalou na Alemanha em 1933, torna-se obrigatório estudar o que levou à tragédia que se abateu sobre toda a Europa, a partir desse regime. Em especial o drama que desabou sobre os judeus, que viram um terço de seu povo ser exterminado.

O genocídio nazista foi o episódio mais extremo da barbárie da história da humanidade⁴.

Quanto à relevância do tema, é importante destacar o pensamento de Hannah Arendt:

⁴ Segundo LISBOA, Marijane, Introdução. In: AMÉRY, Jean. *Além do crime e castigo. Tentativas de superação*” Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2013.

O fato, chocante decerto, de que fenômenos tão insignificantes e desprovidos de importância na política mundial como a questão judaica e o antissemitismo se transformaram em agente catalisador, primeiro, do movimento nazista; segundo, de uma guerra mundial; e, finalmente, da construção dos centros fabris de morte em massa⁵.

Nós, descendentes dos sobreviventes da tragédia, temos o “dever da memória”: não somente não esquecer, mas também pesquisar como se chegou a esse horror. É uma atitude atávica judaica, em relação à história, na qual se insere a questão *Zakhor* – lembra-te!, em hebraico. Título de um dos livros do historiador Josef Haym Yerushalmi significa registrar o passado, a todo custo, para conhecimento das gerações futuras. “Lembra-te do dia do descanso, o sábado, para o santificar” – ou seja, lembrar é o “dever da memória⁶”.

As muitas fugas de Hans Maier (1912-1978) do regime nazista levaram-no a adotar o nome Jean Améry, com o qual se tornou um escritor famoso. Para ele, sobrevivente da Shoá, não interessava conhecer as causas que levaram ao genocídio nazista. Interessava, sim, a maneira como os sobreviventes poderiam continuar vivendo, sentindo-se abandonados à própria sorte, tendo vivenciado o pior. Suicidou-se em 1978, seguindo o ato de desespero de outros sobreviventes como Primo Levi, Paul Célán e muitos outros.

Fatos complexos da história, como o regime nacional-socialista têm de ser esmiuçados, analisados e interpretados. Pretendo indicar os sinais incipientes do nacional-socialismo anteriores à Primeira Guerra Mundial do ponto de vista de sua relação com a inserção dos judeus na sociedade alemã. Por mais que o antissemitismo estivesse sempre presente na Alemanha, às vezes mais agressivo, às vezes menos, a humanidade jamais pensou que esses atos fossem possíveis.

Para entender um fenômeno tão desumano é necessário voltar a um passado remoto, e apreender como avançou a gênese de ódio durante o “longo século XIX”, que é o período de interesse deste estudo. No dizer do historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012) o longo século XIX começou com a Revolução Francesa em 1789 e terminou no início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, guerra detonada, dentre outras causas, pela evidente insatisfação reinante no extenso

⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989, p. 12.

⁶ OELSNER, Miriam. Apresentação. In: KLEMPERER, Victor. *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009. (A apresentadora foi a tradutora desse livro de KLEMPERER).

Império Austro-Húngaro, bem como devido ao forte desenvolvimento econômico da Alemanha, que diferentemente dos outros estados europeus não possuía colônias, e tampouco mercado consumidor para escoar sua produção industrial. O assassinato do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando em 28 de junho de 1914, em Saraievo, capital da Bósnia e Herzegovina, foi o estopim, ateou fogo ao mundo.

As principais causas da trágica deflagração europeia de julho de 1914 foram a incapacidade de as forças democráticas da Europa central e oriental controlarem elementos militaristas de suas sociedades e a rendição dos autocratas, não a seus súditos democráticos leais, mas a seus conselheiros militares irresponsáveis⁷.

O Segundo Reich, governado pelo Kaiser Wilhelm II, e o Império Austro-Húngaro, governado pelo Kaiser Franz Joseph I, se uniram contra as demais potências europeias. A eles se aliaram o Império Otomano e a Bulgária. A frustração da derrota da Primeira Guerra Mundial, em 1918, transformou a Alemanha para sempre. Antes da guerra, a Alemanha se encontrava em avançado desenvolvimento econômico e tecnológico e grande parte da população desfrutava de bom padrão de vida. Durante a República de Weimar sua economia ficou quebrada por longos anos, vindo a se recuperar com o apoio dos EUA. Mas, a partir da crise econômica mundial de 1929, com a quebra das bolsas de valores, os EUA interromperam seu apoio. Foi o que faltava para o grupo dos nacional-socialistas encontrarem adeptos, no momento em que a Alemanha passava por nova e terrível crise econômica.

O período deste estudo se inicia em 1847, a partir da Assembleia Constituinte de Frankfurt am Main⁸. Não por acaso, a análise retrocede ao Iluminismo e à Revolução Francesa em 1789, pois lá residem as raízes do que veio a suceder nos séculos seguintes. Para Eric Hobsbawm aquele período ficou conhecido como o Século das Revoluções.

O trabalho em si é formulado em duas partes distintas:

⁷ HOBBSBAWM, Eric. 2002. p.444.

⁸ Após a Reunificação Alemã (1990), a cidade de Frankfurt an der Oder se tornou polonesa, existindo somente Frankfurt, antiga “am Main”. Atualmente Frankfurt an der Oder pertence ao estado alemão de Brandemburgo, é uma cidade independente (*Kreisfreie Städte*) ou distrito urbano (*Stadtkreis*), ou seja, possui estatuto de distrito (*Kreis*).

1. A tentativa de compreensão da evolução dos fatos históricos que convergiram para o surgimento do antissemitismo na Alemanha no século XIX, a partir da Revolução Francesa e, por outro lado;
2. O papel do grupo de defesa judaico contra o antissemitismo, o *Central Verein*, fundado em 1893, em Berlim, e fechado compulsoriamente pela Gestapo na *Kristallnacht*, em 9 de novembro de 1938.

O incentivo para estudar a atuação desse grupo decorreu da abertura dos arquivos de Moscou, em fevereiro de 1990. Trata-se de arquivos que o exército soviético tinha confiscado da Gestapo na rendição alemã em 8 de maio de 1945 e levado para Moscou. Em fevereiro de 1990, o jornal russo *Izvestiya* publicou que eles dispunham de grande número de arquivos, pouco antes da criação da Comunidade dos Estados Independentes, em agosto de 1991⁹. Por esses arquivos, foi possível descobrir que o papel do *Central Verein* fora mais importante no combate ao antissemitismo, entre 1893 e 1938, que se havia suposto em seus anos de existência. Abraham Barkai¹⁰ teve o primeiro contato com os Arquivos de Moscou em novembro de 1992, chamados de *Sonderarchiv Moskau* (arquivos especiais de Moscou). Diferentemente do sionismo alemão, o CV deixou de receber atenção de eruditos após 1945, pois sua missão tinha se encerrado. E agora é chegada a hora de revitalizar o papel que desempenhou durante aqueles anos difíceis.

A História dos Judeus foi reiteradamente marcada por disrupções. Os judeus constituem um dos mais antigos povos existentes desde a Antiguidade. Sua história data de mais de três mil anos, passando sempre por muitos percalços. Impõe-se relatar os obstáculos que ocorreram no período abrangido por este estudo e investigar a vida dos judeus na Alemanha no século XIX. Aquele país era tido como de convívio seguro e, por esta razão, grande número de judeus, do Leste europeu, cuja vida era mais difícil e perigosa, optou por imigrar para lá. No entanto, da mesma forma que na Alemanha, no Império Austro-Húngaro, os judeus intelectuais também não tinham direito de ser professores nas universidades, por exemplo, o caso dos famosos jornalistas e escritores Karl Emil Franzos, Theodor Herzl e outros.

⁹ Comunidade dos Estados Independentes (CEI) que começou com quinze países, mas hoje são onze: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

¹⁰ Avraham Barkai é um historiador israelense, nascido em Berlim em 1921. É pesquisador e Professor em Israel e autor do livro fundamental para este estudo: BARKAI, A. *Wehr Dich!, Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893-1938*. Munique: C. H. Beck Verlag, 2002; e BARKAI, A. & MENDES-FLOHR, P. *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit 1918-1945*. Munique: C. H. Beck Verlag, 1997, escrito em parceria com o historiador norte-americano.

Especialmente no século XIX, a história dos judeus era um tanto obscura e heterogênea. Perscrutar os antecedentes do regime nazista não é uma pretensão de alcançar a explicação da catástrofe perpetrada contra grande parte da humanidade, em particular contra os judeus, mas talvez ampliar a compreensão de tal catástrofe. E, talvez, abrir caminho para que novos estudos semelhantes a este sejam feitos, confirmando os dados até aqui encontrados.

1.3 OBJETIVO

O entusiasmo pelo movimento de integração com a sociedade alemã, sob a égide do pensamento iluminista foi, ao longo do período estudado, dando lugar aos progressivos dilemas entre as duas culturas, judaica e alemã, e também a contradições e conflitos no seio da comunidade judaica, acerca da resposta adequada em face dos ataques discriminatórios.

Uma elite alemã, e o povo em geral, intensamente avessos aos avanços prenunciados pelas Revoluções Industrial Inglesa, Independência Americana e a Francesa, a seu ver, associados aos judeus, reforçou as hostes antissemitas.

O antissemitismo se infiltrou de maneira sub-reptícia na sociedade alemã e se tornou endêmico. O professor de História Theodor Mommsen (1817-1903) criou associações de combate ao antissemitismo, denominado o “mal do século”, e teve de reconhecer seu insucesso.

Os judeus criaram, finalmente, seu próprio grupo de defesa para combater as forças antissemitas, o *Central Verein*, e combateram até o final, quando foram presos pela Gestapo, na Noite dos Cristais, em 1938¹¹.

O objetivo deste trabalho é contribuir para que se possa evitar a ocorrência dos mesmos erros do passado, uma vez que aqueles eventos não podem mais ser desfeitos. A história não se repete, mas é importante aprender-se por meio dela, para não se incorrer nos erros já cometidos.

¹¹ Noite dos Cristais Quebrados, em que uma massa de alemães, enfurecida, queimou sinagogas e quebrou as vitrines de todas as lojas de judeus com a anuência do regime nazista. Foi o último ataque nazista na Alemanha que se tornou conhecido no exterior. A partir da *Kristallnacht*, qualquer outra manifestação antissemita na Alemanha não foi mais divulgada no exterior. Muitos judeus foram presos, alguns desapareceram para sempre. A partir desse ataque, a maior parte da comunidade judaica procurou abandonar a Alemanha rapidamente, deixando todos seus bens e pertences para trás. O fator desencadeante foi o assassinato do adido cultural alemão em Paris, Von Rat, pelo estudante judeu Herschel Grynszpan. O estudante recebera uma informação de sua irmã, em 7 de novembro, de que ela e seus pais idosos tinham sido “abandonados” ao relento, juntamente de outros judeus na fronteira leste da Alemanha com a Polônia, sem quaisquer recursos materiais.

1.4 FONTES TEÓRICAS

São vários os autores que contribuíram com o seu pensamento para o conteúdo desta pesquisa. Dentro da literatura clássica sobre o *Central Verein*, Yehuda Reinharz e Avraham Barkai são os autores mais conhecidos, assim como o historiador americano Paul Mendes-Flohr. O rabino Paul Rieger (1870-1939) deixou uma obra exemplar, muito mencionada pelos estudiosos, analisando em profundidade os primeiros vinte e cinco anos do CV, de 1893 a 1918, apontando a difícil conjuntura a que os judeus se viram envolvidos, desde a época da Unificação Alemã em 1871 até 1918.

Todos os autores colaboraram para a percepção de que a vida dos judeus na Alemanha era marcada por muitos conflitos, dilemas, dúvidas e tristeza de entender que a realidade era mais difícil do que se supunha. O historiador americano Paul Mendes-Flohr escreveu em alemão em coautoria com Avraham Barkai uma história judaico-alemã para o período de 1918-1945.

Em relação ao CV, a teoria se baseia em literatura de duas épocas distintas: antes e depois da descoberta dos arquivos de Moscou, vindos a público em 1991. Publicações anteriores a 1991 são os livros do rabino Paul Rieger de 1918, de Yehuda Reinharz de 1975 e um ensaio de Alfred Hirschberg de 1961.

Em seus livros sobre o CV Avraham Barkai mencionou com frequência o importante estudo da historiadora israelense Shulamit Angel-Volkov, de 1978. Em sua análise ela aponta diversos autores importantes para a compreensão do crescimento do antissemitismo na Alemanha, a partir de fins do século XIX, cujo pensamento será detalhado adiante.

Victor Klemperer foi o primeiro autor a denunciar a virulência do pensamento *völkisch* na construção do antissemitismo alemão do século XIX, em seu famoso livro sobre a manipulação da

Figura 1 – Capa da primeira edição de LTI.

LTI – Lingua Tertii Imperii: Notizbuch eines Philologen (1947).

linguagem do Terceiro Reich, o conhecido *LTI*¹², *A linguagem do Terceiro Reich*¹³, publicado em Berlim em 1947, em que buscou entender o que tinha sido o Terceiro Reich. Sob indicação e orientação do Prof. Dr. George Bernard Sperber, do Departamento de Letras Modernas da USP, meu tema de Mestrado foi a análise da manipulação da linguagem nazista, a partir deste livro.

São muito enriquecedores os estudos de George Lachmann Mosse, e de Fritz Stern, ambos publicados nos Estados Unidos na década de 1960. Os dois autores falaram da mentalidade *völkisch* na sociedade alemã, de forma didática, revelando os autores que propagaram essa doutrina¹⁴.

**Foto 1 – Victor Klemperer
(1881-1960).**

Bundesarchiv Bild 183-S90733.

Em relação à história dos judeus na Alemanha, desde que chegaram lá, provavelmente com os romanos, é muito esclarecedor o livro *O antissemitismo alemão*, de Pierre Sorlin, de 1969¹⁵. Também elucidativo é *A história dos judeus*, de Simon Schama de 2015. Todos os livros de Léon Poliakov foram fundamentais na explicação do que foi o antissemitismo na Europa e, em particular, na Alemanha. Outro livro pouco mencionado é *Germânia* do historiador e senador romano Tácito, do século II¹⁶.

Autores como Jakob Wassermann, Gershom Scholem, H. G. Adler, Jacob Katz, Gershon Shaked, Ângela Mendes de Almeida, Götz Aly, Tobias Jäcker dentre outros foram de fun-

damental importância e contribuíram na elucidação da sequência de acontecimentos, que permitiram a redação desta tese.

¹² LTI: *Lingua Tertii Imperii* – em latim, expressão criada por Victor Klemperer para que a sua análise da linguagem nazista, manipulada, não fosse percebida, caso caísse nas mãos dos nazistas.

¹³ KLEMPERER, Victor. *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.

¹⁴ George Lachmann Mosse e Fritz Stern nasceram na Alemanha e fugiram com suas famílias para os Estados Unidos, nos desfechos da *Kristallnacht*.

¹⁵ SORLIN, Pierre. *O antissemitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹⁶ OELSNER, 2002. Cornelius Tacitus (55-120 d.C.). Sobre a geografia, do comportamento e dos hábitos das tribos da Germânia, XXIV, 8-11, publicado em 99 d.C.

1.5 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

A literatura da temática do trabalho é dos seguintes autores: Paul Rieger (1870-1939); Jakob Wassermann (1873-1934); Stefan Zweig (1881-1942), Victor Klemperer (1881-1960); Gershom Scholem (1897-1982); Alfred Hirschberg (1901-1971); Hannah Arendt (1906-1975); Sebastian Haffner (1907-1999); H. G. Adler (1910-1988); Léon Poliakov (1910-1997); Eric Hobsbawm (1917-2012); George Lachmann Mosse (1918-1999); Avraham Barkai (1921); Peter Gay (1923-2015); Zygmunt Bauman (1925-2017); Fritz Stern (1926-2016); Gershon Shaked (1929-2006); Hans-Ulrich Wehler (1931-2014); Ângela Mendes de Almeida (1938); Alice Irene Hirschberg (1940-2014); Paul Mendes-Flohr, (1941); Shulamit Volkov (1942); Yehuda Reinharz (1944); David Bankier (1947-2010); Götz Aly (1947), Bernard Wasserstein (1948), Renato Mezan (1950) e Tobias Jäcker (1975), dentre outros.

1.6 MÉTODO

O método do trabalho seguiu algumas etapas distintas no decorrer do tempo.

Recebi do Emérito Professor David Bankier Z'L', que fora Coordenador do Departamento de Pesquisas do Yad Vashem, principal memorial da Shoá, situado em Jerusalém, a incumbência de pesquisar a história do CV – órgão de defesa judaico, fundado em 1893 e fechado compulsoriamente na *Kristallnacht* em 9 de novembro de 1938 em Berlim.

A tarefa se originava a partir do recém-descoberto Arquivo de Moscou, pós-queda do Muro de Berlim, onde informações inexploradas revelavam novos rumos da história judaica, no que diz respeito à defesa dos judeus, em face do antissemitismo, do qual já eram vítimas, antes do período nazista.

A tarefa estava vinculada à figura do Dr. Alfred Hirschberg (1901-1971), último dirigente do CV, também designado *Syndikus* e que, tendo conseguido fugir da Alemanha, após ter sido preso algumas vezes pela Gestapo, radicou-se em São Paulo com sua família.

Hirschberg teve atuação de muito destaque na comunidade judaica de São Paulo, desde sua chegada em 1940, até o falecimento em 1971, em especial na CIP – Congregação Israelita Paulista, a comunidade de uma maioria de judeus alemães. Meus pais fizeram parte do grupo fundador dessa comunidade, em 1936.

Inicialmente pesquisei as 84 caixas de arquivos que Eva Hirschberg (1912-2007) e as filhas Alice Irene (1940-2014) e Gabriela Wilder doaram para o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB).

Dentre as pessoas que trabalharam em São Paulo com o Dr. Hirschberg encontrei Anita Waingort Novinsky, Rifka Berezin, Henrique Rattner Z'L', Hella Mortiz Z'L' em Nova York e Jacó Guinsburg. Fui muito bem recebida por todos. Cada qual contou uma particularidade, todas igualmente elogiosas do Dr. Hirschberg. Nesse ínterim, a Professora Anita Novinsky viria a se tornar a minha orientadora no programa de doutorado, em que ingressei em 2012. A Professora Anita foi importante colaboradora do Dr. Hirschberg na Revista Comentário, na década de sessenta do século passado.

Tendo sido pesquisadora do antigo Laboratório dos Estudos da Intolerância (LEI), presidido pela Professora Anita tive o privilégio de fazer um curto estágio no Leo Baeck Institute de Nova York (2009), para pesquisar o arquivo de Hirschberg, que a família tinha enviado para lá. O material era muito interessante. Examinei também a troca de correspondência entre grandes pesquisadores e historiadores do século XX: Leo Baeck, Ismar Elbogen, Cecil Roth, Martin Buber e outros, tendo trazido cópias dessas correspondências. Lá também se encontravam objetos pessoais de Moses Mendelssohn, como seus óculos, o caderno de anotações entre ele e o editor Nikolai, seu amigo e vizinho, e também uma brochura de Alfred Wiener, de 1926. No Leo Baeck Institute há livros onde estão anotados os nomes, datas e locais em que nossos familiares, minha avó e seus irmãos, por exemplo, foram buscados pela Gestapo para sua última morada, a câmara de gás, em 1942.

Em 2008 no curso 'Aspectos metodológicos da pesquisa histórica e social' ministrado pelo Professor Doutor Wilson do Nascimento Barbosa, fiz a pesquisa de campo, e entrevistei no Rio de Janeiro a Sra. Lucy Wegner, filha mais velha de Alfred Hirschberg, nascida em Berlim, que me relatou fatos notáveis da carreira do pai no CV, que é a tônica desta tese. Ele foi não somente funcionário do CV, como também seu último gerente. Lucy Wegner mostrou o valor do CV na vida dos judeus alemães. Contou sobre as prisões do pai pela Gestapo, quando ela ainda era adolescente, sobre o choque ao vê-lo com o cabelo raspado, após ter sido libertado do campo de concentração de Sachsenhausen. Descreveu também episódios importantes da sua fuga da Alemanha pelo *Kindertransport* para Londres, para onde conseguiu ser chamada pela irmã de

sua mãe¹⁷. Os acontecimentos que se sucederam nesse lapso de tempo foram fundamentais. A vinda de toda a família para o Brasil dependeu da generosidade de uma só pessoa, a Senhora Striemer, mãe de Eva Hirschberg. Graças a ela, toda a família e alguns parentes puderam desembarcar no Brasil, em 1940.

Para poder inteirar-me do drama vivido por um grupo de defesa dos judeus na Alemanha de 1893, o CV, tive de ler as obras recomendadas pelo Professor David Bankier. A pesquisa fez-me conhecer a história da Alemanha e ajudou-me a entender o que tinha acontecido antes da posse de Hitler. Obviamente, as raízes do nazismo foram muito anteriores a Hitler. O conhecimento que temos das circunstâncias da Alemanha nesses anos nos revelam que os judeus alemães se sentiam plenamente integrados à cultura germânica, identificando-se com ela ideologicamente. A curiosidade sobre a história da minha origem vinha de longe, porém meus conhecimentos eram ainda superficiais. De meu pai, herdei o conhecimento de que o antisemitismo era muito forte na Alemanha. Mas, ao mesmo tempo, ele transmitia seu orgulho de ter sido aluno da *Freies Jüdisches Lehrhaus* (Casa de Estudos do Judaísmo) em Frankfurt am Main, um dos estabelecimentos culturais mais famosos da Alemanha, fundado por Franz Rosenzweig, pensador judeu do período pós Primeira Guerra de maior destaque e incentivador do pensamento religioso moderno, tendo deixado vasta obra de filosofia judaica, apesar de sua morte prematura em 1929¹⁸. Franz Rosenzweig era um filósofo seguidor de Hermann Cohen (1842-1918), que se destacou no neokantismo alemão¹⁹.

¹⁷ *Kindertransport* foi uma forma de adolescentes judeus sobreviverem à Shoá. O *Kindertransport* (transporte dos filhos e filhas, ou infanto-juvenil), também chamado de *Refugee Children Movement* (movimento das crianças refugiadas) foi uma possibilidade de mais de 10.000 crianças tachadas de “judeias”, pelas leis raciais de Nürenberg, que conseguiram escapar da Alemanha nazista, entre a Noite dos Cristais, em 9 de novembro de 1938, e o início da guerra, em 1º de setembro de 1939, já que seus pais, em sua maioria não iriam mais ter condições de fugir do regime nazista. Elas foram embarcadas, em sua maioria, para Londres, vindas da Alemanha, Áustria, Polônia, Cidade Livre de Danzig e antiga Tchecoslováquia. Em sua grande maioria, foram os únicos sobreviventes de suas famílias, da Shoá, não tendo nunca mais visto seus pais.

¹⁸ É conhecido o fato de que Rosenzweig estava prestes a se converter, quando assumiu o judaísmo.

¹⁹ “Cohen contribuiu para o pensamento judaico moderno, sendo um de seus principais renovadores pós-Hascalá (Iluminismo Judaico). Criou uma escola filosófica, tendo influído no pensamento de Ernst Cassirer, Ortega y Gasset, Franz Rosenzweig e outros. Valorizou o conteúdo judaico, por meio da ideia de Deus único, do monoteísmo, das Escrituras Judaicas. O pensamento de Hermann Cohen foi produto notável de uma simbiose liberal e humanista entre o apego ao espírito do judaísmo e de sua tradição e o amor patriótico à cultura alemã”. In: GUINSBURG, J., 1970. p. 444.

A Casa de Estudos do Judaísmo oferecia 250 cursos noturnos, onde foi “renovado o pensamento espiritual da realidade da existência de Israel”²⁰. Os docentes eram Martin Buber, Erich Fromm e outros.

Tomei conhecimento das dificuldades vividas pelos judeus alemães entre os séculos XVII e XX pela leitura dos artigos publicados pela minha tia Toni Oelsner²¹, por Yosef Haym Yerushalmi, Gershom Scholem, Pierre Sorlin, Saul Friedländer, Léon Poliakov, Peter Gay, George L. Mosse, Fritz Stern. Incluo entre essas obras fundamentais Hannah Arendt, a Coleção Judaica da Editora Perspectiva, Elias Canetti, Norbert Elias e a biografia de Hitler de Ian Kershaw.

Por meio de George Lachmann Mosse e Fritz Stern pude entender o espírito reacionário, anti-democrático e antimodernista alemão.

Os cursos e seminários no LEI, dirigidos pela Professora Anita, foram ricos e estimulantes, tendo-se discutido obras referentes à história da Alemanha, à formação da mentalidade nazista e os riscos da massificação popular.

Minha experiência ao traduzir o livro *LTI, A linguagem do Terceiro Reich* de Victor Klemperer forneceu-me excelente material para amadurecer meu pensamento. *Capesius, o farmacêutico de Auschwitz*, que traduzi do alemão ajudou-me a conhecer em maior profundidade o cotidiano de Auschwitz.

O livro do sobrevivente de Theresienstadt, H. G. Adler: *Die Juden in Deutschland*,²² foi fundamental para consolidar a compreensão da história dos judeus alemães a partir da Revolução Francesa. Outro autor importante foi F. V. Grunfeld, que escreveu *Prophets without honour*²³, em 1979, livro que trata do antissemitismo vivido por Heine, Freud, Mahler e Kafka, além da autobiografia de Jakob Wassermann, sobre pessoas de destaque que viveram no século XIX. Foi muito importante o livro de Götz Aly: *Why the Germans? Why the Jews?*²⁴, o livro de David

²⁰ GUINSBURG, Jacó. *O judeu e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 506.

²¹ OELSNER, Toni. Three Jewish Families in Modern Germany. *A Quarterly Journal Devoted to Contemporary and Historical Aspects of Jewish Life*. New York: Editor Salo Baron, M. Cohen, K. Pinson, Joshua Starr, July and October 1942.

²² ADLER, H. G. *Die Juden in Deutschland*. Munique: Editora Kosel-Verlag, 1960.

²³ GRUNFELD, Frederic V. *Profetas malditos. El mundo trágico de Freud, Mahler, Eisntein y Kafka*. Barcelona: Editorial Planeta AS, 1980.

²⁴ ALY, Götz. *Why the Germans, why the Jews? Envy, Race, Hatred, and the Prehistory of the Holocaust*. New York: Henry Holtand Company, 2014.

Nirenberg, *Anti-Judaism. A Western tradition* de 2013. O artigo de Shulamit Volkov: *Antisemitism and Philosemitism: Antisemitism as a Cultural Code, Reflections on the History and Historiography of Antisemitism in Second Reich*, uma das fontes principais, pois apresenta um amplo leque de obras desconhecidas. Muito esclarecedor o livro *Modernidade e Holocausto* de Zygmunt Bauman, publicado no Brasil em 1998.

Figura 2 – Incêndio no gueto dos judeus em Frankfurt am Main. 1796.

Faz-se necessário mencionar que grande parte dos livros são estrangeiros, essencialmente alemães. Em vista da minha ligação com esse idioma, a tarefa recebida de Bankier está vinculada às leituras em alemão²⁵. Tenho que mencionar os professores do curso de tradução de alemão do Departamento de Letras Modernas da USP George Bernard Sperber e João Azenha, e o Professor Alfred Josef Keller do Goethe Institut de São Paulo, bem como os professores do curso de Mestrado Hinrich C. Seeba, da Universidade de Berkeley, e Fabio Landa, da Universidade de Paris.

²⁵ Convém lembrar que meu elo com Bankier foi KLEMPERER, Victor. *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009 e minha Dissertação de Mestrado: 'A linguagem como instrumento de dominação: Victor Klemperer e sua 'LTI'', orientada pelo Prf. Dr. George Bernard Sperber em 2002 na USP, que me indicou este livro, para ser pesquisado, naquela data, ainda em alemão

2 INTRODUÇÃO

A importância de investigar a gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX advém da necessidade de se conhecer em maior profundidade um dos fenômenos mais graves que atingiram a humanidade no século XX. Em 1997 o historiador Saul Friedländer (1932) afirmou que muitos pontos da destruição nazista ainda necessitam ser pesquisados.

A tragédia trazida pelo nacional-socialismo na Alemanha deve ser melhor conhecida, pois ainda existe uma historiografia que nega a convivência de certos países com o regime nazista. É fundamental conhecer alguns pontos decisivos da história alemã no século XIX, apreciados sob o olhar atual. Em seu livro *A Europa suicida* Poliakov mencionou uma frase do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900): “Nunca encontrei um só alemão que gostasse dos judeus²⁶”. Poliakov continua mostrando que Nietzsche fazia brilhante exceção à regra. A Europa foi suicida, mas aqui, neste estudo, o centro é a Alemanha. O que Poliakov mostrou foi a grande quantidade de literatura antijudaica na Alemanha, na época do Segundo Reich (1871-1918), e mesmo já antes. É necessário mencionar que, em *O mito ariano*,²⁷ Poliakov deixou claro que não foram somente os alemães os grandes antissemitas, mas que os demais países deixaram o barbarismo evidente somente por conta dos alemães, e se mantêm até hoje acobertados sob o manto do “mito ariano”. Retomando *A Europa suicida*, Poliakov mostrou que o autor alemão que foi mais lido, após as revoluções de 1848, foi Gustav Freytag, cujo livro, lançado em 1855, teve o assombroso número de 500 edições. Nesse livro, o personagem cristão representava a virtude, enquanto o judeu representava o vício. Segundo Pierre Angel²⁸, pesquisador desse tipo de literatura, Freytag, em sua arte manipulatória, introduziu um alemão perverso único, bem como um judeu bom único, para servir de contraponto a sua suposta imparcialidade e, assim, obter uma convicção antijudaica mais bem definida dos leitores.

Foi também em 1855 que foram lançados, na Alemanha, os livros do conde francês Arthur de Gobineau, alemão por opção. Foram traduzidos para o alemão e eram de teor racista. Em seu ensaio, Klemperer (2009) esclareceu a evolução do pensamento de Gobineau e sua teoria racial.

²⁶ POLIAKOV, Léon. *A Europa Suicida: 1870-1933*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

²⁷ POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

²⁸ POLIAKOV, 1974.

Escreveu também sobre a influência de Gobineau junto ao povo alemão, em especial em relação ao regime nazista:

Essai sur l'inégalité des races humaines (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas) que surgiu em quatro volumes entre 1853 e 1855 é o primeiro a ensinar que a raça ariana é superior, que é, na verdade, a categoria humana mais elevada e única do germanismo não miscigenado. Que se encontrava ameaçada pelo sangue semita, infiltrado por toda parte, incomparavelmente pior, a ponto de não poder mais ser chamado de humano. Aqui se encontra tudo que o Terceiro Reich precisou para justificar sua filosofia e sua política. Todos os desenvolvimentos posteriores e todo o ensinamento empregado no pré-nazismo remetem de volta a Gobineau. Ele, somente ele é ou aparenta ser – prefiro manter por ora em aberto, o autor exclusivo dessa doutrina racial sanguinária²⁹.

Domenico Losurdo (1941) escreveu o quanto Nietzsche sofreu na presença de Richard Wagner (1813-1883) e de sua mulher Cosima, dada a postura e convicção antissemita de ambos. Losurdo apresentou em seu livro *Nietzsche, o rebelde aristocrata*³⁰ a oposição que reinava contra os judeus, de um modo geral. Os comentários dão a sensação de que *Os protocolos dos sábios de Sião* estavam sendo redigidos pelas pessoas do convívio de Richard e Cosima Wagner, tal era seu grau de virulência antissemita. O inglês Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), alemão por opção, escreveu em seu livro em alemão *As bases do século XIX*³¹, uma das obras de maior impacto na formação da ideologia nazista. Casou-se com a enteada de Richard Wagner. No século XIX o antissemitismo se encontrava presente por toda parte.

²⁹ Transcrição de KLEMPERER, 2009 p. 222. O Conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), embaixador da França no Brasil no reinado de D. Pedro II. Foi obrigado a se retirar, em vista do seu empenho em “importar” mais brancos da Europa para branquear a raça brasileira.

³⁰ LOSURDO, Domenico. *Nietzsche, o rebelde aristocrata. Biografia intelectual e balanço crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

³¹ CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*. Bruckmann, 1899.

2.1 PRIMEIROS JUDEUS NA GERMÂNIA

É importante mencionar a história remota dos judeus na Alemanha, porque, na maior parte deste trabalho, os judeus eram vistos como estrangeiros³², quando há fontes que comprovam sua chegada à antiga Germânia junto com os romanos³³.

Figura 3 – Flagelantes – penitência contra Peste Negra, 1350.

Os flagelantes são praticantes de uma forma extrema de mortificação de sua própria carne, chicoteando-a com vários instrumentos. Jierian Weirus e muitos de seus zelosos seguidores de St. Cuthbert são flagelantes.

Bullsik of MansonPL.com

Em seu livro *O antissemitismo alemão*, Pierre Sorlin esclarece que os judeus viveram relativamente bem na Alemanha até o surgimento da Primeira Cruzada, em 1096³⁴. Naquele ano ocorreu o trágico massacre na cidade de Frankfurt am Main, dizimando grande parte da população judaica, seguido do roubo de todos os seus bens. A matança foi promovida pelos participantes da Primeira Cruzada na região do Reno e cidades próximas, como Trier, Speyer e Worms. A partir da chacina, os judeus passaram a receber certa proteção das autoridades governamentais, mas, mesmo assim, voltaram a sofrer muitas agressões e a ajuda recebida nunca foi suficiente

³² Durante os anos da Idade Média os judeus viviam próximos entre si, tinham hábitos diferentes de todos os demais, e temiam ser atacados, como foram em diversas ocasiões. O restante da população também via os judeus como um povo esquisito, porque tinham hábitos diferentes.

³³ OELSNER, 2002. Tácito, senador e historiador romano, em seu livro *Germânia* mencionou a existência de judeus na Germânia do século I.

³⁴ SORLIN, Pierre. *O antissemitismo alemão*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974. Apresenta todo um elenco de fatos históricos por meio de análise minuciosa, publicado na França em 1969.

para lhes proporcionar a segurança necessária. Foram vivendo próximos entre si, perto do rabino da comunidade, às margens das localidades onde se instalavam³⁵. Até então, tinham vivido na Alemanha em clima bastante pacífico. Segundo Léon Poliakov, a matança generalizada foi de tal monta que as mães judias preferiam matar seus filhos, a vê-los assassinados³⁶. Os judeus promoveram uma espécie de suicídio coletivo³⁷. Os cristãos saquearam todos os seus bens para organizar a Cruzada. Foram hordas de franceses que, munidos de espadas, fogo e espírito de ladroagem arrasaram muitas comunidades³⁸. As penas decretadas foram sendo cada vez menores para assassinos de judeus. Alemães teriam aproveitado e participado desses assaltos aos judeus. Depoimentos de todo o gênero são unânimes em dizer que também “as classes silenciosas” detestavam os judeus: viam-nos como assassinos de Cristo. “Enrolar o judeu” era considerado um feito notável, como atestam vários contos populares. O conto protótipo é *O judeu nos espinhos* (*Der Jude im Dorn*), que os Irmãos Grimm incluíram em sua clássica coletânea³⁹. Mesmo assim, os governantes não queriam ficar sem os “seus judeus”, que sempre lhes foram de grande utilidade⁴⁰. Em vários países da Europa, houve algum momento em que os judeus foram expulsos, mas, da Alemanha, nunca tinham sido expulsos. Em seu mais recente livro, Simon Schama relata com detalhes a divulgação do mito do “sacrifício ritual” no século XII na Europa⁴¹.

Fatos referentes à vida dos judeus na *Antiguidade histórica* são apresentados em ANEXO ‘As mulheres asquenazes’ de Simon Schama.

Não é possível caracterizar a vida dos judeus na Alemanha de maneira linear durante os séculos do feudalismo. Em alguns reinados, principados, ducados, condados, bispados e outros podem

³⁵ Encontram-se, no ANEXO I, trechos da pesquisa feita pelo historiador SCHAMA, Simon. *A história dos judeus. A procura das palavras 1000 a. C. – 1492 d. C.*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015, pp. 328-332.

³⁶ SCHAMA, 2015.

³⁷ POLIAKOV, Léon. *De Cristo aos judeus da Corte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 40 e ss. “Enquanto os cruzados esperavam pela resposta do lado de fora, os judeus, tentados pelo diabo e sob o domínio de sua própria insensibilidade, suicidaram-se nos aposentos do bispo”.

³⁸ ADLER, H. G. *Die Juden in Deutschland. Von der Aufklärung bis zum Nationalsozialismus*. Munique: Kösel-Verlag. 1960, p. 14. (Os judeus na Alemanha, desde o Iluminismo até o nacional-socialismo). Esse livro é a obra fundamental para todo o período aqui estudado. Adler, como sobrevivente do campo de concentração e extermínio de *Theresienstadt*, é o autor da obra mais completa sobre aquele campo.

³⁹ SPERBER, Suzi. *O judeu nos espinhos – Irmãos Grimm*. Tese (titular). Campinas: UNICAMP, 1999.

⁴⁰ Até 1893, os judeus mantiveram a posição de *Schutzjuden*, aqueles que pagavam para obter proteção ao poder dominante.

⁴¹ SCHAMA, Simon. *A história dos judeus. A procura das palavras 1000 a. C.-1492 d. C.*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015. pp. 328-332.

ter sido bem aceitos, mas de um modo geral sua vida foi de grandes dificuldades. Várias localidades não admitiam sua presença. Não podiam se casar, nem exercer profissões, nem possuir terras. Houve aqueles que chegaram a viver à míngua⁴². Foi por volta dessa época, século XIII, que surgiram os judeus *servi camerae nostrae* (servos de seus senhores). Transcrevo em nota texto de Poliakov⁴³. Os reis, príncipes, duques, condes, bispos e outros, mesmo não tendo grande estima pelos judeus não queriam ficar sem eles, que lhes prestavam serviços que não agradavam ao restante da população, como a cobrança de impostos e outras taxas.

Nos séculos XVI e XVII grande parte dos judeus alemães vivia nos arredores de cidades maiores, mas houve também aqueles que viveram no campo. Sua atividade profissional consistia de trabalhos em pequenas propriedades pecuaristas, viviam como mascates, trocavam dinheiro e também trabalhavam com a penhora de bens.

2.2 JUDEUS NA ALEMANHA ANTES DO ILUMINISMO

2.2.1 Os Hofjuden

Após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), surgiu uma pequena minoria judaica que conseguiu enriquecer e se tornar *Hofjude*, ou seja, passaram a ser os “judeus da corte”. Nessa época, as cortes eram muito pomposas. Era a época dos Estados absolutistas, e a presença do judeu banqueiro, conselheiro financeiro, fornecedor da corte e do exército, e também o judeu diplomata, mediador, era imprescindível. Por isso, os *Hofjuden* eram excluídos das restrições socio-políticas e econômicas, que, entretanto, eram mantidas para os seus correligionários. Sua atividade podia propiciar a

Figura 4 – Poster do Filme Jud Süß de Veit Harlan - 1940.

Acredita-se que os direitos autorais pertençam ao distribuidor, editor ou ao artista gráfico. Scanner do poster do filme da revista Film-Kurier.

⁴² OELSNER, 1942.

⁴³ Poliakov, 1979, p.63. “Em desvantagem em todos os outros domínios, o judeu dispõe, pois, neste preciso terreno, uma vantagem certa. Vantagem que as autoridades não tardarão a explorar em seu próprio benefício... Justamente a situação cada vez mais precária dos judeus os impele a procurar a proteção dos príncipes, a obter a outorga de “cartas” que se lhes tragam uma segurança provisória, criam um laço de dependência entre eles e seus protetores. Homens livres originalmente, os judeus tornam-se, no seio de uma sociedade que se hierarquiza progressivamente, servos de seus senhores – *servi camerae nostrae* – dirão os imperadores germânicos, sobretudo, coisas que lhes pertençam, possessões tanto mais preciosas quanto se puder a cada momento, espremê-los, extrair deles algum dinheiro, mas são interessantes somente sob essa condição expressa”.

criação de uma nova comunidade judaica e seus muitos contatos eram de utilidade para sua própria comunidade. Mesmo poderoso, ele não deixava de ser um “escravo” dos seus príncipes ou suseranos e era ele quem empreendia medidas desconfortáveis e inoportunas junto à população em nome dos príncipes.

Cabe mencionar aqui a breve história e execução de Joseph Süß Oppenheimer (1698-1738), considerado o mais famoso *Hofjude* daqueles tempos. Foi financista e conselheiro particular do duque Karl Alexander de Württemberg (1684-1737). Após o desenlace da morte súbita do duque, a população se revoltou contra o judeu Süß, enforcando-o em praça pública. Até os dias de hoje, esse episódio violento continua sendo objeto de pesquisa. Durante o regime nazista foi feito um filme sobre o judeu Süß. Mostrava-o como estuprador de uma menina de menor idade, roubando a população e enganando o duque⁴⁴. Os Estados nacionais emergentes, que tinham a guerra como razão de ser, precisavam de mais e mais acesso a crédito financeiro, cuja obtenção era imposta ao *Hofjude*. O drama do judeu Süß ilustra a dificuldade reinante na transição do feudalismo para o capitalismo, quando o capital mercantil saiu da função periférica e entrou num circuito central. O drama mostra também o judeu usado como bode expiatório. O livro do mesmo nome, escrito por Lion Feuchtwanger (1884-1958), é diferente do filme antissemita, e deixou o autor revoltado⁴⁵.

Figura 5 – Moses Mendelssohn (1729-1786).

Alchetron.

2.2.2 Moses Mendelssohn e o Iluminismo

A grande mudança trazida pelo Iluminismo foi o término da vida reclusa, tendo sido os judeus os grandes beneficiários desta transformação, como Jacob Katz escreveu em *Out of the Ghetto*⁴⁶.

⁴⁴ HARLAN, Veit. *Jud Süß*. Berlim: Terra Film, 1940. O filme foi feito pelo cineasta alemão em 1939, pressionado por Goebbels, Ministro de Propaganda do governo nazista. Era a história do Hofjude Süß, na versão nazista, não corresponde ao texto escrito por Lion Feuchtwanger. Süß veio a ser enforcado após a morte do príncipe de Württemberg. No filme, uma mocinha de menor idade chega a se suicidar, pois, segundo o roteiro do filme, Süß procura seduzi-la. Pesquisas posteriores revelaram que não houve estupro, como alegado, quando do enforcamento do judeu. Ele nunca foi enterrado e seu cadáver permaneceu exposto em uma jaula.

⁴⁵ FEUCHTWANGER, Lion. *Jud Süß*. München: Drei Masken Verlag, 1925. Lion Feuchtwanger é o autor do livro *Os 40 dias de Musadag* denúncia do genocídio armênio, em 1915, perpetrado pelos turcos.

⁴⁶ Jacob Katz (1904-1998), historiador israelense nascido no Império Austro-húngaro. KATZ, Jacob. *Out of the Ghetto*. Syracuse: Harvard College, 1973.

Enquanto viviam no gueto, isolados do resto do mundo, a vida espiritual dos judeus se voltava, quase que exclusivamente, para o cumprimento dos ensinamentos bíblicos e talmúdicos. O impacto da modernidade atingiu os judeus por completo. Começaram a ler livros laicos e aprender o vernáculo. Nessa época, viveu o proeminente pensador e filósofo judeu alemão Moses Mendelssohn (1729-1786). Em seus cinquenta e seis anos de vida, Mendelssohn tornou-se famoso em toda a Europa e até nos Estados Unidos, em vista de seu brilhantismo e arrojo de sua sabedoria. Os feitos de Mendelssohn foram admirados por pessoas proeminentes como Benjamin Franklin (1706-1790), presidente dos EUA e seu contemporâneo, que chegou a procurá-lo⁴⁷.

Era a época do Iluminismo e Mendelssohn foi uma das pessoas que mais insistiram para que os demais judeus atendessem o clamor desse movimento racionalista, aberto para o mundo. A Emancipação judaica, também chamada de *Haskalá*, pode ser dividida antes e depois de Mendelssohn. O escritor e filósofo Gotthold Ephraim Lessing (1729–1781) e Mendelssohn foram grandes amigos, mesmo Lessing não tendo sido judeu. De um modo geral, os judeus eram pouco percebidos na Europa, até sua saída dos guetos. Mesmo os grandes pensadores e físicos alemães como: Nicholas de Kues (1401-1464), Nikolai Kopernik (1473-1543), Johannes Kepler (1531-1630) e Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) também foram pouco conhecidos pelos próprios alemães, passando a ser mais conhecidos a partir da divulgação de suas obras por meio dos textos que Lessing e Mendelssohn escreveram juntos sobre eles.

Em *Out of the Ghetto* Jacob Katz escreveu que o pensamento de Mendelssohn chegou a exercer influência até mesmo na Revolução Francesa. Segundo o historiador alemão Frank Haase, do Instituto Walther Rathenau, o pensamento de Mendelssohn teria chegado à França por meio da correspondência de seu amigo e advogado Christian Wilhelm Dohm (1751-1820) com o conde de Mirabeau (1749-1791), decapitado em Paris, pelos “poderosos do momento”.

A vida e a obra de Mendelssohn são a pedra angular da entrada dos judeus europeus na modernidade, o que veio a suscitar mais tarde a indisposição com que parte da sociedade alemã reagiu à saída do gueto ao vivenciá-la como uma invasão urbana, por parte dos judeus egressos do

⁴⁷ O que moveu Benjamin Franklin foi um texto de Mendelssohn elogiando o Kaiser Friedrich II pela vitória da Guerra dos Sete Anos em 1756, que chegou às mãos de Franklin nos EUA. Mendelssohn escreveu o texto em alemão e também em ídiche. Dada sua amizade e proximidade com o editor Nikolai seus textos circulavam rapidamente entre seus leitores.

gueto. Considerando o antijudaísmo um sentimento profundamente arraigado, até mesmo o livro *Über die Bürgerliche Verbesserung der Juden* (*Sobre o aprimoramento cívico dos judeus* ou *A reforma política dos judeus*)⁴⁸, escrito por Dohm, continha o pensamento enraizado de antijudaísmo latente, de que o papel dos judeus seria sempre secundário. A Emancipação foi concedida com relutância. Os emancipadores viam os judeus como “inferiores”. Para que eles tivessem a oportunidade de melhorarem moralmente, fazia-se necessário que se convertessem. Por outro lado, o próprio Dohm fez uma defesa firme dos judeus no que diz respeito a atribuir-lhes a culpa pela crucificação de Jesus Cristo, “perversidade seguramente não comprovada”, que vinha se propagando por séculos. Em muitas partes de sua obra, ficou provado que desejava a conversão dos judeus ao cristianismo, e apontava muitas questões na cultura judaica que não lhe agradavam, como a circuncisão.

Para ser aceito, o judeu teria de competir como um enteado em relação à sua madrastra: teria de se comportar duas vezes melhor do que os seus meio-irmãos⁴⁹.

Propunha que os judeus deixassem de ser negociantes, para perderem a pecha de que somente se envolviam com comércio e dinheiro. Já Lessing, em sua peça *Die Juden*, escrita e apresentada em 1749, quando tinha apenas vinte anos, procurou combater o preconceito contra os judeus. Mendelssohn e Lessing se destacaram por sua luta a favor da tolerância religiosa. Seus textos convergiam para a Filosofia da História, estimulando os leitores a questionamentos sobre a origem e o sentido da vida. Mesmo constando como filósofos populares, suas ideias foram de grande alcance, na História da Filosofia, tendo exercido influência na

Figura 6 – Conversa imaginária na casa de Moses Mendelssohn na presença de Gottfried Ephraim Lessing, o pastor Lavater e a esposa de Mendelssohn.

OST – Moritz Daniel Oppenheim, 1856.

⁴⁸ DOHM, Christian Konrad Wilhelm von. *Über die Bürgerliche Verbesterung der Juden*. Berlin u. Stettin: Kaiserslautern 1891.

⁴⁹ Essa frase se tornou famosa e foi também empregada por Ludwig Holländer, no século XX.

obra de Martin Buber (1874-1965), quanto à tolerância religiosa, e em Franz Rosenzweig (1886-1929), no que diz respeito à abertura e liberdade de pensamento.

A postura existencial de Moses Mendelssohn foi uma experiência tão animadora para todos, que trouxe transformações importantes na vida dos judeus. Esclareceu seu papel na sociedade, como um conjunto de pessoas que teriam direito à cidadania, interessados em aprender e compreender as inovações da época. Durante o período do Iluminismo, muitas pessoas passaram a ver os judeus com bons olhos. Essa disposição, entretanto, se dissipou pouco depois da morte de Mendelssohn, pois o Iluminismo já estava desgastado. Surgia então o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e ímpeto), em oposição ao racionalismo da *Aufklärung*, prenúncio do Romantismo. Mendelssohn foi o maior defensor do direito à emancipação judaica.

Ao se libertarem da antiga mentalidade, os judeus deixaram de lado suas roupas de épocas passadas, suas superstições e foram se empenhando em ser aceitos pela sociedade, como os demais cidadãos. Mendelssohn provou que o judeu poderia continuar mantendo sua fé e ampliando seu saber, sem necessidade de se submeter à conversão religiosa.

Tanto Mendelssohn como Voltaire (1694-1778), ambos foram eminências do Iluminismo, cujo ápice coincidiu com a Revolução Francesa, homens à frente de seu tempo, morreram antes da Revolução. A República Francesa foi instaurada em 1792. Os revolucionários, que eram a grande maioria da população de Paris, com exceção do clero, dado o longo período de opressão feudal, enviaram para a guilhotina os representantes da nobreza, da aristocracia, e até mesmo pensadores da revolução, como Mirabeau, já mencionado, Condorcet, Robespierre e muitos outros⁵⁰.

Mendelssohn, com seus amigos e alunos – os *Maskilim* [iluministas], foi o primeiro a construir uma ponte entre a tradição judaica e a cultura europeia, na qual muitos judeus se envolveram de forma ativa pela emancipação judaica, abrindo caminho para a modernidade. O vínculo com a cultura europeia difundiu-se para além do Reich alemão. Os *Maskilim* foram os primeiros a publicar a obra *Meor Einayim* de Salomon Ibn Verga, proibida pelos rabinos do Século XVI, por ser ousada para aquela época. Bem como o texto do médico erudito italiano Azariah de Rossi, verdadeiro início da crítica histórica, que não aceitava mais ser condescendente com os

⁵⁰ ZWEIG, Stefan. *Joseph Fouché. Retrato de um homem político*. Rio de Janeiro: Record, 1999. Tradução: Kristina Michaelles.

fatos da vida. Rossi associou a tradição judaica à cultura renascentista da Itália, seu texto foi proscrito pela liderança rabínica do século XVI, tanto em Praga, quanto em Sfad. Segundo Gershom Scholem, citado por Yosef Haym Yerushalmi “o conjunto da comunidade judaica não estava preparado para tolerar a história em termos imanentes”⁵¹.

Referindo-nos ao Iluminismo, citamos o relato e o reconhecimento, em vida, do alcance da obra de Moses Mendelssohn (1729-1786), marco fundamental de nosso trabalho. O brilhantismo de Mendelssohn pode ser considerado um modelo na história, em especial na história judaica, apesar de alguns autores, mais recentemente, lhe atribuírem um conceito de “inovação conservadora”.

Em 1763, Mendelssohn foi o vencedor de uma disputa filosófica promovida pela Academia de Ciências da Alemanha e o filósofo Immanuel Kant (1724-1804), que ficou em segundo lugar, cumprimentou o vencedor escrevendo-lhe a seguinte congratulação:

... o anúncio de uma reforma, que embora avançando com lentidão, está mesmo próxima, uma reforma, que atingirá não somente vossa nação, mas outras também. Soubestes unir vossa religião com um grau de liberdade de consciência tal que ninguém esperava dela e de que nenhuma outra possa se vangloriar. Expusestes ao mesmo tempo de um modo tão profundo e claro a necessidade de uma ilimitada liberdade de consciência para qualquer religião, que também a igreja, de nosso lado, terá ao fim de pensar nisso.

O texto de Kant se refere ao livro *Jerusalém*. A ideia de Mendelssohn era que o Estado não tinha o direito de impor convicções particulares, que tampouco deviam emanar de ordens compulsórias da Igreja. “O judaísmo não determina uma fé obrigatória, não havendo conflito entre religião e pensamento”. “A crença de Israel é uma legislação revelada”.

Mendelssohn pagou preço alto como inovador das ideias e do comportamento: quatro de seus seis filhos se converteram ao cristianismo. Foi abordado por pensadores, como Lavater, querendo desafiá-lo em discussões sobre o judaísmo. Ficou relativamente desamparado quando seu grande amigo Lessing morreu, vindo a falecer alguns anos depois, em meio a mais uma discussão filosófica, à qual fora provocado.

⁵¹ YERUSHALMI, Yosef Haym. *Zakhor*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Uma crítica importante nesse período foi feita pelo poeta alemão Friedrich Schiller (1759-1805) ao Iluminismo e à Revolução Francesa, em carta dirigida ao príncipe de Augsburg, datada de 13 de julho de 1793. Nela afirmava que o erro da Revolução Francesa consistiu em transformar na prática um projeto teórico, por meio de uma ordem política organizada, sem ter se preocupado com a consistência da natureza sensitiva do ser humano:

A sociedade somente poderá ser modificada quando o próprio ser humano tiver se modificado, pois a humanidade ainda não alcançou a maturidade. Grande parte das pessoas nem saberiam conduzir sua vida, sem um guia externo.

Durante o Iluminismo, seus representantes supuseram que o ser humano se tornaria um ser racional, não contavam sequer que ele fosse primeiramente movido por sentimentos, e depois do quê, pela razão.

A educação estética deve conduzir a pessoa ao amadurecimento para que seu mundo de sensações possa levá-lo à autodeterminação, independência e liberdade. Pois o homem ainda se encontra dominado pelas superstições, pelo preconceito, pelos antigos hábitos e pelo comodismo⁵².

Essa foi a razão de Schiller ter chamado o Iluminismo de *halbe Aufklärung*, semi-Iluminismo. As ideias de Schiller poderiam ser interpretadas como sendo de um pensador do Século XXI.

2.2.3 Reflexos da Revolução Francesa na Alemanha: 1795-1813

Vários episódios importantes ocorreram nos anos que precederam e sucederam a Revolução Francesa⁵³. Logo após a coroação de Napoleão Bonaparte, os franceses quiseram exportar o pensamento revolucionário para o restante do mundo e as tropas francesas ocuparam grande parte da Alemanha, de 1795 a 1813. Foi o caso de Düsseldorf, cidade natal do famoso poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856), onde, durante aqueles anos, houve tolerância em relação aos judeus, que puderam frequentar as escolas públicas, ocupar cargos oficiais, e ter uma vida mais branda. As tropas napoleônicas, que acompanharam a invasão da Alemanha, autorizaram

⁵² SCHILLER Friedrich. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen*. Tübingen: Cotta'sche Verlagsbuchhandlung, 1795.

⁵³ Nos anos que precederam foi o estabelecimento do Iluminismo, com filósofos como Voltaire, Mendelssohn e muitos outros.

os judeus que viviam na margem esquerda do Reno, mais próxima da França, a registrarem seus sobrenomes em alemão, pois, até então seus nomes eram escritos em caracteres hebraicos.

Nesse período do pós-Iluminismo, os judeus adentraram gradativamente na sociedade como cidadãos, pois esse ingresso era visto com bons olhos pelos cidadãos voltados ao Iluminismo. Após centenas de anos fechados, assim que ocorreu uma ligeira abertura, os judeus foram atrás das novas oportunidades de inserção social, por meio de trabalho e estudo. Ao mesmo tempo, segundo Gershom Scholem, a afoiteza com que alguns judeus se interessaram por participar da sociedade, causou estranhamento entre os alemães.

Para contextualizar aquela época, faz-se necessário retroceder ao período próximo à Revolução Francesa de 1789. A Revolução Industrial, que ainda era incipiente na Inglaterra, em meados do século XVIII, acrescida do ímpeto da Revolução Francesa de 1789, trouxe alterações enormes para a sociedade. Todos esses anos acarretaram grandes mudanças na história da humanidade, inicialmente a partir do espírito igualitário e libertário que emergiu da própria Revolução Francesa.

Os anos da supremacia napoleônica produziram igualdade de direitos para todos os cidadãos nas regiões conquistadas. O que não impediu que o movimento francês inicialmente igualitário e libertário viesse a dar lugar a um sistema absolutista e totalitário. A dominação de Napoleão Bonaparte encerrou o período do Primeiro Reich, chamado Sacro Império Romano da Nação Alermã, cuja duração tinha se estendido da época de Carlos Magno, por volta do ano 800, até 1806.

Em dezembro de 1789 o conde Stanislas de Clermont-Tonnerre (1747-1792), deputado monarquista francês, declarou na Assembleia Nacional que seria necessário suspender todos os privilégios concedidos aos judeus: “*Il faut tout refuser aux Juifs comme nation, Il faut tout les accorder comme individus*” (deve-se negar tudo aos judeus como nação, deve-se lhes conceder tudo como pessoas)⁵⁴.

⁵⁴ HALPHEN, Achille-Edmond. *Recueil des lois : décrets, ordonnances, avis du conseil d'état, arrêtés et règlements concernant les Israélites depuis la révolution de 1789*. Paris: Bureaux des Archives israélites, 1851, pp. 183-194.

Esse princípio foi mantido também por Napoleão e os judeus entenderam-no como temerário. Visava a não reconhecer os judeus como um povo, mas somente como indivíduos. Napoleão foi um homem da Revolução, em cujo ambiente, teoricamente, não havia religiões. As ligações religiosas, mesmo dentre as religiões não cristãs estavam se tornando mais seculares. A frase acima citada de Clermont-Tonnerre foi o que suscitou o famoso texto antijudaico de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) de 1793, sobre a Revolução Francesa: “Deve-se ficar atento aos judeus, pois eles representam um Estado dentro de outro Estado”.

Pessoas como Fichte deixavam os judeus sentirem desespero, por não verem saída para sua situação de indesejados. Fichte é considerado um dos principais precursores, posteriormente com Paul Lagarde e Eugen Düring, da ideologia nacional-socialista.

À época da Revolução Francesa, os judeus viviam na Alemanha muitas contradições, a favor e

Figura 7 – O Tratado de Tilsit – 6 de julho de 1807.

Napoleão recebe a Rainha da Prússia em Tilsit, 6 de julho de 1807. A pintura igualmente mostra o rei Frederick William III de Prússia e o czar Alexander I de Rússia.

Pintura de Jean Charles Tardieu, 1808.

contra o judaísmo. São conhecidas as histórias de judeus proeminentes como Rahel Varnhagen (1771-1832), Heinrich Heine (1797-1856) e Ludwig Börne (1786-1837), que deixaram textos importantes sobre seus infortúnios como judeus. Todavia, ao final da vida, lhes agradou terem pertencido ao povo judeu, como escreveu Heine, à hora da morte:

Agora vejo que os gregos não passaram de belos adolescentes; os judeus, em compensação sempre foram homens inflexíveis e fortes, não apenas outrora, mas até nossos dias, apesar de dezoito séculos de perseguições e de miséria... de mártires que deram ao mundo um Deus, uma moral, e que lutaram e que sofreram em todos os campos de batalha do pensamento⁵⁵.

Sobre os judeus que se converteram, esperando ser mais bem aceitos pela sociedade, Hannah Arendt (1906-1975) esclareceu na biografia de Rahel Varnhagen:

A assimilação somente teria surtido efeito, caso o convertido à outra religião se inserisse na mentalidade da nova crença, que era justamente antissemita, e que não aceitava o judeu naturalmente. Mantendo em seu interior o sentimento de pertença ao povo judeu, a assimilação efetiva não poderia ocorrer.

2.3 PERÍODO NAPOLEÔNICO

Após ter sido eleito Imperador da França, Napoleão I (1769-1821) começou a tratar os judeus muito bem, derrubando os muros dos guetos de todas as regiões por onde passou. Quando suas tropas ocuparam a margem esquerda do rio Reno, em fins do século XVIII, os judeus que lá viviam foram equiparados aos demais cidadãos, independentemente de seu credo. Para esses judeus, um milagre tinha sido alcançado: finalmente ter o direito a ter sobrenomes, exercer profissões, conseguir a redução de impostos. Como ainda não existia espírito de unidade na Federação alemã, não houve grande reação dos judeus da margem direita, aos quais não foram outorgados esses direitos. Sabe-se que, desde 1792, as tropas do general Custine tinham-se apoderado da cidade de Speyer, ao sul da Alemanha e, desde 1795, já havia tropas francesas em Düsseldorf, que passou a ser considerada território francês.

Os judeus franceses receberam o direito à cidadania em 1791. Foi a primeira vez que eles se tornaram cidadãos em solo europeu, o que, ao mesmo tempo, os obrigou a participar do exército. Esses judeus que viviam na França se tornaram muito bem-sucedidos e procuraram ser assimilados na sociedade francesa e, até mesmo, participar e ajudar financeiramente as tropas napoleônicas. Seu progresso provocou a ira e a inveja de alguns cidadãos, valendo-se do anti-judaísmo, que os judeus já conheciam desde tempos imemoriais. E, como afirma o historiador

⁵⁵ POLIAKOV, L. *De Voltaire a Wagner*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p.343.

alemão Götz Aly, (1947) entre outros autores, algumas razões das origens do antijudaísmo repousavam na inveja.

Napoleão recuperou em Paris o Grande Sanedrin em 1807, também chamado de Consistório Central ou Sinédrio, onde 71 sábios judeus deliberavam o que seria bom para a sociedade judaica. Foi um ato em reconhecimento à importância dos judeus na França, que, desde maio de 1806, tinham recuperado o direito ao culto religioso judaico.

Entretanto, já em 1808, Napoleão reduziu as liberdades outorgadas, justamente por meio do que veio a ser chamado pelos judeus de *decrêt infâme*, sob a alegação de que se tratava de um “povo de usurários, causadores de grandes prejuízos”. Mesmo assim, seus atos de equiparação dos judeus aos demais cidadãos foi de grande utilidade para a emancipação judaica.

A Revolução Francesa estabeleceu a separação total entre a Igreja e o Estado, apesar da maior parte da população na França ser católica. Mesmo assim, a despeito da separação, foi firmado um acordo com o Papa Pio VII em 1801.

Quanto à Europa, a ocupação pelas tropas napoleônicas alterou seu mapa almejando sua supremacia. Napoleão mexeu nesse mapa a seu bel-prazer, em especial na Alemanha, sem levar em consideração a organização territorial dos grandes núcleos populacionais há muito instalados lá. A intenção era de que as tropas dos reinos alemães se colocassem a seu dispor. Grandes alterações ocorreram na Polônia e no Norte da Alemanha, onde Napoleão nomeou seu irmão Jerôme como rei da Westfália em 1807. Aliás, Napoleão nomeou quase todos os seus irmãos e irmãs para governarem as regiões por ele ocupadas. Tanto na região do Reno, quanto na Polônia foi instituída a jurisprudência francesa. Segundo a visão ideológica da Revolução Francesa foram abolidos todos os privilégios da Igreja, sendo seus bens confiscados. Houve também redistribuição das propriedades da aristocracia e da Igreja para a burguesia, ou seja, para os cidadãos comuns. O conjunto dessas medidas veio a se tornar a base para a futura ascensão da burguesia. O francês passou a ser a língua internacional.

Entretanto, a exploração econômica do Império napoleônico prejudicou os Estados que estavam passando por uma nova configuração. Como foi o caso do Estado da Prússia que, mesmo passando por grande redução territorial, foi duramente atingido pela cobrança de pesadas taxas de reparações de guerra. A população jovem masculina foi instada a participar das tropas napoleônicas, contra sua vontade. A nova ordem, aparentemente democrática, mas eivada pela vocação

absolutista, foi um dos pilares que despertou o sentimento nacionalista nos países ocupados, externando o desejo de expulsar os conquistadores franceses, o que ocorreu anos mais tarde.

Em seu livro *Origens do Totalitarismo*, Arendt apontou que a nobreza ficou profundamente irritada com a equiparação civil dos judeus. Esse foi um dos marcos iniciais da mudança de mentalidade trazida pela invasão do exército napoleônico na Prússia em 1807. Arendt escreveu:

... a mudança de estrutura política levou a nobreza à perda de seus privilégios e a classe média conquistou o direito à ascensão. Essa reforma, uma “revolução de cima para baixo”, transformou a estrutura semifeudal do despotismo esclarecido prussiano num Estado-nação mais ou menos moderno, cujo estágio final foi o Reich alemão em 1871.

A ruptura do sistema aristocrático foi ocasionada pelo elemento externo, Napoleão. Considerando-se que o Iluminismo surgira na França, assim como a Revolução, os franceses eram vistos como antirreligiosos. As invasões napoleônicas deram ensejo ao surgimento do nacionalismo alemão. O luteranismo teve papel de destaque consolidando o ideal de retorno ao passado ancestral, e desejo de rompimento do pacto com a França.

As guerras de libertação do jugo napoleônico começaram com Johann David Ludwig Yorck, que firmou o Acordo de Tauroggen com o czar da Rússia, na Lituânia, sem ao menos ter consultado o rei da Prússia, Friedrich Wilhelm III, visto como um rei fraco. Após a retirada da Rússia, em 1812, Yorck tinha claras demonstrações do enfraquecimento do exército napoleônico. Nessa retirada, ele fora o chefe do exército prussiano, a serviço de Napoleão. Inicialmente Friedrich Wilhelm III rejeitou o acordo, que contrariava o pacto de aliança com a França. Entretanto, pressionado pela opinião pública, acatou que era chegada a hora de se posicionar contra a França. Voltando ao início do século XIX, teve início, portanto, a partir de 1812 o começo do fim do período napoleônico.

O Kaiser Friedrich Wilhelm III da Prússia (1770-1840), sucessor do Kaiser Friedrich II, o Grande (1712-1786), ofereceu tolerância aos judeus publicando em 11 de março de 1812 o Édito da Emancipação Judaica, considerado ponto de partida da Emancipação judaica na Alemanha. Os judeus eruditos entenderam que tinha chegado a hora de sua emancipação, saudada

como a chegada do profeta Elias, anunciador da vinda do Messias. Em março de 2012, foi lançado o livro comemorativo dos 200 anos do Édito da Emancipação Judaica⁵⁶.

2.4 ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA – OS JUDEUS ENTRE 1815 E 1893

Após o Renascimento, a Reforma e a Revolução Industrial na Inglaterra⁵⁷ os grandes fatos históricos passaram pelo Iluminismo. Segundo o historiador inglês Jonathan Israel (1946): “Esta é a questão internacional mais importante nos estudos da história moderna, tanto nas temáticas políticas, quanto nas culturais e filosóficas”. Trata-se do início do mundo moderno⁵⁸.

Como manter o pertencimento ao povo judeu, e ser aceito pela sociedade alemã?

A época da entrada dos judeus na sociedade coincidia com a época em que parte dessa mesma sociedade estava imbuída do espírito do Iluminismo, cujo resultado mais importante fora a Revolução Francesa. Essa parcela da população sentia simpatia pelos judeus e via com bons olhos sua chegada. Entendiam como incorreto haver um povo sem direito à cidadania. Praticamente um século depois, essa

Figura 8 – Quebra da Bolsa em 1873 (Viena).

A 9 de maio de 1873. Holzstich, a partir de desenho de Joseph Eugen Hörwarter (nascido em 1854), colorido posteriormente.
Sammlung Archiv für Kunst und Geschichte.

⁵⁶ DIEKMANN, Irene A. & GÖTZE, Bettina L. *Vom Schutzjuden Levin zum Staatsbürger Lesser. Das preußische Emanzipationsedikt von 1812*, Berlin: Gebundene Ausgabe, 2012.

⁵⁷ Eric Hobsbawm escreveu um texto interessante sobre a oposição à Revolução Industrial inglesa representada pelos “destruidores de máquinas”. Hobsbawm referia-se ao trabalhador Ned Ludd que, por volta de 1779, quebrou máquinas que economizavam mão-de-obra, em Leicestershire. A partir de Ludd passou-se a empregar a expressão “luddista”, aquele que defende a mão de obra, em inglês, *luddite*. (HOBSBAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias*. São Paulo: Paz e Vida, 2005.)

⁵⁸ Para o historiador britânico Jonathan Israel (1946) o Iluminismo foi a “mais profunda transformação no Ocidente, desde a Idade Média e a mais formadora no sentido de moldar a modernidade. Este fenômeno tem de ser compreendido tanto como movimento intelectual, quanto como uma linha dominante da história”. In: ISRAEL, Jonathan. *Democratic Enlightenment. Philosophy, Revolution, and Human Rights, 1750-1790*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

não era mais a mesma conduta que grande parte da população alemã reservou aos judeus. Entender o processo dessa mudança é a finalidade deste trabalho.

Foi nessa época que surgiram os primeiros opositores históricos à Emancipação dos judeus no século XIX, que discordaram do Édito de 1812: o historiador Friedrich Rühs (1779-1820), de Berlim, alegando que a Emancipação contrariava os elementos cristãos e germânicos da nação alemã e que os judeus deveriam ser extirpados do clã germânico; Ernst Moritz Arndt (1769-1860), escritor e historiador nacional-liberal e inimigo declarado dos judeus, já em 1814 via os judeus como um povo “putrefato e degenerado”, que não deveria se misturar à estirpe germânica; Jacob F. Fries (1773-1843), professor e filósofo, considerava os judeus um povo estrangeiro que deveria ser expulso, e perguntava: “e, por que não, eliminado?” E o advogado Hundt-Radowsky (1759-1835) difamava os judeus como deicidas, envenenadores dos poços, praticantes de crimes rituais, com caráter semelhante ao dos ciganos.

Todos esses argumentos levaram o escritor judeu Saul Ascher (1767-1822) a criar o termo ‘judeofobia’ e fazer a defesa contra os preconceitos, tendo preparado um texto contra a matéria agressiva de Fichte aos judeus em 1793.

A partir desse ambiente contrário à emancipação, começou a haver radicalizações nas academias de esporte e nos grêmios estudantis, trazendo um clima de ameaça aos judeus. O conjunto dos desmandos de Napoleão induziu os governantes dos reinos e países invadidos a se unir em torno do Congresso de Viena que organizaram em 1814, e que se encerrou em junho de 1815, visando a retornar às antigas fronteiras e à antiga ordem.

Napoleão tentou ainda uma última vez retomar o poder, após se evadir de Elba, onde estava exilado, sendo derrotado na batalha de Waterloo em 1815, nos Países Baixos, vindo a morrer prisioneiro na Ilha de Santa Helena, em 1821.

Procurando não perder os direitos adquiridos, os judeus enviaram representantes ao Congresso de Viena, mas foram vilmente rechaçados. Além de terem todos os benefícios retirados, foram tratados com desdém porque tinham sido tratados com dignidade pelo invasor. Tanto Wilhelm von Humboldt, primeiro reitor da recém-inaugurada Universidade de Berlim (1809), quanto o próprio rei da Prússia, Friedrich Wilhelm III, fizeram ouvidos moucos a seus apelos. As decisões tomadas no Congresso de Viena pioraram a situação dos judeus e, ao mesmo tempo, eclodiu forte onda antijudaica, que veio a ser denominada Primeira Onda Antissemita.

Na visão dos congressistas, que desejavam a Europa libertada da modernidade, era necessário eliminar os resquícios da serpente venenosa da Revolução Francesa, restaurar a ordem das dinastias, que tinham sido alijadas, retomar a mentalidade e as estruturas classistas e discricionárias e recuperar a religião prejudicada. Os anos que se seguiram foram extremamente antiliberais. Em alguns Estados, houve até mesmo retorno ao feudalismo. A restauração monárquica foi bem-sucedida na visão dos governantes, tanto nos Estados independentes, quanto nos reinos. O governo passou para as mãos do general Klemens von Metternich (1773-1859), Chanceler e Ministro das Relações Exteriores da Áustria, que manteve com mão de ferro a Confederação dos Estados Alemães, além da Áustria e da Prússia, que eram os maiores, além dos Estados menores⁵⁹. Juntamente com a Rússia czarista a Prússia e a Áustria criaram a Santa Aliança à qual a França veio se aliar em 1818. O intuito da Santa Aliança era o retorno ao passado reacionário. Napoleão representava um modelo moderno de Estado laico e os países que instituíram a Santa Aliança declaravam ser Cristo seu mentor, procurando valorizar e renovar o cristianismo enfraquecido. A esse grupo pertenciam também a Inglaterra, os Países Baixos e a Dinamarca, de maneira indireta, por terem possessões na Alemanha.

Metternich tornou-se pessoa de destaque na Europa Central. Instituiu um sistema poderoso de controle por meio de estrita vigilância sobre os liberais. Criou um Estado repressor, que perdurou até 1848, quando perdeu o poder, efetuando prisões políticas arbitrárias prolongadas. Possuía mesmo um “livro negro” onde ainda, em 1837, constavam 1867 nomes de cidadãos incriminados. Não se tem notícia de que ele tivesse agido contra os judeus. Para a Alemanha, o Congresso de Viena não auxiliou na Unificação dos Estados da Federação entre si, que permaneceram como províncias soltas, sem unidade nacional. Os jovens estudantes viam com maus olhos as dificuldades pelas quais os estados alemães estavam passando para construir uma nação alemã.

Foi denominado de *Vormärz* o período de 1815 a 1848, antecedendo as revoluções de março de 1848, após o período de autoritarismo. Os revolucionários ansiavam por um regime democrático, constitucional. A *Paulskirche*, em Frankfurt am Main, tornou-se uma das sedes da Assembleia alemã, vigorando de 1816 a 1866.

⁵⁹ Metternich provinha de uma família abastada da Alemanha, que, por precaução mudou-se para Viena, quando Napoleão conquistou a Alemanha. Concluiu sua formação acadêmica em Londres estudando a Teoria do Conservadorismo com o historiador Edmund Burke (1729-1797), convicto opositor da Revolução Francesa.

Como consequência do Congresso de Viena, o pensamento libertário da Revolução Francesa foi vilmente rebatido. Mesmo assim, o barão von Stein, junto de Wilhelm von Humboldt prepararam uma Constituição para a Alemanha, visando à unificação, que foi desdenhada por Metternich, interessado em manter a Alemanha desorganizada.

Uma prova do novo espaço para mentalidades repressoras e intolerantes foi o caso do famoso *Turnvater Jahn* (Jahn, padrinho do esporte – 1778-1852). Era uma pessoa carismática, que atraía a atenção dos estudantes e dos jovens, em geral, que o seguiam cegamente. Odiava tanto os franceses, quanto o espírito libertário de sua revolução. As *Burschenschaften*, agremiações estudantis patrióticas compostas por rapazes, começaram a surgir durante os anos de ocupação francesa. Além da finalidade esportiva, Turnvater Jahn promoveu o surgimento do espírito nacionalista. Os jovens usavam uniformes próprios para se destacar e se manter unidos. Em 1812, foi instalada uma praça de esportes em Berlim, em que, pela primeira vez, o nacionalismo foi defendido publicamente, por meio das agremiações estudantis, que foram se tornando cada vez mais chauvinistas. Esse movimento estudantil apresentava certa ambivalência, porque Jahn não se colocava propriamente contra os judeus, mas seus alunos queimaram livros de judeus. Perdurava entre eles um nacionalismo nostálgico e reacionário. Em 31 de outubro de 1817, cerca de 500 jovens seguidores do *Turnvater Jahn* fizeram uma peregrinação ao castelo de Wartburg, para poder comemorar os trezentos anos da data em que Martinho Lutero pregara as 95 teses de protesto na porta da Igreja. Durante a subida alguns jovens, por orientação do *Turnvater Jahn* queimaram livros supostamente antigermânicos, e que também simbolizassem o absolutismo francês. Essa peregrinação deu início ao que vieram a ser mais tarde as demonstrações políticas na Alemanha, bastante conhecidas de todos nós.

Profundo estudioso do século XIX, o historiador alemão Hans-Ulrich Wehler (1931-2014) avaliou com acuidade a influência nociva do *Turnvater Jahn* junto aos jovens⁶⁰. Em sua crítica, comprovou que as recomendações do *Turnvater Jahn* induziram ao caminho futuro para o nacional-socialismo. Parece ser consequência da famosa frase premonitória de também será capaz

⁶⁰ WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte 1815-1845*. Volume II. Munique: Verlag C.H. Beck, 1996.

de queimar pessoas”. Atitudes antijudaicas sempre existiram entre luteranos naquela época. O mesmo Saul Ascher escreveu, em 1817, *Germanomanie*, um dos livros que foram queimados na peregrinação ao castelo de Wartburg. Outro livro queimado foi de August von Kotzebue, escritor alemão representante do governo russo e pertencente à nobreza alemã. Menos de dois anos depois Kotzebue foi assassinado por um jovem nacionalista, seguidor do *Turnvater Jahn*. O movimento de rua Hep-Hep surgiu em 1819, após esse assassinato. A repressão, bem como os problemas econômicos eram muito fortes na sociedade. Esse movimento deu vazão à sanha da população enfurecida com suas próprias dificuldades financeiras e, como uma válvula de escape, atacaram os judeus, sob o olhar indiferente das autoridades.

Figura 9 – Folheto mostrando os ataques anti-semitas Hep-Hep em Frankfurt, 12-13 de agosto de 1819

Historisches Museum Frankfurt

Figura 10 – Napoleão em Berlim

OST: Charles Meynier – Public Domain. Disponível em <<https://goo.gl/92i6jj>>, acesso 7 de abril de 2017.

O movimento nacionalista foi se formando na Alemanha a partir da intenção de expulsar as tropas napoleônicas dos territórios ocupados, recebendo apoio das agremiações estudantis. Um dos movimentos a expressar o sentimento nacionalista foi o do *Turnvater Jahn* ao presenciar a entrada das tropas napoleônicas em Berlim em 1806, como se vê no quadro, com Napoleão em seu cavalo branco, atravessando o Portão de Brandemburgo.

O tema “nacionalismo” remete ao texto *Nacionalidade* de lord Acton (1834-1902)⁶¹ que, por sua vez, citou Edmund Burke (1729-1797), “professor de conservadorismo” de Metternich, durante sua formação acadêmica em Londres.

Interessa avaliar o confronto de mentalidades dos dirigentes da Alemanha no século XIX: o Kaiser Wilhelm I, Bismarck e Metternich, em contraposição ao judeu, que estava voltado para a modernidade, interessado nas forças do futuro, sem medo de se desfazer do passado. Existia um jogo de forças em sentidos opostos - reação versus progresso, preservação das formas de vida do passado em contraposição às novas estruturas sociais. Grande parte da população se encontrava na mesma direção política dos dirigentes, voltada para a ordem progressa.

Foi somente a partir de 1848, quando ocorreram várias revoluções em cidades da Europa Ocidental, inclusive em muitas cidades alemãs, que a figura do judeu ficou associada à das figuras das forças progressistas, e os deputados judeus que se elegeram se mantiveram alinhados à socialdemocracia incipiente.

O período napoleônico, apesar de toda sua brutalidade, proporcionou algumas melhorias na vida dos judeus, exemplificadas pelo Édito de 1812 na Prússia. O chanceler da Prússia Karl August von Hardenberg e o barão von Stein⁶², que era prefeito de Berlim, tinham abraçado a mentalidade libertária da Revolução Francesa. Ambos induziram o mesmo Friedrich Wilhelm III a promulgar o Édito da Tolerância, em 11 de março de 1812, que se referia às condições civis dos judeus na Prússia. Ou seja, os judeus passaram a contar com o direito à igualdade (parcial) dos demais cidadãos. O Édito promulgava que eles teriam de adotar sobrenomes no alfabeto alemão; teriam o direito de locomoção entre localidades; não precisavam mais viver nos antigos guetos; podiam ocupar cargos nas escolas; podiam ensinar e podiam também exer-

⁶¹ BALAKRISHNAN, Gopal. *Uma questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008. p. 23-43.

⁶² Mesmo abraçando a causa libertária, o barão von Stein teve de esconder-se da perseguição de Napoleão.

cer ofícios, como os demais cidadãos. Até então usavam somente nomes atribuídos, ou referentes às suas origens. A mudança de status lhes permitia escolher onde viver. A permissão para os judeus ocuparem cargos públicos e militares não ficou regulamentada. A equiparação civil durou até a Restauração, em 1815, e que não passou de um pequeno consolo. Mesmo diante dos preconceitos já conhecidos, alguns judeus conseguiram frequentar as universidades e publicar jornais. Dentre os jornais escritos por judeus, o mais bem-sucedido data de 1837: *Allgemeine Zeitung des Judentums* de Ludwig Philippson (1811-1889). Os judeus da margem esquerda do Reno já haviam obtido essa permissão desde o início da invasão napoleônica.

O assassinato de Kotzebue e outros distúrbios, como a queima de livros, a pobreza e o desemprego⁶³ deram início a uma terrível onda de atitudes antijudaicas, culminando com o movimento racista popular⁶⁴, que começou em 1819. Eram agitações de rua compostas por desempregados, auxiliares de artesãos e de escritório e de camponeses endividados. Atribuíam a culpa de seu infortúnio aos judeus. Em Hamburgo, o movimento Hep-Hep fez a situação dos judeus retroceder a níveis de antissemitismo anteriores à saída do gueto. Na cidade de Württemberg, os 400 judeus que lá viviam foram expulsos, e tiveram de viver acampados nas entradas da cidade, até obterem novamente licença para retornar a suas próprias casas.

Esse período de movimentos nacionalistas e conservadores foi acompanhado por forte repressão, inclusive contra os judeus, o que permitia que houvesse movimentos racistas. Essa crise, denominada a ‘Primeira Onda Antissemita’, foi acompanhada de intensa censura na imprensa, na publicação de livros e na sociedade em geral.

A queima dos livros, em 1817, levou o grande poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856) a proferir sua conhecida frase premonitória: “Quem é capaz de queimar livros, também será capaz de queimar pessoas”. Heine escreveu o romance de amor *Almansor* referente à época da expulsão dos judeus e dos mouros da Espanha em 1492. A grande queima de livros foi ordenada pelo Arcebispo de Toledo, posteriormente, O Grande Inquisidor. Em *Almansor*, a frase premonitória é dita pelo personagem Hassan, empregado da família de cuja casa tinham sido retirados e queimados os cinco mil livros. Heine foi comparado aos grandes poetas como Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805).

⁶³ O período napoleônico trouxe pobreza à Alemanha, que tivera que sustentar a soldadesca francesa.

⁶⁴ Hep-Hep era o acróstico de *Herusalem est perdita*.

Os ataques Hep-Hep levaram jovens professores judeus a criarem o *Verein für Kultur und Wissenschaften der Juden* (Associação para Cultura e Ciências do Saber dos Judeus), dirigido por Leopold Zunz (1794-1886), comprometido historiador da causa judaica⁶⁵. Heine também se afiliou a esse *Verein*, alarmado que ficara com os ataques Hep-Hep. Incumbiu-se de escrever um texto demonstrando os malefícios dos preconceitos e das falsidades dos mitos populares antijudaicos, como o crime ritual. Pesquisou muito e escreveu o fa-

moso conto *O Rabi de Bacherach*. Sua intenção era demonstrar os horrores a que os judeus estavam expostos em face dos mitos propalados contra eles, desde a Idade Média até aquela data. O conto revive as situações terríveis a que os judeus estiveram sujeitos na Idade Média, pois se passava no século XIII. O poder desses contos e mitos impregnou as mentes dos alemães, como Gottfried Efraim Lessing (1729-1781) comprovou em meados do século XVIII por meio de sua peça *O judeu*. O resumo do conto se encontra em nota. Heine publicou seu conto *O Rabi de Bacherat* somente em 1840, após o *pogrom* de Damasco, na Síria, quando sentiu de novo a gravidade dos ataques contra os judeus⁶⁶. Jakob Wassermann (1873-1934) também evidenciou em sua autobiografia no começo do século XX que os mitos se infiltraram nas mentes das pessoas, gerando preconceitos insuperáveis.

Figura 11 – Queima de livros em 1817 na Wartburgfest.

Bücherverbrennung / Wikiwand

⁶⁵ Foi a primeira Associação de Estudos do Judaísmo.

⁶⁶ Em seu legado, o poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856) deixou o maravilhoso conto *O Rabi de Bacherach* onde fica desnudada a construção desta terrível difamação contra os judeus. Sinopse do conto: Trata-se de uma narrativa sobre a vida dos judeus na localidade de Bacherach, na Alemanha, no século XIII. Heine descreveu a vida de um casal judeu, sem filhos. Eles eram o centro de uma grande família. Em sua casa ocorria o jantar tradicional da Páscoa judaica, o *Pessach*. Nesse jantar é lida a narrativa da fuga dos judeus do Egito, da escravidão para a liberdade, sob a liderança de Moisés, que deve ter ocorrido por volta de 3000 anos antes de Cristo. Durante o jantar o dono da casa, o marido percebe que dois visitantes não convidados, que chegaram inesperadamente jogaram disfarçadamente, sob a mesa, o cadáver de um menino, trazido por eles. O marido pega sua esposa pela mão e foge com ela imediatamente. Dias depois alcançam refúgio no gueto de Frankfurt am Main. Profundamente consternados de não terem tido condições de salvar o restante da numerosa família. Heine exemplifica a maneira como a desgraça do mito do “crime ritual” servia para exterminar judeus vilmente. A partir do mito do crime ritual as populações locais se arvoravam o direito de saquear e pilhar todos os bens dos judeus, e de massacrá-los. (MAZZARI, Marcos. Heinrich Heine: *O Rabi de Bacherach e três contos sobre o ódio racial*. São Paulo: Editora Hedra, 2009). Em fins do Século XIX, surgiu na Rússia czarista o livro anônimo contra os judeus *Os protocolos dos sábios de Sião*, uma das publicações mais criminosas de

O *Culturverein*, criado por Leopold Zunz, teve curta duração, até 1825. Sua finalidade precípua era esclarecer a população que os judeus estavam empenhados em ser cidadãos vivendo dentro da normalidade, sem criar problemas. Sentiam-se alemães e respeitavam a Alemanha e os alemães⁶⁷. Aquela foi uma época em que o poder dominante procurou eliminar o pensamento iluminista. As agitações populares criaram situações insuportáveis para os judeus. Mesmo os não judeus, como o poeta e escritor liberal George Büchner (1813-1837)⁶⁸ e também o escritor Karl Gutzkow (1811-1878)⁶⁹ tiveram de fugir da Alemanha para evitar a prisão. O poeta Ludwig Börne, criador da expressão *Völker Frühling* (Primavera dos Povos) também se retirou da Alemanha. Tinha nascido no gueto de Frankfurt am Main, em 1786 sob o nome de Juda Löb Baruch e adaptou seu nome buscando ser aceito pela sociedade⁷⁰. Representavam a corrente literária progressista *Das junge Deutschland* (Alemanha Jovem). Outros autores, como Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Heinrich Heine também se retiraram do ambiente hostil da Alemanha, e não puderam mais retornar. Alguns anseios do grupo eram a unificação nacional; a liberdade política; o fim da censura à imprensa e aos livros e também que houvesse bom tratamento das relações internacionais. O tema da unificação nacional passara a ser proibido por Metternich, que queria se manter no controle do conjunto dos Estados não unificados. Era como uma rebelião contra o período de repressão, aliada às dificuldades econômicas pelas quais a Alemanha passava. Toda a Europa se encontrava tomada por um clima de agitação pré-revolucionária.

O jurista Eduard Gans pertencente ao *Culturverein* optou pelo batismo, porque de outra forma não teria sido aceito como professor universitário.

todos os tempos, e também um dos textos antissemitas mais disseminados. Bernard Malamud em *The fixer – O homem de Kiev*, escrito em 1966, exemplifica o preconceito contra os judeus na Rússia em 1911, ao final da Era Czarista.

⁶⁷ REINHARZ, Yehuda. *Fatherland or Promised Land*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1975.

⁶⁸ George Büchner foi um dos grandes escritores do período *Vormärz*. Foi médico e morreu aos 23 anos de idade exilado na Suíça, tendo deixado vasta obra com crítica social. Estava inserido no grupo dos assim chamados escritores da *Junges Deutschland* (Jovem Alemanha), em contraposição à repressão do período da Restauração. Alguns de seus livros são: *A morte de Danton*. *Der hessische Landbote*, *Lenz*, *Leonce und Lena* e *Woyzeck*.

⁶⁹ Karl Gutzkow foi também um dos principais escritores da *Junges Deutschland*. Dentre suas principais obras se encontram: *Uriel da Costa*, de 1846, e *Die Ritter vom Geist*, em nove volumes, de 1849, ano em que sua obra deixou de ser proibida. No capítulo 25 de *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*, Victor Klemperer dedica algumas páginas a essa obra, uma de suas prediletas.

⁷⁰ Assim como Heine, faleceu em Paris.

Posteriormente, em 3 de julho de 1869 o rei Wilhelm da Prússia e dos Estados do Norte, que se tornaria o Kaiser Wilhelm I em 1871, concedeu a igualdade de direitos civis aos judeus. Houve pessoas influentes que demonstraram seu desagrado com a entrada dos judeus na sociedade, afinal eles mal tinham deixado o gueto...

2.5 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA ALEMANHA FOI TARDIA

Por meio da poesia e também da pintura as dificuldades econômicas às quais a população alemã estava sujeita foram retratadas de maneira expressiva. Trata-se do famoso caso dos tecelões da Silésia, que mereceram o poema ‘Os tecelões da Silésia’, de Heinrich Heine em 1845⁷¹, além de quadros de pintores famosos retratando sua miséria. O advento das máquinas suprimiu muitos empregos e começou a haver penúria, como foi o caso dos tecelões da Silésia em 1844, que sofreram a concorrência dos teares ingleses industrializados. Um patrão, especificamente, de nome Zwanziger, tornou o ganho dos tecelões aviltantes e eles se encontraram em condição de miséria absoluta. A situação ganhou contornos dramáticos. Os tecelões destruíram todo o seu maquinário, tudo o que puderam, enquanto Zwanziger e sua família fugiram.⁷² A polícia foi chamada e alguns tecelões foram mortos. Aqueles que foram presos ainda se sentiram em vantagem, porque na prisão haveria comida. Esse episódio trágico serve para que se possa compreender as dificuldades em que muitos alemães viviam, no que se denomina hoje o *Vormärz*, o período que antecedeu a Revolução de Março de 1848. Uma série de más colheitas entre 1846 e 1847 trouxe fome, penúria, carestia, doenças e falências. Muitas crianças sucumbiam antes da idade de quatorze anos. Todas essas diferenças sociais não teriam adquirido a gravidade que alcançaram durante o período da Restauração se a situação econômica da Alemanha não tivesse se deteriorado em níveis alarmantes.

Este candente poema de Heinrich Heine de 1844 ilustra o tema:

OS TECELÕES DA SILÉSIA
 Não há lágrimas em seus olhares;
 Rangem dentes diante dos teares:
 Alemanha, nós tecemos tua mortalha,
 E tramamos nossa tripla maldição –

⁷¹ HEINE, Heinrich. Die schlesischen Weber. *Kulturgeschichte* – 19. Jahrhundert – Der Weberaufstand von 1844, 1845.

⁷² Já mencionado o caso do trabalhador Ned Ludd, que quebrou máquinas, que economizavam mão-de-obra, em Leicestershire, 1779.

Nós tecemos e tramamos!
 Maldição ao Deus a quem oramos,
 Quando a fome e o frio nos maltratam;
 Suplicamos de joelhos sua graça,
 Ele tripudia e ri da nossa cara
 Nós tecemos e tramamos!
 Maldição ao Rei, rei dos ricos,
 Da miséria faz tão pouco caso;
 Nos roubou até o último centavo
 Para nos lançar nos braços do carrasco
 Nós tecemos e tramamos!
 Maldição à Pátria desamada,
 Onde o escárnio e a humilhação se alastram;
 Onde a flor que flore é logo esfaqueada;
 Onde a podridão seus vermes amalha
 Nós tecemos e tramamos!
 Voa a lançadeira no tear,
 Noite e dia, trabalhamos sem parar
 Alemanha, nós tecemos tua mortalha,
 E tramamos nossa tripla maldição,
 Nós tecemos e tramamos!⁷³

2.5.1 *Vormärzrevolution* – período de 1815 até Revolução de Março de 1848

Entre 1830 e 1850 aproximadamente surgiram grupos de jovens poetas e escritores em alguns países europeus que externavam seu anseio por liberdade, em especial após o Congresso de Viena e também devido à Santa Aliança, que tinham imposto forte repressão à sociedade e à liberdade de pensamento em geral. Os jovens se opunham, entre outras razões, ao reacionarismo do Czar, e ao retrocesso trazido por Metternich e sua Teoria do Conservadorismo.

A partir de 1847 a Câmara Federal da cidade livre de Frankfurt am Main começou a elaborar uma constituição para a Alemanha em busca de uma sociedade igualitária e unificada. O local das reuniões era a famosa igreja Paulskirche. Seu objetivo era a instituição de uma Confederação dos Estados. Foi um momento de grande tensão para os judeus, ansiosos pelo debate sobre sua Emancipação, que tinha sido vetada.

⁷³ Tradução de André Vallias, em HEINE, H. *Heine, hein? Poeta dos contrários*. São Paulo: Perspectiva/Goethe-Institut, 2011.

Os movimentos libertários que surgiram a partir de março de 1848 por toda a Alemanha seguiam o desejo de obter um governo constitucional, democrático e laico. Ansiavam pelo fim da censura. A Revolução irrompeu em Berlim, seguindo até Viena, conclamando o povo contra as forças repressoras da Restauração e da Santa Aliança. Queriam que os camponeses conseguissem se libertar dos vassalos e dos senhores de terra⁷⁴.

Esse movimento, em ebulição, se iniciara em Paris há algum tempo. Nas 25 regiões da Alemanha, ainda não unificada, em cada localidade as revoltas apresentaram caráter político diferente. Houve regiões em que chegou a se instalar uma república, por meio de forças de esquerda⁷⁵. O

Figura 12 – Gabriel Riesser (1806-1863).

*Institut für Geschichtliche
Landeskunde*

embate por esta Constituição levou a batalhas campais, nas quais sucumbiram 231 pessoas, dentre as quais se encontravam 21 judeus. Muitos judeus sentiam temor de se expor publicamente. Em sua maioria, sua postura foi reservada, evitando participar, sob a alegação de que se tratava de atitudes inerentes à Revolução. O próprio Kaiser Friedrich Wilhelm IV da Prússia (1795-1861), amedrontado, chegou a fugir da Alemanha, retornando meses depois. O revolucionário Robert Blum é o mártir da *Märzrevolution*. Era um dirigente da esquerda alemã, assassinado em Viena em 9 de novembro de 1848, aos 40 anos de idade, porque foi um dos líderes da Revolução.

Dentre os diversos deputados da Assembleia Nacional de Frankfurt am Main foram eleitos quatro deputados judeus. Com a inclusão dos judeus convertidos chegou-se ao número de 17 deputados. O próprio presidente da Assembleia de Frankfurt, Eduard Simson, convertido em criança ao protestantismo, era descendente da família judaica de David Friedländer⁷⁶.

Entre os eleitos despontou o famoso jurista Gabriel Riesser (1806-1863), um dos judeus alemães mais proeminentes do século XIX. Riesser se destacou por suas qualidades e se tornou

⁷⁴ Somente após a Revolução ao final da Primeira Guerra Mundial em 1918/19 é que se deu o fim das estruturas semifeudais.

⁷⁵ O líder desse movimento fugiu para os EUA, onde se tornou importante colaborador de Lincoln na Abolição da Escravidão nos EUA.

⁷⁶ Líder da comunidade judaica de Berlim à época de Rahel Varnhagen (1771-1833).

vice-presidente e porta-voz da Assembleia Nacional. Vinha de uma família judaica de Hamburgo, à qual fora concedido o direito de ser tabelião naquela cidade, o que era um privilégio incomum para uma família judaica. Vários de seus antepassados tinham sido rabinos. Riesser deixou Hamburgo, sua cidade natal, para se dedicar à política na Assembleia Nacional de Frankfurt am Main em 1847, que é a data inicial deste trabalho. A ênfase de Riesser foi a moderna concepção, já naquela época, de que a Igreja deveria ser separada do Estado. Riesser lutou pela equiparação de direitos civis para os judeus. Pertenceu à categoria de pessoas que não se converteu ao cristianismo para alcançar postos almejados, levando-se em conta que ele era um profissional altamente qualificado, com vasta obra publicada. Chegou a sofrer impedimento no exercício de sua profissão de jurista, devido à religião. Riesser foi um marco no novo perfil de comportamento do judeu alemão. Defendeu a dissociação entre a Emancipação e a assimilação total, lutando pela Emancipação. Os judeus se esforçaram para manter um nível de igualdade com todos os alemães, e deixar de ser “diferentes” como tinham sido no passado, especialmente quando se apresentavam em ambiente público. Riesser declarou-se não somente patriota, como também orgulhoso de seu judaísmo. Não se colocava entre os judeus que sofriam do dilema de esconder o seu judaísmo.

A expectativa em relação à Emancipação era claramente diferente entre judeus e não judeus. Os judeus procuravam demonstrar com nitidez que sua inserção na sociedade não iria trazer qualquer dissabor aos alemães, reiterando que a religião era assunto de cunho pessoal e tratado em seu próprio ambiente familiar. Mas, muitos alemães sentiam preconceito visceral contra os judeus e não viam com bons olhos que eles tivessem um espaço igual a qualquer cidadão alemão e exercessem os mesmos direitos no funcionalismo público, nas escolas e demais locais⁷⁷. Para Riesser a religião não tinha analogia com a vida pública. Ao longo de sua vida, relativamente breve, Riesser foi o principal defensor da Emancipação judaica, depois de Moses Mendelssohn. Em 1832 fundou o jornal *Der Jude* como porta-voz da vida judaica. É de sua autoria a famosa expressão *Deutschtum und Judentum* (alemanidade e judaísmo), que significava que não havia contradição entre ser alemão e judeu. Essa expressão foi o lema do *Central Verein* (Associação Central de Cidadãos Alemães de Fé Judaica), ou CV durante seu período de existência entre 1893, ano de sua fundação em Berlim, até 1938, quando foi fechado compulsoriamente pela Gestapo. Significava “viver a alemanidade fora de casa e o judaísmo em casa”. Riesser viveu

⁷⁷ Em *Minha vida como judeu e como alemão* (WASSERMANN, Jacob. *My life as German and Jew*. New York: Coward-McCann, Inc., 1933), é muito nítida a força do preconceito na mente dos alemães.

um período de forte antissemitismo. Segundo o historiador alemão Helmut Berding (1931), as piores perseguições aos judeus ocorreram durante o período da Emancipação. Entre 1843-44 o debate sobre a questão judaica se encontrava muito acalorado. Além das más colheitas de 1846-47 já mencionadas, ocorreram ataques em formas de *pogroms* em fins de fevereiro de 1848, na região da Alsácia-Lorena. Nas ruas de Berlim dizia-se que a Revolução fora idealizada pelos franceses, poloneses e também pelos judeus. Queriam identificar os judeus com o *Manifesto comunista* recém-lançado por Marx e Engels em Londres.

Os debates políticos que ocorriam na *Paulskirche* eram coordenados por três correntes principais: conservadora, liberal e radical. Apesar das diferenças ideológicas entre elas, sua mensagem em relação aos judeus era a mesma:

Gostamos muito dos judeus, queremos recebê-los fraternalmente de braços abertos, desde que se convertam ao cristianismo, desde que deixem de viver separadamente e venham se misturar a nós. A Alemanha é um país cristão e seus súditos têm de ser cristãos.

Pensamento também defendido pelo então jovem militar *Junker* Otto von Bismarck (1815-1898). Até mesmo o famoso escritor liberal Theodor Fontane (1819-1898) expressou seu sentimento em relação aos judeus: “Gosto dos judeus, mas me recuso a ser governado por eles”.

Nessa época príncipes, duques, condes e barões se uniram em oposição à questão da almejada Confederação de Estados, em que eles fatalmente iriam perder seus poderes feudais. Eles se opunham à ideia constitucionalista, pois eram contra a *Mitbestimmung*, ou seja, contra o voto dos eleitores.

Os deputados e a população, de um modo geral, não viam com bons olhos que um judeu pudesse preencher o cargo de funcionário público e, portanto, atender a população cristã. Tampouco, não aceitavam a ideia de que os judeus pudessem exercer as demais profissões vigentes. De forma que dificilmente seria mantida a inserção da temática da igualdade de direitos civis aos judeus no debate sobre a Constituição. O grupo de deputados demonstrou que não teriam nem coragem nem interesse para acatar a concessão de plenos direitos aos judeus. A essa altura, muitos países do mundo civilizado do Ocidente já tinham reconhecido o direito dos judeus à ampla cidadania: os EUA, a partir de sua independência da Inglaterra em 1776, a França desde 1791, tendo sido seguidos pela Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Itália e finalmente pelo Império Austro-Húngaro em 1867.

Em meio aos debates acalorados na Assembleia de Frankfurt, um dos deputados, de nome Mohl, tomou a palavra e esclareceu que aos judeus não deveriam ser concedidos os direitos emancipatórios, em vista de que esse direito, que lhes fora concedido em 1812 pelo Édito de Hardenberg, também lhes tinha sido retirado quando da Restauração. Em resposta, o deputado Gabriel Riesser pediu a palavra e se posicionou com o seguinte discurso:

Falo em nome dos direitos de uma classe que vem sendo oprimida há milênios. Pertencço a ela por nascença e por convencimento religioso pessoal. Quiseram me forçar de maneira tola para que eu abandonasse minha religião para obter os direitos almejados, que, por honradez chegaram a me causar vergonha... O nobre deputado que me antecedeu partiu de uma premissa repleta de inverdades. O que ele desejava era que a dinastia israelita tivesse seus direitos excluídos... Devemos nós judeus reconhecer com tristeza que falamos a língua alemã? A única coisa que almejamos é ter espaço na Alemanha para podermos desenvolver nossas vidas. Vocês de seu lado nos negam todos os direitos. Creiam, senhores, os judeus se tornarão, cada vez mais, partidários entusiastas e patrióticos da Alemanha, quando sob a vigência de leis justas. Confiem no correto exercício da Justiça, se não toda a liberdade estará corrompida. Foi-lhes oferecido sacrificar uma parte do povo alemão por meio da intolerância e do ódio, mas isso meus senhores, esperamos que vocês nunca mais façam. Vocês permitem que povos que nem mesmo falam a língua alemã recebam a cidadania alemã, e nós, que nos sentimos alemães, falamos a língua alemã, queremos defender a Alemanha, somos uma classe consciente de sua condição de povo sem pátria, também almejamos o direito à cidadania. Até há pouco tempo eu mesmo vivi em condições de tamanha opressão, em minha própria cidade natal, Hamburgo, onde eu não tinha permissão sequer para exercer trabalho, como guarda-noturno. Considero um milagre da liberdade e da justiça que eu, que não me converti ao cristianismo, esteja aqui defendendo questões de Justiça e Igualdade da maneira mais sublime⁷⁸. (Tradução nossa).

A partir do discurso, a inclusão de direitos iguais para todas as pessoas foi aceita na Constituição, independentemente da religião de cada um. Os judeus entenderam a Revolução como prenúncio de sua Emancipação. A Revolução visava a dar liberdade para que cidadãos de todos os credos pudessem participar da vida civil e de votar. Ao mesmo tempo, pairava certa ansiedade sobre a aprovação da Constituição pelo Kaiser Friedrich Wilhelm IV, denominada *Direitos básicos do povo alemão*. Entretanto, o Kaiser se recusou a aceitar seus termos. Segundo análise

⁷⁸ ADLER, H. G. 1960, p.79.

do grande historiador judeu Simon Dubnov (1860-1941)⁷⁹, a situação dos judeus teve uma melhora geral, mas só aparente. Havia deputados judeus e visivelmente os judeus se encontravam em situação melhor do que no passado. Dubnov esclareceu, entretanto, que em termos de direitos civis não houve qualquer melhora. A Assembleia Nacional foi desfeita em junho de 1849.

O *Vormärz*⁸⁰ terminou em 1848, com o Lançamento do Manifesto Comunista em Londres em fins de 1847, com as Barricadas de março de 1848 em Paris, chegando a Frankfurt am Main no movimento contestatório à Monarquia, na Paulskirche, quando os deputados ali reunidos apresentaram um projeto de Constituição Democrática.

Na Alemanha o processo industrial foi tardio. A Revolução Industrial, que ainda era incipiente na Inglaterra, em meados do século XVIII, acrescida do impacto da Revolução Francesa trouxe mudanças profundas para a sociedade. A qualidade de vida nas cidades era muito ruim para os trabalhadores e suas condições de saúde eram as piores possíveis. É o que se lê em *Os miseráveis* de Victor Hugo, em *Sonho de Natal* e *Oliver Twist*⁸¹ de Charles Dickens e muitos outros. As injustiças sociais estavam submergidas no crescimento urbano.

A Alemanha é uma das “pátrias” do socialismo moderno e pensadores como Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) compreenderam a dialética da universalidade do capital e que talvez o nó górdio da revolução burguesa na Alemanha em 1848 só conseguisse ser cortado pelo movimento organizado dos trabalhadores. Ambos desenvolveram teorias e criaram movimentos trabalhistas visando à justiça social. Considerando a violência e a barbárie que se encontravam reprimidas pelo espírito opressor, acrescidas da atitude oportunista de determinados políticos⁸², as forças reacionárias granjearam poderes para recuperar seu espaço então perdido, durante o período napoleônico, como se verificou no Congresso de Viena de 1815.

Foi quando a burguesia se compôs com os Junkers, representantes da aristocracia agrária, derrotando a Revolução. Em vários países da Europa despontaram revoluções. Em 31 de janeiro de 1850 o Kaiser promulgou uma constituição de acordo com os seus interesses. Depois do

⁷⁹ Morreu no campo de concentração. Sua frase final ao ser assassinado: - “Escrevam companheiros, escrevam, relatem tudo o que estamos vivendo para todos, para que todas essas mortes não tenham sido em vão”.

⁸⁰ É dado o nome de *Vormärzrevolution* ao período que antecedeu a Revolução de Março de 1848 na Alemanha, e que se iniciou em 1815 com a realização do Congresso de Viena, a partir do qual ocorreu forte repressão política.

⁸¹ Este romance de Charles Dickens foi um fator desencadeante para se dar maior atenção aos pobres e aos miseráveis.

⁸² ZWEIG, Stefan. *Joseph Fouché. Retrato de um homem político*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

fracasso da Revolução, houve um retrocesso em quase todas as conquistas alcançadas pelos judeus. Tinham perdido os benefícios adquiridos durante a vigência do período napoleônico, e agora perdiam novamente os direitos almejados. Na Constituição de 1850 constava que a Prússia era um Estado Cristão. Com isso, os judeus perderam seus cargos na administração pública, e também nas áreas da educação e da justiça, porque não se viam prestando o juramento cristão. Em alguns Estados a participação dos judeus também foi reduzida, mas em outros Estados a Emancipação já tinha sido concluída com sucesso. Ou seja, para a grande maioria dos judeus que viviam na Alemanha, os anos de reação significaram a perda do que fora alcançado durante o período da Revolução de 1848. Os judeus ativos politicamente sentiram-se decepcionados e tiveram de se resignar com o retrocesso. Ou seja, muitos deles tiveram de enfrentar dificuldades, procurando novas formas de subsistência.

Riesser se autodenominava representante de uma nova geração de judeus que se proclamavam alemães patriotas, orgulhosos de seu judaísmo.

O período entre a data da elaboração da pretendida constituição em fins de 1848 até 1850, quando foi aprovada exclusivamente dentro do pensamento do Kaiser Friedrich Wilhelm IV da Prússia, foi chamado de Governo Provisório. Desse governo participou também o famoso historiador da Antiguidade, Johann Gustav Droysen (1808-1884), que fora professor de Felix Mendelssohn Bartholdy (1809-1847), neto de Moses Mendelssohn. Droysen ocupava o cargo de Secretário do Comitê de Redação da Constituição. Acreditando que a Constituição fosse ser aprovada, os judeus se sentiram inseridos na vida alemã. Defenderam a Alemanha em situações adversas pelas quais o país passou. Entretanto, aos judeus ficaram vetados os cargos públicos de juízes, professores em colégios do Estado e outros. Houve mais um recurso que impedia os judeus de se empregarem: era a justificativa governamental de que o tipo da “personalidade” do judeu não se adequava ao cargo (forma expressiva do preconceito arraigado). Havia mais uma série de alegações subjetivas desse tipo. Os governantes declaravam, também como desculpa, que não poderiam ir contra a opinião pública geral, o que era uma contradição, visto tratar-se de um governo autoritário e despótico.

A data da *Vormärzrevolution* marcou uma época de mudanças na Alemanha, quando as imposições do período da Restauração tinham mostrado seu esgotamento. O jogo de forças em torno do poder mostrava que tinha surgido um novo movimento, não só a partir da massa dos trabalhadores, mas da parte da sociedade exigindo e questionando o direito à democracia. Desde

1776 os EUA tinham se tornado uma Confederação de Estados Republicanos. A Alemanha continuava atrasada no tempo, também em relação à Inglaterra e à França.

O historiador alemão Hans-Ulrich Wehler (1931-2014) se destacou como um dos primeiros no século XX a criticar a política centralizadora que tinha sido adotada por Bismarck. Inicialmente foi recriminado por enfatizar o papel arrogante do *Minister-präsident*. Historiadores atuais fundamentam que a Unificação da Alemanha foi devida, em especial, à criação e à evolução do *Zollverein* (União alfandegária) que teve início em 1834 nos Estados do Norte, liderados pela Prússia e à instalação concomitante do sistema ferroviário alemão.

Figura 13 – Chanceler Bismarck em entrevista com o Kaiser Wilhelm I.

*Xilogravura colorida,
Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz*

Hoje, essa estrutura comercial é mais valorizada do que os decretos firmados pelo general Otto von Bismarck (1815-1898) em 1871, que tinham sido estabelecidos “de cima para baixo”, sem debate parlamentar.

Wehler, por sua vez, elencou seis motivos que teriam contribuído para o fracasso da Revolução Alemã de 1848:

1. O sucesso inicial fez os revolucionários aliar suas forças de maneira excessiva, subvalorizando as forças reacionárias. Enquanto os liberais ficaram satisfeitos com as conquistas alcançadas, os democratas queriam o avanço da Revolução para poder assegurar melhor as conquistas, o que dividiu o movimento. As reformas agrárias foram feitas logo no início da Revolução, satisfazendo dessa forma as classes dos proprietários rurais, que a partir daí se afastaram dos anseios da Revolução.
2. Os liberais não eram revolucionários autênticos, pois temiam o anarquismo dos movimentos populares. Sua aspiração era seguir somente os caminhos consagrados, sem romper de maneira radical com o passado.

3. Os liberais e os democratas absorviam o traquejo da atividade política de forma muito lenta. Além disso, qualquer aliança entre eles não teria sido bem-sucedida em relação ao poder e à força da contrarrevolução do governo, do exército e da aristocracia.
4. O desenvolvimento das diversas regiões da Alemanha não era linear e havia muitas tensões entre o chamado “centro” e a “periferia”.
5. Faltou uma “aliança vigorosa” das diversas forças revolucionárias que tivessem conseguido vencer o inimigo. Àquela época, ainda não tinham despontado classes sociais com habilidade para negociar, que teriam alcançado uma coalisão contra a antiga ordem.
6. O avanço da modernidade afastava os opositores.

2.5.2 O período entre 1848 e 1869: caminhos para a Unificação alemã em 1871

No âmbito da Confederação de Estados Alemães, o período da Revolução de 1848 tinha deixado claro o desejo de unificação nacional, sob um Estado democrático. O General Otto von Bismarck ocupava o cargo de *Minister-Präsident* da Prússia, atuando diretamente abaixo do monarca, o então Príncipe Wilhelm. Visando a alcançar a unificação nacional Bismarck promoveu três guerras, ao invés de ouvir a voz dos parlamentares, que se reuniam na *Paulskirche* de Frankfurt am Main. Em 1864 travou uma guerra juntamente com a Áustria, em que se apossaram da região de Schleswig-Holstein ao Sul da Dinamarca. Oito mil combatentes perderam a vida. A seguir, em 1866, Bismarck invadiu a Áustria. Desde a instituição da Federação alemã, em 1815, reinava uma guerra de bastidores entre a Prússia e a Áustria. Bismarck mostrou então aos austríacos que a Alemanha era mais poderosa, ação essa para a qual contou com o apoio de Napoleão III da França. Mil soldados judeus participaram da guerra. Ainda a seguir, Bismarck travou outra guerra contra a própria França de Napoleão III em 1870, em que 120 mil homens perderam a vida. Dentre os combatentes alemães, 6.000 eram judeus, sendo que 448 sucumbiram. Bismarck, mesmo sendo um grande estrategista militar mostrou-se incompetente no âmbito diplomático e extremamente prepotente em relação à França⁸³. Foram cobradas altas taxas indenizatórias, que a França pagou até 1873.

⁸³ O que veio a se refletir contra a Alemanha, em forma de revanchismo após a derrota alemã de 1918. As pesadas somas de dinheiro com que a Alemanha teve de indenizar a França colaboraram para que o governo alemão perdesse o controle da economia.

Em 1871, após as três guerras promovidas, Bismarck mostrou seu poder, e unificou o Estado Alemão, mantendo seu estilo despótico: de “cima para baixo”. Seu espírito belicoso e autoritário não se coadunava com uma assembleia representativa, e ele não se abria aos interlocutores. Entretanto, grande parte dos alemães apreciava ter um líder autoritário e nem se davam conta como eram por ele usados.

Em relação aos judeus, a sociedade alemã os tratava como um povo separado, mesmo após a Unificação de 1871. Consta que os alemães, os protestantes em especial, tinham dificuldade em aceitar o pluralismo, e não conseguiam aceitar a ideia de que os judeus não tinham a intenção de se converter ao cristianismo⁸⁴. A década de guerras gerou um espírito de superioridade bélica, mesmo tendo sofrido muitas baixas e tendo estendido a pobreza do povo alemão. Hoje é possível avaliar o quanto essa mentalidade foi nociva para a sociedade alemã. A população estava acostumada e gostava de acatar as resoluções do líder, não só carismático, mas também autoritário⁸⁵. A instituição da guerra constituía-se em importante fonte de emprego junto ao Estado durante o período que antecedeu o crescimento econômico da Alemanha proveniente do sistema industrial⁸⁶. Apesar do sentimento de superioridade bélica, as guerras empobreceram a nação alemã. Ao mesmo tempo em que a guerra era uma fonte de empregos, ela deixava a nação sob um pesado estado de penúria, em que as crianças morriam devido à escassez de alimentos, e demais cuidados.

Na busca de entender a gênese do nacional-socialismo na Alemanha no século XIX, remetendo ao problema dos tecelões de 1844, pode-se notar, que para uma parcela da população, a vida transcorria de maneira extremamente difícil. Chegava-se ao absurdo de ser preferível passar um período na cadeia, onde havia comida, do que em casa.

Apresentando o problema de maneira figurada, há dois pontos a ressaltar: os judeus foram se beneficiando gradativamente de sua inclusão na sociedade, tanto do ponto de vista comercial, quanto da evolução nos estudos. Nos negócios, os judeus foram trabalhando e desenvolvendo as atividades que conseguiam. Quanto à universidade, sabe-se que, para os judeus se tornarem professores universitários, havia a imposição da conversão religiosa⁸⁷. Karl Marx foi convertido

⁸⁴ Essa pressão para os judeus se converterem vinha desde o tempo de Martinho Lutero.

⁸⁵ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

⁸⁶ A chegada da industrialização trouxe um novo cenário sociopolítico econômico.

⁸⁷ É sabido que o primeiro reitor judeu na Alemanha foi Ernst Cassirer na Universidade de Hamburgo em 1919, já na República de Weimar.

pelos próprios pais, e foi criado em ambiente luterano. Edmund Husserl (1859-1938) e Victor Klemperer (1881-1960) converteram-se para poder ocupar cargos universitários, assim como muitas outras pessoas. Mas, o *mainstream* judaico não pretendia se converter.

2.5.3 “Era Liberal” para os judeus

O príncipe da Prússia, Wilhelm (1797-1888), tornou-se rei logo após a morte de seu irmão mais velho Friedrich Wilhelm IV, passando a herdeiro do trono em 1861. Ocupou o cargo de Presidente dos Estados do Norte da Alemanha entre 1867 e 1871. Auguste, sua esposa, muito culta, era dotada de pensamento mais evoluído do que o marido. Por sua influência, começou a assim chamada “Era Liberal”, propícia para os judeus alcançarem seus anseios de direito ao livre-arbítrio político. Os judeus usufruíram também de avanços técnicos e econômicos. O coroamento dessa nova “Era” foi a nova promulgação da Lei da Emancipação dos Judeus nos Estados da Prússia e do Norte, em 3 de julho de 1869, por ato do mesmo rei Wilhelm, sob influência da Princesa Auguste. Quando houve a promulgação do Édito Riesser já havia falecido. O Édito foi recebido com grande alegria. O historiador Leopold Zunz qualificou essa equiparação à alegria que teriam sentido se tivesse ocorrido o milagre da chegada do Messias⁸⁸.

Figura 14 – Refugiados judeus da Europa Oriental.

Bar-Kochba-Zeitschrift,
1.10.1920

A unificação política do país deveria ter ocorrido logo após o período napoleônico, entretanto naquele momento a Alemanha fora dominada pela onda nacionalista. Mas, as pessoas ligadas ao poder dominante, os príncipes, duques, condes, barões e outros quiseram restaurar seu antigo poder perdido, instituindo o que se convencionou chamar de Restauração, que ficou nas mãos

⁸⁸ O historiador Leopold Zunz foi o fundador da primeira Sociedade para a Cultura e Ciência do Judaísmo. Apesar de ter sido órfão e de ter passado por dificuldades durante toda a sua longa vida, conseguiu doutorar-se em 1821, na recém-criada Universidade de Berlim. A partir de 1822, dirigiu a revista *Zeitschrift für die Wissenschaft des Judentums*. Zunz, assim como os pupilos de Mendelssohn, procuraram introduzir a escrita alemã para os judeus recém-saídos do gueto. Zunz foi um dos judeus que melhor conseguiu mobilizar os demais judeus, quando dos ataques antissemitas do movimento Hep-Hep de 1819 na época da Restauração. E foi quem incentivou o poeta Heinrich Heine a escrever o conto *O Rabi de Bacherach*, que foi publicado somente em 1840.

do general Metternich, que não aceitava a ideia de uma Alemanha unificada e fortalecida. Para conseguir unificar a Alemanha, Bismarck empreendeu três guerras, sendo a última contra a França. A forma que Bismarck encontrou para a Unificação foi por meio da demonstração de sua supremacia bélica. Houve insatisfação por parte das vinte e cinco regiões unificadas, porque esperavam uma união interna entre eles. O que se viu foi uma atitude prepotente, sem diálogo. A coroação de Wilhelm como primeiro Kaiser do Segundo Reich se deu no Salão dos Espelhos

Figura 15 – Coroação do Kaiser Wilhelm I no Salão dos Espelhos, Versalhes, 18.01.1871.

Alamy Stock Photo - D2FK65.

no Palácio de Versalhes em 18 de janeiro de 1871. Foi mais um gesto pretensioso de Bismarck em relação aos franceses. O Kaiser tinha se colocado contra essa atitude, mas acabou cedendo ao seu *Minister-Präsident*. Finalmente, na Constituição Alemã de 1871, os judeus receberam sua almejada equiparação civil. Em seu livro sobre Fustel de Coulanges o historiador francês François Hartog descreveu as anotações de Coulanges sobre a derrota da França⁸⁹.

2.5.4 Segunda Onda antissemita

A partir de 1871, ano da Unificação, os judeus sofreram o que veio a ser denominado de Segunda Onda antissemita. As pessoas que se posicionavam contra os judeus proclamavam que eles representavam um Estado dentro de outro Estado e não poderiam desfrutar dos mesmos

⁸⁹ HARTOG, François. *O Século XIX e a História. O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

direitos do restante da população. A esse respeito, Riesser tinha deixado um texto mostrando que era um pensamento infundado, pois o judaísmo era uma ideia, e não uma nacionalidade.

Em vários momentos da história judaica, os não judeus incriminaram a “coesão” existente dentro do povo judeu. Sob coesão judaica entende-se os elos da corrente milenar aos quais grande parte dos judeus se sente inserida.

Em meados do século XIX, a grande maioria dos judeus da Europa Ocidental tinha deixado a ortodoxia de lado e agora seu estilo de vida se assemelhava ao da grande maioria dos demais alemães, mesmo mantendo fidelidade à religião judaica. Estavam mais vinculados à cultura alemã do que à judaica. Apesar dos ganhos de liberdade, eram mantidas as restrições a algumas profissões. Em sua maioria, os judeus pertenciam às comunidades liberais e poucos à neo-ortodoxia. O problema é que não se conseguia uma normalização em relação às profissões, à entrada nas universidades e à carreira acadêmica, jurídica. Na prática, a situação teve uma melhora durante a regência do futuro Kaiser Wilhelm I (1797-1888), que liberou a área advocatícia para os judeus. Riesser publicou dois textos sobre a falta de equiparação jurídica (ele falecera em 1863, ou seja, nem soube dessa liberação, tampouco da Emancipação de 1869). Levin Goldschmidt, intelectual judeu de Berlim, conseguiu entrar na universidade sem precisar se converter, mas em Heidelberg, não em Berlim onde desejava. Por essa razão, grande contingente de judeus abriu mão de ser acadêmico, não aceitando a prática da conversão, como Berthold Auerbach, Raphael Loewenfeld (1856-1910), eslavista, professor e primeiro tradutor do russo de livros de Leon Tolstói e outros que também recusaram converter-se.

Naquela época, importantes rabinos, pensadores, historiadores, escritores e jornalistas judeus procuraram formas de compatibilizar o pensamento de *Deutschum* e *Judentum*, como o historiador Zunz, Yomtov Lipman de nascimento⁹⁰.

Grande parte dos judeus tinha substituído sua fé religiosa do tempo do gueto pela *Bildung* alemã (formação e cultura) e pelo *Fortschritt* (progresso e modernização), que agora seriam os representantes da nova redenção judaica. A centralidade do ideal da *Bildung* era fundamental para a consciência judaico-alemã: *Bildung* (formação e cultura) era sinônimo de *Judentum*. Esperava-

⁹⁰ É o mesmo historiador que convidou Heine a participar do grupo de defesa judaico que existiu entre 1820 e 1825. Heine pesquisou a história judaica da Idade Média e escreveu o famoso conto *O Rabi de Bacherach*, a partir da participação no grupo.

se que o judaísmo fosse encontrar seu espaço em uma sociedade culta e esclarecida, por meio da qual os judeus entendiam existir a pretensa simbiose judaico-alemã. O livro *The crisis of German Ideology* de George Lachmann Mosse é esclarecedor a respeito da ideologia “*völkisch*”⁹¹.

Em 1873, já havia fortes pressões da industrialização, causando uma crise econômica profunda. A recém-implantada unidade nacional não estava cumprindo os almejados objetivos. Surgiu um clamor por uma revolução alemã contra o rápido crescimento da industrialização na Alemanha, em que empregos eram extintos, devido ao avanço das novas tecnologias, semelhante à época atual.

Desde o final do século XVIII, a palavra *Volk* significava o conjunto de pessoas portadoras de uma essência transcendental (natureza, cosmos ou mito). Essa essência representava seu profundo sentimento de interioridade, que ligava o indivíduo aos demais membros do *Volk*. As verdades realmente importantes teriam de ser encontradas sob o manto do palpável, na mística. Como a paisagem, o local da existência era de importância crucial; o judeu de antemão já passara a ser um inimigo, pois era originário de um solo árido, do deserto, faltando-lhe interioridade para que pudesse alcançar a transcendência. Os alemães, em vista de viverem sob a sombra das florestas, seriam os verdadeiros *Lichtmenschen*, aqueles que buscam a luz do sol, aqueles dotados de luz. A teoria *völkisch* começou a surgir por volta da data das revoluções de 1848. Os jovens foram envolvidos por esse pensamento em vários tipos de excursões ao campo. O pensamento *völkisch* lançou as sementes do pensamento nacional-socialista. Mas, na verdade este pensamento tinha se iniciado, se for possível chamar assim, em 1817, após as guerras napoleônicas, que, em um brado de nacionalismo, jovens queimaram livros que não eram alemães ao subirem a montanha de Wartburg. Dentre outros, havia livros do autor judeu Saul Ascher, que foram queimados. O que levou Heinrich Heine a proferir a famosa frase premonitória sobre o futuro de um povo que queima livros: “Em breve estarão também queimando seres humanos”.

Para o pensamento *völkisch* cultura e civilização eram coisas distintas. Enquanto a cultura possuía uma alma, a civilização, *die Zivilisation*, seria o pior estado de que a humanidade seria capaz. A cultura estava envolvida no pensamento do enraizamento, que abraçava a ideia da unidade, em contraposição a um parlamento, fruto da *Zivilisation*. Aqueles que a Revolução

⁹¹ MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology – Intellectual Origins of the Third Reich*. Nova York: Howard Fertig, 1998.

Industrial tinha apertado contra a parede, eram os pequenos comerciantes varejistas, que se viam em dificuldades econômicas e que se opunham ao conceito de civilização. A eles se juntaram os artesãos, bem como os pequenos agricultores. Desejavam uma revolução alemã, não queriam perder o status que tinham alcançado, trabalhando duramente em seus negócios. Ansiavam por uma revolução espiritual, sem alterar as estruturas da Alemanha. A Alemanha alcançou sua “verdadeira” revolução espiritual por meio do nazismo. Nesse aspecto, o judeu representava legitimamente o inimigo, sequioso da modernidade. Após a Unificação, em 1871, grande parte do *Reichstag* (Parlamento) estava restrito a puramente assinar termos enviados pelo chanceler Bismarck⁹². Tinham pouca liberdade para se pronunciar na política governamental. O *Reichstag* tinha quase nenhuma liberdade de atuação. Vigorava a ditadura de Bismarck. Os partidos conservadores se opuseram a uma liberdade parlamentar, obedeciam ao Primeiro Ministro.

2.5.5 Os judeus e a *Bildung* (formação e cultura)

A partir de 1810, teve início em Berlim a prática do judaísmo reformista, visando à adequação e à integração nas sociedades locais. Os judeus não queriam ser vistos como “estrangeiros”. No campo religioso, algumas comunidades começaram a fazer a pré-dica do *Shabat* em alemão. O rabino era denominado pregador, ou *Prädiger* em alemão. A cerimônia da *barmitzvá*⁹³ era feita aos 15 anos, em um domingo, quando se juntavam os meninos e as meninas, de maneira semelhante à “confirmação” luterana. Mas, grande parte das comunidades não aderiu a esse sistema⁹⁴. O rabino Samson Raphael Hirsch, de Frankfurt am Main, encontrou uma terceira via: a neo-ortodoxia. Procurou integrar a Torá e a ortodoxia à vida social moderna, mantendo o compromisso com os ensinamentos judaicos. Outra parcela de judeus optou pela conversão, em menor número. Uma parcela maior escolheu se aculturar e viver de maneira semelhante aos

⁹² Os famosos “cumpra-se”.

⁹³ Cerimônia religiosa judaica em que, aos treze anos, o rapaz passa a fazer parte do mundo dos adultos.

⁹⁴ OELSNER, Miriam B. P. *A linguagem como instrumento de dominação: Victor Klemperer e sua LTI, a linguagem do Terceiro Reich*. Dissertação (mestrado). Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

demais cidadãos, sem abandonar o judaísmo. Esperava-se que o judaísmo fosse encontrar seu espaço em uma sociedade culta e esclarecida.

Os judeus perceberam que sua entrada na sociedade alemã passava pela *Bildung*, pela qual se deixaram capturar de maneira mais intensa do que os próprios alemães. A *Bildung* é também a busca pela verdade, de alguém que se emancipou dos dogmas religiosos, mas permanece à procura de um sentido para a existência, à procura da interioridade e dos sentimentos sublimes. A liberdade física e a independência de pensamento são a base do ideal de *Bildung*, que se fundamenta no pensamento autônomo e, ao mesmo tempo, numa emancipação e libertação da sublimidade, que deixa de ser dominada e manipulada pelas instituições e pelos dogmas religiosos. *Bildung*, assim, é o resultado da exploração infinita de novos conhecimentos.

Registro aqui um breve relato do papel do escritor judeu Berthold Auerbach (1812-1882), que viveu sob o ocaso do Iluminismo e acreditava estar vivendo em uma sociedade culta e esclarecida. Foi um escritor importante na comunidade judaica, e era também valorizado como pensador, para além do mundo judaico. Auerbach se distanciou da ortodoxia da casa de seus pais ao estudar a obra de Baruch Spinoza (1632-1677). Dedicara importante tempo de seus estudos à biografia desse pensador da modernidade. Traduziu parte da obra de Spinoza e escreveu um romance sobre a vida e a obra dele. A obra de Auerbach visava à tolerância religiosa e à integração do judeu na sociedade, sob o marco da *Bildung* alemã. Conheceu o sucesso de seus livros em vida. Auerbach criou uma frase lapidar: *Das alte Religionsleben geht von der Offenbarung, das neue von der Bildung aus* (A antiga vida religiosa partia da revelação, enquanto a nova irradiava da *Bildung*). Para Auerbach o sentido da *Bildung* era: “a entrega e a liberação interior do homem, equivalente a seu verdadeiro renascimento”.

Figura 16 – La fin du sabbath.
Dat. 1901.

Pinterest/ ✨Liel / Judaísmo

A partir dele começou-se a usar a expressão “aperfeiçoamento de si mesmo” e “valorização dos sentimentos interiores”. Seus livros sobre tolerância, de um modo geral, tiveram bastante sucesso, como foi o caso de seus *Dorfgeschichten* (Contos das aldeias), de 1843, em que valorizava a vida

pacata, no campo, a partir do seu próprio local de nascimento. Título de alguns de seus livros: *Spinoza, Dichter und Kaufmann* (Spinoza, poeta e comerciante) e *Schrift und Volk* (O povo e o livro). Auerbach escreveu um texto de grande significado sobre Robert Blum (1808-1848), o mártir da *Märzrevolution*. Entretanto, seus leitores foram seduzidos por outro tipo de literatura, em fase de surgimento: a literatura *völkisch* (raiz nacional do povo), era uma ideologia que conduziu ao antissemitismo. A tristeza de sua vida foi justamente o crescimento do antissemitismo nas décadas finais do século XIX. Transcrevo excertos de cartas que trocou com amigos ao final de sua vida em 1882, amargurado com o novo estilo das agressões, que surgiram subitamente contra os judeus, na década de 1870. 19.3.1880 A situação é desesperadora. Arrogância e antipatia contra os judeus por toda parte, só esperando a oportunidade de despontar. Então, os judeus continuam condenados a esperar que sobrevenha a catástrofe? Isso é uma forma de inquisição⁹⁵! Nós, judeus somos espionados para saber se possuímos as virtudes esperadas, como os cristãos de nascimento. Já os defeitos deles permanecem escondidos de todos...

23.11.1880 “Em vão vivi, em vão sofri!⁹⁶” É assim que vejo o debate que houve na Câmara dos Deputados sobre a “questão judaica”. É a minha convicção consolidada. E, mesmo que eu diga para mim mesmo, talvez não seja tão grave, permanece a terrível realidade, que essa grosseria, essa hipocrisia, esse ódio ainda sejam possíveis... A consciência que ainda se encontra fermentando nos alemães, e que poderá eclodir a qualquer momento, é uma ameaça da qual não conseguiremos escapar.

4.11.1881 Encontra-se *in flagranti* uma nova forma de ódio contra o judeu, que está em toda parte. A gente lê coisas que não imaginaria que pudessem ser publicadas de novo. Gente áspera, pessoas cheias de fanatismo e brutalidade. Penso que o cristianismo se excedeu em sua mania de perseguir os *gents de lettres*. Tenho na minha frente uma brochura: *A influência destruidora dos judeus no Reich alemão*. Apesar de os editores estarem cientes de seu conteúdo mentiroso, não se envergonham de publicar. O que nos leva a ir atrás dos nossos irmãos de origem novamente... (Tradução nossa).

⁹⁵ A tragédia judaica já era pressentida durante a Segunda Onda antissemita.

⁹⁶ A frase comentada por Gershom SCHOLEM In *O Golem, Benjamin, Buber e outros justos: Judaica I*. São Paulo: Perspectiva, 1994. p. 203.

Dentre os contemporâneos de Auerbach se encontrava o filósofo kantiano Hermann Cohn, pouco mais jovem, que era um daqueles pensadores judeus que defenderam a ideia que os judeus tinham direito à cidadania, tais quais católicos e luteranos:

Nós, judeus alemães, encontramos-nos em uma posição favorável, pois podemos influenciar o restante dos judeus no mundo por meio de nossa cultura alemã, por meio da *Wissenschaft des Judentums* (ciência do judaísmo) e de nossas reformas religiosas. Nossos próprios intelectuais expressaram a síntese do messianismo judaico e do humanismo alemão e estamos procurando transmitir esses valores para nossos irmãos em outros países. Nossa alma se encontra simetricamente equilibrada entre nosso patriotismo alemão e nossa consciência religiosa⁹⁷. (Tradução nossa).

2.6 A VIDA JUDAICA NA ALEMANHA A PARTIR DA UNIFICAÇÃO

Antes da Unificação a diversidade existente entre os 350 pequenos reinados, principados, ducados, condados, baronatos, e bispados ordenados em 25 regiões geográficas proporcionou que não houvesse um pensamento coeso a respeito dos judeus. Mesmo assim eles foram humilhados em quase todos os 350, até pelo excesso de impostos que tinham de pagar a mais que os demais cidadãos.

Os judeus esperavam que sua emancipação civil, fruto da Unificação, e sua respectiva constituição fosse finalmente lhes trazer um período de paz e tranquilidade. Esperavam ser aceitos pela sociedade como cidadãos comuns, como todos os demais. Entretanto, não foi esse o cenário que encontraram. Após a Unificação, as reações que surgiram representaram um choque inimaginável para os judeus.

A comunidade judaica, de modo geral, que nunca atingiu mais do que 1,4 % da população alemã, realizou grande esforço para estar entrosada da melhor forma possível com os “alemães não judeus”. Os cuidados referentes ao culto sinagoga e à fé foram substituídos por cuidados com o bem-estar da comunidade e com o serviço social. Pelas palavras do historiador e rabino Ismar Elbogen (1874-1943) as comunidades passaram a ter poucas sinagogas, poucas escolas, nenhum estímulo para atividades judaicas, pois nenhuma pessoa culta se interessaria por elas. Individualmente, foram desenvolvidos esforços, como foi o caso do historiador Heinrich Graetz

⁹⁷ COHEN, Hermann, in: BARKAI, Avraham. *Der Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893–1938*, Munich, 2002, p. 92.

(1817-1891), que escreveu a *História Judaica* em onze volumes. A intenção da maioria não era de se converter ao cristianismo, mas de permanecer, porém, sem ser de maneira praticante, voltados à vida cultural e à modernidade.

O ano de 1871, ano da criação do Segundo Reich, foi também chamado de *Gründerzeit* (época dos fundadores). Houve contrastes entre a Renânia liberal – Frankfurt am Main – e a Prússia aristocrática – Frankfurt an der Oder – e naquilo que pode ser chamado “o colapso da revolução burguesa na Alemanha de 1848”. Não foi um “fracasso”, mas uma trajetória singular na universalidade da formação do capitalismo. O objetivo da Revolução de 1848 tinha sido redigir uma constituição para uma Confederação de Estados, copiando aquela dos Estados Unidos da América, com ampliação de mais direitos para os cidadãos. Foi uma forma particular que trouxe nova contextualização para concepções medievais⁹⁸ e impediu que as formulações de caráter universalista do Iluminismo ganhassem concretude histórica completa no solo alemão. Ou seja, justamente a Alemanha, que tinha sido uma das matrizes do Iluminismo, não conseguiu incorporar esses mesmos valores ao cotidiano⁹⁹. Repetindo a frase do personagem criado por Jakob Wassermann, citado na nota abaixo: “Meu pai se orgulhava da emancipação, uma hábil invenção que tira ao oprimido o direito de queixar-se”. Os valores ficaram restritos a uma elite cultural, pensante, sendo parte dessa elite composta por judeus, que perseguiram e se enquadraram ao conceito da *Bildung* (formação e cultura).

No início do capítulo 3 será feita menção à elite cultural pensante de não judeus que se mobilizou contra o “mal do século”, o antissemitismo, e instituíram, em 1890, uma associação contra o antissemitismo: *Verein zur Abwehr des Antisemitismus* (Associação para a defesa contra o antissemitismo). Os ativistas de maior destaque foram o historiador Theodor Mommsen (1817-

⁹⁸ Referência aos mitos medievais, “judeu envenenador de poços”, por exemplo.

⁹⁹ Aqui cabe uma nota sobre o texto do crítico literário Gershon Shaked (1929-2006) a respeito do papel do Iluminismo na vida dos judeus alemães (SHAKED, Gershon. *Sombras de Identidade*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 85). Transcrição de palavras do personagem Waremm-Warschauer *O processo Maurizius* de Jakob Wassermann (1873-1934) (WASSERMANN, Jakob. *Der Fall Maurizius*. Berlin: S. Fischer, 1928): “Eu era filho de pais judeus, a segunda geração de cidadãos gozando de direitos civis. Meu pai não tomara conhecimento ainda de que a situação de aparente igualdade de direitos era, no fundo, apenas tolerância. Gente como meu pai, uma excelente pessoa, pairava religiosa e socialmente no vácuo. A velha fé, já não a possuía mais; aceitar outra, isto é, a cristã, eles se recusavam, em parte com boas e em parte com fracas razões. O judeu quer ser judeu. O que é isso: judeu? Ninguém o explica a contento. Meu pai se orgulhava da emancipação, uma hábil invenção que tira ao oprimido o direito de queixar-se”.

1903), Prêmio Nobel de Literatura em 1902 por sua *História de Roma* e a extraordinária baronesa pacifista Bertha von Suttner (1843-1914), Prêmio Nobel da Paz em 1905.

Cabe ressaltar que o antissemitismo sistemático do final do século XIX tinha o papel de impedir a influência socialista entre a classe trabalhadora.

Ao aplicar a “teoria do holofote”¹⁰⁰ sobre o judeu intelectual de classe média de tendência liberal ou socialista ou sobre os eventuais grandes banqueiros, Erich Auerbach escreveu que essa teoria silenciava a massa judaica proletarizada e impedia a constituição de vínculos políticos maiores

Figura 17 – O grande desfile no campo de Tempelhof em 7 de setembro de 1873.

Kaiser Wilhelm I da Alemanha, Kaiser Franz Joseph da Áustria, Kaiser Alexander II da Rússia.

Xilogravura de Hermann Lüders (1836–1908).

Aus: *Illustr. Ztg.*, 28.9.1872.

entre os explorados.

Após sua Unificação, em 1871, a Alemanha recebeu cinco bilhões de francos franceses como reparação de guerra da França, país perdedor da guerra franco-prussiana¹⁰¹. A entrada desse alto volume de recursos trouxe um *boom* econômico ao parque industrial alemão. Supõe-se que a erradicação do analfabetismo seja uma das possíveis causas do grande desenvolvimento tecnológico na Alemanha.

Ao mesmo tempo o ritmo de industrialização da Alemanha se tornou mais acelerado do que do inglês, possivelmente, devido ao grande desenvolvimento técnico¹⁰².

Os anos de 1871 a 1873 foram chamados de *Gründerzeit* (era dos fundadores do Segundo Reich, bem como de fundação de impérios políticos e econômicos). Com a entrada dessa soma vultosa, a Alemanha conseguiu quitar uma série de débitos existentes. Ocorreu uma verdadeira revolução de hábitos na Alemanha. A Bolsa de Valores permitiu o acesso a pessoas de todas as classes

¹⁰⁰ AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

¹⁰¹ STERN. *Gold and Iron. Bismarck, Bleichröder and the Building of the German Empire*. New York: Random House, 1979, p. 181.

¹⁰² ALY, Götz. *Why the Germans, why the Jews? Envy, Race Hatred, and the Prehistory of the Holocaust*. New York: Henry Holt and Company, 2014.

sociais, na aquisição de ações¹⁰³. Houve uma imprudência generalizada, totalmente em desacordo com o perfil habitual dos alemães. Não perceberam que o valor das ações subia de forma desproporcional ao crescimento do parque fabril, e sua queda vertiginosa não tardaria a vir. Portanto, após o *boom* ocorreu uma quebra de grande amplitude nesse mesmo parque fabril.

As três guerras mencionadas trouxeram dificuldades econômicas insuperáveis, além das perdas de um contingente de vidas humanas. Acrescidas a estes problemas houve também más colheitas, o que ocasionou perdas financeiras à aristocracia agrária *Junker*. Grande parte da população sofreu uma piora real em seu padrão de vida. Ao mesmo tempo, parcela significativa de judeus ia encontrando maneiras de evoluir em sua organização econômico-financeira, dentro do âmbito restrito de profissões a que tinham direito de exercer. Sabe-se que, dentre alguns membros da aristocracia agrária *Junker*, após essas grandes perdas financeiras, houve aqueles que não se oporiam se algum filho ou filha pudesse se casar com membros de famílias judaicas bem situadas financeiramente¹⁰⁴.

Os avanços sociopolítico-econômicos de cada região eram diferentes entre si. Dessa forma, o impacto trazido pela mudança do mundo agrário para um mundo mais automatizado e moderno foi mais forte do que nos países em que o avanço tecnológico vinha ocorrendo de maneira gradativa, como na Inglaterra, por exemplo. Além do quê, é sabido que o povo alemão, de modo geral, pode ser visto como rígido, para o qual é mais difícil aceitar inovações e alterações em seu cotidiano. A partir das inovações tecnológicas, começou a surgir uma divergência entre os alemães e os judeus alemães. Os alemães estavam presos a seus antigos hábitos, enquanto os judeus estavam justamente à busca das inovações, porque, tendo estado sempre alijados do sistema econômico, viam agora, fora do gueto, a oportunidade de adentrarem na modernidade. Eram dotados de mentalidade cosmopolita. Não viam razão para terem uma vida de restrições em pequenas localidades. Havia também judeus que viveram no campo e eram realmente mais retraídos, mas representavam uma minoria, segundo Toni Oelsner e Götz Aly. Entretanto, os prejuízos econômico-financeiros trazidos pelos anos do *Gründerzeit* ocorreram na mesma data em que os judeus tiveram sua emancipação civil promulgada. Não foi difícil para a grande

¹⁰³ Semelhante ao movimento da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) nos anos iniciais da década de 1970. Alguns haverão de se lembrar do fim desastroso da alta vertiginosa da Bovespa.

¹⁰⁴ ADLER, H. G., 1960.

maioria dos perdedores ver nos judeus a causa de sua desgraça. Os judeus também perderam muito dinheiro no mercado bursátil, mas o prejuízo dos judeus não era levado em conta.

Neste ponto do trabalho, a questão principal é a liberdade dos judeus, sua imensa alegria de terem recebido a tão almejada emancipação civil em 1869 e 1871; de eles terem se tornado alemães, com os mesmos direitos dos demais cidadãos. O pensamento liberal estava se transformando em menos judaico, pois uma parcela maior da população judaica estava alcançando padrão de vida econômico melhor, mais inserida na vida regular e ficou menos envolvida com a vida judaica fechada em si mesmo. Mas os judeus não tinham intenção de se converter, mas de se tornarem cidadãos inseridos na sociedade.

Da mesma forma que no início do século XIX, pequena parcela da população cristã alemã, dotada de formação e cultura, tinha a visão de que os judeus deveriam ter os mesmos direitos que os demais cidadãos; havia, em meados do século, maior entrosamento entre os judeus e a sociedade em geral, que levou à segunda vitória no século, após o Édito de 1812, agora em 1869 e 1871, por meio da Constituição Alemã. Essas datas foram de importância vital para os judeus alemães. Entretanto, foram muito contestadas por seus opositores.

É fundamental destacar que serão esclarecidas questões estudadas pelos historiadores judeus alemães, emigrados para os EUA, devido ao nazismo: George Lachmann Mosse e Fritz Stern, que se dedicaram a conhecer a problemática do pensamento *völkisch*, e também de Götz Aly, nascido na Alemanha já no pós-guerra. Fritz Stern estudou a vida de Gerschon Bleichröder, o judeu que financiou todo o trabalho de Bismarck. A biografia de Bleichröder somente veio a ser alvo de estudos a partir de 1945.

No capítulo 3 serão estudados: a brochura do rabino Paul Rieger, de 90 páginas, em alfabeto Sütterlin, sobre os 25 anos iniciais do *Central Verein Deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*, recuperada em formato eletrônico; o final do século XIX e a ascensão do antissemitismo a partir das atitudes do capelão do Segundo Reich Adolf Stoecker; a análise do historiador Götz Aly ¹⁰⁵; além do ensaio de Alfred Hirschberg sobre Ludwig Holländer; dos livros de Avraham Barkai, Paul Mendes-Flohr; e de Yehuda Reinharz.

¹⁰⁵ ALY, Götz. ,*Why the Germans, why the Jews? Envy, Race Hatred, and the Prehistory of the Holocaust*. New York: Henry Holt and Company, 2014.

2.7 RESSURGIMENTO DO ANTISSEMITISMO

Este capítulo analisa o surgimento do antissemitismo quando não se esperava mais haver preconceito antijudaico após o decreto da Unificação; estuda os grupos de defesa contra o antissemitismo, em especial o *Central Verein* – CV e o grupo que se articulou para proteger os “irmãos do Leste”, liderado por Theodor Herzl. Será detalhada a atuação do CV durante a Primeira Guerra Mundial; o censo elaborado pelo governo alemão em 1916 para avaliar a adesão e a participação dos judeus na guerra; a inabilidade dos alemães e a mágoa dos judeus pelo ultraje causado pelo censo.

Foto 2 – Estréia mundial da peça Tambores na Noite, de Brecht.

Trommeln in der Nacht - na Munich Kammerspiele em 1922. Erwin Faber (centro) e Andreas Kragler. Deutsches Theater Museum de Munique.

A preocupação, entretanto, é estudar a situação dos judeus em meio a um ambiente hostil, e em face à ambivalência que era manter o *Deutschtum* (alemanidade) na vida pública, fora da comunidade judaica e o *Judentum* (judaísmo) na vida privada e comunitária.

Após a Unificação da Alemanha, em 1871, os judeus acreditavam que tinha chegado a hora de não serem mais molestados pelas agressões antijudaicas, pois a ansiada equiparação civil agora fora alcançada. Entretanto, contra todas as expectativas, aconteceu o inverso. Em 1873, teve início o que veio a ser chamado de Segunda Onda antissemita.

Ao final do Iluminismo, os alemães que viam os judeus como cidadãos de mesmos direitos já não existiam, a população não estava interessada em ser simpática aos judeus. A entrada dos

judeus na sociedade como cidadãos liberados acirrou os ânimos da massa. O povo judeu foi rechaçado por “romper” a *pax* estabelecida, passaram a ser vistos como aproveitadores da concessão recebida: “Saíram-se melhor do que esperado”, “o direito da equiparação civil foi concedido, mas não precisavam ter usufruído tanto desse direito”, essas eram as alegações externalizadas.

Logo após a Unificação, parte da população passou a ver os judeus como “estrangeiros”, que estariam maquinando uma conspiração, pretendendo dominar o mundo. Quando as características do povo judeu, de pretender ser um povo moderno, se tornaram mais conhecidas, os protestantes quiseram que os judeus sacrificassem sua fé, em troca da equiparação que lhes tinha sido concedida. Os alemães, especialmente os luteranos¹⁰⁶, não aceitavam o pluralismo: aceitar concidadãos de outro credo. Enxergavam os judeus como obscurantistas e sem luz. Para os judeus, portanto, permanecer judeu tornou-se questão de honra, mais que convencimento religioso. Os judeus que se converteram aguardavam aprovação silenciosa pelo sacrifício ao qual tinham se submetido. Era como uma ferida autoinflingida por se verem compelidos a acatar a religião dominante¹⁰⁷.

Por outro lado, havia muitas atividades que os alemães e judeus cultos apreciavam compartilhar entre si. Havia amizade entre judeus e não judeus, havia os colegas de trabalho, mas esse bom relacionamento era limitado a poucos, de mente mais aberta.

Para uma parcela dos imigrantes judeus do Leste Europeu, os chamados *Ostjuden*, a Alemanha do século XIX representava um “porto seguro”. Götz Aly, o historiador alemão muitas vezes citado, escreveu¹⁰⁸:

No século XIX, os judeus que emigraram para a Alemanha, vindos dos países do Leste Europeu sentiam grande alívio ao cruzarem a fronteira. Apreciavam a proteção jurídica, a liberdade econômica e as oportunidades oferecidas inicialmente pela Prússia e posteriormente pelo Segundo Reich. Diferentemente do Leste e Sudeste Europeus não havia mais *pogroms* antijudaicos na Alemanha. Não havia restrições governamentais, o que tornava a Alemanha atraente para a imigração judaica. Por volta de 1910, o

¹⁰⁶ STERN, 1977, p.472.

¹⁰⁷ MOSSE, G. L. *German Jews beyond Judaism*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1963.

¹⁰⁸ ALY, Götz. *Why the Germans? Why the Jews?* New York: Metropolitan Books, 2014.

número de judeus na Alemanha era o dobro do número na Inglaterra, e cinco vezes mais do que aquele da França. (Tradução nossa.)

O foco deste capítulo é o crescimento do antissemitismo e a apresentação dos principais antissemitas, a partir de 1873; o período da Unificação, que passou a ser chamado de *Gründerzeit* – Época dos Fundadores do Segundo Reich; focamos também o crescimento do antissemitismo até a criação do *Central Verein* em 1893, o CV, órgão de defesa criado pelos judeus, e também o CV durante a Primeira Guerra Mundial.

Em 1876, os judeus formavam 1,4% da população alemã. Essa taxa caiu para 0,6% na virada do século XIX para o XX. Mesmo assim, sua participação relativa era mais alta que na Inglaterra e na França. Entre 1820 e 1900 cerca de 170 a 200 mil jovens judeus emigraram para os EUA. Em 1933 os judeus representavam 0,77% da população alemã. Os dados não são menores porque houve a imigração dos judeus do Leste, procurando refúgio na Alemanha¹⁰⁹.

A segunda Onda Antissemita, a partir de 1873, atingiu plena expressão em fins dos anos 1880. Thomas Mommsen (1817-1903), historiador e Prêmio Nobel de Literatura em 1902¹¹⁰, juntamente de outros intelectuais não judeus, fundaram o *Verein zur Abwehr des Antisemitismus* (Associação para a Defesa contra o Antissemitismo) em 1890, contra a escalada antissemita. Judeus também se filiaram a essa Associação. Já o CV foi fundado em 1893, somente por judeus, para a sua própria defesa.

Em 1897, surgiu o movimento Sionismo Político, tendo sido criada a *Zionistische Vereinigung für Deutschland ZVfD* [Associação sionista para a Alemanha], que visava à defesa dos judeus contra os *pogroms* nos países a Leste da Alemanha. A ZVfD estava na busca de um Lar Nacional Judaico para esses perseguidos.

Com a função de ser um canal do CV, foi criado o *Verein deutscher Juden (VdJ)* – Associação dos judeus alemães (1904-1922), representando todo o coletivo judaico, a partir do CV. Em seu livro *Ein Vierteljahrhundert im Kampf um das Recht und die Zukunft der deutschen Juden* sobre os primeiros vinte e cinco anos do CV o rabino Paul Rieger¹¹¹ expôs as atitudes dos principais antissemitas na segunda metade do século XIX, e apresentou algumas atitudes que os

¹⁰⁹ BARKAI, Avraham. *Der Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893 – 1938*. Munique: Beck, 2002.

¹¹⁰ Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura por sua obra de História da Roma antiga.

¹¹¹ RIEGER, 1918.

judeus deveriam ter tomado para tentar evitar o que aconteceu, ao menos até 1918, ano em que o livro foi concluído e publicado.

Após a Unificação alemã a situação econômica ficou muito difícil para toda a população, pois havia sido despendido muito dinheiro com a guerra franco-prussiana. A vitória da Alemanha sobre a França induziu Bismarck a celebrar a coroação do imperador como Kaiser Wilhelm I em pleno Salão dos Espelhos de Versalhes¹¹². A Alemanha cobrou da França as reparações de guerra e recebeu a vultosa soma de cinco bilhões de francos franceses em um curto espaço de tempo. Houve várias investidas financeiras malsucedidas no sistema industrial alemão, assim como no austro-húngaro¹¹³. Ao mesmo tempo, as ações nas Bolsas de Valores internacionais estavam passando por altas em desacordo com a realidade e, em dado momento, houve um forte *crash*. O dinheiro recebido da França foi utilizado de maneira irrefletida¹¹⁴. Surgiram 928 novas empresas com fins especulativos e o dinheiro foi emprestado para a aquisição de ações de empresas, que não poderiam apresentar lucros tão altos no mesmo ritmo da especulação dos preços das ações, sendo um dos exemplos os investimentos feitos no sistema ferroviário. Houve uma corrida às Bolsas de Valores e as ações passaram por altas sem um lastro econômico correspondente, como já descrito. Pessoas desfaziam-se de seus bens para adquirir ações¹¹⁵. Foi quando os deputados judeus Eduard Lásker (1829-1884) e Ludwig Bamberger (1823-1899) perceberam o risco iminente da quebra das Bolsas e procuraram advertir a população¹¹⁶. Ao invés de serem ouvidos, foram acusados de estarem acobertando a situação e sonegando informações, quando sua preocupação foi no sentido contrário – evitar perdas maiores. A quebra que se deu nas Bolsas de Valores em 1873, na Áustria, na Alemanha e nos EUA, causou impacto negativo na sociedade, que estava condicionada a julgar os judeus como responsáveis pelos eventos negativos, inclusive o *crash* das Bolsas. Logo foi sentida a antipatia do ambiente geral, que culpava os judeus por mais essa bancarrota no sistema financeiro.

¹¹² Veja quadro em anexo.

¹¹³ Foi inaugurada a Exposição Mundial em Viena para a qual não foram poupados quaisquer recursos financeiros.

¹¹⁴ Veja quadro em anexo.

¹¹⁵ Da mesma forma que ocorreu no Brasil entre 1972 e 1974, em que foi enorme a avalanche de perdedores.

¹¹⁶ Em anos futuros o caráter de ambos os deputados veio a se tornar um paradigma para os judeus, como citado na biografia de Ludwig Holländer (1877-1936), que procurava seguir a postura ética dessa dupla de deputados Lásker – Bamberger.

Tendo havido empobrecimento generalizado, começou-se a levantar boatos contra os judeus. Otto Glagau (1834-1892), editor da revista antisemita *Die Gartenlaube* (O Caramanchão) disseminava mentiras, escrevendo: “Nove em cada dez especuladores são judeus”, e por aí afora.

A corrente antisemita de então é chamada de Segunda Onda antisemita. A Primeira foi nos episódios Hep-hep, de 1819.

A Segunda Onda antisemita teve a participação de pessoas importantes na sociedade alemã e austríaca. Além de Glagau, houve três personalidades de destaque que fomentaram o antissemitismo de maneira abominável. Foram eles o capelão da corte do Segundo Reich, Adolf Stoecker (1835-1909), o jornalista Wilhelm Marr (1818-1904) e o professor de História da Universidade de Berlim, Heinrich von Treitschke (1834-1896), sendo conservadores reacionários, fortes opositores da modernidade. Foram contrários à socialdemocracia, aos direitos dos trabalhadores e às inovações da industrialização, recebendo apoio maciço de Bismarck, bem como do Kaiser Wilhelm I. Em seu estudo *Antisemitism as a Cultural Code, Reflections on the History and Historiography of Antisemitism in Second Reich* a historiadora israelense Shulamit Angel-Volkov (1942)¹¹⁷ apresentou as análises de vários autores, e deixou claro que existiu uma linha direta entre o poder nefasto de Stoecker até Hitler, que era justamente o que ela veio denominar de *Cultural Code*.

Stoecker obteve o cargo de capelão da corte do Segundo Reich por ser antiliberal convicto, atuando sempre contra a modernidade. Tanto o Kaiser Wilhelm I, quanto Bismarck, temiam o progresso e a modernidade, pois ultrapassavam seu poder de compreensão, como de fato ultrapassaram. Não conseguiam entender as reivindicações da massa operária existente no crescente parque industrial. Era-lhes impossível compreender o papel da socialdemocracia incipiente, bem como a atuação do conjunto dos trabalhadores, que lutava por seus direitos trabalhistas e sociais, e a criação dos sindicatos. Quanto mais Bismarck ficava idoso, tanto mais ele passou a ser visto como autocrata irracional, tomando todos os tipos de atitudes para que as reformas sociais reivindicadas pelos industriários não pudessem se concretizar, mostrando destrato e falta de habilidade com os parlamentares.

¹¹⁷ VOLKOV, Shulamit. *Antisemitism as a Cultural Code. Reflections on the History and Historiography of Antisemitism in Imperial Germany*. *YLBI*, XXIII, 1978, pp. 25-46.

Stoecker mantinha acirrado o polêmico debate antissemita de Berlim, surgido após a quebra das Bolsas de Valores. Vivia cercado de pessoas simples e foi fácil incitá-las contra os judeus, pois essas pessoas sempre se lembravam daquele personagem desagradável do passado que viera cobrar os impostos, quando as famílias viviam no campo, além de outros motivos, como os mitos contra os judeus: “Judeu, assassino de Cristo”. Havia também certa imigração dos judeus do Leste, com seu aspecto arcaico, que trazia constrangimento até mesmo para o judeu urbanizado e, pode-se dizer, que causava repugnância à população já industrializada¹¹⁸. Stoecker via com maus olhos o declínio do número de fiéis que vinham a sua Igreja, e jogava a culpa dessa redução nos judeus¹¹⁹. No ambiente judaico, o número de fiéis que frequentavam as sinagogas também tinha diminuído. A fundação do CV ocorreu, em parte, em reação a uma das exigências de Stoecker: “cada família judia deveria batizar ao menos um de seus filhos ou filhas na Igreja Luterana”, pois uma parte ínfima da elite judaica começava a acatar sua proposta de adesão ao batismo. Essa adesão soou como um perigo iminente de esvaziamento do judaísmo, para o Dr. Raphael Loewenfeld (1854-1910). Loewenfeld foi importante eslavista e teatrólogo. Conviveu durante alguns anos com Leon Tolstoi na Rússia tornando-se seu tradutor para a língua alemã. Inaugurou dois teatros populares em Berlim, onde todos recebiam salário idêntico. Tomou atitudes muito ousadas, como a criação do CV.

Faz-se necessário acrescentar ainda aos grandes antissemitas daquela época o papa Pio IX (1794-1878) e um pouco mais tarde o prefeito de Viena, Karl Luëger (1844-1910). Além deles, o cavaleiro George von Schönerer que, mesmo sendo descendente da nobreza austríaca, tinha posição contrária à casa real dos Habsburgos, visando à constituição do pangermanismo: - sistema político que visava à congregação dos povos germânicos em um Estado único. A esses antissemitas devem ser adicionados o professor austríaco de teologia August Rohling (1839-1931), políticos como Hermann Ahlwardt (1846-1914) e outros. Como já mencionado a ideologia *völkisch* tornou-se uma das bases da ideologia nacional-socialista¹²⁰.

¹¹⁸ FRANZOS, Karl Emil. Escritor e jornalista judeu em Viena, nascido na Galícia, autor do livro: *Halb-Asien* (Semi-Ásia). In: OELSNER (2002).

¹¹⁹ A partir do Iluminismo as pessoas de um modo geral se comportavam com mais independência das Igrejas.

¹²⁰ MOSSE, George. L. Mesmo que a ideologia “völkisch” tenha sido desprezada por Hitler o nacional-socialismo é um movimento *völkisch*, que emana das raízes arcaicas do povo.

Em 1873, Wilhelm Marr publicou o folhetim *Der Sieg des Judentums über das Germanentums* (A vitória do judaísmo sobre o germanismo). Marr era um jornalista que estivera ligado inicialmente ao grupo dos socialistas. Dados seus problemas financeiros, e postas as dificuldades em geral, tornou-se um ativo lutador contra os judeus. Mudou seus conceitos e a partir do *crash* das Bolsas de Valores passou a empregar os neologismos “antissemita” e “antissemitismo” em seus textos jornalísticos¹²¹. Até então, a palavra semita era encontrada em dicionários referentes a estudos sobre o Oriente, sobre os judeus e outros povos descendentes de Sem. Ele inovou ao inverter e dar conotação negativa e restrita ao termo semita¹²². Seus motivos provinham sempre de argumentações financeiras. Em 1879, quando o folhetim já se encontrava em sua 12ª edição, criou a Liga Antissemita fundamentada em bases histórico-raciais procurando salvar a pátria alemã de judaização completa, quando se sabe que “os judeus nunca ultrapassaram 1,4% da população alemã”. A partir de 1880, Marr iniciou a publicação regular de seus *Antisemiten Hefte* (Cadernos Antissemitas). Ele conseguiu dar força à palavra “antissemitismo” e ela se instalou com facilidade nas mentes da população. O antissemitismo não era sentimento extemporâneo, tampouco era produto do capitalismo, termo empregado na época em consonância com a entrada do sistema industrial na economia, em oposição às antigas guildas. Entre seus adeptos se encontravam camponeses, artesãos e intelectuais. À época da criação dessa palavra, não se supunha que ela alcançaria a força e o poder conseguidos.

O nível social dos judeus abastados não desagradava as classes altas. Os demais membros da sociedade incriminavam os judeus pela introdução do processo de industrialização, já que eles nunca puderam participar de outras atividades. Havia muita gente imbuída dos mitos antijudaicos, tanto na cidade, quanto no campo, que não só não gostavam dos judeus, como sentiam medo deles.

Apresento o exemplo do escritor Jakob Wassermann (1873-1934), que foi expulso de seu emprego por seu patrão, aos 18 anos de idade, na cidade em que nascera, assim que o patrão soube que ele era judeu. Desempregado, Wassermann chegou a passar fome.

A Igreja Católica, por meio de Pio IX juntamente dos membros do movimento Ultramontano e do antimodernismo, teve graves desentendimentos com Bismarck, quando ele impediu o papa

¹²¹ Desde então, essa palavra expressa ódio, rancor e aversão aos judeus.

¹²² Quase um século e meio depois continua a ser termo com muito forte conteúdo antijudaico, como se somente os judeus fossem semitas.

de interferir no sistema educacional alemão, a partir de 1872. O desacordo, denominado *Kulturkampf* (batalha cultural) durou até a morte do Pio IX em 1878. Sendo luterano, Bismarck sentia-se molestado, porque o Papa proclamara sua infalibilidade, como católico, em 1870. Além disso, Pio IX proferiu discursos antijudaicos de comprovada eficácia, que foram amplamente divulgados pela imprensa católica em diversos países. É sabido que a Igreja Católica e a Luterana nunca chegaram a bons termos¹²³.

Dez anos antes da criação do CV, Treitschke e Stoecker instituíram o ‘Debate Antissemita de Berlim’, também chamado ‘Movimento de Berlim’, fomentando o acirramento do antissemitismo. Induziram seus seguidores a elaborarem uma *Antisemiten Petition*, ou seja, um abaixo-assinado contra os judeus. Em agosto de 1880, os políticos e professores Bernhard Förster, Ernst Henrici e Max Liebermann von Sonnenberg deram início ao abaixo-assinado, a *Antisemiten Petition*. Alcançaram cerca de duzentas e cinquenta mil assinaturas por toda a Alemanha, e a petição foi entregue, em mãos, de Bismarck. Treitschke corroborou com a elaboração dessa petição por meio de seus *Preußischen Jahrbüchern* (Anuários da Prússia). Eles pretendiam impedir a imigração de judeus vindos do exterior, queriam expatriar todos os judeus poloneses (*Ostjuden*), e demitir todos os judeus que tivessem alcançado cargos destacados no serviço público. Pretendiam também impedir a contratação de novos professores judeus para o Ensino Fundamental. Além disso, propunham que se fizesse novamente uma estatística judaica para cobrar imposto adicional dos judeus. O conjunto dessas medidas era a prova cabal de que tinham a intenção de desfazer as leis da emancipação judaica.

A esses antissemitas veio se juntar o professor universitário Paul Lagarde (1827-1891) que, em 1878, tinha escrito seus Textos Alemães, as *Deutsche Schriften*. Por meio desse livro, além de outros que escreveu, ele divulgava a doutrina *völkisch*, voltada à nação alemã, para que ela estivesse integralmente envolvida pelas raízes de seu local de nascimento. A base da ideologia de Lagarde era o pensamento *Blut und Boden* (sangue e solo)¹²⁴. Ela era permeada de supersti-

¹²³ RIEGER, Paul. *Ein Vierteljahrhundert im Kampfe um das Recht und die Zukunft der deutschen Juden*. Berlim: CV, 1918. Livro sobre os vinte e cinco anos iniciais do CV: *Um quarto de século na luta pelo direito e pelo futuro dos judeus alemães*.

¹²⁴ A ideologia “*Blut-und-Boden*” destacava a ascendência (o sangue) e o solo (nutrição e espaço vital), valorizava os antigos camponeses como elementos da verdadeira genealogia. Essa ideologia era proveniente do racismo e do nacionalismo, do final do século XIX, e se tornou elemento central do nacional-socialismo, cuja

ção, racismo, e do “verdadeiro” cristianismo alemão. Para essa ideologia, o correto era ser enraizado na cultura e no solo. O pensamento *völkisch* via o judeu como inimigo.¹²⁵ Para Lagarde, a nação seria uma essência espiritual, um ideal em torno do qual o povo se manteria unido. “O que estaria faltando era a verdadeira e genuína fé germânica dotada de misticismo, em contraposição ao materialismo e ao racionalismo”, que surgia em meio ao operariado fabril. Estes se filiavam à recém-surgida socialdemocracia, que “representava um empecilho ao florescimento das instituições nacionais, que iriam refletir a pureza dos sentimentos do povo”. “O povo carecia de um meio de ligação autêntico, que realinhasse as forças espirituais do Estado Alemão sob a ideologia *völkisch*. Lagarde pertencia ao Partido Deutschsoziale Partei fundado por Stoecker. O Partido Antissemita foi fundado por volta de 1890.

Fichte, Lagarde e Eugen Düring (1833-1921) podem ser considerados precursores fundamentais da ideologia nacional-socialista. Foi de Lagarde a ideia de expulsar os judeus da Alemanha para Madagáscar ou Palestina: “Não há nada para discutir com bacilos e triquinas, somente estraçalhá-los”¹²⁶.

Convém levar-se em conta de quanto era influente o ideário embasado na eugenia; certamente o evolucionismo oferecido por Darwin, acoplado às ideias de Lombroso e de Sheldon, deturpadas por Düring, puderam alimentar com fundamento, tomado por “científico” então, toda sorte de preconceitos raciais e discriminação. Düring preconizava o retorno dos judeus aos guetos.

A partir da petição contra os judeus, entregue a Bismarck, por conta do “Movimento de Berlim”, foram expulsos de volta para a Polônia 10 mil judeus e 25 mil demais poloneses entre 1885 e 1886. Uma das causas que facilitou a expulsão foi que, em 1842, a Prússia tinha instituído em sua jurisprudência o *jus sanguinis*, o que permitia que mesmo as pessoas nascidas na Alemanha, não tivessem a nacionalidade alemã, e sim a de seus ascendentes¹²⁷.

intenção belicista visava à proteção da própria raça (o sangue) legitimando a ampliação da própria nação, exterminando outros povos e se apropriando e garantindo o solo estrangeiro.

¹²⁵ O cristianismo convencional, miscigenado pelo sangue judeu de Cristo não servia para Lagarde, que desejava a existência de um cristianismo alemão, descendente da raça nórdica pura ariana.

¹²⁶ EPSTEIN, Klaus; LOUGEE, Robert W. *Paul de Lagarde 1827–1891. A Study of Radical Conservatism in Germany*. Cambridge, Massachusetts, 1962.

¹²⁷ Em 1938 um dos fatores desencadeantes da Kristallnacht foi a expulsão e abandono total de famílias judaicas de origem polonesa na fronteira entre Alemanha e Polônia.

Nessa época, os antissemitas reuniram todas as suas pequenas agremiações formando o conjunto da Associação dos Antissemitas Alemães. Pouco tempo depois, em 1887 foi criada a Editora Hammer Verlag abrindo caminho para o grande antissemita Hermann Ahlwardt, que, além disso, também era antijunker.

Ganhou destaque a famosa frase de Eugen Düring: “Aquele ser que amadureceu sob o frio céu nórdico tem o dever de abolir as raças parasitárias, da mesma forma que a nós, nos cumpre exterminar cobras venenosas e animais selvagens”.

2.7.1 Antissemitismo de Richard e Cosima Wagner

No rol dos grandes antissemitas é sabido que Richard Wagner (1813-1883) e sua mulher Cosima Wagner estiveram entre os antissemitas mais influentes. Cosima celebrou o primeiro mito genealógico, que seria a “profissão de fé artística cristã-germânica”. Wagner escreveu que os judeus eram dotados da *bodenlose Nüchternheit* (frieza do apátrida), pois a eles somente lhes restava o papel de serem “estrangeiros”.

Foto 3 – Heinrich von Treitschke (1834–1896).

Quanto mais claramente se projetava a sombra da modernidade sobre o Segundo Reich, tanto mais dura se tornava a condição daquele que pretendia permanecer devotado à natureza mais profunda e mais verdadeira do germanismo¹²⁸. O historiador italiano Domenico Losurdo empenhou-se em tornar conhecida a história do germanismo, por meio do livro: “Nietzsche, o rebelde aristocrata”¹²⁹, em que a percepção gradativa de Friedrich Nietzsche (1844-1900) pelo preconceito racial do casal fez com que ele se afastasse deles, tornando-se um opositor radical dos antissemitas.

O sociólogo francês Jean-Pierre Faye é outro escritor que divulgou a posição de Nietzsche contra os antissemitas, em especial contra o seu cunhado Bernard Förster, fundador do *Deutsches Volksverein* (Associação do povo alemão), mais uma associação antissemita de teor völkisch.

¹²⁸ LOSURDO, Domenico. *Nietzsche, o rebelde aristocrata. Biografia intelectual e balanço crítico* Rio de Janeiro, Editora Revan, 2009. p. 121.

¹²⁹ LOSURDO, 2009. p. 151.

Bernard Förster emigrou com Elisabeth, meia irmã de Nietzsche para o Paraguai, aonde ele veio a se suicidar. Por volta de 1894, foi criado o *Alldeutschen Verband* (União geral de todos os alemães), movimento antissemita, de ideologia racista, contra a modernidade, com premissas nacionalistas e antiemancipatórias. Seu mentor, o jurista Heinrich Class (1868-1953), militante do imperialismo, apresentou um programa antissemita em 1903. Segundo Volkov, a burguesia nacionalista criou um código cultural, que passou a ser sua *Weltanschauung* referente à “questão judaica”. Por meio dessa visão de mundo, o grupo assegurava que encontraria a “sua” solução para a questão judaica.

O funcionamento dos partidos antissemitas se deu por volta de 1878, quando Stoecker, o capelão da corte, fundou seu Partido Trabalhista Social-Cristão, supondo atrair os socialdemocratas. Dada a perda retumbante de seu partido nas eleições, avaliou que deveria haver outra forma mais efetiva de disseminar o antissemitismo, enviando emissários às mais variadas regiões da Alemanha para difundi-lo, sob a bandeira do ‘Movimento de Berlim’, que ele tinha criado com o professor de História Heinrich von Treitschke, em 1879. O jornal *Allgemeine Zeitung des Judentums* escreveu, em referência a esses ataques, que a recomendação era para que os judeus se mantivessem calados: “cuidado e cautela contra esses ataques”. E a *Alliance Israélite Universelle* de Paris pronunciou-se de maneira semelhante, em uma assembleia realizada na Alemanha para tratar justamente desse problema. Fica nítido o dilema que o povo judeu vivia na Alemanha, de que forma deveriam se defender: optar pelo silêncio, ou de outra maneira?

Em relação às classes mais cultas e eruditas, foi Treitschke quem levou o antissemitismo para o ambiente acadêmico. Era muito chique assistir suas aulas. Em grande parte das camadas cultas o antissemitismo fazia parte das conversas das rodas sociais¹³⁰, onde menosprezavam os judeus chamando-os de *Krawattenjuden* (judeus engravatados). Sendo historiador, Treitschke sabia que os judeus tinham tido pouco espaço profissional e que tinham se especializado nas profissões remanescentes que tinham sobrado para serem exercidas. Mas, ficou irritado com a alta qualidade com que desempenharam essas profissões, como o jornalismo e a condução de editoras, por exemplo. Ele era contrário ao antissemitismo barulhento das ruas. Mas, desculpava os antissemitas das ruas, considerando, entretanto, que se tratava de sentimento popular autêntico, já que os alemães estariam temerosos do risco que corriam com aquele elemento estrangeiro em seu meio, o que o levou a proclamar sua célebre frase: “*Die Juden sind unser Unglück*”

¹³⁰ LOSURDO, 2009.

(Os judeus são a nossa desgraça). O historiador Heinrich Rafael Graetz (1817-1891) foi um dos poucos judeus alemães a enfrentar os ataques antissemitas de Treitschke. Judeus acadêmicos e não acadêmicos ficaram chocados com a exposição pública de Graetz nessa contenda jornalística. Não só se afastaram dele, mas chegaram mesmo a criticá-lo. Baptista Pereira, genro de Rui Barbosa, foi um de seus advogados nessa contestação¹³¹. Mommsen e Johann Gustav Droysen levantaram então um abaixo-assinado com uma lista de setenta e cinco não judeus notáveis, que se pronunciaram a favor de Graetz e em oposição ao antissemitismo e em oposição a “reviver a antiga loucura”. Dentre eles se encontravam Max Weber, o prefeito de Berlim, Dr. Förster, Dr. Schroeder, Werner Siemens, Georg Siemens. Graetz escreveu a História do Judaísmo em onze volumes. Fez três viagens para Israel, avaliando que lá seria o lugar para onde os judeus deveriam ir viver. Como historiador, Graetz mantinha ainda o estilo de *lachrymose*. Historiadores como Salo Wittmayer Baron (1895-1989), professor da Columbia University, em Nova York, foi atuante no encerramento da martirologia na história judaica. Por outro lado, Karl Marx, que era avesso às religiões, dedicou um de seus livros a Heinrich Graetz, de quem foi amigo.

No início da década de 1890, o antissemitismo tomou contornos dramáticos. Surgiram então as primeiras atitudes contrárias. Theodor Mommsen (1817-1903), ativista contra o antissemitismo, jurista e professor de História Antiga, empenhou-se para isolar Treitschke no ambiente universitário. Mommsen e um grupo de liberais, preocupados com os judeus criaram o *Verein zur Abwehr des Antisemitismus* (Associação para a Defesa contra o Antissemitismo) em 1890. Dentre os participantes, havia pessoas que até hoje ainda são conhecidas: Heinrich Mann, Hugo Preuss, Robert Bosch, Rudolf Steiner e outros. Rapidamente, entre quatorze mil e vinte mil pessoas se inscreveram no *Verein*¹³², que existiu até a ascensão do nazismo em 1933. Era também chamado de *Judenschutztruppe* (Grupo de Proteção aos Judeus). Segundo o historiador norte-americano Lionel Richard (1938) grande número de professores universitários de outras cidades sonhavam em poder trabalhar com Mommsen na Universidade em Berlim¹³³. Apesar de Mommsen ser reconhecidamente um dos grandes historiadores do seu tempo, outro historiador

¹³¹ BARBOSA, Rui. *O Processo do Capitão Dreyfus*. São Paulo: Ed. Giordano, 1994. BAPTISTA PEREIRA. *O Brasil e o antissemitismo*. Rio de Janeiro: Waissman, Koogan, Ltda. S.d.

¹³² Em 1887, Mommsen foi eleito membro de honra da Sociedade Livre de Ciências da Alemanha. Mommsen foi um dos intelectuais alemães, que teve de se exilar na Suíça em 1852, porque participara da Revolução de 1848 para promulgação da Constituição Democrática. Outro intelectual que também teve de se exilar na Suíça foi o deputado judeu Ludwig Bamberger.

¹³³ RICHARD, Lionel (org.). *Berlim, 1919-1933. A encarnação extrema da modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p.14.

de destaque, Fustel de Coulanges, francês, entrou em uma contenda epistemológica contra ele, devido à questão de nacionalidade na região da Alsácia-Lorena.

Mommsen tomou a si a árdua tarefa da defesa dos judeus. Mas, já em 1894, percebeu a dificuldade de argumentação com os antissemitas, pois na visão deles os judeus deveriam viver sob uma legislação para estrangeiros, como todos os demais, estrangeiros, não querendo reconhecê-los como cidadãos alemães. O clero protestante assumiu o controle do movimento antissemita. Souberam atrair seu séquito de opositores dos judeus, por meio da criação da Associação dos Estudantes Alemães. Membros da igreja e laicos desenvolveram uma apologia antijudaica, viajando de lugarejo em lugarejo, para espalhar o veneno do ódio por toda a parte.

Quando ficava evidente que seus ataques eram sem sentido, puramente preconceituosos e vazios, ou seja, que seus argumentos eram inventados, eles apelavam para o crime da morte ritual, que, mesmo se comprovando ser absolutamente mentiroso, conseguiam realimentar os antigos mitos antijudaicos. Em seu livro *Ein Vierteljahrhundert im Kampf um das Recht und die Zukunft der deutschen Juden* sobre os primeiros vinte e cinco anos do *Central Verein* (CV), lançado em 1918, o rabino Paul Rieger demonstrou o empenho dos juristas do CV na defesa incessante dos judeus contra toda sorte de ataques e ardis.

Em vista da força antissemita já em 1894, Mommsen escrevera resignado no jornal do *Verein zur Abwehr des Antisemitismus* (Associação para a Defesa contra o Antissemitismo):

Vocês se enganam ao pensar que há possibilidades de diálogo por meio da razão. Não há como argumentar com os antissemitas. No passado eu acreditava que fosse possível, eu protestava contra essa ignomínia, chamada antissemitismo. Argumentos lógicos não servem para nada, porque os antissemitas são movidos por seu próprio ódio e inveja e por instintos cruéis.

Theodor Mommsen tinha percepção e sabedoria para a tragédia que se aproximava.

De acordo com o historiador alemão Michael Ley¹³⁴ (1955) houve a junção de várias ideias racistas, anticapitalistas (contrárias ao progresso), antiliberais, nacionalistas que foram amplamente aceitas pela sociedade.

¹³⁴ LEY, Michael. *Holocaust als Menschenopfer: vom Christentum zur politischen Religion des Nationalsozialismus*. Münster, 2002, p.80.

2.7.2 Primórdios da socialdemocracia alemã

A sociedade ficou polarizada entre os grandes empresários que geravam empregos e os pequenos empresários que estavam perdendo seu espaço, em face da modernização da economia. Havia uma terceira força, que era a mão de obra industrial ligada, em grande parte, à socialdemocracia incipiente. A partir da década de 1860, Ferdinand August Bebel (1840-1913) exerceu um papel fundamental na consolidação da socialdemocracia alemã, participando desde 1863 de sua fundação, dando suporte à massa de trabalhadores fabris. Começou sua vida política junto ao Partido Liberal Progressista, aproximando-se de Ferdinand Lassalle (1825-1864)¹³⁵ na luta pelo direito ao voto universal e na fundação do Partido Político da Socialdemocracia. À época da criação do Segundo *Kaiserreich*, o Estado Alemão em 1871, somente os homens podiam votar, e desde que fossem ricos. Bebel empenhou-se para que as eleições na Alemanha fossem para todos, lutando também pelo sufrágio feminino.

Em decorrência da ascensão das grandes lutas operárias no século XIX, Bebel e Wilhelm Liebknecht¹³⁶ fundaram em 1869 o SDAP, partido dos trabalhadores alemães, com a meta de abolir o Estado que tivesse classes sociais. Ao se fundir com a organização criada por Ferdinand Lassalle em Leipzig, surgiu, mais tarde o SPD, Partido Social Democrata da Alemanha, representante dos trabalhadores, em 1890. Era um partido marxista, revolucionário, anticlerical e pacifista. Bebel combatia o antissemitismo e outras formas de racismo e xenofobia que grassavam com muita força na segunda metade do século XIX, na Europa. Bebel se opôs à guerra de 1866, promovida por Bismarck contra a Áustria, não somente em vista das perdas humanas, mas também da falta de sentido da guerra. Foi contrário à guerra de 1870 contra a França, bem como à anexação da região da Alsácia-Lorena nessa mesma guerra franco-prussiana, tendo apoiado a Comuna de Paris, em que 40 mil combatentes perderam a vida.

Bebel tornou-se famoso entre os judeus, por seu importante discurso contra o antissemitismo. Mesmo dentre as fileiras socialdemocratas, era fácil encontrar elementos antissemitas. A partir do pensamento de Bebel, os trabalhadores se posicionaram sempre, em sua maioria, contra o antissemitismo, não se alinhando aos grupos do capelão da corte, Stoecker, do jornalista Marr e do professor de História Treitschke. O pronunciamento de Bebel contra o antissemitismo se

¹³⁵ Lassalle foi assassinado em um duelo a mando do pai de sua noiva em 1864.

¹³⁶ Pai de Karl Liebknecht, assassinado juntamente com Rosa Luxemburg em janeiro de 1919 em Berlim.

tornou célebre, quando se expressou, dizendo: “O antissemitismo é o socialismo dos tolos”. Sua preocupação era deixar claro que a socialdemocracia não era antissemita, diferentemente de seus supostos companheiros Franz Mehring¹³⁷ e Eugen Düring (Friedrich Engels escreveu um livro, que ganhou fama, em contraposição às ideias de Düring). Bebel, juntamente de Wilhelm Liebknecht, foi um contraponto exclusivo ao perfil autoritário de Bismarck.

Por meio de Bebel, a Alemanha ingressou no pensamento social moderno. Além de ter sido fundador da Socialdemocracia Alemã, a SPD, foi deputado federal até a data de seu falecimento, em 1913, na Suíça. Foi um dos mais destacados políticos do século XIX.

2.7.3 Antissemitismo oficial na política

Foram criados diversos partidos políticos, até com o nome de Partido Antissemita, que influenciaram os demais partidos. Bismarck adotou uma política oportunista e mesmo sem apoiar oficialmente o antissemitismo endossou a ideia. Entretanto, essa animosidade não alcançou a mesma violência imediata que em outros países, como na França e na Rússia. Na França o “Affaire Dreyfuss” começou em 1894, enquanto na Rússia havia muitos *pogroms*, sendo o mais conhecido o de Kishinev, de 1882 e muitos outros nos anos seguintes. Era diferente o grau de iniquidade: na Alemanha um judeu não poderia ter ocupado o alto cargo do capitão Dreyfuss, como na França. E, o antissemitismo se manifestou de uma maneira diversa. O governo alemão não se preocupava com o antissemitismo. Entretanto, quando a violência dos *pogroms* na Rússia se tornou mais conhecida, o Kaiser Wilhelm II (1859-1941) procurou impedir que a mesma violência tomasse conta da Alemanha.

Os novos partidos foram muito mal administrados, pois seus quadros eram formados por pessoas de nível cultural e social simples e sofreram fortes desentendimentos internos. Tiveram pouco tempo de existência e caracterizaram-se por participação medíocre. Seu legado foi cheio de discórdia e incompetência, culminando com a perda do apoio popular. Apesar de os partidos terem sido mal organizados, conseguiram se disseminar, não tardando a Alemanha tornar-se infestada pelo antissemitismo sob todos os ângulos: político, econômico e racial em qualquer tipo de ambiente.

¹³⁷ Mesmo sendo editor das obras de Marx e Engels apoiava o historiador Treitschke.

No já mencionado artigo de Shulamit Volkov de 1978: *Antisemitism as a Cultural Code. Reflections on the History and Hitoriography of Antisemitism in Imperial Germany* ela discute os livros de Paul Massing publicado em Nova York em 1949: *Rehearsal for Destruction: A Study Of Political Anti-Semitism in Imperial Germany*¹³⁸; de Peter G. J. Pulzer: *The Rise of Political Anti-Semitism in Germany and Austria* publicado em Londres em 1964¹³⁹; Origens do Totalitarismo de Hannah Arendt¹⁴⁰, bem como *The downfall of the Anti-Semitic Political Parties in Imperial Germany* de Richard S. Levy¹⁴¹, entre outras obras. Convém ressaltar a importância de Paul Massing, prisioneiro no campo de concentração de Sachsenhausen, onde foi torturado e retido em cela solitária, já em 1933¹⁴². Logo após ter sido libertado do campo, ainda no mesmo ano, empenhou-se em advertir sobre os futuros campos de extermínio nazistas, em seu livro publicado em 1939 *Hitler ist kein idiot* (Hitler não é nenhum bobo)¹⁴³. Em *Rehearsal for Destruction: A Study Of Political Anti-Semitism in Imperial Germany* de 1949, Massing deixou claro que a preparação intelectual do extermínio industrial dos judeus se deu durante os anos do Segundo Reich, 1871 a 1914., como já mencionado nos textos de Paul Lagarde e outros.

Para Volkov era evidente que os pequenos divulgadores do antissemitismo trabalharam com afinco em sua difusão. Dentre os grandes antissemitas, muitas de suas informações vieram a ser comprovadas como absolutamente infundadas, como foi o caso do político Ahlwardt, que chegou a ser preso. Entretanto, seus textos nunca foram superados em termos de vitupérios, irresponsabilidade e loucura total, em face das falsidades que continham.

Pulzer mostrou em seu livro de 1964 que os partidos já tinham perdido seu poderio antes da Primeira Guerra Mundial. Já o historiador Richard S. Levy¹⁴⁴ identificou um único fenômeno

¹³⁸ MASSING, Paul W. *Rehearsal for Destruction: A Study of Political Anti-Semitism in Imperial Germany*. New York: Harper, 1949.

¹³⁹ PULZER, Peter G. J. *The Rise of Political Anti-Semitism in Germany and Austria*. New York: John Wiley and Sons, 1964.

¹⁴⁰ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

¹⁴¹ LEVY, Richard S. *The downfall of the Anti-Semitic Political Parties in Imperial Germany*. New Haven, 1975.

¹⁴² Foi casado com Hede Gumperz, alemã, espiã da URSS. O casal se decepcionou com Stalin, conseguiram emigrar para os Estados Unidos. Ele pertencera à Escola de Frankfurt e lecionou em Nova York no Institute for Social Research, da Columbia University.

¹⁴³ MASSING, Paul W. (Karl Billiger). *Hitler is no fool*. New York: Modern Age Books, 1939. Disponível em < <https://goo.gl/LhxdbI> >, acesso a 10 de abril de 2017.

¹⁴⁴ LEVY, Richard S. *The downfall of the Anti-Semitic Political Parties in Imperial Germany*. New Haven, 1975.

intrigante, ao analisar que os dirigentes desses partidos foram os verdadeiros e únicos antissemitas autênticos, pregando ódio aos judeus em qualquer circunstância. O interesse principal era impor o fim da legislação favorável aos judeus, como o Édito de 1869 e a Constituição de 1871.

Outro historiador, Werner Jochmann examinou o grau com que o antissemitismo foi fragmentado¹⁴⁵. Essa dissolução impediu os judeus de perceberem os perigos iminentes a que estavam sujeitos e, por isso, não valorizaram devidamente a força do adversário. Jochmann mostrou em seu livro como o antissemitismo se inseriu nas Associações Cívicas e Culturais, nas organizações locais e outras. E foi assim que se tornou endêmico, alastrando-se sem que tivesse sido percebido. Foi encontrado em organizações profissionais, nos meios protestantes e em menor escala, nos católicos. Autoridades locais foram infectadas e o governo central mal deixava esconder que também se encontrava contaminado. Como já foi mencionado, até a socialdemocracia tinha quadros antissemitas, em especial em alguns sindicatos.

O enfraquecimento dos partidos políticos antissemitas demonstrou que houve mudança de rumo em seu desenvolvimento, e não em seu enfraquecimento, os judeus compreenderam. Entre 1880 e 1890, Adolf Stoecker e seus muitos seguidores fizeram campanhas para alcançar reformas sociais e mudanças políticas, fazendo uso de dogmas falsos com a intenção de recrutar pessoas.

2.7.4 Retomando o início do século XIX

Antes da unificação alemã, o Kaiser Wilhelm I, dos Estados do Norte da Alemanha, incluindo a Prússia, promulgou com Bismarck um Édito de Equiparação dos judeus aos demais cidadãos em 1869. Riesser já tinha morrido, mas os outros deputados judeus, como o matemático Edouard Lásker, e o jurista Ludwig Bamberger¹⁴⁶ ajudaram o Kaiser Wilhelm I e Bismarck na elaboração do texto constitucional, que foi muito bem acolhido por todos. Além desse trabalho outros judeus trouxeram contribuições valiosas para o Sistema Judiciário alemão, como por exemplo, a criação do Direito Comercial¹⁴⁷, e outras contribuições. Lásker e Bamberger foram

¹⁴⁵ JOCHMANN, Werner. *Struktur und Funktion des deutschen Antisemitismus. In MOSSE, Werner E. Juden im Wilhelminischen Deutschland 1890-1914* – ein Sammelband. Mohr Siebeck, 1998.

¹⁴⁶ A respeito dos Deputados Lásker e Bamberger confira em Dubnov, p.281, em: H.G.Adler, p. 96.

¹⁴⁷ Seu criador foi o jurista Levin Goldschmidt, que foi nomeado conselheiro do Supremo Tribunal do Comércio. Em 1872 tornou-se o primeiro professor universitário não convertido. Foi também um dos conselheiros jurídicos do Kaiser Wilhelm I, quando este recebeu a incumbência de mediar a questão fronteiriça entre EUA e Canadá, in: “Kobler, II, p. 251, in Adler, p. 92. Outro judeu, Laband foi o criador do “Direito do Estado Alemão”, da mesma fonte. O judeu Moritz Ellstädter foi Secretário da Fazenda do Estado da Baviera de 1866 até 1891. Seu modelo de cobrança de impostos foi seguido pelo Estado da Prússia. Apesar da deferência, Goldschmidt não se sentia confortável perante os governantes, por ser judeu.

prestimosos colaboradores de Bismarck até 1878, quando o ministro passou a assumir posições antijudaicas. Sendo matemático, Lásker conseguiu desvendar graves problemas de desvios financeiros que ocorriam na implantação do sistema ferroviário ao Norte da Alemanha. Essa descoberta causou desentendimentos profundos entre Lásker e Bismarck, provocando um colapso nervoso no deputado, que veio a falecer em Nova York, no início de 1884, aos 53 anos de idade.

Lásker e Bamberger foram deputados atuantes e amigos. Suas lápides se encontram na mesma tumba no Cemitério Israelita de Berlim¹⁴⁸. Tornaram-se paradigma para as gerações futuras e pessoas que agiam com coragem, dentro dos padrões éticos, conforme se lê na biografia de Ludwig Holländer¹⁴⁹, no item 5 deste estudo.

Aos poucos, em vista da própria necessidade financeira dos Estados nacionais europeus, foram concedendo aos judeus a igualdade de direitos, abolindo legalmente as diferenças entre judeus e não judeus. Segundo Hannah Arendt¹⁵⁰, esse apoio do Estado aos judeus deveu-se também ao fato de que, sendo absolutamente não territoriais e encontrando-se em diversos continentes, os judeus passaram a agir como coringas diplomáticos da Europa, chegando a exercer importante papel na diplomacia europeia até a Primeira Guerra Mundial. Exerciam funções de consultores financeiros e assistentes em tratados de paz, também como mensageiros e intermediários.

Mesmo não tendo sido declaradamente antissemita, Bismarck passou a estimular as forças reacionárias alemãs contra o liberalismo e a modernidade. Essas forças reacionárias começaram a preparar um ataque sistemático, do qual os judeus alemães já vinham sendo alvo desde 1819, nos episódios Hep-Hep. Os intelectuais acima citados, que se posicionavam à esquerda dentro do partido Nacional-liberal afastaram-se então de Bismarck, passando a participar do Partido Liberal e do Partido Progressista. A mediocridade do Segundo Reich ficou clara aos olhos da

¹⁴⁸ Bamberger foi o criador do sistema monetário alemão, quando da Unificação alemã em 1871, também chamada de “Fundação do Segundo Reich”. Instituiu o Banco Central, o Deutsche Bank, o marco alemão, e modernizou todo o sistema financeiro. Bamberger, assim como Theodor Mommsen se refugiou na Suíça em 1852 após a Revolução de 1848. Eduard Lásker se opôs ao antiliberalismo de Bismarck, vindo a falecer doente nos EUA. Bismarck proibiu todos os deputados de comparecerem ao enterro de Lásker celebrado mais tarde em Berlim.

¹⁴⁹ LAMM, Hans. Ludwig Holländer In: *Neue Deutsche Biographie (NDB)*, Band 9. Berlin: Duncker & Humblot, 1972.

¹⁵⁰ SILVA, K. V.; MACIEL H. S. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

comunidade europeia, aliás, desde seu início, quando fez sua proclamação no Palácio de Versalhes, local mais estimado dos perdedores, em atitude pouco diplomática de Bismarck, que trouxe consequências danosas para todos¹⁵¹.

¹⁵¹ Inclusive ficou patente a diferença em elegância feminina entre as francesas e as alemãs, que chegaram a perceber sua falta de charme.

Quadro 1 –Alemanha – Segundo Reich – 1871-1918
Cadeiras ocupadas pelos partidos políticos e sua participação relativa.

	1890	1893	1898	1903	1907	1912
Conservadores	73 18%	72 18%	56 14%	54 14%	60 15%	43 11%
Conservadores Livres	20 5%	28 7%	23 6%	21 5%	24 6%	14 4%
Liberais Nacionais	42 10%	53 13%	46 12%	51 13%	54 14%	45 11%
*Liberais de Esquerda	66 17%	37 10%	41 10%	30 8%	42 11%	42 10%
Centro	106 27%	96 24%	102 26%	100 25%	105 26%	91 23%
Socialdemocratas	35 9%	44 11%	56 14%	81 20%	43 11%	110 28%
Minoritários	38 10%	35 9%	34 9%	32 8%	29 7%	33 8%
Antissemitas	5 1%	16 4%	13 3%	11 3%	22 5%	10 3%
Partido Popular – Alemão	10 2,50%	11 3%	8 2%	6 1%	7 2%	- -
Demais	2 0,50%	5 1%	18 4%	11 3%	11 3%	9 2%
Total de Cadeiras	397	397	397	397	397	397

**Inclusive Partido Liberal Alemão, a partir de 1893 e Associação dos Liberais, a partir de 1910 Partido Popular Progressista.*

Fonte: LOTH, 1948 (Historiador e cientista político alemão).

No quadro 1, consta a participação relativa e absoluta dos partidos políticos no Segundo Reich, entre 1890 e 1912. A mais alta participação relativa dos antissemitas se deu em 1907 com 5,54% dos assentos. Mas, somando-se a essa participação, todos os demais partidos antissemitas, mesmo com denominações diferentes, sua participação foi de 22,17% em 1893, de 20,65% em 1907, e de 13,35% em 1912¹⁵².

¹⁵² LOTH, Wilfried. *Das Kaiserreich Obrigkeitstaat und politische Mobilisierung*. München: Dtv.1996.

A partir do final dos anos setenta, as forças reacionárias nunca mais se calaram, passando a agir publicamente, de forma cada vez mais agressiva e assustadora, até chegarem ao poder em 1933, eliminando o espírito da República de Weimar. Não havia como se contrapor às teses empregadas pelos reacionários, porque eles não possuíam qualquer sentido ético, baseavam-se em afirmativas mentirosas, incitavam a mente do povo contra os judeus. Nas eleições de 1885, os partidos conservadores e nacionais liberais, inimigos dos judeus, aliaram-se entre si. Nas eleições de 1912 os partidos de centro-esquerda conseguiram alta participação. Klemperer menciona a alegria dessa vitória em sua autobiografia *‘Curriculum Vitae’*.

Quando o Kaiser Wilhelm I morreu, em 1888, foi sucedido por seu filho, o Kaiser Friedrich III, que faleceu após 99 dias de governo, sendo sucedido por seu filho, o Kaiser Wilhelm II, que governou até a derrocada da Alemanha pela França em 1918. Friedrich III foi grande amigo dos judeus, mas infelizmente morreu cedo. O Deputado Bamberger foi seu consultor mais próximo e, seguramente, tudo teria sido diferente, caso não tivesse falecido.

Figura 18 – Atentado de Emil Max Hodel contra o Kaiser Wilhelm I, 11 de maio de 1878.

Fac-símile de uma gravura em madeira original do ano de 1878 – Billerantik

Assim que assumiu, o jovem Kaiser Wilhelm II¹⁵³ anunciou que protegeria todas as religiões. Nas primeiras eleições, em 1889 e 1890, após sua posse, os antisemitas foram vencidos. Mas, logo a seguir, as associações esportivas e outras entidades passaram a não aceitar judeus, tampouco os convertidos e nem os seus descendentes.

¹⁵³ Neto da Rainha Vitória da Inglaterra (1819-1901).

No início de seu governo, Wilhelm II demitiu Bismarck, em 1888. Um dos itens que opuseram Wilhelm II a Bismarck referia-se ao número de perdas de vidas humanas nas três guerras empreendidas por ele. Foi substituído pelo general Leo von Caprivi, que manteve o posto até 1894. Não sendo autoritário como Bismarck, logo perdeu o controle da situação. Forças antissemitas uniram-se contra ele. Apresentaram um programa em dezembro de 1892, com alegações totalmente antissemitas. De maneira dissimulada, refutavam que o Estado e a Igreja eram de ordem divina, onde somente cristãos poderiam estar inseridos. O sistema educacional teria de estar em mãos cristãs, para alunos cristãos. Eram contra o parlamento, pois lá era o local onde poderia haver deputados judeus influentes, por eles rejeitados. A imprensa deveria ser posta de lado, já que estava também em mãos judaicas. Opunham-se à interferência judaica na vida do povo alemão (não se pode esquecer que a participação relativa de judeus na Alemanha nunca superou a casa de 1,4 %). Entre 1820 e 1900 um contingente de aproximadamente 170 mil a 200 mil jovens judeus emigrou para os Estados Unidos. À época deste estudo, viviam cerca de 500 mil a 600 mil judeus na Alemanha. Quando o deputado judeu Edouard Lásker esteve nos Estados Unidos, em 1884 percebeu que havia antissemitismo lá, em especial na Universidade de Harvard.

Figura 19 – Adolf Stöcker (1880).

*Bildarchiv Preußischer
Kulturbesitz*

2.7.5 Antissemitismo econômico

Rieger (1918) afirmou que o antissemitismo econômico foi o pior de todos. A quebra das bolsas foi um retrocesso econômico que permitiu a Marr, Glagau, Stoecker e Treitschke destilarem seu veneno contra os judeus. A afirmativa de Treitschke se baseava na ideia de que a sociedade, de um modo geral, se revoltava contra os judeus porque o sentimento era profundamente arraigado e que, somente agora, conseguira encontrar uma forma simples e clara de expressar-se. Marr, Stoecker e Treitschke chegaram até mesmo a organizar e participar de um congresso internacional antissemita em Dresden, em 1882. Vale destacar que as razões do antissemitismo ferrenho de Stoecker continuam sendo estudadas até hoje.

Em 18 de novembro de 1880, o correspondente em Berlim do *The New York Times* publicou:

Já faz certo tempo que uma violenta e estranha agitação antijudaica está acontecendo em toda a Alemanha patrocinada por apoiadores proeminentes.

(...) Os autodenominados representantes do teutonismo estão se queixando de que os benefícios alcançados por meio da tão difícil Unificação Nacional foram monopolizados por essa raça estranha de semitas; e o povo “grosseiro e inculto”¹⁵⁴ aderiu ao chamado desses representantes. Ao passo que nos últimos meses alguns jornais registraram ofensas e agressões a pessoas de sangue judaico em toda a Alemanha, que em alguns casos se assemelhavam a humilhações medievais. (Tradução nossa)

Os judeus perceberam que havia necessidade de tomarem sua própria defesa, não obstante a atuação da *Verein zur Abwehr des Antisemitismus* de Theodor Mommsen.

¹⁵⁴ Aspas minhas.

3 INÍCIO DE IDEIA DE AUTODEFESA – O CV

3.1.1 O Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens

A temática desta pesquisa foi avaliar como os judeus alemães se defenderam do antissemitismo a que estiveram sujeitos a partir das duas últimas décadas do século XIX na Alemanha.

Reinava um clima fortemente antijudaico e o antissemitismo crescente deixou os judeus profundamente alarmados. Em seu livro *Fatherland or Promised Land. The Dilemma of the German Jew 1871-1914* o historiador Jehuda Reinharz (de 1944)¹⁵⁵ apresentou alguns paradoxos que atormentavam os judeus naquelas décadas do século XIX, em vista de seu envolvimento com a assimilação aos hábitos locais, sem a intenção, entretanto, de abandonar o judaísmo. Eles se indagavam: “Teria o *Deutschtum* (alemanidade) de ser obrigatoriamente antissemita, já que eles, os judeus se entendiam intensamente alemães?”

Em seu empenho em se defender do antissemitismo, os judeus valorizavam sua alemanidade de maneira exagerada. As organizações judaicas sentiam-se ameaçadas em correr o risco de se expor em termos políticos. Quando a sociedade criticava um judeu por algum motivo, os demais judeus não demonstravam solidariedade, mantinham-se quietos.

A partir do Édito da Equiparação de Direitos Civis, promulgado na Prússia em 1869, os judeus criaram uma associação assistencial filantrópica que congregava grande número das comunidades israelitas. Foi o *Deutsch-Israelitischer Gemeindebund* (DIGB) (Associação das comunidades israelitas alemãs), que se mudou de Leipzig para Berlim em 1882 e que agrupava o número elevado de cerca de 800 comunidades e atuou como importante organização filantrópica. Em termos políticos, era uma associação omissa. Sua constituição foi alterada em 1898 e, mesmo assim, continuou omissa na defesa contra o antissemitismo. As prováveis razões da lacuna eram que se tratava de uma diretoria, que não era eleita, mas composta pelos beneméritos, que não queriam alterar seu *status quo* na sociedade; os dirigentes do DIGB queriam ser seus porta-vozes, mas pensavam que suas atitudes de benemerência já seriam suficientes. De positivo, além do serviço social, fundaram a Comissão para o Estudo da História dos Judeus na Alemanha, publicando trabalhos importantes. Entretanto, quando o antissemitismo atingiu as

¹⁵⁵ REINHARZ, 1975, p.75.

raias do insuportável, a diretoria do DIGB procurou o Secretário da Justiça da Saxônia, e outras instâncias superiores pedindo a proteção do Estado, mas jamais foram ouvidos em todas as tentativas. Chegaram a publicar uma cartilha, representando a opinião da maioria judaica, orientando todos quais atitudes tomar. Visto sob o olhar de hoje, podem ser consideradas semelhantes às atitudes da grande maioria judaica diante da discussão que tinha havido entre Graetz e Treitschke, qual seja: afastar-se do problema. A cartilha apresentava as seguintes recomendações:

1. Mesmo sob a luz dos recentes episódios antissemitas, os judeus não devem odiar seus companheiros cristãos.
2. Ame o trabalho e não se deixe seduzir pela vontade de poder.
3. Mantenha sempre uma conduta ética e moral.
4. Procure cultivar amizade com cristãos; não se preocupe com expressões dos cristãos desfavoráveis aos judeus, nem ao judaísmo. Evite todas as formas de discussão, que são atitudes medievais. Evitá-las, não é sinal de covardia!
5. Jornalistas, cuidado com todas as palavras que empregarem, não façam troça dos não judeus.
6. Permanecemos alemães autênticos, felizes de nos sacrificarmos pelo bem-estar da nossa pátria.
7. Concentremos todas as nossas energias no bem-estar e no trabalho social com muita devoção.
8. Vamos desenvolver a ciência e a história do judaísmo. Vamos oferecer apoio àqueles que dedicaram suas vidas a serviço desses estudos.
9. Vamos considerar esses últimos eventos deprimentes como indicação providencial para sermos mais críticos e ficarmos mais atentos.

O panfleto procurava dar guarida aos judeus, além de procurar acalmar os antissemitas.

Em 1935 o reconhecido historiador Ismar Elbogen escreveu em seus compêndios da História Judaica:

Os judeus alemães estavam chocados com a intensidade dos ataques. Ficaram paralisados inicialmente, pois tinham dado o melhor de si mesmos para que o judaísmo não se tornasse um empecilho para os alemães, e esperavam que as boas intenções de sua assimilação fossem reconhecidas ... e agora percebiam que seus esforços tinham sido em vão, que eles continuavam a ser um elemento perturbador da ordem. Era lhes difícil se dar conta de que a Era do

Liberalismo tinha chegado ao fim; encontravam-se profundamente desorientados.

Cabe aqui um breve relato do papel do eminente historiador Ismar Elbogen (1876-1943) na vida dos judeus alemães. Foi mais um estudioso que obteve seu doutorado em 1898 em Breslau, apresentando um trabalho sobre Spinoza. Foi um dos mais destacados conhecedores da História Judaica, importante colaborador do jornal semanal do *Central Verein* escrevendo sobre sua especialidade: História da Antiguidade.

As autoridades judaicas se resumiam a pessoas que, em sua maioria, tinham sido colaboradores do governo do Segundo Reich. As organizações judaicas tinham se especializado em questões religiosas e assistenciais, sem atividades políticas explícitas, temendo ser vistas como separatistas. A Loja da Irmandade *B'nei Brit* instalou-se na Alemanha em 1885, mas permaneceu afastada do embate político. A Loja preservava seu papel assistencial, preocupada em não ser acusada de “protetora do judaísmo mundial”.

Entretanto, as petições antissemitas que tinham circulado soaram como um botão de alarme para os judeus, apontando os riscos a que estavam sujeitos. A justiça tratava as humilhações contra os judeus com espantosa indulgência e alimentava novos ultrajes. No pior dos casos, as agressões recebiam somente pequena penalidade.

3.1.2 Aumento do antissemitismo

Enquanto o judiciário agia com severidade contra os socialdemocratas, os desmandos antissemitas eram vistos com bastante negligência e despreocupação. Os conceitos jurídicos não estavam bem definidos. As pessoas simples do povo conseguiram provocar muitos desmandos. Toda essa agitação abriu os olhos do governo, pois a ordem estabelecida poderia vir a ser desmontada, e procuraram reduzir os excessos de antissemitismo¹⁵⁶. Poucos judeus atinavam para a desgraça que batia à porta. Alguns, que tinham consciência da gravidade da situação se manifestavam por meio da imprensa com determinação, denunciando as provocações, calúnias e difamação contra eles.

As associações estudantis passaram a não aceitar judeus, tampouco os convertidos, nem seus descendentes. Os professores incitavam os alunos contra os judeus. O voto dos funcionários

¹⁵⁶ O que veio a ocorrer na República de Weimar.

públicos nas eleições na Prússia era antissemita, em sua maioria. O veneno se espalhara por toda a parte. Ficou comprovado, entretanto, que os círculos trabalhistas, e posteriormente a socialdemocracia não tinham sido contaminados pelo antissemitismo¹⁵⁷. Os ataques antissemitas afiados requeriam uma contraofensiva firme. Foi então que o filósofo Moritz Lazarus (1824-1903), Moshé de nascimento¹⁵⁸, criou o primeiro grupo de autodefesa judaico, o Comitê Judaico Primeiro de Dezembro [de 1880], do qual participaram Berthold Auerbach, Julius Bleichröder (irmão do banqueiro Gerschon), o Prof. Hirschfeld, o Prof. Mendel e outros. Logo o grupo já tinha perto de mil participantes. Lazarus advertiu todos que, mesmo as pessoas desinteressadas da prática religiosa, não deveriam se afastar do judaísmo. Defendiam o propósito de que o Comitê Judaico Primeiro de Dezembro os judeus não podiam ser tratados como povo estrangeiro pelos antissemitas temia pelo pior, só que isso não veio a ocorrer no curto prazo, porque os círculos trabalhistas se recusaram, de maneira decisiva, a se aliar aos antissemitas. Seus líderes se opuseram a qualquer movimento antissemita. Mesmo assim, gradativamente, os judeus foram sendo privados de seus direitos em seus cargos na administração pública.

Ahlwahrtdt, já mencionado, entrou na política em 1890, com a publicação do livro: *A batalha desesperada dos povos arianos contra o judaísmo alemão*¹⁵⁹. Os judeus nunca tinham sido atacados com tanta vileza. Em 1892 publicou ainda um folheto em que incriminava uma empresa pertencente a judeus de vender armas defeituosas¹⁶⁰. Em poucas semanas, o folheto alcançou vinte edições e a popularidade de Ahlwahrtdt cresceu estrondosamente, e mesmo comprovando-se ter se tratado de mentira e ser ele um difamador incorrigível conseguiu eleger-se novamente. Chegou a ser preso. Mais tarde roubou dinheiro do próprio partido, caiu em desgraça, mas a difamação já tinha sido feita. Manifestava-se também contra os junkers.

3.1.3 Judeus procuram meios de autodefesa

Mesmo com tantas contrariedades, os judeus sentiam certa segurança em vista dos grupos de defesa de Mommsen e de Lazarus externarem o direito à liberdade de crença, e a favor do

¹⁵⁷ Com exceção de pessoas como Mehring.

¹⁵⁸ Vários dos líderes judeus aqui mencionados trocaram seus nomes de cunho fortemente judaico, por nomes convencionais.

¹⁵⁹ AHLWAHRDT, Hermann. *Der Verzweifeltkampf der arischen Völker gegen das Judentum*. Berlin: 3 Bde. 1890. Disponível em < <https://goo.gl/c8nG2Z> >; acesso a 10 de abril de 2017.

¹⁶⁰ AHLWAHRDT, Hermann. *Die Judenjagd und die Deutsche Meute*. Ein Nachtrag zu den Judenflinten. 1892.

humanismo. O governo também tinha se manifestado contra as publicações antissemitas. Perto de 12000 pessoas se afiliaram aos grupos de autodefesa, assim que foram criados.

Os antissemitas, agora com seus argumentos esgotados fizeram uso de uma nova forma de agressão, a mais sórdida de todas: exploraram a morte de um menino de cinco anos, cujo cadáver fora encontrado em 29 de junho de 1891 em Xantem, alegando que fora vítima do assassinato ritual judaico, o “libelo de sangue”. O partido antissemita e seus representantes no Parlamento incriminaram os judeus desavergonhadamente. Houve intervenção estatal contra o aticamento do antissemitismo, que se expressava agora por meio de literatura perversa e ficou comprovado que a morte da criança não tinha qualquer relação com os judeus. Só que o efeito nefasto já tinha sido alcançado.

Nessa altura, a palavra redentora veio do grupo de jovens acadêmicos de Breslau que, já desde outubro de 1886 tinham criado a primeira organização judaica universitária, a Viadrina, que assumira o interesse de defender a fé patriarcal dos antepassados. Surgiram grupos semelhantes em Heidelberg, Berlim, Munique, Freiburg, Bonn e Darmstadt. Passada uma década, todos se fundiram no *Kartel-Convent*. Seu lema: *Nemo me impune lacessit*¹⁶¹. Representavam, entretanto, um grupo pequeno. Sua existência foi um estímulo para a comunidade judaica, mas não tinham condições de modificar os graves ataques que ocorriam. A selvageria antissemita vinha agindo há tanto tempo, de forma que o “movimento” (antissemita) estava conseguindo alcançar o seu intento, se fortalecendo e sendo reconhecido, já que agiam de longa data.

O próprio governo não tinha mais condições de refrear as agressões. O movimento antissemita ganhara mais reconhecimento ao aproximar-se do Partido Conservador. E, nas eleições de 1892 os antissemitas receberam apoio secreto do governo.

Em 30 de junho de 1892, vinte e cinco senhores renomados compuseram o Comitê para a Defesa contra os Ataques Antissemitas, sob a liderança do advogado Dr. Friedmann. Ficava cada vez mais claro para os judeus que chegara a hora de tomarem a defesa em suas próprias mãos, pois sua proteção não poderia permanecer somente nas mãos dos amigos cristãos.

¹⁶¹ (Ninguém me fere impunemente) Erao lema oficial do Reino da Escócia, usado no brasão de armas daquele país. Uma tradução mais coloquial ao idioma escocês é *Wha daur meddle wi me?*, que poderia ser traduzido como “Quem se atreve a se meter comigo?”.

Por outro lado, em outubro de 1893 o governo selou uma aliança explícita com os antissemitas prussianos. Seu jornal, o *Preußische Zeitung* estimulou a ideia de suspender a equiparação dos direitos civis dos judeus. A propaganda dos círculos nacional-liberais avançava. De forma que o jornal *Norddeutscher Antisemitentag* reivindicou em 18 de setembro de 1893, que o Estado confiscasse os bens dos judeus. As coisas chegaram a tal ponto que os judeus alemães passaram a se sentir abandonados à própria sorte. As ofensas eram muito fortes. Seus direitos jurídicos não passavam de frases ocas. O judaísmo se esvaía. Durante um curto período houve muitas conversões. Os judeus pensavam que por meio de sua conversão à religião do país, ou pelo batismo de seus filhos a inimizade contra eles seria reduzida. Não se sentiam confortáveis na religião do país. Enxergavam a conversão como um gesto político em direção da religião local. Faziam esse sacrifício para ficarem em situação mais cômoda na Alemanha. Os judeus nunca tinham pensado que teriam de se defender por conta própria. Diversos judeus sentiam que sua posição no Reich era incompatível com sua honra. Para eles sua equiparação civil lhes fora roubada. Mesmo assim, a maioria dos judeus considerou mais correto esconder-se sob o manto do silêncio, aguardando que a sociedade viesse lhes pedir perdão, atitude que lhes parecia mais elegante. Diziam que aqueles que os tinham ofendido deveriam vir lhes pedir desculpas. E, é lógico, que isso não aconteceu. O que se pôde notar é que viviam sob forte constrangimento, e que essa forma de pensar lhes soava mais leve, pois ficavam menos expostos. Para piorar a situação, o voto antissemita que em 1890 alcançara 47 mil votos, em 1893 aumentou 400%, chegando a 236 mil.

4 O ANTISSEMITISMO A PARTIR DE 1893 ATÉ A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

4.1 LOEWENFELD DÁ O PONTAPÉ INICIAL

Tendo as agressões se atingido esse nível, os líderes da comunidade judaica em Berlim convo-

Foto 4 – Raphael Löwenfeld
(1854-1910).

Общественное достояние

caram uma assembleia e resolveram pedir proteção ao Kaiser Wilhelm II. Escreveram um texto para ser entregue a ele para lembrá-lo de que eram alemães de longa data e que era chegada a hora de protegê-los. Enquanto a liderança judaica em Berlim discutia se enviavam a carta ao Kaiser, o Dr. Raphael Loewenfeld (1856-1910) lançou, em 1º de janeiro de 1893, na surdina, uma pequena brochura intitulada: *Schutzjude oder Staatsbürger* (judeu que pede proteção ou cidadão em seus plenos direitos), assinada por: *Ein Staatsbürger* (um cidadão judeu em seus plenos direitos). Segundo Rieger, Loewenfeld escreveu as palavras a seguir, revoltado com a submissão dos demais correligionários:

O medo deixou esses senhores transtornados, de forma que perderam o senso crítico. Não sabiam mais distinguir entre direitos adquiridos recém-adquiridos pelos judeus), e privilégios (que alguns judeus alcançaram na Idade Média, pagando por eles). Cidadãos livres podem externar suas opiniões abertamente. Quem quiser lutar por esse direito, junte-se a nós, com as armas do pensamento, não procurem ajuda externa. Não vamos nos rebaixar. Estaremos renunciando aos meios aos quais temos o direito de nos defender e acabaremos retornando aos horrores da Idade Média.

Loewenfeld acrescentava ainda que o pedido de proteção trazia conotação de perda moral, pois só pede proteção quem não goza de seus plenos direitos.

Mas, nós que gozamos plenamente de nossos direitos devemos preservá-los e nenhum antissemita tem o direito de tirá-los de nós. Quem quiser combater o antissemitismo, use as armas da sua própria mente e não peça ajuda a ninguém. Caso contrário iremos retroceder aos horrores da Idade Média, como os *Schutzjuden* fizeram. Não podemos aceitar um pedido de proteção ao monarca. Ajudem-nos por meio de nossas próprias forças: Não somos *Schutzjuden* e sim *Staatsbürger*. Temos de batalhar para que nossa

equiparação não se resuma a uma mera folha de papel. De que forma a palavra do monarca poderá nos ajudar? Nós, que nos encontramos em nossos plenos direitos civis, não precisamos ajuda. Não vamos nos rebaixar, nem retroceder. Precisamos ficar atentos para não cair em desonra. Não queremos ser judeus que recebem proteção, e queremos, sim, ser cidadãos, exercendo nossos plenos direitos. (Tradução nossa).

4.1.1 Contenda verbal

Por que Loewenfeld agiu com essa ousadia? Era uma pessoa profundamente comprometida com o sentido ético da sociedade. Desenvolvera seus estudos de línguas eslavas na Rússia, junto a Tolstoi. Tornou-se seu tradutor. Valorizava o acesso dos trabalhadores à cultura. Inaugurou dois teatros populares em Berlim, o Schiller Theater e o Lessing Theater. Nesses dois teatros todos recebiam o mesmo salário, de Loewenfeld, aos atores e demais funcionários. Seu sentido de humanismo fê-lo abandonar as ideias nacionalistas. A força de seu ímpeto trouxe outros seguidores.

Em forma de um anexo Loewenfeld agrupou o texto em seis itens:

1. Não somos judeus alemães, mas sim cidadãos alemães de fé judaica.
2. Sendo *Staatsbürger* não necessitamos, nem queremos qualquer outra proteção, além dos direitos plenos que constam da Constituição.
3. Não pertencemos a qualquer agremiação, nem partido político especificamente por sermos judeus, pois tanto a visão de mundo política, quanto a religiosa são questões de foro íntimo.
4. Estamos consolidados no solo alemão. Nossa relação com os judeus de outros países é igual à relação que os católicos e os protestantes mantêm com os católicos e protestantes de outros países.
5. Nossa moral é idêntica à de nossos demais concidadãos que professam outras religiões.
6. Condenamos a conduta não ética, seja lá de quem for, e de qual religião for. Recusamos qualquer generalização feita por observadores maldosos, ou desatentos em relação à conduta de um judeu isoladamente, que for se estender para toda a coletividade dos cidadãos judeus. Finalizando, cidadãos berlinenses de fé judaica que tiverem desejo de trocar ideias a respeito desse texto entrem em contato com o autor por meio do endereço da editora dessa brochura¹⁶².

¹⁶² Publicado pela Editora Schweitzer und Mohr.

O texto surtiu um efeito positivo, e poucos dias depois já estava em sua terceira edição. Provo- cou muita discussão na imprensa. Em seu livro sobre os primeiros vinte e cinco anos do CV, o rabino Paul Rieger (1918) transcreveu textos de jornais que deixaram a discussão ainda mais acalorada. As análises do conteúdo do texto foram feitas por jornais como a *Volkszeitung* e a *Nationalzeitung* até a *Münchener Neuesten Nachrichten* (Munique) e o *Leipziger Tageblatt*. O jornal que melhor avaliou o conteúdo foi o *Berliener Zeitung*. Alguns, como *Germania*, *Preußzeitung* (Prússia) e *Schlesische Zeitung* (Silésia) aproveitaram para ofender a filosofia e a ética judaicas. O teor das cartas dos leitores tinha um tom acalorado. Dada a situação alar- mante, todos queriam explorar ao máximo o conagraçamento em torno da ideia da defesa. Era chegada a hora de tomar a defesa em suas próprias mãos! Basta de hesitação! Eram palavras que vieram de toda a Alemanha. Todos estavam cientes dos riscos que sua posição jurídica corria. Mais uma vez, a autobiografia de Wassermann comprova a situação de perigo e incerteza que todos os judeus sentiam¹⁶³.

4.1.2 Manifestações de autodefesa

Ainda no mesmo janeiro de 1893, surgiu uma *Carta Aberta aos Judeus* de F. Simon, publicada pela Central-Buchhan- dung de Berlim.¹⁶⁴ Seu autor levantava uma polêmica inédita: *Wehrt Euch!* (Defendei-vos!)¹⁶⁵, conclamando os ju- deus à sua verdadeira obrigação, até então enfraquecida e descuidada. Esta mesma expressão já tinha sido cunhada por ninguém menos do que a baronesa Bertha von Suttner, pre- cursora do Movimento pacifista. O texto de Bertha estava incluído na Carta aberta aos judeus:

Finalmente, sim, finalmente eis que surge um apelo para vocês se defenderem contra todas essas ofensas! Está mais do que na hora de subir o tom desse brado de alerta – *Wehrt Euch!* (Defendei-vos! Um brado de alerta aos

**Figura 20 – *Wehrt Euch!* :
Ein Mahnwort an die Juden
von F. Simon.**

¹⁶³ WASSERMANN, Jacob. *My life as German and Jew*. New York: Coward-McCann, Inc., 1933.

¹⁶⁴ FISHER, F. *Wehrt Euch!! Ein Mahnwort an die Juden*. Berlin: Central-Buchhandlung, 1893.

¹⁶⁵ Expressão utilizada posteriormente como título do livro: BARKAI, Avraham. *Wehrt Euch! Der Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*. Munique: C. H. Beck, 2002.

judeus). É fundamental que todos saibam, tanto na área pública, quanto na privada, quer na imprensa, quanto junto ao povo, e diante da monarquia, que os direitos humanos têm de ser respeitados. Não é mais possível aceitar esse tratamento indigno. Quem for destrutado, não pode aceitar o destrato calado! Os perseguidores e os perseguidos se comportam como se a suposta falta de direitos dos judeus já fosse um fato consumado. Ou seja, quando não se faz uso da lei ela deixa de existir, ela desaparece, se esvai. Mas quando ela é utilizada, ela se torna constitucional. (Tradução nossa).

Essa carta mostrou, às claras, o escárnio com que o movimento antissemita tratava os judeus. Bem como os meios para enfrentá-lo e combatê-lo.

Já F. Simon na brochura intitulada *Carta aberta aos judeus* destacou a importância do conhecimento da história judaica, como arma de defesa:

Vamos nos defender contra qualquer ataque, não aceitaremos nenhuma ofensa. Justamente, os arianos e os cristãos não praticam a máxima cristã, que prega, que se te baterem em uma face, debes oferecer a outra. Para eles vale somente a brutalidade. O judeu que não se defender imediatamente quando for ofendido por um antissemita estará indo contra sua própria honra, e contra a honra do judaísmo. Não podemos aceitar essa insolência. Tudo há de mudar, assim que os antissemitas perceberem que nenhum judeu vai aceitar ser destrutado. Queremos ser alemães do novo Reich e nos mantermos judeus, pois nós somos o povo que venera seu antigo Deus. (Tradução nossa)

Figura 21 – Folheto do CV contra a propaganda antissemita, 1928.

Repro – Dt. Historisches Museum

F. Simon descreveu ainda um plano detalhado mostrando a necessidade de haver um escritório do CV em cada província, ligado a um escritório central em Berlim. Literatura farta deveria ser distribuída para os interessados poderem se defender de acusações antissemitas. A ‘Carta aberta aos judeus’ foi um reforço para o texto *Schutzjude oder Staatsbürger* de Loewenfeld. O texto de Loewenfeld destacava o papel dos judeus como cidadãos e o de F. Simon, como judeus. Após a criação do CV, não foi dada atenção para a recomendação de F. Simon referente ao

conhecimento da história judaica como pré-requisito para a própria defesa. Nos anos iniciais, a recomendação de F. Simon foi claramente rejeitada, até bem perto da Grande Guerra, em 1914.

Vê-se que a soma de todas as ações antissemitas, desde as imposições do capelão Stoecker até do professor de história Treitschke na Universidade, desde o Partido Antissemita, e todas as mentiras que foram criadas suscitaram atitudes firmes contra o antissemitismo que, logo em seguida, levaram à fundação do *Central Verein*.

4.1.3 A fundação do *Central Verein*

Os seis pontos destacados pelo Dr. Raphael Loewenfeld na brochura apócrifa que ele tinha lançado em 1º de janeiro de 1893 promoveram a aproximação de um pequeno círculo de pessoas muito destacadas e destemidas que se aliaram a ele. Foram profissionais e intelectuais, havendo dentre eles médicos, juristas, professores, até mesmo um vereador. Reuniram-se em torno da ideia de que os judeus necessitavam proteger-se contra o antissemitismo e foi criado um grupo de trabalho para discutir o funcionamento do Comitê Central. O apoio inicial veio dos juristas

Figura 22 – Cartão postal antissemita, c1900.

O scrounger ou o cidadão recém-imigrado
Plauen: U. Baasch, em 1900.
Berlim, coleção Wolfgang Haney.

Eugen Fuchs (1856-1923)¹⁶⁶ e Maximilian Horwitz (1855-1917); Martin Mendelssohn, médico (1860-1920) e Hugo Preuss (1860-1925), jurista e um dos redatores da Constituição da República de Weimar em 1919¹⁶⁷. O ponto central da nova associação visava à defesa dos direitos civis dos judeus, de forma pública. Inicialmente os ortodoxos não quiseram se aproximar do CV. Foi então excluída a frase inicial de Loewenfeld contra a ortodoxia: “A grande maioria se encontra afastada do judaísmo talmúdico e da ‘comunidade ortodoxa obscurantista’, que recusa a se atualizar às condições sociais e políticas do judaísmo alemão”¹⁶⁸. Logo se deram conta que o CV abarcava todas as correntes religiosas e passaram a aderir.

¹⁶⁶ Eugen Fuchs não pôde se tornar professor universitário em vista de ser judeu.

¹⁶⁷ Foi impedido de se tornar professor universitário antes da República de Weimar, por ser judeu.

¹⁶⁸ In: RIEGER, p.53, in REINHARZ, 1975, p.256.

Para os membros do CV, interessava não se desentender com os sionistas. Interessava que, perante a opinião pública, os judeus se entendessem entre si. Não interessava a desunião. Muitos sionistas também foram membros do CV. Em sua luta contra o antissemitismo político, a diretoria do CV deliberou, portanto, que não deveriam estar filiados a nenhum partido, para poder preservar sua posição apartidária.

Na cuidadosa análise dos primeiros vinte e cinco anos do CV, o rabino Paul Rieger¹⁶⁹ relatou que, em uma assembleia da diretoria do CV, em fins de 1903, Dr. Horwitz, com todos os demais membros, deliberaram que todos os judeus da Alemanha necessitavam estar representados. Já anteriormente, ocorrera uma assembleia com a presença de sessenta representantes de todos os judeus alemães, comprovando a necessidade que cada judeu na Alemanha tivesse sua vontade representada.

A Diretoria do CV via como necessário estarem representados perante o Governo. O DGBI já fora convocado para esse fim, mas dado seu trabalho intenso de administrar o serviço social sua diretoria não tivera condição de aceitar. Da mesma forma, o CV, tinha todo o seu tempo tomado com a atividade de defesa contra o antissemitismo. A reunião de fins de 1903 deliberara que se fazia necessário criar a ‘União dos Judeus Alemães’ – *Verband deutscher Juden*, para representar questões de todos os judeus alemães, pois os piores ataques aos judeus eram proferidos justamente pelas Tribunas das Câmaras. A diretoria do CV recomendava que os judeus não votassem em nenhum partido que externasse qualquer indício de antissemitismo. Fazia-se necessário analisar atentamente o posicionamento dos candidatos em face do antissemitismo. Em 1904, quando nem se pensava em guerra, foi então criada a ‘União dos Judeus Alemães’: VdJ (*Verein deutscher Juden*), uma sociedade privada, espécie de organização guarda-chuva por iniciativa do próprio CV. Tratava de questões junto ao Estado, nas quais o CV preferia não se imiscuir, para não misturar temáticas que, às vezes convinha, serem mantidas separadamente. O VdJ cuidava de tratativas especificamente referentes às questões escolares, e de religião, e no que tangia à proibição que estava ocorrendo de se fazer o abate de frango de forma correta, a preparação da carne *kasher*, e outros assuntos. A Associação de Proteção aos Animais levantou a problemática de que os judeus estariam maltratando os animais, em relação ao abate de aves da forma judaica, visando a criar dificuldades para os judeus. É sabido a intenção do abate

¹⁶⁹ RIEGER, 1918.

judaico é eliminar o sofrimento dos animais, conforme prescrição bíblica no Levítico¹⁷⁰. Foi um absoluto contrassenso levantar a questão de que os judeus prejudicavam os animais, atitude claramente antissemita.

Desta forma, o CV alterou o seu perfil inicial de ser somente um órgão de defesa contra ataques aos interesses judaicos. Passou a procurar um espaço para atuar politicamente. Não se pode esquecer que, à época da Revolução de 1848, os judeus tiveram como representante o jurista Gabriel Riesser e demais citados, mas aqueles foram outros tempos, o antissemitismo era menos virulento¹⁷¹. Em 1900, em Konitz os antissemitas procuraram incriminar os judeus pela morte de uma criança, tentando reconstituir o mito medieval do “assassinato ritual”, do libelo de sangue. Por meio de publicações mensais o jornal do CV, *Im deutschen Reich* conseguiu desmascarar essa mentira ignominiosa. Em seu início, o CV sofreu críticas de algumas comunidades judaicas, declarando que tudo não passava de vontade de querer aparecer, que seria prejudicial para os judeus como um todo, e deixaram o CV relativamente solitário. Enxergavam a luta contra o antissemitismo como algo para o que não viam solução, e não deram qualquer apoio à nova entidade. Segundo Reinharz¹⁷²:

A resposta da comunidade judaica alemã pode ser vista como preocupada em não querer alterar o *status quo*, pois afinal pensavam que o correto seria poder confiar no Estado, ou seja, nas autoridades, mesmo sabendo que as autoridades não lhes davam atenção.

Quando de sua fundação, o CV queria reforçar que seu nome caracterizava que seus membros eram antes alemães, mais que judeus, razão porque tinham incluído a palavra “fé judaica”, ao invés de “religião judaica”. No começo, essa questão tinha implicações no trabalho diário do CV, voltado mais para a identidade alemã, denominada então *Die deutsche Gesinnung* (alemanidade), conforme esclarecimento de Maximilian Horwitz, segundo presidente do CV, de 1894 até sua morte em 1917. O significado desta frase queria explicar que “qualquer cidadão alemão de fé judaica” poderia somar esforços para preservar sua posição na Alemanha, comprovando sua lealdade à Alemanha, sua pátria.

Até pouco antes da Primeira Guerra Mundial, não foi levada em conta a orientação de F. Simon, que entendia que o pensamento judaico e a educação judaica eram pré-requisitos para a defesa

¹⁷⁰ O terceiro dos cinco livros de Moisés.

¹⁷¹ O discurso de Gabriel Riesser em defesa dos judeus está no Capítulo I.

¹⁷² REINHARZ, 1975.

contra o antissemitismo. A atitude de pouco judaísmo foi preponderante até pouco antes da Primeira Guerra Mundial¹⁷³.

Quando do surgimento da Associação Sionista – *Zionistische Vereinigung für Deutschland* (ZVfD) a partir de 1897, um dos itens de diferenciação entre ambas as associações foi que o CV se

Foto 5 – Família de David Introligator, anos c1920.

*Breman Museum – Jennie Intro Moret Family Papers
JIM 273.005*

empenhava em demonstrar seu interesse no pertencimento ao povo alemão, e o ZVfD valorizava o sentido de pertencimento a um clã, a uma nação, e que sua pátria não seria obrigatoriamente a Alemanha. Ao mesmo tempo, o CV não poderia manter uma posição religiosa, porque sua pretensão era abarcar os judeus de todas as correntes, o que de fato conseguiu, em seus 45 anos de existência.

Apresento um breve resumo da filosofia do CV, assemelhada à das confrarias judaicas estudantis:

A Associação se mantém convicta em sua lealdade à *Deutsche Gesinnung* – ao alemanismo¹⁷⁴. Seu objetivo é combater o antissemitismo e transmitir o sentimento de autoconfiança aos judeus, porque por intermédio de sua história, cultura, e forte ligação eles estão comprometidos de maneira inseparável da pátria alemã e constituem parte integrante da nação alemã¹⁷⁵.

Cabe salientar que os primeiros diretores do CV se formaram em suas respectivas Universidades antes da existência das confrarias estudantis. Já a segunda geração de diretores tinha passado por elas e se associado ao CV imediatamente após sua formação universitária. Eles vieram das

¹⁷³ RIEGER, 1981, p.24.

¹⁷⁴ Neologismo apresentado na tradução de ARON, Irene. *Diários de Victor Klemperer*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

¹⁷⁵ REINHARZ, 1975, p.50.

confrarias Viadrina, Licaria e Badenia, onde tinham adquirido habilidade nas lides da vida em grupo.

Apesar de Horwitz reconhecer o apoio incontestado dos cristãos Gneist e Rickert que participaram da criação da Associação Cristã '*Verein zur Abwehr des Antisemitismus*' para a defesa contra o antissemitismo, ele afirmava o conceito inicial de Riesser de 1848 sobre *Deutschtum und Judentum*, também era aceito pelas confrarias: a valorização da dignidade dependia do empenho pessoal de cada um. Rieger manteve essa afirmativa em seu livro *Ein Vierteljahrhundert...* (Um quarto de século na luta pelo direito e pelo futuro dos judeus alemães) de 1918.

**Foto 6 – Julius Brodnitz
(1866-1936) nos anos 1920.**

Encounters with Anti-Semitism.

De seus anos iniciais, até a ascensão do nazismo, o número de membros do CV variou dos primeiros 2.000 até 72.450 nos piores anos da hiperinflação, retrocedendo depois aos 60 mil, sempre tendo sido computados somente os pais de família (1893 – 1933). Nesse mesmo período a população judaica oscilou entre 500.000 e 600.000 pessoas. Em 1916, ano do famoso censo judaico, durante a Primeira Guerra Mundial estima-se que houve 200 mil membros corporativos, e perto de 36 mil individuais. Tem-se de reconhecer que devem estar corretas as estimativas que uma alta percentagem dos judeus alemães pertenceu ao CV.

O livro *Um quarto de século na luta pelo direito e pelo futuro dos judeus alemães*, escrito pelo rabino Paul Rieger é uma retrospectiva da história do CV para o período de 1893, ano de sua fundação, até 1918. Rieger faleceu em 1939, sem saber o quanto o futuro que estava à espreita, ainda iria trazer de desgraça para o povo judeu, o que é o motivo deste estudo. Sua descrição do antissemitismo anterior a 1893 esclarece a situação dos judeus em face do preconceito racial, em especial por motivos econômicos, associados à inveja, conforme o historiador Götz Aly e o jornalista Tobias Jaecker, já mencionados, escreveram recentemente. Transcrevo o que Aly pesquisou in *Why the Germans, why the Jews* de 2006 abaixo do que Rieger escreveu.

Rieger começou o livro citando uma frase de Gabriel Riesser, em que esse famoso jurista judeu defendeu seu direito à cidadania alemã:

Quem recusar meu direito à minha pátria alemã, estará recusando meus pensamentos, impedindo-me de experimentar meus sentimentos, restringindo a língua que eu falo e o ar que eu respiro. E, por essa razão, terei de me defender de alguém, em quem estarei vendo um assassino. (Tradução nossa).

Riesser foi atuante desde jovem e, caso seu pensamento resoluto tivesse se tornado um lema para todos os judeus alemães, o antissemitismo na Alemanha jamais teria alcançado os níveis que alcançou. “O judaísmo combativo sempre soube se defender de seus atacantes. Quando os judeus reforçaram seu cuidado, o ódio contra eles, o *Judenhass* sempre recrudesceu”. Ainda segundo Rieger:

O poder do antissemitismo foi muito forte, e uma falta de visão impediu os judeus de se darem conta do risco a que estavam sujeitos. Além disso, desde 3 de julho de 1869 grande parte dos judeus alemães receberam o direito à cidadania, e a partir de 1871 todos receberam o direito, o que permitia que sentissem menos o perigo, que estava por vir. Tradução nossa.

Mesmo assim não foram poucas as pessoas que encontraram formas mesquinhas de lhes tirar esse direito (nesse caso novamente se constatou o antissemitismo, só não se discutia por que ele existia? Por que ele era tão visceral?) Ou seja, os judeus sentiam sua própria fraqueza diante da ferocidade do antissemitismo. Alguns deles procuraram a conversão. Sua capacidade de defesa tinha se exaurido para continuarem sua luta de seguirem o lema e a coragem de Riesser¹⁷⁶. Ao mesmo tempo houve gestos de ânimo e de coragem, quando pessoas cristãs defenderam os judeus, de maneira apaixonada, contra a “vergonha e a ignomínia do século” – o antissemitismo, como foi o exemplo de Theodor Mommsen e Johann Gustav Droysen já citados e a extraordinária Baronesa Bertha von Suttner (1843-1914)¹⁷⁷. Foi um forte alento para os judeus.

Em 1900 o Diretor do CV, Dr. Horwitz, se deu conta de que os judeus em sua totalidade tinham necessidade de criarem uma representação coletiva. Todas as associações e entidades judaicas e as das províncias englobando todas as sinagogas da Alemanha deveriam estar unificadas em torno de uma representação coletiva duradoura. Até então os judeus não eram representados

¹⁷⁶ Alguns textos atuais sobre a “*Märzrevolution*” de 1848 na Paulskirche de Frankfurt estranhamente não mencionam a eminente figura de Gabriel Riesser, que conquistou o posto de Vice-presidente de Assembleia.

¹⁷⁷ Bertha von Suttner, descendente da nobreza checa foi jornalista e escritora. Foi a idealizadora do Movimento Pacifista e recebeu o Prêmio Nobel da Paz, 1905. Incansável batalhadora contra o antissemitismo e pelos direitos das mulheres. Trabalhou em Paris com o Dr. Nobel, a quem orientou a utilizar sua descoberta da dinamite para fins pacíficos. Recentemente foi lançada sua biografia na Alemanha.

junto às autoridades governamentais. As atividades do DIGB estavam restritas a atividades administrativas. A associação apropriada teria sido o CV, mas em vista de sua intensa atividade no campo da defesa estava impossibilitado.

A consideração diante das comunidades judaicas não deveria mais depender da boa vontade dos grupos cristãos, mas deveria se tornar uma questão do próprio judaísmo. Nesse ínterim os judeus tinham se emancipado e podiam prescindir da benevolência de quaisquer círculos. Os judeus tomaram esta decisão própria, na categoria de cidadãos perante a pátria, da mesma forma que protestantes e católicos.

Em seu livro Rieger descreveu os judeus durante a guerra. O CV convidou e solicitou a todos os judeus para se dedicarem de corpo e alma à defesa da pátria, assim que a guerra foi decretada. Os judeus foram convocados como oficiais de reserva. Segundo Rieger até mesmo a imprensa conservadora evitou criticar os judeus. O CV pediu ao VdJ, criado em 1904, que elaborasse uma estatística referente à participação dos judeus. Era necessário calar as vozes desajustadas de denunciar os judeus de não estarem participando da guerra. De maneira estranha, tanto a Comissão de Assuntos Econômicos do Parlamento, quanto o Ministério da Guerra solicitaram no mesmo dia, 11 de outubro de 1916 a realização de um censo demográfico dos judeus participantes da guerra. Pretendiam descobrir se haveria pessoas com a intenção de desertar, de não participar da guerra, ou de se evadir. Em seu livro, o rabino Paul Rieger continuou descrevendo as orientações do CV para que todos os judeus se apresentassem voluntariamente para o combate, considerando o fato de serem um grupo minoritário. Os judeus esperavam dessa forma que iria haver um recrudescimento do antissemitismo. Por meio do amor pela Alemanha, sentia-se que todos tinham encontrado seu estado de satisfação. Até mesmo a imprensa conservadora, entenda-se da direita, evitava criticar os judeus. Somente a imprensa antisemita levantava calúnias contra os judeus, a ponto de as autoridades governamentais tomarem medidas contra as difamações antisemitas.

Após a realização do censo de 1916, o novo Ministro da Guerra escreveu não ter entendido porque os seus antecessores no Ministério tivessem pedido o censo. Toda a questão não teria sido levada a sério, caso não se tratasse justamente de judeus, pois tinha suscitado um sem número de intrigas. A atitude desse novo ministro foi benevolente em relação aos judeus, uma vez que os seus antecessores tinham decretado o censo judaico, recebido pelos judeus como a maior vergonha a que tiveram de se submeter. Quem poderia imaginar as terríveis humilhações a que o povo judeu como um todo teve de se submeter a partir de 1933? O que foi a Shoá... O

VdJ e o CV concluíram que não iriam fazer um problema por causa do censo. Na Assembleia semestral do CV de 4 fevereiro de 1917 ficou constatado que se tratou de uma tentativa malsucedida do Ministério da Guerra de prejudicar os judeus. Independentemente dessa questão foi também comentado que o VdJ se preocupou em enviar sempre material de leitura apropriado, para manter os combatentes bem informados e estimulados.

O rabino Paul Rieger encerrou seu livro com um desejo de que a Alemanha pós-guerra iria ter uma população judaica, que estaria capacitada para exigir seus direitos e lutar pelo futuro de toda a comunidade, fiel à Alemanha e essencialmente dentro do espírito do judaísmo, e dos seus compromissos com a pátria. Defendeu também o conhecimento profundo do judaísmo: A luta pela defesa significa o retorno ao judaísmo. Quem tem a intenção de defender uma ideia tem de conhecê-la profundamente, assim como seus valores.

Em seu livro: *Why the Germans, why the Jews?*, Götz Aly suscitou as controvérsias:

Foram muitos os judeus que durante o século XIX cruzaram as fronteiras alemãs, felizes de entrarem em um país organizado. Entretanto, tudo veio a ser completamente diferente do suposto. Segundo Götz Aly as críticas que os judeus sofriam provinham da inveja. O despreço pelos judeus era devido ao seu empenho em caminhar para frente. Aly citou o filósofo Immanuel Kant: “Os invejosos despendem sua energia destruindo a alegria dos outros. O invejoso sente *Schadenfreude* (prazer perverso)”.

Não se pode avaliar hoje o que foi certo ou errado no passado, porque hoje se vê os acontecimentos sob o olhar *ex-post*. A chegada de Napoleão à margem esquerda do Rio Reno, na Alemanha trouxe liberdade para os judeus, algo inédito. Hoje se procura entender por que os judeus alemães gostavam tanto da Alemanha? De outros países eles chegaram a ser expulsos: da Inglaterra, em 1290, da França, da Espanha e de Portugal, também foram expulsos. Eram considerados culpados por tudo o que acontecia de grave, como pragas, crises, doenças e outras. O ódio religioso contra os judeus começou a desaparecer na época do Iluminismo. Mas, quando entraram na sociedade no século XIX passaram a ser vistos como aqueles que tiravam proveito da modernidade, de maneira desproporcional. O historiador Jacob Katz esclareceu com muita propriedade, que os judeus efetivamente foram os grandes beneficiários da modernidade, uma vez que tinham vivido isolados em seus guetos, com o pensamento voltado para as leis do passado. Gershom Scholem também escreveu sobre essa mesma questão. Alegou que os alemães ficaram surpresos com a intensidade com que os judeus se interessaram por questões fora da

religião judaica, criticando sua afoiteza em se dedicar a coisas novas, até então desconhecidas. Tudo servia para criticar o judeu¹⁷⁸.

Jakob Wassermann (1873-1934) 60 anos, morreu em 1º de janeiro. Escreveu em sua autobiografia que o judeu alemão foi uma figura totalmente diferente do convencional, em vista de seu papel de judeu alemão. Escreveu o livro ‘O processo Maurizius’ em 1923, em que descreve o estado em que se encontrava o judeu, que ele denominou de “foco incendiário”. Foi o personagem Waremmé, que não suportou sua condição de judeu, em especial de judeu do Leste, o *Ostjude*, escondendo-a de toda a sociedade, mesmo sendo intelectual respeitado, chegando a ocultar seu verdadeiro sobrenome, Warschauer. Nascido dois anos após a Unificação, Wassermann relatou que seus ancestrais tinham emigrado da Espanha após 1492. Parte deles tinha padecido as delimitações impostas aos judeus. Tinham sofrido forte opressão¹⁷⁹. Antes da Unificação as restrições impostas aos judeus induziram a que morressem cedo (caso do seu avô materno). Para o pai de Wassermann, vivia-se na Alemanha um período de tolerância, que lhe agradava. Uma das maiores alegrias do pai fora ter podido se sentar à mesma mesa do escritor Gutzkow¹⁸⁰. O pai também gostava de Schiller, e de outros escritores. Wassermann comenta que grande parte de seus conterrâneos eram primitivos e sentiam forte preconceito racial contra ele. O preconceito se voltava para a aparência externa. Comentou que os conteúdos da aula de religião na sinagoga eram antiquados, e que aprendiam a decorar tudo, sem envolvimento espiritual. Wassermann gostava somente de um rabino. Comentou que o ambiente na sinagoga era pesado e os olhos das pessoas pareciam estar queimando devido à memória atávica das perseguições, não esquecidas. Para os ortodoxos os novos hábitos representavam ausência de fé.

4.2 A IDEIA DO CENSO DEMOGRÁFICO JUDAICO

O ministro da guerra da Prússia, aproveitando-se da renúncia de Rathenau, após a pressão antissemita por ele sofrida em 1916, anunciou no Parlamento que em vista do “clamor popular” reclamando que “tantos” judeus tinham “abandonado” seus postos na guerra, o Parlamento via-se na contingência, portanto de deliberar para que fosse feito um censo, para avaliar a presença

¹⁷⁸ SCHOLEM, G. “Judaica I”. Organizadores: Jacó Guinsburg, Haroldo de Campos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994, p.66.

¹⁷⁹ OELSNER, 1942. Não tinham permissão para se estabelecer em diversas localidades, e também tinham direito a exercer poucas profissões.

¹⁸⁰ Em seu livro, Klemperer (2009) descreveu sua admiração por Gutzkow, autor moderno à época, que teve de se refugiar no exterior em vista de ter uma postura à frente de sua época.

judaica na guerra, e “acalmar a população”. De maneira caluniosa, o ministro prosseguiu que era necessário juntar material para “desmentir essas afirmações antissemitas”, e que seria elaborado um censo para computar os judeus que estivessem participando da guerra. Tendo essas figuras proeminentes pedido demissão de seus cargos devido aos ataques antissemitas que tinham sofrido, o ministro da guerra do Estado da Prússia justificou a necessidade de se elaborar o censo por meio dos militares participantes da guerra, em vista de o povo estar reclamando do “abandono” dos judeus de seus postos. O desenvolvimento dos questionários do censo seguia a orientação de pessoas antissemitas, que procuravam induzir respostas para o que desejavam ouvir. Eram militares sem preparo para elaborar questionários objetivos. De qualquer forma, os resultados do censo não trouxeram o resultado esperado por seus realizadores e jamais foram revelados. Foi uma experiência doída e ultrajante para os judeus. O mundo judaico sofreu um grande número de baixas. A literatura aponta o censo como um dos piores momentos da vida judaica na Alemanha, após a saída do gueto. Em fevereiro de 1917, foi conclamada uma ampla reunião, em Berlim, com a participação de membros do CV de todas as regiões da Alemanha. Os diretores do CV permitiram que os representantes das cidades de Breslau, Frankfurt am Main e Munique discutissem o questionamento do porquê da “não divulgação” do censo judaico, avaliando o ultraje a que os judeus tinham sido submetidos. Entretanto, Horwitz, o diretor do CV deixou que a discussão fosse mesmo acalorada, e depois guardou o material de volta na gaveta. Os diretores do CV não se sentiam em condição de desafiar os governantes, apontando-lhes seus erros, pois queriam ser membros integrantes da sociedade alemã. Entretanto, mesmo mantendo o firme propósito de se manterem alemães, após tantos ultrajes sofridos, houve membros do CV, que passaram a enxergar o grupo sionista com mais simpatia, pois mesmo tendo se alistado no exército, continuavam malquistos na Alemanha.

4.3 ANTISSEMITISMO NA ÁUSTRIA

Karl Luëger, Prefeito de Viena (de 1897 a 1910) exerceu influência nefasta na sociedade contra os judeus e seus efeitos maléficos se alastraram até sua morte, mas em especial no período compreendido entre 1888 e 1893. O que importa frisar é que Adolf Hitler (1889-1945) chegou a ser uma das pessoas influenciadas por Luëger e também por George von Schönerer antes de emigrar, ou melhor, fugir para a Alemanha em 1913.

Luëger (pronuncia-se Luéguer) procurou uma forma de se tornar popular advogando para gente de poucas posses. Organizou uma assembleia católico-austriaca. A partir de 1888 os nacionalistas alemães se fundiram com os cristãos-sociais de Luëger criando a “União Católica”. Apesar de obter muitos votos para se tornar prefeito de Viena, o Kaiser Franz Joseph I somente aceitou aceitar Luëger como Prefeito, após a intervenção do Papa Leão XIII. Os jovens capelães da “União Católica” perceberam que a única forma de poderem ajudar a “gente miúda” de Viena seria dando uma solução para a “questão judaica”, que se iniciara na Alemanha com Treitschke e Stoecker, pela criação de uma legislação antijudaica. O líder do novo partido antissemita foi Luëger, e a partir de 1893 ele criou o partido “Social-cristão” voltado para as massas, difundindo chavões antissemitas, antiliberais e ao mesmo tempo ajudando pessoas que passavam dificuldades, numa atitude demagógica. Conseguiu vencer as eleições na posição de *Volkstribun* (representante do povo). Tinha a capacidade de atizar pessoas das mais variadas procedências, por meio de discursos inflamados, para se unirem contra uma minoria malquista, mas esperta: “A ‘Grande Viena’ não pode se tornar a Grande Jerusalém!” – “Não comprem nas lojas dos judeus!” – “O antissemitismo só vai acabar no dia em que o último judeu desaparecer”.

Outro antissemita perverso foi o professor de teologia August Rohling (1839-1931), austríaco. Ele publicou em 1871 o panfleto racista *Der Talmudjude* (O judeu talmudista), distribuído gratuitamente em grande parte da Europa, onde o judeu era apresentado como inimigo dos cristãos, favorável ao pensamento materialista. Finalmente, em um processo consistente Rohling foi desmascarado como mentiroso e falsificador. Mas, a maldade já tinha sido feita.

5 ENTRE-GUERRAS

A história da Alemanha no entre guerras de 1914-18 a 1939-45 nos mostra que foi um período de fortes tensões, não somente políticas, como também socioeconômicas e culturais¹⁸¹. A democracia reinante durante a República de Weimar foi um canal de abertura para o crescimento do Partido Nacional-Socialista, uma vez que ela, a democracia, era muito fraca e vulnerável e, sendo recente, não tinha forças para impor restrições aos partidos totalitários da extrema direita, pois havia aqueles que até possuíam milícias. Uma das milícias eram as *Freikorps*, corporações livres, que tinham sido fundadas pelo Turnvater Jahn no início do século XIX. Houve várias organizações de corporações, que agiram militarmente. Compunham-se de homens que haviam combatido na Primeira Guerra Mundial, e que até alguns anos após a guerra ainda receberam o soldo de guerra. Havia também jovens que não tinham participado da guerra, mas ansiavam por uma oportunidade de participarem de uma nova guerra, dado seu espírito belicista.¹⁸² Por outro lado, a população, de modo geral, sentia-se órfã da monarquia, à qual se inseria inclusive uma parcela da população judaica. A nostalgia pelo regime anterior, a monarquia, não favorecia o fortalecimento da República de Weimar. A República e o Estado Democrático não faziam parte do pensamento de grande parte da população, acostumada a obedecer a ordens. A geração da Revolução de 1848, que ansiava por um sistema político mais participativo não vivia mais. No antigo Reich havia o Parlamento, mas, mesmo assim, os deputados não tinham alcançado a merecida expressão política. Estranhamente, as instituições governamentais continuaram mantendo a nomenclatura *Reich*, que significa “império”, quando agora o governo era uma república. A República de Weimar, fundada por Phillip Scheidemann, da Socialdemocracia, na mesma tarde da rendição alemã em 9 de novembro de 1918, além de fraca era muito pobre. Mesmo estando falida, continuou pagando o soldo para os ex-combatentes. Chegou a pagar indenizações para os aristocratas que tinham perdido suas propriedades¹⁸³.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, quatro impérios tinham caído e se tornaram repúblicas: o Segundo Reich, o Império Austro-húngaro, o Império Otomano e o Império Russo. A Rússia

¹⁸¹ Veja o filme de Peter Cohen *Undergångs Architektur* (Arquitetura da destruição – documentário) feito na Suécia, 1989. – Acompanha a trajetória de Hitler e de alguns de seus mais próximos colaboradores com a arte. O filme destaca ainda a importância da arte na propaganda, que teve papel fundamental no desenvolvimento do nazismo em toda a Alemanha.

¹⁸² Conforme se lê em Klemperer (2009). *Freikorps*: corporações livres, que tinham sido fundadas pelo Turnvater Jahn no início do século XIX..

¹⁸³ RICHARD, Lionel (org.). *Berlim, 1919-1933. A encarnação da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

e a Hungria passaram a integrar a antiga URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que durou até agosto de 1991, quando foi criada a Comunidade dos Estados Independentes.

A temática do capítulo 4 envolve três períodos da vida do CV: durante a guerra de 1914 a 1918; durante a República de Weimar, que vigorou de fins de 1918 ao início de 1933, e durante o regime nazista, até 9 de novembro de 1938, quando ocorreu a *Kristallnacht*. O CV e o C.V. Zeitung foram fechados compulsoriamente naquela noite, e seus membros foram enviados como prisioneiros para os campos de concentração de Sachsenhausen. A *Kristallnacht* recebeu também o nome de Catástrofe, antes da verdadeira catástrofe, pois ninguém poderia imaginar todo o horror e a humilhação que ainda adviriam.

Foto 7 – Hans Oppenheimer (1903-1985) e dois outros funcionários na redação do C.V. Zeitung.

Foto de Herbert Sonnenfeld (Jüdisches Museum Berlin)

Faz-se necessário externar o pensamento do historiador alemão Hans Ulrich Wehler (1931-2014), de cuja ideia compartilhamos, que considerava que entre 1914 e 1945 a Alemanha sofreu uma nova Guerra de Trinta Anos, como a de 1618 a 1648.

Foto 8 – Cerca de 100.000 judeus alemães serviram ao Kaiser na Grande Guerra.

The Kaiser's Jewish Soldiers: Loyalty, Identity, Betrayal – The Wiener Library, jun.-out. 2014.

Quando a Grande Guerra, irrompeu em agosto de 1914, houve um estranho “entusiasmo” por parte dos judeus para poder participar dela. Por mais incrível que possa parecer ao olhar de

Foto 9 – Soldado judeu alemão, sem mais dados.

Expo. Life on the Battlefield

hoje, os judeus alemães queriam provar que iriam exercer seu dever pátrio, como qualquer cidadão alemão. Estavam sempre à busca de sua equiparação civil e de serem aceitos como cidadãos alemães.

Durante a convivência bélica os sionistas e os membros do CV conseguiram unir esforços para não se contraporem como grupos de mentalidade distinta¹⁸⁴. Seguiam a orientação do Kaiser Wilhelm II de manter a *Burgfrieden* (paz civil), que significava a abstenção de discussões políticas durante a guerra.

Naquele momento, os judeus ansiavam por um conagraamento com os demais alemães. O anseio por defender a

¹⁸⁴ Os sionistas, por sua vez, rememoraram o seu patrono ancestral Bar Kochba, o herói judaico do século II, que durante dois anos conseguiu manter a luta do povo judeu contra os romanos. Recordaram também a história dos Irmãos “Macabeus” e de sua coragem contra os inimigos helenos,, ainda antes da Era Cristã.

Alemanha, o compromisso pela proteção nacional estava na consciência de cada um, desconsiderando o peso das classes sociais, bem como da origem religiosa. Aparentemente, não havia diferenças dentro da nação alemã. Supunha-se que a guerra seria de curta duração, como tinham sido as três guerras empreendidas por Bismarck entre 1862 e 1870 para conseguir a Unificação Nacional, fundando o moderno Estado Alemão, de expressão absolutista, distante do parlamento. O que a população não sabia é que a tecnologia bélica tinha avançado, e a guerra foi de longa duração, acarretando uma enorme quantidade de perdas humanas e cenários terríveis nos campos de batalha.

Naquele fatídico 5 de agosto de 1914 (dia da declaração de guerra)¹⁸⁵ todos os judeus liberais acorreram às sinagogas visando a amparar a pátria. O rabino Leo Baeck ministrou dois serviços religiosos recebendo os fieis com a leitura do Salmo 130: “Das profundezas eu te chamo, senhor”! As pessoas deixavam a sinagoga entoando de forma espontânea canções de teor patriótico. Naquela data, o próprio Martin Buber (1878-1965) escreveu a um amigo da *Zionistischer Verein für Deutschland* (ZVfD – Associação Sionista para a Alemanha), à qual ele mesmo pertencia, que agora poderiam substituir o conhecido provérbio judaico: “Não é por meio da força, mas sim pelo espírito” pelo provérbio do Evangelho de João (12:25): “Aquele que ama a sua vida, haverá de perdê-la”¹⁸⁶.

Leo Baeck era o rabino de maior representatividade entre os judeus liberais, membro do CV. Doutorou-se aos vinte e dois anos sob a orientação de Wilhelm Dilthey (1833-1911), escrevendo sobre as influências iniciais de Spinoza na Alemanha. Faz-se necessário mencionar o papel de Dilthey¹⁸⁷, como pensador das *Geisteswissenschaften* (Ciências do Espírito) e do *Verstehen* (Compreender), ao qual Leo Baeck estava perfeitamente inserido. Tratava-se do aprofundamento da compreensão e do autoconhecimento. Em 1905 Leo Baeck lançou sua obra principal: A essência do judaísmo¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Consta que aquele seria o dia 9 de Av, data de luto judaico, desde a destruição dos dois Templos judaicos que se supõe ter sido em 9 de Av, 5º mês judaico.

¹⁸⁶ MENDES-FLOHR, Paul. *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit 1918-1945*. Munique: C. H. Beck Verlag. 1997, p.19.

¹⁸⁷ Autor de *Interpretação e análise do homem desde o Renascimento e Reforma*. (DILTHEY, Wilhelm. *Weltanschauung und Analyse des Menschen seit Renaissance und Reformation* Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1914) e *Experiência e poesia* (DILTHEY, Wilhelm. *Erlebnis und Dichtung*. Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1922).

¹⁸⁸ BAECK, Leo. *Das Wesen des Judentums*. Frankfurt am Main: Kauffmann, 1922.

Já mais tarde, durante a República de Weimar, a partir de fins de 1918, Baeck tornou-se o mais importante representante do judaísmo liberal, assumindo muitos cargos nas diversas entidades judaicas. Foi o presidente da B'nei Brit de Berlim entre 1924 e 1937, que agrupava mais de cem unidades. Nesse mesmo ano fundou a União Geral para o Judaísmo Progressista. Quando a ditadura nazista assumiu, em 1933 Leo Baeck, foi convocado para presidir a organização “guarda-chuva” que congregava todas as entidades judaicas alemãs. Inicialmente pelas próprias organizações judaicas, e, posteriormente, sob o comando governamental. A pessoa de Leo Baeck foi de fundamental importância para todos os judeus na Alemanha, que sentiam haver uma

Foto 10 – Rabino Leo Baeck.

Leo Baeck Temple, Los Angeles, CA

liderança liberal, moderna e atuante, durante a República de Weimar e nos anos do regime nacional-socialista, até o encarceramento do próprio Leo Baeck em Theresienstadt, em janeiro de 1943.

Em 30 de janeiro de 1933, quando Adolf Hitler foi convocado pelo presidente eleito general Hindenburg, para se tornar Primeiro Ministro da Alemanha, os democratas sentiram terem sofrido “uma derrota sem batalha”.

No auge do terror nazista e da perseguição antissemítica, Leo Baeck atuou no apoio humanitário àqueles que se encontravam em pior situação. Da mesma forma que o seu assessor, Dr. Otto Hirsch (1885-1941), que, ao invés de fugir da Alemanha, ficou trabalhando em prol dos necessitados de documentação para eles poderem abandonar a Alemanha¹⁸⁹. Teve todas as condições para emigrar juntamente com a família, mas optou por permanecer dedicando-se à causa dos demais. Aqueles que conseguiram, tiveram até outubro

¹⁸⁹ Hirsch, judeu alemão jurista e administrador público pertenceu à liderança judaica, ao lado de Leo Baeck, que foi o rabino mais influente entre os judeus liberais, ortodoxos e sionistas na Alemanha. O regime nazista aglutinou todos os judeus em uma única entidade, e designaram Baeck, juntamente com Hirsch seus porta-vozes. As entidades judaicas passaram a ser cada vez mais humilhadas, respondendo Baeck e Hirsch pelo coletivo judaico. Hirsch foi convidado pelo Presidente Franklin Delano Roosevelt para representar os judeus alemães na “Conferência de Evian” em julho de 1938 para tratar da questão dos refugiados judeus, que, como se sabe foi pouco, ou nada resolvida. Hirsch trabalhou em prol de todos os demais perseguidos, ajudando novamente junto com Leo Baeck a tratar para que o maior número possível de perseguidos pelo regime obtivesse visto de saída e local para onde emigrar. Foi preso em fevereiro de 1941 e enviado ao campo de concentração de Mauthausen em maio do mesmo ano, morrendo nesse campo, em junho.

de 1941 para abandonar a Alemanha nazista. Leo Baeck afirmou que não abandonaria seu rebanho, por uma só pessoa que necessitasse de apoio. Assim, foi “arrastado” para o campo de concentração e extermínio de Theresienstadt em 1943. Otto Hirsch foi assassinado no campo de concentração de Sachsenhausen em junho de 1941.

Além de Otto Hirsch, faz-se mister registrar os nomes das pedagogas Cora Berliner (1890-1942) e Senhora Fürst, que não deixaram seus postos e foram “transportadas”¹⁹⁰ para campos de concentração e extermínio, em 1942. Cora Berliner era a representante

da juventude no CV, tendo se doutorado com a tese: *Os movimentos juvenis judaicos*¹⁹¹, pois fora uma das fundadoras da *União dos movimentos juvenis judaicos alemães*. Além de pedagoga, era matemática e economista. Durante a guerra, trabalhou no mesmo ministério em que estava Walther Rathenau. A senhora Fürst foi a diretora da escola *Theodor Herzl Schule* (umas das muitas escolas judaicas para onde as crianças judias foram obrigadas a se matricular, em vista da proibição de continuarem nas escolas convencionais, com as crianças não judias). Ela

Figura 23 – Nova objetividade: o Expressionismo Alemão.

Otto Dix (1891-1969), Os Pais do Pintor II, de 1924, uma das obras mais marcantes do artista. Como um dos representantes da Nova Objetividade, ele trabalhou em Düsseldorf 1923-1925, principalmente com o gênero do retrato. A apresentação de seus pais em primeiro plano, sentados em um sofá esfarrapado, ilustra caracteristicamente a indiferente abordagem de Dix com seus próprios entes queridos. Ele, implacavelmente, mostra seus pais velhos e desgastados, como os chamados “gente pequena”, membros da camada social inferior.

Sprengel Museum Hannover.

¹⁹⁰ Expressão nazista para dizer que a pessoa foi embarcada em um trem de gado para os campos de concentração e extermínio.

¹⁹¹ BERLINER, Cora. *Die Organisation der jüdischen Jugend in Deutschland. Ein Beitrag zur Systematik der Jugendpflege und Jugendbewegung*. Berlin: Verlag des Verbandes der jüdischen Jugendvereine Deutschlands, 1916.

não abandonou a escola enquanto houve crianças; ela e as últimas crianças não puderam mais sair da Alemanha.

É importante apontar que, tanto Leo Baeck, quanto Sigmund Freud, cada um perdeu suas quatro irmãs nos campos de concentração e extermínio, dentre tantas outras perdas.

É perturbador que, diferentemente de pessoas muito esclarecidas, como a Baronesa Bertha von Suttner (tcheca), e os escritores Stefan Zweig (austriaco)¹⁹², Roger Martin du Gard (francês) e outros, a maioria não se lembrava de combater o pensamento bélico, apoiavam-no! Os judeus não sentiam liberdade de lutar contra essa ideia. Entravam na corrente geral de que eram bons alemães e não lhes cabia alternativa que não fosse lutar “até a morte” pela pátria.

A preocupação deste trabalho é justamente seguir o ensinamento do notável historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886): *wie es eigentlich gewesen* (relatar como realmente aconteceu), buscando evidenciar os difíceis dilemas, que acometeram a sociedade judaica naquela época. Retornando ao início da Primeira Guerra Mundial todas as pessoas estavam imbuídas do sentimento nacionalista, característico do século XIX. O nacionalismo foi uma criação da Era Moderna. O período napoleônico contribuiu para a Europa ser consumida econômica e politicamente, após o impulso que as revoluções americana e francesa do século XVIII tinham trazido à antiga Europa. O novo ideal democrático se baseava não só na ideia da autodeterminação dos povos, mas também no nacionalismo. As pessoas buscavam concretizar seus novos anseios no espaço de sua própria nação¹⁹³. O nacionalismo tem voltado a rondar as sociedades atuais:

Indagar sobre as raízes do nacionalismo é como perguntar às pessoas por que elas amam suas famílias e têm medo de gente estranha. Os estudiosos dizem que a ideia de nação se constrói a partir de elementos como língua, história, cultura, território e política, mas ninguém é capaz de identificar uma causa única. Seria mais apropriado questionar o que faz com que o nacionalismo cívico dê lugar à versão mais intolerante e excludente do fenômeno...¹⁹⁴

Faz-se necessário recordar que o antissemitismo era um sentimento profundamente arraigado, sendo oportuno mencionar o livro *La mentalité primitive* de 1922 do etnólogo Lucien Lévy-

¹⁹² Não por acaso, encontra-se no jornal: LAFER, Celso: O pacifismo de Stefan Zweig. *O Estado de S. Paulo*. 21/08/2016, p.2.

¹⁹³ LANGEWIESCHE, Dieter. *Nationalismus im 19. und 20. Jahrhundert: zwischen Partizipation und Aggression*. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1953.

¹⁹⁴ *O ESTADO DE S. PAULO*. 11/12/2016 p. E2, traduzido do jornal *The Economist*.

Bruhl. Bruhl serviu-se do termo “mentalidade” para fundamentar a existência de sistemas culturais subalternos, por meio da dominância de comportamentos pré-lógicos e emocionais¹⁹⁵. A reabilitação científica da noção de mentalidade passou a ser paralelamente empreendida, no âmbito da Psicologia, por Blondel e H. Wallon. Foi quando os historiadores franceses, fundadores da *École des Annales* de Estrasburgo Marc Bloch, Georges Lefebvre e Lucien Febvre, nos anos vinte e trinta do século passado, ampliaram as fronteiras da História Social ao domínio das representações coletivas e, de modo explícito, às “maneiras de sentir e de pensar” de diferentes épocas históricas. O que nos favorece a ter melhor compreensão sobre a problemática deste estudo: O dilema entre preservar a fé judaica e ser aceito como cidadão alemão¹⁹⁶. E, outros dilemas mais agudos que surgiram durante o período nazista.

Até mesmo o conjunto da massa operária, que não se pretendia antissemita, tinha sido doutrinado pela burguesia para valorizar o sentimento nacionalista, que era intolerante em si mesmo. De um modo geral, a burguesia percebeu que não conseguiria demover o operariado de sua visão progressista da sociedade, para manter o conjunto dos trabalhadores sob sua tutela incutiram-lhes, ao menos, o sentimento nacionalista. Eric Hobsbawm escreveu sobre o papel da massa operária sob a responsabilidade da burguesia. Escreveu também sobre o pequeno campo de manobra dos judeus em face do antissemitismo a que estiveram sempre submetidos e sobre o papel de judeus influentes na história da humanidade:

A maioria dos escritores que se dedicam à história judaica tendem a se concentrar no impacto do mundo externo sobre o seu povo, e não no impacto inverso. Nem mesmo a excelente história política de uma minoria escrita pelo historiador Peter Pulzer escapa dessa introversão. Marx e Lassale, fundadores do movimento trabalhista alemão são pouco comentados por Pulzer, pouco à vontade com a disparidade entre o grande número de judeus proeminentes na liderança e nos debates do Partido Socialdemocrata da Era Wilhelmina¹⁹⁷.

¹⁹⁵ LÉVY-BRUHL Lucien. *La mentalité primitive*. 15e édition, 1960, 544 pages. Disponível em <<http://dx.doi.org/doi:10.1522/cla.lcl.men>> acesso 8 de abril de 2017.

ARAÚJO, Ana Cristina. Lisboa, 1999.

¹⁹⁶ Não pode ser esquecido que nessa mesma época a Alemanha era procurada pelos “Ostjuden”, pois no Leste, de onde eles emigravam a vida era muito pior.

¹⁹⁷ HOBBSAWM, Eric. *Tempos fraturados: Cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013, p.103.

Hobsbawm esqueceu, entretanto, que Marx fora batizado em criança e que convivera mais com luteranos que com judeus, não se percebendo como judeu. Entretanto, seus ancestrais e a família de sua mulher eram judeus não convertidos.

A questão de um estranho “entusiasmo” por parte dos judeus de participar da guerra de 1914 pôde estar associada à lembrança da invencibilidade do exército de Bismarck e de sua superioridade militar no passado recente, que continuava presente na mente de cada alemão. Ingenuamente, acreditavam que a guerra estaria integrando o povo alemão pela paz de Deus: “A guerra irá unir nossa pátria acossada”. A grande maioria não tinha noção de que o poderio militar no século XX tinha se abastecido de armas muito poderosas. Imaginavam que a guerra seria rapidamente vencida pela Alemanha, como ocorrera nas guerras de 1862, 1866 e 1870¹⁹⁸. A grande maioria não tinha a noção de que, o armamento do século XX tinha se tornado mais mortal. Sabe-se que foi uma guerra de ferocidade desumana. Tanto o CV, quanto os sionistas acreditavam na *Burgfrieden* (paz civil), expressão cunhada pelo Kaiser Wilhelm II para impedir publicações de teor antissemita. Entretanto, jornais, revistas, e outros tipos de periódicos não paravam de atacar os judeus, agora de modo indireto. Mesmo na vigência da proibição, faziam referência aos judeus de forma ainda mais cínica. Então, de qualquer maneira, os judeus mantinham a ideia de que eles tinham que se comportar melhor que os demais alemães. Entretanto, o jornal *Der Hammer* (O martelo), que publicava desenhos satíricos contra os judeus, tinha suspenso as caricaturas¹⁹⁹. Mas, não tinham interrompido seus comentários desagradáveis. Para alguns jornais, um dos objetivos da guerra seria higienizar a nação alemã daquela gente que sequer possuía uma base germânica: “que depois da guerra a situação dos judeus haveria de piorar”.

Para os judeus, em sua luta pelo reconhecimento, o conagraçamento durante os anos da Primeira Guerra Mundial seria a forma correta de eliminar o antissemitismo. Mas, ao mesmo tempo, perceberam os riscos a que estavam sujeitos. Entretanto, Eugen Fuchs, diretor do CV desde 1894, procurando difundir otimismo, escreveu no jornal do CV *Im deutschen Reich – IdR*: “Esperamos conseguir continuar nos empenhando na dura batalha pela honra dos judeus depois da guerra, para ter um futuro afortunado”.

¹⁹⁸ Contra a Dinamarca, a Áustria e a França, respectivamente.

¹⁹⁹ A Editora Hammer Verlag fora criada em 1887.

Ludwig Holländer (1877-1936), *Syndikus* (gerente) do CV desde 1908, bem ilustrou esse fato em 1915. O Conselho Editorial do *Der Hammer* (O martelo), tinha lhe enviado uma correspondência, no início de 1915, informando que seus ataques antissemitas estavam suspensos, por ora, em vista da solicitação do Kaiser. Mesmo assim eles se comprometiam a continuar protegendo o povo alemão contra os judeus, o “povo estrangeiro antigêrmanico”. Não fizeram segredo, mesmo quando seus jornais estavam proibidos de apresentar matérias antissemitas, afirmando que seu antissemitismo logo voltaria à tona.

O foco deste capítulo é ressaltar o papel desempenhado tanto pelo CV, quanto pela *ZVfD*, nos anos da guerra e após, durante a República de Weimar e os anos iniciais do regime nazista, até 1938.

Faz-se necessário apresentar um preâmbulo sobre o histórico de cada um dos dois grupos para ressaltar suas semelhanças e diferenças. A intenção é mostrar porque as duas associações foram importantes em seus propósitos.

O CV foi fundado em 1893, em vista do intenso antissemitismo reinante na Alemanha. Foi criado por um grupo de intelectuais judeus visando a ser aceitos pela sociedade alemã. Dois anos antes da fundação, o historiador Theodor Mommsen juntamente de judeus recentemente convertidos e não judeus tinha criado a Associação para Defesa contra o Antissemitismo, congregando perto de 20 mil pessoas. Dentre seus apoiadores, encontravam-se o industrial Robert Bosch, o escritor Heinrich Mann, o jurista e político Hugo Preuss, o pedagogo Rudolf Steiner, e outros. Queriam poder exercer seus direitos de cidadãos como qualquer outro cidadão alemão. Muitos viviam na Alemanha desde tempos imemoriais, outros eram oriundos do Leste europeu. Ainda que estivessem garantidos pela Constituição de 1871, na verdade, eles não eram reconhecidos como cidadãos. Apesar de o antissemitismo ser endêmico, seus riscos não eram percebidos por grande parcela dos próprios judeus alemães. Não se davam conta de seu grau de infiltração na sociedade. Apesar de não penderem tanto para o aspecto religioso, pois eram bastante assimilados, não pretendiam abandonar o judaísmo e não tinham a intenção de se converter. Conversões ocorreram mais no âmbito da necessidade de poderem ser efetivados na vida acadêmica. Algumas famílias da elite judaica passaram a batizar ao menos um filho, ou filha, seguindo a orientação do Capelão Stoecker. A relativa falta de compreensão de muitos judeus em relação à gravidade do momento político em que viviam foi comentada por Hans e Eva Reichmann, diretores muito ativos do CV e do jornal *C.V. Zeitung*, em sua extensa carta, após

chegar a Londres, em abril de 1939, esclarecendo a razão de sua partida definitiva da Alemanha, após a Kristallnacht de 9 de novembro de 1938.

Dentre os dilemas apontados, o casal esclareceu que, após tantos anos de dedicação exclusiva ao CV, viam a importância de continuarem vivendo, e fugir do regime nazista, tendo recebido muitas ameaças da Gestapo. Sabiam que tinham dado tudo de si, e não havia mais nada a fazer, dentro da Alemanha, após os seis anos de nazismo, de 1933 a 1939, pois permanecer lá era uma “causa perdida”. Em uma longa carta, que foi recuperada, escreveram que valeu a pena terem feito tudo o que fizeram. Não imaginavam que coisas piores que a Noite dos Cristais, quando ele foi enviado para o campo de concentração Sachsenhausen, ainda estavam por vir. Todos os membros do CV que sobreviveram à Shoá foram ativos nas comunidades em que encontraram abrigo, mas poucos souberam que grande parte de seu material foi recuperado, bem mais tarde, nos Arquivos de Moscou.

Dentre as principais obras referentes ao CV devem ser destacados o livro *Ein Vierteljahrhundert im Kampf um das Recht und die Zukunft der deutschen Juden* (Um quarto de século na luta pelo direito e pelo futuro dos judeus alemães) do rabino Paul Rieger²⁰⁰; *Fatherland or Promised Land. The Dilemma of the German Jew* de Jehuda Reinharz²⁰¹ e o texto de Alfred Hirschberg, acima mencionado – obras de referência antes da descoberta dos arquivos de Moscou, em 1992; os livros *Wehr Dich!*, *Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893-1938* do historiador israelense Avraham Barkai²⁰² de 2002; e *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit 1918-1945*. Munique: C. H. Beck Verlag de Avraham Barkai e Paul Mendes-Flohr de 1997 e um estudo sobre o jornal do CV, o C.V. Zeitung para os anos 1922 a 1932, de Almut Schulze-Wessel, professora do Ensino Médio alemão, de Göttingen, em 1999²⁰³.

Quando de sua criação o CV não recebeu amplo apoio da sociedade judaica. Sempre havia aqueles que não queriam enxergar as “inovações” com “bons olhos”. Pensavam tratar-se de

²⁰⁰ RIEGER, 1918.

²⁰¹ REINHARZ, Jehuda. *Fatherland or Promised Land – The Dilemma of the German Jew, 1893–1914*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1975.

²⁰² BARKAI, Avraham. *Wehrt Euch! Der Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*. Munique: C. H. Beck, 2002.

²⁰³ Orientada pela eminente pesquisadora Profa. Dra. Trude Maurer.

exibicionismo. Mas, não tardou a reconhecerem a importância do CV. Os momentos eram difíceis e os judeus procuravam estar bem afinados com a sociedade em geral. Temiam sempre se expor em demasia, em um solo sabidamente minado.

Por volta da mesma época da segunda onda antissemita na Alemanha entre 1871 e 1880²⁰⁴ tinham acontecido os *pogroms* em Kischinev de 1882 e em outras localidades na Rússia czarista, por um lado²⁰⁵, e do outro lado o *Affair Dreyfus* em Paris em 1894. Theodor Herzl (1860-1904), jornalista destacado, nascido em Budapeste, era o Editor do *feuilleton* muito apreciado do jornal liberal *Neue Freie Presse*, principal diário de Viena, desde o final do século XIX até 1938²⁰⁶. Um de seus fiéis leitores era Sigmund Freud, e um de seus colaboradores era o escritor Stefan Zweig. O liberalismo do jornal despertou a ira de Karl Luëger, prefeito de Viena até 1910, do Partido Social Cristão, antissemita, assim como do cavaleiro George von Schonerer. Ambos influenciaram Adolf Hitler em seus anos de Viena. Para Luëger: “A imprensa judaico-liberal era a responsável pelo antissemitismo austríaco, por meio de sua depravação e terrorismo”.

Herzl tinha ido a Paris cobrir o Processo Dreyfus, em fins de 1894, na companhia do escritor francês Émile Zola. O *Affaire Dreyfus* inspirou Zola a publicar o livro *J'accuse!*²⁰⁷ Vendeu mais de 300 mil cópias. Zola morreu antes da solução do caso Dreyfus e, até hoje, não se sabe se ele não foi vítima de assassinato, dentro de sua própria casa, pois foi descoberto, estranhamente, que escapava gás da sua estufa.

Em sua autobiografia Stefan Zweig escreveu:

... como correspondente Herzl assistira à degradação pública de Alfred Dreyfus e vira como arrancaram as dragonas do seu uniforme militar, enquanto o homem pálido exclamava: “Sou inocente”. E nesse segundo ele sabia, até o íntimo de seu ser,

Figura 24 – Capa do jornal L’Aurore, de 13 de janeiro de 1898, com a carta de Zola sobre o caso Dreyfus.

Scanner do L'Aurore,
Domínio Público

²⁰⁴ A primeira é datada de 1819, quando dos acontecimentos “Hep-Hep”—*Herusalem est perdit*.

²⁰⁵ Os *pogroms* continuaram ainda por muitos anos.

²⁰⁶ WASSERSTEIN, Bernard. *Na iminência do extermínio. A História dos Judeus na Europa antes da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cultrix, 2012, pp. 244. Tradução: Claudia Gerpe Duarte.

²⁰⁷ Zola, Émile. *J'accuse!* (Carta ao presidente da República Francesa, Félix Faure). *L'Aurore* de 13 de janeiro de 1898.

que Dreyfus era inocente e que carregara a terrível suspeita da traição unicamente por ser judeu. ... Se a segregação é inevitável, então que seja total! ... Se sofremos pela falta de pátria, vamos construir uma própria!”²⁰⁸

Na mesma noite, em Paris, Herzl escreveu *O Estado Judeu*²⁰⁹, berço conceitual do sionismo político. Faz-se necessário destacar que na Alemanha seria difícil que um judeu alcançasse o posto de Capitão do Exército. Foi um jornalista imbuído do desejo de alcançar uma solução para os irmãos do Leste. Chegou a ter contato com o Kaiser Wilhelm II a quem solicitou apoio para a criação de um Lar Nacional Judaico. Herzl procurou ajuda dos rabinos de Munique para realizar na Alemanha o I Congresso Sionista. Dada a dificuldade em serem aceitos pela sociedade alemã, os rabinos entenderam como inoportuno o pedido de Herzl, negando sua solicitação. O I Congresso Sionista ocorreu, portanto, na Basileia em 1897. O escritor israelense A. B. Yeshua escreveu o romance *Sr. Mâni*, onde é relatada a participação de diversos membros da família Mâni nos Congressos Sionistas Mundiais²¹⁰. A *Zionistische Vereinigung für Deutschland* (Associação Sionista para a Alemanha) – ZVfD, criada na Alemanha, surgiu após a realização do I Congresso Sionista da Basileia, organizado e dirigido por Herzl. Até a Independência do Estado de Israel em 1948 foram realizados 22 Congressos Sionistas Mundiais. A maior parte na Basileia, mas também em outras cidades suíças. Ao final, houve três na Alemanha, outros em Londres, em Praga. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi em Nova York. Vários episódios interessantes ocorreram: No 3º Congresso, em 1899, Herzl relatou a respeito de seu encontro com o Kaiser Wilhelm II. No 5º Congresso, em 1901, foi instituída uma Frente Democrática, pois havia participantes, como Martin Buber, criticando a condução autoritária nos congressos. Lá também ocorriam problemas de entendimento entre os membros. O último congresso do qual Herzl participou, em 1903, foi o sétimo. No 10º Congresso, na Basileia, a língua falada foi o hebraico. Deve-se lembrar de que o *ivrit* que conhecemos era ainda uma língua pouco conhecida na Europa.

Herzl morreu em 1904, aos 44 anos de idade. Ainda segundo Zweig:

O líder de um grande movimento tinha morrido. ... Viena percebeu que quem morrera não havia sido apenas um escritor ou poeta mediano, mas sim um

²⁰⁸ ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

²⁰⁹ HERZL, Theodor. *Der Judenstaat – Versuch einer modernen Lösung der Judenfrage*. Bodenheim: Athenaem, 1985.

²¹⁰ YOSHUAH, Abraham B. *Mr. Mani* [Mr. Mani, 1989]. New York: Doubleday, 1992.

daqueles formadores de opinião, que só em intervalos gigantescos surgem, triunfais, em um país ou em meio a um povo. No cemitério... era gente demais afluindo até o caixão, chorando... gritando em um desespero que se tornou selvagem... quase uma fúria, toda a ordem se rompeu por uma espécie de luto extático, como eu jamais vi antes ou depois. E, em meio a essa dor violenta... pude medir pela primeira vez quanta paixão e quanta esperança trouxe ao mundo esse homem único e solitário por meio da força de uma única ideia²¹¹.

Toda a descrição referente à criação tanto do CV, quanto do Sionismo Político, por meio dos Congressos Sionistas iniciais, é para evidenciar que houve duas trajetórias distintas. O CV que visava à defesa do direito dos judeus à cidadania na Alemanha, bem como ao reconhecimento de que sua filosofia, sua *Weltanschauung* era fiel às origens iluministas. Muitos de seus membros eram descendentes de judeus radicados na Alemanha há mais de mil anos, profundamente envolvidos com a vida alemã. Outra parte dos diretores e membros do CV era oriunda do Leste da Alemanha, da região de Posen²¹², que optou por pertencer à Alemanha, e não à Polônia.

O movimento sionista, empenhado na construção de um Lar Nacional Judaico, em especial para os irmãos do Leste, que sofriam perseguições não somente da parte da população e do Czar da Rússia, mas também da criação da pior literatura antissemita, já publicada: *Os protocolos dos sábios de Sion*, livro escrito subrepticiamente pelo governo russo. Segundo o crítico literário Anatol Rosenfeld, não existe na história da literatura outro livro cujas páginas estejam tão embebidas em sangue e lágrimas. *Em suas mistificações literárias: Os protocolos dos sábios de Sião* Anatol Rosenfeld²¹³ escreveu: “Mesmo um homem como Henry Ford caiu no conto dos Protocolos, como se verifica em *The International Jew*, de triste memória. Ao menos teve coragem de distanciar-se dela, ao convencer-se de que fora vítima de embuste”.

Foto 11 – Ludwig Holländer em 1935.

AKGImages AKG583157

²¹¹ ZWEIG, P.109

²¹² Hoje Poznam, na Polônia.

²¹³ ROSENFELD, Anatol. *Mistificações literárias: Os protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Aparentemente, o CV e a ZVfD travavam certa competição entre si para as pessoas que estavam vivendo a história em tempo real, na Alemanha. Mas, sua concepção era diferente em termos basilares.

Para se entender melhor o papel do CV cabe aqui fazer referência a Holländer, em texto escrito por Alfred Hirschberg, que mais tarde foi também *Syndikus* do CV, de 1933 a 1938, data em que o CV foi fechado compulsoriamente pela Gestapo, durante a Kristallnacht. Hirschberg escreveu uma extensa biografia sobre Holländer, em 1961, em memória dos vinte e cinco anos de sua morte, destacando seu papel na vida dos judeus alemães, em especial sobre os anos da Primeira Guerra Mundial, sobre a República de Weimar, e os anos iniciais do regime nazista como líder importante do CV²¹⁴.

Holländer, porta-voz do CV, quando se tornou seu *Syndikus*, em 1908, publicou diversos textos e fez muitas palestras em círculos judaicos e não judaicos. Uma de suas mensagens era de que os judeus alemães eram os representantes do Iluminismo, da Emancipação, de Moses Mendelssohn, da saída dos guetos e que sempre iriam se sentir alemães. Holländer sentia satisfação de ter nascido na

época em que surgiu a Sociologia, em que o comportamento das pessoas em grupo e em sociedade passou a ser estudado. Foi contemporâneo de Émile Durkheim (1858-1917) e de Ferdinand Tönnies (1855-1936)²¹⁵, considerados os “pais” da Sociologia. Na evolução do ideal da *Aufklärung* não havia espaço para máximas nacionalistas. A partir de 1897, quando a ideia sionista foi colocada em prática, começou a cisão entre o CV e o grupo sionista. Para pessoas

²¹⁴ O artigo do Dr. Alfred Hirschberg foi publicado no LBIY Leo Baeck Institute Yearbook número 7, 1962, p.39 a 74. Londres: Offices of the LBI, 1962.

²¹⁵ Autor da obra fundamental *Comunidade e sociedade*: TÖNNIES Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft*. Sonderausgabe der 4., unveränd. Aufl. 2005 der Neuauflage 1979 (basierend auf der 8. Aufl. 1935).

como Holländer o Sionismo era uma vertente nacionalista, não preocupada se estava ou não inserida na sociedade alemã.

Por coincidência, Holländer nasceu à época do Capelão da Corte Adolf Stoecker e, não por acaso, cardíaco que era, morreu em 1936, logo após a promulgação das Leis Raciais de Nürenberg, de 15 de setembro de 1935. Da mesma forma que a grande maioria dos judeus alemães, não conseguia conceber a ideia de que o governo alemão pudesse se voltar radicalmente contra os judeus, como foi ocorrendo. Diferentemente de seus três antecessores, valorizava a vida judaica, sem tantos receios de expor o seu judaísmo, como os anteriores, quando o CV ainda estava engatinhando em sua vida pública. Holländer foi cosmopolita, e tomou medidas para articular o crescimento da Associação e do papel que ela desempenhava àquela época. Ferrenho opositor da pena de morte, escreveu contra sua aplicação aos próprios nazistas em 1933. Entretanto, em seu fervor pela Alemanha, chegou a proferir em um discurso para os jovens judeus universitários, em abril de 1914, empregando palavras ao final, que hoje nos soam impróprias: *Deutschland, Deutschland über Alles*, frase do nacionalismo alemão, que viria a se tornar um dos lemas nazistas. Importante destacar que foram esses jovens judeus universitários, como Holländer, que, em 1886, deram início à importante ideia de concretizar a autodefesa judaica contra o antissemitismo, que dominava a Alemanha, por meio de suas associações universitárias Badenia, Licaria, Viadrina e o Kartel-Convent, dando origem ao CV.

Os membros do CV se preocupavam com a situação sofrida pelos irmãos do Leste, onde ocorriam os *pogroms*, mas não tomavam partido político em relação a eles, pois sentiam que a sociedade alemã, como um todo, iria recriminá-los. Os comentários eram do tipo: “Se vocês podem ajudar seus correligionários fora da Alemanha, por que se queixam do antissemitismo aqui? Vejam como aqui é bom!”

É necessário ressaltar que os judeus alemães viviam sempre sob fortes dilemas. Como atender os irmãos do Leste, os poloneses? Fazia 100 anos aproximadamente, que todos, em sua maioria, tinham deixado a vida nos guetos.

Grande parte dos judeus na Polônia ainda vivia nas condições de gueto. Sua língua era o iídiche. Tanto para Eugen Fuchs, Horwitz, Holländer, Hirschberg mais tarde, e outros, a problemática dos irmãos do Leste lhes era próxima, e concordavam de que necessitava uma solução. Pois os irmãos do Leste não tinham para onde emigrar. Houve aqueles que conseguiram emigrar para

a Alemanha, onde eram chamados de *Ostjuden*, de maneira pejorativa, até conseguirem se assimilar. Nos meados do século XIX, muitos jovens judeus tinham emigrado para os EUA²¹⁶. Um ramo da Diretoria do CV tinha sido constituído de famílias oriundas da região de Posen, e de outras regiões do extremo Leste da Alemanha, e todos se sentiam profundamente alemães. Grande parte deles, mesmo não tendo podido desenvolver carreiras acadêmicas, foram muito bem-sucedidos nas poucas profissões permitidas, como os juristas Eugen Fuchs e Horwitz, diretores do CV desde 1894, e outros.

A primeira vez que a questão dos *Ostjuden* foi tratada publicamente foi em fins de 1915, já durante a Primeira Guerra Mundial. O rabino Felix Goldmann (1882-1934), funcionário do CV, publicou no jornal do CV, *Im deutschen Reich* (No Reich – império alemão), a resposta a um texto que um funcionário governamental tinha escrito, induzindo os judeus a se oporem à liberação das fronteiras entre a Alemanha e a Polônia para evitar a entrada de *Ostjuden* na Alemanha: “Caso as fronteiras fossem abertas para eles, os judeus alemães, iriam correr o risco de perder a equiparação civil alcançada, perderiam seus empregos e nova onda antissemita iria criar graves entraves para eles”.

Entretanto, a proposta de Goldmann, que inicialmente criticava a concordância de alguns judeus se deixarem seduzir pelo texto do funcionário governamental, ele próprio não aceitava a ideia de receber os *Ostjuden*. Fazia uma proposta bastante irrealista: pretendia ajudar os judeus poloneses a adquirirem a “auto emancipação” em sua própria pátria, com apoio dos judeus alemães. Pois, como dizia Goldmann, não faz muito tempo que nossos pais viviam na Polônia, falavam iídiche, temos de ser solidários com os *Ostjuden*. Na busca de uma solução todos enxergavam o sionismo como a única saída: alcançar a Terra Prometida. Até mesmo para os poloneses, segundo os dois autores, “seria a solução ideal, para ficarem livres dos judeus”. Nos anos finais do Império Otomano ainda era possível entrar na antiga Palestina. Em 1917, quando passou para o Mandato Britânico, os ingleses passaram a dificultar a entrada dos judeus.

Voltando à problemática da busca de um Lar Nacional Judaico, apesar da dedicação quase exclusiva de Herzl, coube ao eminente químico Dr. Chaim Weizmann (1876-1952) a efetivação desse sonho²¹⁷. Não se pode tirar a virtude de Herzl, de ter sido o pai do sionismo político. Já a

²¹⁶ Estima-se que foram entre 170 mil a 200 mil, somente da Alemanha.

²¹⁷ SILVA, K. V., SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2010 p.250.

fundação do Estado de Israel, em maio de 1948, é devida ao pai do sionismo prático, como foi chamado o Dr. Weizmann. Desempenhou o papel de poder moderador dentre todas as correntes sionistas. Dr. Weizmann visitou o Emir Árabe Faïçal no campo próximo de Aman, capital da Jordânia²¹⁸, e conseguiu convencê-lo de que a proposta de um Lar Nacional Judaico não traria qualquer ameaça para os árabes e que seria desejável uma cooperação árabe-judaica. Alcançou um acordo com Faïçal para efetivar a emigração judaica em larga-escala para a Palestina, bem como a proteção dos direitos dos árabes. Ele obteve o apoio árabe para chegar à Declaração de Balfour. As descobertas de Weizmann no campo da química foram de importância vital para a vitória da Inglaterra na Primeira Guerra Mundial. O Primeiro Ministro Britânico perguntou-lhe como desejava ser recompensado, ao que respondeu: “Desejo um Lar Nacional Judaico para o meu povo”, o que contribuiu para a promulgação da Declaração de Balfour em novembro de 1917. Weizmann convenceu o lorde Arthur Balfour de que o lugar certo para os judeus era a Palestina, e não Uganda, que fora oferecida pelos britânicos. À pergunta de Balfour se haveria outros sionistas como ele, respondeu: “As estradas de Pinsk (seu local de nascimento) estão pavimentadas com eles”. Em 1900, tornou-se líder dos Sionistas democratas. Criou a Cia. de Desenvolvimento da Palestina, e foi sua a ideia de construir a Universidade Hebraica no Monte Scopus, em 1929.

Tanto o CV, quanto os sionistas possuíam jornal próprio. O CV publicava mensalmente o *Im deutschen Reich*, que circulou entre 1895 e 1922, quando foi modernizado para o C.V. Zeitung (jornal), a partir de maio de 1922, passando a ser publicado semanalmente e dirigido pelo Dr. Alfred Hirschberg (1901-1971).

Ao iniciar os estudos sobre o CV, entrevistei no Rio de Janeiro a filha mais velha de Hirschberg, Sra. Lucy Wegner, nascida em Berlim no entre guerras, que informou com muito orgulho que o Kaiser Wilhelm II enviou seu filho adolescente para Posen, para concluir o Ensino Médio, quando irrompeu a guerra de 1914, porque lá era uma região segura. Hirschberg, pai de Lucy, nascera em Posen, bem como seus antepassados. Lucy relatou também que houvera um plebiscito naquela região para a população escolher se a região de Posen seria anexada à Alemanha ou à Polônia, e optaram pela Alemanha. Lucy prestou informações preciosas sobre a época da República de Weimar, sua fuga da Alemanha para Londres por meio do transporte para adolescentes, o *Kindertransport* e, em especial sobre as atividades do seu pai no CV, onde ele entrou

²¹⁸ País que foi criado em 1950.

em 1921. Lucy fez também um relato importante sobre a vida das crianças judias na Alemanha sob o regime nazista, em vista de lhes ter sido tolhido o convívio com crianças alemãs, não judias. Em substituição, foram instituídas escolas judaicas. Encontram-se disponíveis relatos deste tempo de escola judaica obrigatória durante o regime nazista no livro de Ruth Kluger²¹⁹ e de pessoas que concederam entrevistas para os arquivos atuais²²⁰. Alfred Hirschberg foi um *Syndikus* atuante no CV, tendo sido levado para a prisão algumas vezes e na Kristallnacht para o campo de concentração Sachsenhausen, onde permaneceu até o início de 1939.

O jornal do grupo sionista se chamava *Jüdische Rundschau* (Visão judaica), dirigido pelo jurista tcheco Robert Welsch. Alguns exemplares de vários desses diferentes periódicos foram resgatados pela UNICEF, e se encontram no site: *Compact Memory*.

Quando a guerra irrompeu em agosto de 1914, apesar de o grupo sionista ser muito pequeno na Alemanha, estando seus membros representados especificamente em Berlim e Colônia, eles não se sentiam constrangidos em ser um grupo modesto, porque a eles lhes cabia uma cadeira na Organização Sionista Mundial, a *World Zionist Organization* (WZO) sediada em Londres. Nessa altura Weizman, que esteve perto de ser laureado com o Prêmio Nobel de Química, participou juntamente com Herzl dos Congressos sionistas. Nascido na atual Bielorrússia estudou na Alemanha. Fez descobertas importantes na Química, constando em sua biografia que elas foram decisivas para a vitória dos aliados na Primeira Guerra Mundial. Chaim Weizman descobriu a fermentação do butanol-acetona²²¹. Dado o reconhecimento do governo inglês a Weizman por sua importante descoberta na área de química e seu anseio pela criação de um Lar Nacional Judaico na Palestina foi certificada em 1917 a Declaração de Balfour.

De maneira resumida, durante a Primeira Guerra Mundial Weizman foi o diretor do *British Admiralty Laboratories*. Já anos antes da guerra Weizman, juntamente de Nahum Sokolov, outro sionista, inglês, tratavam entendimentos com Lord Arthur Balfour, Secretário das Relações Exteriores da Inglaterra, discutindo questões sobre a necessidade de prover uma legislação referente ao reconhecimento de um Lar Nacional Judaico na Palestina. Em novembro de 1917,

²¹⁹ KLUGER, Ruth. *Paisagens da memória*. São Paulo: Editora 34, 2005.

²²⁰ Entrevista de Fanny Gelehrter da Costa Lopes à historiadora Raquel Mizrahi, do LEER, 2008, em São Paulo.

²²¹ Segundo DÜRRE, Peter; BAHL, Hubert; GOTTSCHALK, Gerhard. Die Aceton-Butanol-Gärung: Grundlage für einen modernen biotechnologischen Prozeß. *Chemie Ingenieur Technik*. Volume 64, Issue 6 June 1992. Pages 491–498 (A fermentação do butanol-acetona: base para um processo tecnobiológico moderno).

Balfour comunicou ao barão Rothschild, líder da comunidade judaica britânica, que a Grã-Bretanha se comprometia a reconhecer a necessidade de um Lar Nacional Judaico para o povo judeu. A declaração de Balfour trouxe grande alegria às colunas sionistas. Já membros da direção do CV disseram que a Declaração de Balfour “não teria passado de uma manobra política para enfraquecer ainda mais a situação bélica alemã”.

Em 1939, o governo inglês desfez os termos da Declaração de Balfour, impedindo a emigração de judeus, que poderiam ter fugido do regime nazista para a Palestina, o ansiado Lar Nacional Judaico. Apesar de que o CV e os sionistas pretendiam manter boas relações durante a Primeira Guerra Mundial, quando a situação já estava demonstrando sinais de profundas dificuldades a direção do CV se comportava de uma forma e o ZVfD (Associação Sionista para a Alemanha) de outra. Convém ir por partes.

Durante a guerra 1914-1918, o VdJ acompanhou o trabalho dos rabinos nos campos de batalha, fez levantamentos estatísticos sobre a participação relativa judaica na guerra e entregava textos chamados Ensinamentos do judaísmo aos soldados no campo de batalha²²². O VdJ existiu até 1922, e seu papel principal durante a guerra foi dar assistência e acompanhamento religioso aos soldados judeus durante a guerra. Entretanto, as acusações de que os judeus estariam maltratando os animais prosseguiram ainda por anos, expressando uma nítida manifestação antissemita.

Já o CV tinha por finalidade inicial proteger os judeus contra o antissemitismo. Entretanto, gradativamente seus membros perceberam que o importante era terem uma definição atualizada da sua própria visão do judaísmo, dos seus conceitos e sua transmissão. Debatiam a renovação dos conceitos no seu jornal. Foi uma associação atuante no combate ao antissemitismo e por uma vida judaica livre na sociedade.

Hoje é difícil acreditar na ideologia dos protagonistas deste estudo. Todos, com exceção dos pacifistas e alguns outros, combateram a favor da Alemanha, contra as potências que nós, chamamos de “aliados”. O estudo sobre o CV na Primeira Guerra Mundial traz uma questão inusitada, para nós, hoje. A Segunda Guerra Mundial foi vencida pelos aliados contra as forças nazifascistas do Eixo, apelidado de ROBERTO – Roma, Berlim, Tóquio, ou Alemanha, Itália e Japão. Graças aos aliados e ao Exército Vermelho russo o regime nazista foi derrotado e se

²²² Fonte: *Jüdisches Lexikon*, IV pag 1166.

assim não fosse a situação da humanidade teria sido muito pior e dos judeus, em especial, que tiveram um terço de seu povo dizimado.

O que vem causar estranheza é que, durante a Primeira Guerra Mundial, os judeus combateram como alemães, junto ao Kaiser Wilhelm II, contra as forças aliadas da Inglaterra, França e mais tarde, os EUA. Da parte de fontes não prussianas, sempre se ouviu dizer que foi uma experiência muito ruim ter combatido na Primeira Guerra Mundial e que, ideologicamente, não havia porque ter lutado. Por outro lado, muitos judeus foram condecorados com o *Eiserne Kreuz* (Cruz de Ferro) pelos serviços prestados à pátria. Mais tarde, quando a única forma de sobrevivência possível era fugir da Alemanha, parte desses judeus condecorados acreditava que sua condição de ter contribuído para a pátria seria respeitada e reconhecida. Aqueles que conseguiram sobreviver ao regime nazista foram os que escaparam na undécima hora, em 1939, alguns ainda em 1940. A partir de outubro de 1941 ninguém mais conseguiu fugir da Alemanha²²³.

Ao final da Primeira Guerra Mundial em novembro de 1918 os membros do CV se sentiram desnorteados. Mas, inicialmente depositaram toda a confiança na democracia. Não se esperava que iriam surgir tantos contrassensos, nem que o antissemitismo pudesse retornar com tanta virulência.

Em desacordo com o CV, houve judeus que participaram da revolução para implantar a República dos Conselhos, de teor comunista ao final da Primeira Guerra Mundial. Nos momentos iniciais da República de Weimar, já havia muitos judeus trabalhando ativamente para seu funcionamento. Ao mesmo tempo, ocorreram fatos nunca antes imaginados. Já em dezembro de 1918, o antissemitismo corria solto pelas ruas. O general Ludendorff buscou de volta o antigo partido antissemita, o *Alldeutsch* para entrar em ação. O CV advertia contra o perigo dos panfletos antissemitas, que inundavam a Alemanha, e questionavam: “com que dinheiro, justamente nesse momento de extrema penúria?” Eugen Fuchs escreveu no *Im deutschen Reich* que estariam sendo financiados pela indústria pesada e pelos agricultores conservadores, que se valiam de todas as estratégias demagógicas. Os detentores do grande capital queriam culpar os judeus pela derrota da guerra. Ficou comprovado que eles, detentores do grande capital, tinham enriquecido muito com a guerra. Assim que um dos fundadores do Partido Democrata Alemão,

²²³ Faz-se necessário lembrar que a obrigatoriedade da estrela amarela começou em 19 de setembro de 1941, conforme KLEMPERER, Victor. Capítulo: A estrela. In: KLEMPERER, Victor. *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.

o Professor Hugo Preuss, judeu, participou da elaboração da nova Constituição da República de Weimar, seus adversários da direita radical passaram a renegar a República, chamando-a de *Judenrepublik* (república dos judeus). Em março de 1920, militares praticaram um golpe de estado, dirigido pelo general Kapp, tornando-se o famoso *Kapp-Putsch*, com 100 horas de duração, pretendendo derrubar a República de Weimar. A situação ganhou contornos tão perigosos, que a cúpula da Socialdemocracia teve de fugir de Berlim. As forças sindicais e os funcionários públicos fizeram uma greve geral derrubando o *Putsch*.

Desde o início da República, a direção do CV sabia que poderiam ocorrer atitudes antissemitas, pois, o Partido *Alldeutschen* já vinha tentando desrespeitar a orientação da “paz civil”, desde fins de 1915. Terminada a guerra, eles procuravam atizar a população contra os judeus. Os detalhes relatados exemplificam essas dificuldades e os dilemas advindos.

Em seu ensaio sobre Holländer, escrito em 1961, Hirschberg relatou que tinha conseguido salvar grande número dos jornais do CV, e outros periódicos, inicialmente o *Im deutschen Reich* e o *C.V. Zeitung*, publicado a partir de 1922. Após a morte de Hirschberg, em 1971 todos esses exemplares foram enviados para o Leo Baeck Institut de Nova York, tendo todos sido escaneados com apoio da UNICEF²²⁴. Hirschberg mencionou outras fontes, onde constava que Holländer, sendo cardíaco, não foi combatente na guerra. Houve um trem-hospital doado pela B’nei Brit²²⁵ do qual Holländer foi diretor administrativo. Na publicação comemorativa dos 50 anos da B’nei Brit na Alemanha, consta que o trem fez 75 viagens e tratou 570 oficiais e 16.175 homens, e ofereceu mais de 100 mil refeições²²⁶. Entretanto, da mesma forma que se acreditou que a guerra iria promover uma paz interna entre os alemães, logo se provou ter sido um equívoco. A participação do rabino Leo Baeck na guerra foi no sentido de dar apoio aos soldados nas duas frentes da batalha. Agora a forte esperança de que a *Burgfrieden*, paz civil, viria unir judeus e não judeus provou ter sido uma quimera. As notícias que vinham dos campos de batalha, dos soldados e dos rabinos que se encontravam nos postos avançados, diziam que havia grande camaradagem entre todos. Mas, na verdade, comprovou-se que era apenas uma informação superficial e que o antissemitismo imperava forte. Estavam conscientes da gravidade do momento, e do ambiente hostil. Os judeus esperavam que a vivência conjunta da guerra iria

²²⁴ Podem ser consultados no site: *Compact Memory Universitätsbibliothek* <<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/cm?lang=deV>>.

²²⁵ Instituída na Alemanha em 1885, para fins assistenciais.

²²⁶ Publicação editada pela J. Kauffmann Verlag, Frankfurt a/Main, p.72.

aproximá-los dos não judeus, por meio de companheirismo e que as trincheiras de abrigo, nas quais eles tinham que se proteger seria uma oportunidade ideal de vida conjunta. Entretanto, logo foi percebido que isso tinha sido um grave erro, porque que eles estavam agora realmente próximos e sentiam desejo, de ambos os lados, de ficar distantes, porque as diferenças entre seus modos de vida eram gritantes.

Além dos campos de batalha e das trincheiras, os judeus colaboraram em outros campos de ação. Foi o caso de judeus proeminentes, como Walther Rathenau (1867-1922) e Carl Melchior (1871-1934). Rathenau dirigiu a *Zentral Einkaufsgesellschaft* (Companhia Central de Compras) – o Departamento para Aquisição de Matérias Primas para a Guerra dentro do Ministério da Guerra de 1914 a 1915. Melchior, judeu proeminente, grande financista, trabalhou de 1914 a 1916 na *Reichseinkaufsgesellschaft* (Companhia de Compras do Reich), onde eram providenciados os alimentos para a Alemanha durante a guerra. A ideia de comprar alimentos em países estrangeiros, para abastecer o país, foi iniciativa de Max Warburg e Albert Ballin, ambos conselheiros próximos do Kaiser Wilhelm II. Esses judeus ajudavam o governo alemão na campanha da guerra, porque eram extremamente competentes nas suas áreas, estando liberados de atividades bélicas mais diretas, porque já estavam trabalhando em período integral para a guerra. Quando a guerra foi se estendendo e os resultados do *front* foram se tornando cada vez piores, com a situação do povo se deteriorando, a propaganda antissemita voltou-se de tal forma contra os judeus, que Walther Rathenau pediu demissão já em 1915 e Carl Melchior no ano seguinte. Eram extremamente influentes e não agradou aos antissemitas que eles estivessem ocupando cargos tão elevados. Aconteceu o mesmo com o funcionário do parlamento Matthias Erzberger, que era de centro-esquerda, e não era judeu. Em agosto de 1921 ele foi assassinado na Alemanha. Max Warburg foi criticado por ter sido um conselheiro muito próximo do Kaiser Wilhelm II e de seu governo²²⁷.

5.1 ESPERANÇA NO LESTE

Em meio à invasão do Leste europeu pela Alemanha no início da Primeira Guerra houve uma troca de gentilezas da parte do exército alemão em relação ao grupo sionista, pois o exército

²²⁷ No início do período nazista Max Warburg se empenhou na recuperação dos bens dos judeus e em sua rápida emigração para fora da Alemanha. Ele mesmo emigrou para os Estados Unidos, onde faleceu.

visava a obter a adesão dos judeus poloneses. Milhões de judeus do Leste se encontravam agora sob a dominação do exército alemão. Sabe-se que, somente na Polônia, viviam cerca de 3,5 milhões de judeus. Há cálculos demográficos que apontam que haveria cerca de seis milhões de judeus em todo o Leste europeu. As autoridades militares alemãs desejavam alcançar a cooperação desta população judaica, tendo em vista obter a simpatia dos judeus americanos para a, assim chamada, “campanha contra a dominação czarista”, que por sua vez efetuava os terríveis *pogroms*. O exército alemão criou o *Kommitte für den Osten – KfdO* (Comitê para o Leste), com a pretensão de dominar aquela região, ampliando o seu território. Alegavam que estavam

**Foto 12 – Kurt Blumenfeld
(1884–1963).**

*Central Zionist Archives,
Jerusalem / Art Resource, NY.*

interessados na libertação dos judeus russos. Judeus sionistas destacados foram convidados pelos generais do exército alemão, como Ludendorff, para colaborarem no trabalho do KfdO, porque uma das soluções para se livrar dos judeus, seria enviá-los para a Palestina, pelo Império Otomano. Eugen Fuchs, diretor do CV participou do KfdO, não oficialmente. Essa atitude de Fuchs era sua marca registrada: atuar nos esforços de bom relacionamento com os sionistas, e demais grupos. O jovem líder sionista Kurt Blumenfeld (1895-1963)²²⁸, secretário e dirigente de propaganda da ZVfD escreveu um artigo apócrifo *Orientpolitik* pretendendo atingir o interesse da população alemã para a reconstrução da Palestina, por meio do mencionado KfdO. Entretanto, o que a Alemanha buscava era alcançar aliança com o Império Otomano, razão pela qual tinha procurado o

apoio judaico, pela proximidade geográfica com a Palestina. Mas, quando o Império Otomano se desfez, em 1917, o KfdO e o solicitado apoio judaico foram abandonados. Nesse ínterim surgiu a Declaração de Balfour em novembro de 1917, e o grupo sionista voltou a se sentir prestigiado.

Para judeus alemães e austríacos eminentes, como Walther Rathenau e Arnold Schoenberg, a declaração de Balfour fez com que percebessem que a ideia de um Lar Nacional Judaico não era mera utopia. Já membros da liderança do CV, como Ludwig Holländer, viram na Declaração

²²⁸ Amigo pessoal de Hannah Arendt até a data em que ela escreveu a matéria jornalística sobre o julgamento de Adolf Eichmann. Consta no filme de Margarethe von Trotta: “Hannah Arendt”, 2012.

um gesto demagógico da Inglaterra, para a direção judaica se voltar para os países que lutavam contra a Alemanha.

Os anos de guerra representaram para os judeus uma atitude defensiva em relação à pátria, ao mesmo tempo afirmativa em relação à religião. Naqueles anos houve um retorno ao judaísmo, bem como o desejo da grande maioria de permanecerem judeus.

É necessário mencionar o caso da condecoração do grande poeta Ernst Toller (1893-1945), após ter sido ferido durante a Grande Guerra recebendo sua Cruz de Ferro – o *Eiserne Kreuz* pelos serviços prestados à pátria. Tinha se alistado por vontade própria, vindo a se tornar pacifista depois de sair da guerra. Quando foi condecorado, entretanto, usaram a expressão supostamente benevolente, denotando o sentimento antijudaico: “Veja só, agora o senhor conseguiu eliminar a mácula da sua origem”, o que foi uma desonra dizer que ser judeu equivalia a carregar uma mancha.

Ernst Toller nasceu no Leste da Alemanha, e comentou que a formação nas escolas locais era extremamente reacionária, com valores ultrapassados e militaristas. Alistou-se na Primeira Guerra Mundial por vontade própria. Após ter sido ferido, foi condecorado. Tornou-se pacifista, e veio a ser representante das Repúblicas dos Conselhos, de teor comunista, em Munique em 1919. Logo no início do regime nazista teve seus livros queimados na grande fogueira de livros de 10 de maio de 1933. Conseguiu emigrar para Nova York, aonde veio a se suicidar em 1939.

**Foto 13 – Walther Rathenau
(1867-1922)**

Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz

5.2 ALEMANHA AO FINAL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

No capítulo 4 foi apresentada a situação dos judeus no CV até o início do século XX, discorrendo sobre os fundadores e diretores iniciais do CV, a partir de 1894, que foram os juristas Eugen Fuchs (1856-1923) e Maximilian Horwitz (1855-1917). A primeira gestão durou um ano sob a direção do médico Dr. Martin Mendelsohn (1860-1920) e depois Fuchs e Horwitz até 1917, há cem anos. Após a morte de Horwitz veio uma nova gestão. Dadas as circunstâncias terríveis da guerra, de tudo o que tinha acontecido, a diretoria do CV procurava ficar em boa

situação com o governo, para não agravar a situação. A República de Weimar foi instituída na mesma tarde em que foi assinada a rendição alemã, mesmo assim a situação continuou muito difícil. O melhor retrato desse momento revolucionário foi escrito em *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*²²⁹. Outra leitura importante é a autobiografia de Stefan Zweig. Ele relata seu desapontamento, antes da guerra, ao perceber que grande parte da população quer francesa, quer alemã, estavam desejosos de que houvesse guerra. Ao final da guerra, a Alemanha foi considerada a culpada por ter declarado a guerra, e obrigada a pagar as vultosas taxas de reparação.

Victor Klemperer, autor do livro *LTI, A Linguagem do Terceiro Reich*, escreveu em 1938 em suas memórias, chamadas de *Curriculum Vitae*, mas publicadas somente em 1995 por sua agora falecida viúva e aluna, onde ele mostrou o desejo de combater os franceses, ao terminar seus estudos para livre-docência em Paris em 1914. Naquela época, ele estava muito feliz por ter assistido o aniversário da Revolução Francesa no 14 de Julho. Descreveu fatos importantes para nós, que foram a descida de Santos Dummont no Campo de Aviação e assistiu o próprio maestro John de Souza, vindo dos EUA tocar suas marchas encantadoras.

Pessoas do nível de Thomas Mann, Victor Klemperer, Martin Buber e Leo Baeck foram favoráveis em mostrar que eles, judeus e alemães, eram alemães e colaborariam com a Alemanha na guerra. Thomas Mann não era judeu. Logo perceberam que estavam redondamente enganados. O entusiasmo para comprovar a alemanidade foi tamanho que o rabino Leo Baeck em Berlim na noite de 5 de agosto tinha celebrado dois serviços religiosos em vista de toda população judaica de Berlim ter comparecido à Sinagoga querendo receber a bênção do Rabino, antes de se alistarem para a guerra. Estavam preocupados em mostrar que eles não eram somente judeus, mas também alemães, como obviamente eram, e que respeitavam os direitos e deveres como os demais cidadãos, até mesmo de não se absterem de ir à guerra. Foi alto o número de judeus que morreram na guerra, além dos feridos e enfermos.

Logo após o início da guerra, todos se decepcionaram profundamente no campo de batalha. Os judeus perceberam que mesmo lá, em sua grande maioria, não houvera o almejado entrosamento, e que eles eram postos à margem. Os judeus ficavam entre si, com o grupo de judeus e os demais combatentes, não queriam estar próximos a eles, judeus. Logo se deram conta de que

²²⁹ MENDES de Almeida, Ângela. *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

tinha sido uma coisa muito medíocre, apesar de que os judeus que combateram na guerra e retornaram inteiros ou combalidos, mas sobreviveram e tinham sido condecorados com a *Eiserne Kreuz*, consideravam que tendo realizado essa demonstração de amor pela pátria jamais poderiam vir a ser atacados pelo nacional-socialismo, e que seriam reconhecidos pelo trabalho que prestaram à pátria.

Ironia do destino, uma das poucas pessoas que Hitler defendeu, por ter visto o seu empenho como médico sanitarista durante a guerra foi um socialista próximo aos judeus, mas não judeu, o poeta Berthold Brecht (1898-1956). Entretanto, assim que o regime nacional-socialista assumiu o poder Brecht abandonou a Alemanha.

Voltando aos judeus na Primeira Guerra, os antissemitas nunca pararam de procurar causas para atacá-los, uma delas foi aventar não a possibilidade, mas a certeza que os judeus estavam evitando entrar na guerra, deixando os seus compatriotas “morrerem” enquanto eles não participavam da guerra. Foi feito o censo por religião em 1916, mencionado, em que se observou que a participação dos judeus era, no mínimo, tão intensa quanto a dos demais não judeus, dando a vida pela Alemanha. Em vista dessa informação que contrariava a suposição dos antissemitas, o resultado da enquete do censo nunca se tornou público. O clima de guerra gerou um ambiente de penúria, fome, destruição, doenças, tudo o que de pior fosse possível imaginar e foi pior.

Quando a guerra terminou, a classe militar continuou representando o poder dominante, mantendo acesa a antiga mentalidade reacionária, desejosos do apoio do Kaiser e do retorno do Segundo Reich.

O livro póstumo de Sebastian Hafner: *Erinnerungen eines Deutschen* retratou a falsidade com que o corpo militar, aliado ao Kaiser Wilhelm II, enganou toda a população alemã durante a guerra. A guerra não se deu na Alemanha e sim em campos de batalha externos. Foi uma forte derrocada, até os alemães reconhecerem que não aguentavam mais e pedirem a rendição. Vários grupos queriam interrompê-la nos anos 1917, ou antes, e não havia mais nenhuma razão para continuarem se digladiando durante uma guerra violentíssima, causando graves danos para toda a população alemã e dos demais países. Foi uma guerra profunda, a Alemanha se tornou a grande perdedora. Os EUA ao perceberem que a Alemanha eventualmente poderia vir a ganhar, entraram na guerra, e se aliaram à Inglaterra e à França, e o poder desses três aliados facilitou que saíssem vitoriosos, enquanto o exército alemão mantinha o estado de beligerância e continuava enganando o povo, que estava dando tudo de si.

Quando a Alemanha finalmente assumiu a derrocada, o retorno para casa chocou a população, ao ver os soldados combalidos, em farrapos, pois o povo tinha acreditado na invencibilidade do exército alemão, que tinha derrotado a França em 1871. Ainda guardavam a imagem do exército invencível de Bismarck. Não era possível imaginar a derrota, a Alemanha arrasada. Os generais afirmavam que tinham sido “apunhalados pelas costas”, quando tinham sido eles que tinham fomentado a guerra. Após a derrota, Wilhelm II teve de fugir. Dessa forma, a violência que surgiu na Alemanha, como muito bem ilustrou o historiador Peter Gay (1923-2015) em seu maravilhoso e triste *A Cultura de Weimar*, mostrou que o clima que surgiu foi muito pior do que o que houvera durante a guerra, quando os soldados se encontravam em hospitais de campanhas, reféns de outros povos, no Leste europeu. Ao final da guerra, após a rendição alemã em novembro de 1918, logo foi instituída a República de Weimar. Houve uma revolução em que as Repúblicas dos Conselhos, no estilo soviético, eram combatidas pelas milícias que surgiram. Especialmente em Munique, na Baviera, justamente para onde Hitler retornou, estimulando o seu discurso de salvador da Alemanha contra o comunismo. Os Conselhos foram rapidamente eliminados pelo exército e pela direita radical e porque não se coadunavam com o espírito da maioria alemã. As pessoas mais frustradas representavam a ultradireita, que formaram a base nacional-socialista, e que não queriam aceitar a nova república. Esta tinha sido constituída pelos socialdemocratas e os espartaquistas (Grupo marxista liderado por Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht. O nome era em homenagem a Espártaco, escravo romano, que promoveu um levante libertário entre 73 e 71 AC).

Figura 25 – Estatística de desemprego: 1919-1932.

A República foi instituída na mesma tarde da rendição em novembro de 1918 e os Líderes do Movimento Espartaquista Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, foram assassinados em janeiro de 1919. A polícia protegia as pessoas da direita e deixava as pessoas da esquerda serem atacadas com enorme violência. Liebknecht não era judeu, mas era tachado de judeu por seus opositores. Mathias Erzberger, que também não era judeu, sofreu o mesmo, o assassinato, mas em 1921. Outro socialista, Eisner, amigo de Martin Buber, foi assassinado na calçada, na

frente de Buber, em fevereiro de 1919. Gustav Landauer, uma das personalidades do livro *Redenção e utopia* de Michael Löwy foi barbaramente assassinado a pauladas em abril de 1919. O governo militarista do Segundo Reich escondeu da população as perdas que a Alemanha estava sofrendo durante a guerra. A República de Weimar, desde sua instituição até sua destituição se encontrava sob um jogo de diversas forças, fortemente contraditórias e de oposição entre si.

O poder dominante eram os detentores do grande capital, que tinham enriquecido com a guerra. Temerosos dos avanços do regime soviético, e sem o poder moderador do Kaiser ataçaram o ódio popular contra os judeus, como arma para esconderem seu enriquecimento, à custa da vida dos pobres soldados.

5.2.1 Tratado de Versalhes em junho 1919

Tendo a Alemanha sido a grande perdedora da Primeira Guerra Mundial a França impôs pesadas indenizações de guerra, adotando a mesma atitude de Bismarck em 1871. Não havendo ainda as agências reguladoras das relações internacionais estabelecidas ao final da Segunda

Figura 26 – Assinatura do Tratado de Versalhes, 28 de junho de 1919.

O representante alemão se senta de costas para o espectador. Os políticos aliados sentados de frente para o espectador. OST, William Orpen – 1921.

Guerra Mundial, a situação econômico-financeira da Alemanha levou-a à maior inflação de todos os tempos, e o país foi à falência.

Segundo o destacado economista britânico, John Maynard Keynes, as indenizações que a Alemanha teria de pagar equivaliam ao triplo de sua capacidade de pagamento. Os governantes alemães foram obrigados a assinar o Tratado de Versalhes em junho 1919, na mesma Sala dos Espelhos em Versalhes onde Bismarck tinha proclamado a fundação do Segundo Reich, ofendendo a França. O judeu Carl Melchior fazia parte da delegação que assinou o tratado. O Tratado de Versalhes foi um fator adicional para tornar a República de Weimar mais vulnerável do que já era. Além da vergonha de terem perdido a guerra, na visão interna da população, como se a derrota tivesse ocorrido subitamente, ainda tiveram de se submeter à humilhação desse tratado. Foi um forte componente para a direita procurar destituir a república.

5.2.2 Tratado de Rapallo assinado em 24 de abril de 1922

Walther Rathenau tornou-se Ministro das Relações Exteriores, e coube a ele assinar o Tratado de Rapallo, em 24 de abril de 1922. Foi um Tratado muito importante entre a Alemanha e a ex-União Soviética. Pela Alemanha foi assinado pelo Ministro das Rela-

ções Exteriores, Rathenau. Restabeleceu as relações entre os dois países, que nunca haviam sido restabelecidas desde 1914. A Alemanha reconheceu que não pediria indenizações pelas empresas alemãs nacionalizadas na União Soviética. Na prática, o Tratado reintroduziu a Alemanha e a União Soviética como potências europeias, viabilizando o ingresso na Liga das Nações.

Esse Tratado foi um “tapa na cara” dos vencedores da guerra, pois oficializava que a Alemanha estava cedendo sua alta tecnologia para a União Soviética, e esta, por sua vez, ajudaria a Alemanha a pagar as indenizações aos vencedores da guerra. A Alemanha não pagaria nada para a

Foto 14 – O chanceler Joseph Wirth (centro, de perfil) e o Ministro do Exterior soviético Georgi Chicherin, 1922 em Rapallo.

Wikwand – Außenpolitik der Weimarer Republik

ex-URSS. Essa foi a forma que a Alemanha tinha encontrado para resolver sua questão econômica, e a URSS de alcançar um avanço tecnológico. Foi uma visão de progresso de Lênin. Esta pode ser a razão do assassinato de Walther Rathenau em 16 de junho de 1922, quando se dirigia para o Ministério em carro aberto. Em meio ao avanço dos Freikorps, não foi difícil encontrar grupos desejosos de assassinar políticos eminentes da República de Weimar. Especialistas compararam o assassinato de Kenedy, em 22 de novembro de 1963, ao assassinato de Rathenau, onde um dos assassinos foi morto imediatamente e o outro “se suicidou” em seguida²³⁰.

Sebastian Haffner escreveu no livro citado, que a Alemanha nunca tinha passado por tamanha comoção. O enterro de Rathenau foi acompanhado por um milhão de pessoas. Mas, justamente, ficou vago o espaço de um líder carismático, que pudesse dar um rumo ao país, profundamente mergulhado em seus problemas. Havia muitas forças que se opunham ao progresso, mesmo os proprietários da indústria pesada. Tinham medo de uma sublevação social, pois a massa trabalhadora era politizada e podia pender para a esquerda. A grande inflação, a maior que já houve em toda a história, foi um momento destruidor na vida da maior parte dos alemães. Esse vazio foi ocupado por uns poucos “falsos messias”, ignorados pela população mais culta, mas apreciados pelos mais desesperados, economicamente. Um desses poucos foi Adolf Hitler, antigo cabo da Primeira Guerra Mundial, que organizou com os seus seguidores um *putsch* em 9 de novembro de 1923 em uma cervejaria em Munique. Dezesesseis seguidores morreram. Em

Figura 27 Convocação do CV para as eleições para o Parlamento Reichstag em 1924.

²³⁰ Fonte: *Die WFG-Schriftleitung*.

LTI, A linguagem do Terceiro Reich Klemperer explicou que Hitler, quando já era o ditador da Alemanha, os denominava “meus dezesseis apóstolos”. Hitler foi preso quando organizou o *putsch*. Na prisão aproveitou para escrever o sinistro *Mein Kampf*, tendo sido solto já em 1925. Em *Mein Kampf* descreveu todo o programa que veio a desenvolver, a partir de 1933. Esse livro se tornou posteriormente a bíblia do nacional-socialismo.

Em meio a esse caos os EUA deram

início a um programa de recuperação econômica da Alemanha, a partir de 1924, que foi bom para ambas as partes. Esse programa foi mantido até o *crash* da Bolsa de Nova York em outubro de 1929. Durante os anos de 1925 a 1929 a Alemanha se recuperou, graças a esse apoio, e nesses anos o CV tratou de outro tipo de questões.

Foto 15 – Família em Berlin toma o café da tarde com seus fones de ouvido.

Era 24 de outubro de 1924, primeira transmissão de jogo pela rádio alemã, uma nova forma de arte nasceu. A experiência de audição passa a ter efeito particularmente intenso, e a radiodifusão adquire relevância histórica sem precedente.

Bildarchiv Preußischer Kulturbesitz

Foto 16 – O mestre da Bauhaus Walter Gropius com as outras principais luzes do movimento.

No topo do edifício Bauhaus, c.1926. Da esquerda para a direita: Josef Albers, Hinnerk Scheper, Georg Muche, László Moholy-Nagy, Herbert Bayer, Joost Schmidt. Segundo outra fonte, também na foto: Gropius, Breuer, Kandinsky, Feininger, Stözl, Schlemmer

Bauhaus-Archiv Berlin/Centre Pompidou, Paris.

A emigração para a Palestina era um tema caro para os membros do *Zionistischer Verein für Deutschland ZVfD*, Associação Sionista para a Alemanha. Antissemitas de um modo geral viam a opção da emigração dos judeus alemães para a Palestina como boa solução para que eles fossem embora da Alemanha, oferecendo-lhes certo apoio. Não era assim que os membros do CV pensavam. Por volta de 1927 foi criado o PPK *Pro Palestina Komitee*. No rol de dificuldades que os judeus alemães passavam compartilhavam de diversas correntes políticas. O grupo do CV não era favorável a esse comitê. Alguns de seus membros agiram de forma desesperada contra a fundação do Comitê, pois acreditavam não poderem ser “infieis” à “sua” Alemanha. Já pessoas famosas como Thomas Mann, Werner Sombart e outros viam como saudável a revitalização da Palestina. Mann, ciente dos dilemas que acometiam os judeus alemães, enviou-lhes estas linhas:

Não é necessário ser judeu, sionista, ou nada para perceber que é bom tirar a Palestina da letargia em que se encontra ... por essa mesma razão os judeus alemães, que sentem correr em suas veias a recordação da terra ancestral, não precisam se sentir em falta em sua alemanidade, por estarem apoiando o projeto²³¹.

5.2.3 Alemanha a partir de 1929

Na abertura de uma importante assembleia do CV em 1929 um de seus dirigentes fez o seguinte pronunciamento: “Seguindo a tradição judaica é um dever moral ajudar os irmãos oprimidos do Leste em sua emigração para a Palestina, sob as bases da Declaração de Balfour”.

Esse pronunciamento gerou discussões acaloradas e acabou sendo voto vencido. A maioria aceitou a proposta de outro membro, que afirmava: “O CV propusera que o judaísmo alemão como um todo fosse uma unidade política”.

²³¹ Publicado no *CV Zeitung* em dezembro de 1926, conforme Barkai, 2002, p. 234.

De forma que a maioria votou expressando o pensamento dos judeus alemães, que segundo eles não seria uniforme no que dizia respeito ao trabalho na Palestina. Nessa mesma época estava sendo instituída a *Jewish Agency* (Agência Judaica), ou *Sochnut Iehudit*. Ficou deliberado que mesmo os judeus não sionistas, como Leo Baeck e outros poderiam participar da delegação dos alemães não sionistas. Na questão da Assembleia da *Je-*

wish Agency outro membro destacado do CV, Alfred Wiener, posteriormente censurado por ter sido muito personalista, criticou diretores por não terem se manifestado com mais ênfase como não sionistas. Os judeus viviam sempre dilemas difíceis.

Foto 17 – Alfred Hirschberg, último Syndikus do Central Verein.

Figura 28 – O NSDAP se torna o segundo maior partido.

Johannes Leicht © Deutsches Historisches Museum, Berlin

O CV e o C.V. Zeitung foram muito dinâmicos para evitar que o NSDAP²³², o Partido Nacional-socialista vencesse as eleições parlamentares de novembro de 1932. Alfred Hirschberg escreveu de forma veemente para que todos fossem votar, e que não votassem a favor do nacional-socialismo. Nessa mesma data o grupo do NSDAP imprimiu exemplares do jornal do CVZ escrevendo que o CV era favorável à vitória do NSDAP, o que foi um perigo terrível para todos os

²³² NSDAP – Nationalsozialistische deutsche Arbeiterpartei.

judeus, e o CV teve de se mobilizar e procurar recolher todos esses exemplares falsos. Mesmo assim o partido de Hitler venceu as eleições. Os comunistas e os socialistas não conseguiram formar uma coalizão, pois a soma de ambos chegaria a 27% aproximadamente, mas de maneira isolada, perderam por pouco do NSDAP.

A partir da nova crise econômica mundial o Partido Nacional-socialista teve o caminho aberto para crescer, desejando a situação de: “quanto pior, melhor”, pois mais pessoas se interessariam pelo nacional-socialismo. A desestruturação econômica atingiu seis milhões de desempregados, equivalente a 10% da nação. E, o próprio nome do partido ajudava a confundir a população, porque empregavam o termo “socialista”. Havia pessoas que não imaginavam que fosse um partido da extrema direita. Para confundir mais o público eleitor, faziam uso de músicas que se assemelhavam às de Berthold Brecht e Peter Weil, membros dos partidos de esquerda.

5.3 ALEMANHA NAZISTA

5.3.1 Os judeus e o regime nazista

No jornal CVZ no auge da repressão nazista, em 1937, outros membros da direção do CV lamentaram ter havido a obstinação demonstrada nas antigas assembleias do CV, em terem rejeitado com tanta veemência a questão da emigração para a Palestina. O que se pode concluir é que durante os anos em que a Alemanha recebeu ajuda dos Estados Unidos os grupos judaicos puderam ficar discutindo sobre a temática se deveriam ou não dar apoio ao *Pro Palestina Komitee*, até começar a crise de outubro de 1929, não esperada por ninguém. Foi uma crise

Foto 18 – Durante o boicote a toda a rede de negócios judeus, a partir de 1º de abril de 1933, homens das SA colam cartazes em uma loja de varejo em Berlim com folhetos pela restrição.

mundial de grandes proporções, em que a economia alemã, que tinha voltado a florescer, retrocedeu, assim como no resto do mundo.

Os recém-criados *Stahlhelm* (capacetes de aço)²³³ montaram um grupo de 500 homens que atacaram judeus saindo da Sinagoga em Yom Kipur, com muita violência, não tendo havido qualquer demonstração de solidariedade das demais pessoas. Os *Stahlhelm* alegaram que as mulheres andavam com excesso de elegância pelas ruas, em contradição à miséria pela qual o país passava. Durante a República de Weimar o Chefe da Polícia Civil era o judeu Isidor Weiß. Sendo uma república, havia liberdade para todos, e Goebbels passou todos os anos da República atacando Weiß, pois como era uma República, a liberdade de expressão era um fato da realidade. Quando Brüning se tornou Primeiro Ministro a partir de 1930, da coalizão Socialdemocrata e Centro, ele suspendeu as atividades dos *Stahlhelm*, bem como restringiu as despesas estatais, o que lhe valeu seu posto, sendo demitido por Hindenburg em maio de 1932. A sociedade estava dividida entre os radicais de esquerda e de direita.

Os grupos a favor e contra a participação dos judeus alemães na questão da Palestina prosseguiram atingindo níveis grotescos. Há informações de que o regime nazista se empenhou em embarcar 78.000 judeus para a Palestina, o que representou muita sorte para esses emigrantes. A próprio ZVfD – Associação sionista para a Alemanha não tinha condição de enviar pessoas para a Palestina. A situação somente encontrou apoio para o embarque de emigrantes, após a criação da Agência Judaica, ou *Sochnut Iehudit*.

Foto 19 – Posto de boicote das SA ante uma loja judaica em Berlim, abril de 1933.

²³³ Milícias ligadas ao partido de Hitler desde 1923. A partir de 1933 foram incorporadas às SA – Sturm Abteilung – Divisão de Assalto.

Dr. Alfred Hirschberg tornou-se *Syndikus* do CV em 1933, juntamente com o início do regime nazista. Ele já dirigia o jornal CVZ, com textos muito bem redigidos. Holländer, que fora o antigo *Syndikus*, escreveu no CVZ logo após a tomada de posse de Hitler, em 30 de janeiro de 1933, que o jornal do regime, que era o *Völkischer Beobachter* (Observador do povo), dirigido por Goebbels, escrevera que os judeus não passavam de percevejos, e estimulava seu extermínio. Em 27 de fevereiro houve o incêndio do Reichstag (parlamento) e no dia seguinte, o presidente Hindenburg decretou a suspensão dos direitos constitucionais, que prevaleceu até 1945. A partir desse decreto as vidas e os bens dos judeus ficaram em mãos nazistas, pois a constituição passou a vigorar sob o “estado de exceção”. Mesmo na Alemanha, sabia-se que o incêndio do Reichstag fora obra do governo, tendo sido inventado pelo próprio governo que fora ação dos comunistas. Por precaução, os dirigentes do CV estavam eliminando seus arquivos, escondendo tudo o que podiam e já tinham estabelecido um esconderijo. Entretanto, na noite de 1º de março de 1933 uma tropa da SA (*Schutz Abteilung*) (Divisão de Asalto nazista)²³⁴ fez uma busca no CV e prendeu alguns dirigentes, inclusive Hirschberg. Por intervenção da polícia, eles foram soltos algumas horas depois. Divulgaram um comunicado na imprensa, que toda a atividade do CV visava ao combate do antisemitismo e que eram alemães, como todos os demais, defendiam a religião judaica e não tinham qualquer vínculo com comunistas. Outros diretores foram chamados pelo Ministro Göring, que os advertiu de não mais se manifestarem contra o NSDAP, o partido nazista, que agora era o Estado. Apesar de tantas ameaças contra os judeus o CV os acalmou escrevendo que continuavam a defender a Alemanha, e “ninguém haveria de prejudicar nossa pátria”! Combatiam o boicote que o regime nazista fazia contra os judeus. Sabiam que era um jogo de cartas marcadas. Mas, como órgão de defesa dos judeus sentiam-se na obrigação de “administrar” o problema que estavam vivendo. O regime nazista justificava o boicote às lojas de judeus, porque eles estariam difamando o regime: “Vinha do exterior informação de que os nazistas tratavam mal os judeus”. Outro jornal judeu, mais consciente, mostrava em março de 1933, como os judeus estavam sendo isolados do restante da sociedade. Alfred Hirschberg e sua esposa, Eva, tinham criado um código entre si, para ambos saberem, em caso de que Alfred fosse preso, se alguma troca de correspondência entre ambos era autêntica, ou falsa. Mais tarde, na Kristallnacht ele foi preso. Ele e Eva por meio de muitas estratégias conseguiram se comunicar e ela conseguiu preparar a fuga de ambos da Alemanha. Ela

²³⁴ OELSNER, 2002.

conseguiu a libertação dele do campo de concentração de Sachsenhausen, por meio de muita coragem e inteligência.

Alfred Wiener²³⁵, outro dirigente do CV, emigrou com sua família para Amsterdam. Mas antes

Foto 20 – Alfred Wiener (1885-1964) à mesa da biblioteca, em Manchester, 1953.

The Wiener Library, Image WL1831.

ainda escreveu um artigo, criticando o desrespeito do regime nazista contra os judeus. Wiener tinha colecionado todos os panfletos antisemitas e nazistas, e temeroso de que eles lhe fossem confiscados emigrou, ainda em 1933 com a sua mulher e as duas filhas para a Holanda. Mais tarde ele emigraria sozinho para a Inglaterra para proteger o conjunto desses papeis. Depois da guerra fundou a Wiener Library em Londres, que veio a ter uma sucursal na Universidade de Tel Aviv.

Apesar de os judeus serem um grupo de proporções muito pequenas²³⁶, o governo de Hitler temia seu poder econômico pelo mundo. Receavam que o comércio exterior alemão fosse ser prejudicado pela força do comércio dos judeus. Hitler se comportava de maneira paranoide, considerando que os judeus eram um grupo ínfimo, dentro da sociedade. Em vista dessa ideia o Ministro Göring convocou representantes do CV e da ZVfD para

informarem os dirigentes das organizações judaicas em Londres e Nova York, principais centros judaicos, para que parassem com as críticas ao novo regime alemão, o nacional-socialista. E, os judeus fizeram isso. Os sionistas visavam a conseguir emigrar para a Palestina, e não

²³⁵ Alfred Wiener, judeu alemão, 1885-1964, foi o fundador da *Wiener Library* em Londres, em 1945. Doutorou-se no início do século XX, em Literatura Árabe, após ter vivido por cerca de três anos no Oriente Próximo. Foi membro ativo do CV e, desde 1925, identificou o perigo nacional-socialista para os judeus, publicando muitos artigos contra essa corrente política, até a ascensão de Hitler, em 1933. Fugiu com sua família para a Holanda, onde criou o *Jewish Central Information Office*, a partir do material nazista que juntara. Em 1939, fugiu sozinho para Londres, com medo de perder o material coletado. Sua mulher e as duas filhas foram levadas para um campo de concentração, vindo ela a falecer assim que foram libertadas, em 1945.

²³⁶ Representavam um total de 564 mil pessoas, menos de 1% da população da Alemanha.

queriam se indispor com os alemães. E os membros do CV, também não queriam que a situação dos judeus pudesse piorar. Ciente dessa situação delicada, Hirschberg escreveu artigos no CVZ. Hirschberg desempenhou um papel muito difícil. Conduzia o teor de suas matérias, para que as pessoas atacassem o regime nazista o menos possível.

Cabe aqui transcrever um pequeno texto esclarecedor de Hannah Arendt sobre o povo judeu²³⁷:

A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns. Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso.

Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela, qualquer que seja. Assim, deve ser possível, por exemplo, encarar e compreender o fato, chocante decerto, de que fenômenos tão insignificantes e desprovidos de importância na política mundial como a questão judaica e o antissemitismo se transformaram em agente catalisador, primeiro, do movimento nazista; segundo, de uma guerra mundial; e, finalmente, da construção dos centros fabris de morte em massa. Também há de ser possível compreender a grotesca disparidade entre a causa e o efeito que compunham a essência do imperialismo, quando dificuldades econômicas levaram, em poucas décadas, à profunda transformação das condições políticas no mundo inteiro; a curiosa contradição entre o realismo, como era cinicamente enaltecido pelos movimentos totalitários, e o visível desdém desses sistemas por toda a textura da realidade; ou a irritante incompatibilidade entre o real poderio do homem moderno (maior do que nunca, tão grande que pode ameaçar a própria existência do seu universo) e a sua incapacidade de viver no mundo que o seu poderio criou, e de lhe compreender o sentido.

A tentativa totalitária da conquista global e do domínio total constituiu a resposta destrutiva encontrada para todos os impasses. Mas a vitória totalitária pode coincidir com a destruição da humanidade, pois, onde quer que tenha imperado, minou a essência do homem. Assim, de nada serve ignorar as forças destrutivas de nosso século.

²³⁷ ARENDT, 1989, p. 12.

6 ARQUIVOS DE MOSCOU, DESCOBERTOS EM 1991

O início desta pesquisa se deu por meio de uma solicitação do Emérito Professor David Bankier Z'L' em Jerusalém para eu pesquisar material encontrado nos recém-descobertos *Arquivos de Moscou*, em 1991, onde havia 4371 pastas referentes ao *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*, associação de defesa judaica fundada em Berlim em 1893 contra o intenso antissemitismo reinante na Alemanha. As ocorrências dramáticas, às quais os judeus alemães se viram compelidos, foram retratadas nos capítulos anteriores deste estudo.

Além da curiosidade intelectual do Professor Bankier, o pedido se devia ao fato de que o último *Syndikus*, ou gerente desse importante grupo de defesa judaico, passou as últimas décadas de sua vida em São Paulo, como destacado ativista comunitário, pertencente à Diretoria da Congregação Israelita Paulista (CIP), à qual eu pertencço²³⁸. Devia-se também ao fato de eu saber alemão e poder utilizar o livro “*Wehr Dich!*” *Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893-1938* de Avraham Barkai, lançado em 2002 pela Editora Verlag C. H. Beck, de Munique, que representa toda a história do grupo de defesa judaico.

Logo após a queda do Muro, em 1989, que dividia Berlim desde 1961, o jornal *Izvestia* de Moscou publicou, em fevereiro de 1990, ter descoberto um imenso arquivo de procedência alemã. Até então, os arquivos se encontravam guardados com os dizeres: *Streng geheim!* (Altamente secreto). Logo a seguir, em agosto do mesmo ano, foi publicada a informação de que haviam sido encontrados arquivos em Moscou, denominados em russo *Osobyi*, e em alemão *Das Zentrale Staatsarchiv in Moskau* (Arquivo Central Estatal de Moscou) e também *Sonderarchiv* (Arquivo Especial), que passaram a estar disponíveis ao público. O anúncio dessa descoberta causou grande alvoroço na comunidade dos historiadores e grande número deles se deslocou a Moscou, ansiosos por conhecer o novo material. Vultosas quantidades de documentos oriundos de organizações judaicas alemãs, que se supunham destruídos pelas próprias organizações, visando a proteger-se do NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães), contrariamente ao que se imaginava, tinham permanecido conservados e faziam parte daquele acervo, o que tornou a descoberta ainda mais surpreendente.

²³⁸ Os pais da autora deste trabalho fizeram parte do grupo de fundadores da CIP, em 1936, na cidade de São Paulo.

Um dos primeiros historiadores a viajar a Moscou foi Ariel Segall, diretor da Central de Arquivos da História do Povo Judeu (CAHJP), de Jerusalém, que escaneou alguns documentos do *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*, o CV, porque, justamente seu pai, Jakob Segall fora o famoso demógrafo e estatístico do CV, que presidira o Comitê de Estatística da Grande Guerra (1914-1918)²³⁹. Antes da divulgação da existência dos arquivos *Osobyi* em 1990, mesmo os historiadores russos somente podiam ter acesso a eles mediante autorização da KGB²⁴⁰, solicitada sob a forma de questionários, respondidos por escrito por esses mesmos funcionários que não passavam de dez a quinze arquivistas.

Götz Aly e Susanne Heim²⁴¹, historiadores alemães, foram enviados a Moscou pela Fundação Hans-Böcker, representante dos sindicatos metalúrgicos alemães. Passaram alguns meses em Moscou aprendendo russo e analisando o material. Seu trabalho foi publicado em 1992, em Düsseldorf²⁴², e a documentação encontrada referia-se a uma variedade de entidades: socialistas; judaicas; da B'nei Brit²⁴³ nas mais diversas cidades; lojas maçônicas; acervos de organizações alemãs socialistas e sindicais; organizações alemãs no exílio, em especial na França; inclusive de acervos entregues a outros arquivos. Aly e Heim descreveram o acervo do *Sonderarchiv* como sendo proveniente da Alemanha e da Áustria, composto por documentos roubados pelos alemães nos países por eles ocupados. O *Staatsarchiv in Moskau* (*Sonderarchiv* - arquivo especial), *Osobyi*, possui até mesmo documentos da Revolução Russa de 1917, um discurso do primeiro ministro da República Federal Alemã, Willy Brandt (1913-1992), e outros. A quantidade de pastas encontradas é imensa. Alguns arquivos já tinham sido entregues para a Alemanha Oriental, antiga República Democrática Alemã (RDA), em 1957, de cujo paradeiro não se tem notícia.

Do próprio CV, foram encontradas 4371 pastas, que pertenciam somente a seus escritórios em Berlim, sendo que, dos demais vinte e dois escritórios do CV espalhados pela Alemanha, não

²³⁹ BARKAI, Avraham. In: LEO BAECK INSTITUTE, Yearbook nº 45. London: Berghahn Books, 2000, pp. 173-182.

²⁴⁰ *Komitet gosudarstvennoy bezopasnosti* – polícia secreta da antiga URSS.

²⁴¹ Nascidos na Alemanha em 1947 e 1955, respectivamente. Ambos tinham trabalhado com o Professor David Bankier, a quem este trabalho é dedicado.

²⁴² ALY, Götz; HEIM, Susanne. *Das Zentrale Staatsarchiv in Moskau (Sonderarchiv), Rekonstruktion und Bestandsverzeichnis verschollen geglaubten Schriftguts aus der NS-Zeit*. Düsseldorf: Hans-Böcker Stiftung, 1993. (Reconstrução e inventário de textos supostamente desaparecidos do período nazista).

²⁴³ Organização judaica fundada nos EUA, em 1843, em defesa dos direitos humanos e da justiça social. Na Alemanha, desde 1885.

havia nada. O número dos funcionários do CV em Berlim tinha sido de trinta pessoas e duzentos funcionários na Alemanha toda.

Os livros *Wehr Dich! Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893-1938*²⁴⁴ e *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit, 1918-1945*²⁴⁵ dos historiadores Avraham Barkai, israelense e Paul Mendes-Flohr, norte-americano²⁴⁶ se basearam nas informações obtidas do material encontrado nos arquivos de Moscou. Até então, havia estudos sobre a história do CV, pois todos relatavam os fatos ocorridos até o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, como o esmerado livro do rabino Paul Rieger sobre os vinte e cinco anos iniciais do CV. Em 1962, foi publicado no Leo Baeck Institute Yearbook, o importante artigo do Dr. Alfred Hirschberg em homenagem aos vinte e cinco anos da morte do antigo *Syndikus* do CV, o Dr. Ludwig Holländer, em 1936. Relata episódios do início do CV, da visão de mundo centrada na Alemanha. Hirschberg retratou aquela época com pertinácia, apesar de comentar sobre a escassez de informações para escrever o artigo, além dos jornais do CV, que ele conseguira levar consigo ao fugir da Alemanha. O historiador Yehuda Reinharz publicou, em 1975, o imprescindível livro *Fatherland or Promised Land, the Dilemma of the German Jew, 1893-1914*²⁴⁷. E, em 1991 foram encontrados os arquivos de Moscou, com farto material desconhecido sobre o CV.

A pesquisa, aqui em São Paulo, começou com o arquivo pertencente à família Hirschberg, que o tinha cedido ao AHJB, onde constava o material de trabalho do Dr. Alfred Hirschberg.

Nas correspondências que examinei, trocadas com seus antigos companheiros do CV, sentia-se uma frustração. Havia a ventura de terem conseguido sair da Europa, mas restava rememorar as perdas dos desaparecidos, desde a colega de trabalho Lucy, até o assessor principal do rabino Leo Baeck, o jurista Dr. Otto Hirsch, mencionado no capítulo 2; a esposa de Alfred Wiener, e milhares de outras, além dos pais do editor Hans Oppenheimer²⁴⁸. Restava a sensação de que, após 45 anos, de luta pelo direito dos judeus à cidadania alemã, todo o trabalho do CV fora em vão.

²⁴⁴ BARKAI, 2002.

²⁴⁵ MENDES-FLOHR, 1997.

²⁴⁶ Barkai, nascido na Alemanha em 1921 e emigrado para Israel em 1938, e Mendes-Flohr, nascido em 1941 nos EUA.

²⁴⁷ REINHARZ, 1975.

²⁴⁸ Hans Oppenheimer, editor em Nova York, nascido em Frankfurt a/M, primo do pai da autora.

Barkai e Mendes-Flohr retrataram o CV até seu final, cobrindo as lacunas ainda existentes. Aproveitando a descoberta dos arquivos, foi feito um estudo, em 1999, sobre o jornal do CV, o C.V. Zeitung para os anos 1922 a 1932, de Almut Schulze Wessel, professora do Ensino Médio alemão, sob orientação da Professora Trude Maurer.

Um dos pontos de destaque do nosso trabalho deverá se ater a mostrar a modificação do conceito de Barkai, em relação à sua ideia inicial sobre o CV, quando ainda era um adolescente na Alemanha, nos anos da República de Weimar (1918-1933) e, com o amadurecimento, foi reconhecendo que se enganara.

Vistas sob a ótica daquela época, as opiniões referentes ao CV poderiam trazer à tona aspectos contraditórios, quanto ao momento político que se estava vivendo. Para jovens, como Barkai, nascido em 1921, pertencente ao movimento juvenil sionista *Hashomer Hatzair*²⁴⁹, de esquerda, o CV estaria representando uma agremiação mais à direita, e mais inserida nos padrões do pensamento alemão dominante da

Foto 21 – Membros do Hashomer Hatzair, 1924.

Em 1924, o movimento juvenil Hashomer Hatzair foi estabelecido como um movimento de escoteiros. Em 1925, os primeiros emissários de Hechalutz chegaram a Mir. A juventude judaica da cidade foi carregada com seu entusiasmo para Hechalutz, o então Hechalutz Hatzair.

*The History of the Mir Community Before the Holocaust
The Association of former Mir Residents.*

época. Max Arendt, avô de Hannah Arendt, procurou demonstrar que o CV era a agremiação que representava o pensamento do judeu de modo geral, que destinava todo o amor à pátria, da qual, pessoas como ele eram fieis representantes. Tomo a liberdade de mencionar que Julius Bab escreveu um poema de amor à Alemanha, publicado por seu contemporâneo, Victor Klemperer, em seu *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*²⁵⁰.

²⁴⁹ Traduzindo do hebraico: Jovem guardião. Movimento alheio à religião.

²⁵⁰ KLEMPERER, 2009.

Esses judeus alemães eram igualmente devotados representantes da *Bildung* (formação e cultura) judaico-alemã. Nesse sentido, pode-se constatar que os judeus alemães se identificavam mais com a *Bildung* que o cidadão alemão comum. Isso agregava mais um elemento expressivo da rejeição aos judeus, identificados com os aspectos mais progressistas e liberais em seu tempo. Rejeição que se converteu na verdadeira aversão ao judeu, capturada e explorada por Hitler e Goebbels.

Götz Aly e Susanne Heim publicaram um catálogo primoroso sobre o material encontrado, patrocinado pela fundação Hans-Böckler-Stiftung de Düsseldorf, em 1993: *Das Zentrale Staatsarchiv in Moskau (Sonderarchiv)*.

Avraham Barkai pôde escrever o livro *Wehr Dich! Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893- 1938* após pesquisar todas as pastas que a Gestapo tinha confiscado do final do CV em novembro de 1938, tendo essas pastas sido consideradas perdidas. Os antigos membros supunham que não seria possível escrever sobre o período fatídico de 1933 até o final em 1938. Por meio dos arquivos encontrados, foi possível descobrir que o papel do CV foi mais importante na luta contra o antissemitismo do que se pensara. Seus membros tinham atuado em diversas instâncias. Diferentemente do sionismo alemão, o CV deixou de receber atenção de eruditos após 1945. As atenções estavam voltadas exclusivamente para encontrar um Lar Nacional Judaico para os sobreviventes da guerra.

Entre fevereiro e março de 1933, grande parte do material foi destruído pelos próprios dirigentes, por cautela. Somente após a descoberta dos arquivos foi possível reconstruir essa história, e, conseqüentemente, este trabalho. Sabe-se agora, por meio dos arquivos, que Alfred Hirschberg levou, em 1934, material importante para ser guardado, evitando que fosse encontrado.

Para Barkai, após consultar o material de Moscou, o CV foi a maior organização política judaica e a mais representativa na Alemanha. Quando os historiadores mencionados foram para Moscou, em 1991, havia cerca de 194 mil pastas de origem alemã, ainda não pesquisadas.

Em alguns ambientes, antes da descoberta desses arquivos, a imagem do CV era de uma organização interessada em agradar a sociedade alemã. Avaliando a época do entre guerras, ou melhor, da República de Weimar (1918-1933), os *Ostjuden* criticavam o CV como um grupo voltado a “estar bem” com a população local, mais que se preocupar com os judeus recém-emigrados dos países do Leste Europeu, onde haviam sofrido brutais *pogroms*, e se encontravam em

situação econômica e social precária. O rabino Leo Baeck considerava que havia judeus valorizando sua ligação com a pátria alemã em excesso, ao invés de se envolver com o conjunto dos judeus, como todo, segundo carta encontrada em que faz esse relato para outro rabino.

Sentimentos antissemitas aconteciam igualmente com os judeus na França, no final do Século XIX, como o terrível caso do processo Dreyfus.

Avraham Barkai escreveu que foi frustrante para o chefe dos Arquivos Centrais de Jerusalém não ter encontrado informações financeiras do CV, que foi a maior organização judaica na Alemanha, e que melhor representou politicamente os judeus naquela época²⁵¹. Barkai afirmou que os documentos das 350 mil caixas de microfilmes trazidos de Moscou são de enorme valor histórico. Teceu elogios à *Conference on Jewish Material Claims against Germany* concedida por diversos doadores, que permitiram que o precioso material fosse microfilmado, viabilizando a Barkai fazer seu excelente trabalho, em Israel, local de sua residência.

Causou-me impressão a mudança dos preconceitos juvenis de Avraham Barkai nos anos vinte do século passado, reconhecendo o papel político e ideológico do CV, não somente ao tomar contato com os Arquivos de Moscou, mas, como ele afirmou, desde que se dedicou a estudar o judaísmo alemão, corroborando suas impressões pela exploração dos Arquivos. Valorizou também a mudança dos termos e relações que determinaram as atividades e orientações políticas do CV nos diferentes períodos políticos, por exemplo: período de 1893 a 1918; 1919 a 1932 e 1933 a 1938.

Barkai anexou no livro relatos estarrecedores de diversos dirigentes do CV sobre o que eles e suas famílias sofreram na Kristallnacht, inclusive as crianças.

Duas pessoas foram absolutamente abnegadas em sua ajuda aos membros do CV para que conseguissem fugir: o rabino Leo Baeck e seu principal assistente, Otto Hirsch que, envolvido com a política judaica, estava seguro de que o regime nazista seria de curta duração, e não se preocupou em abandonar a Alemanha, para prestar ajuda aos demais, o que lhe custou a vida.

Barkai percebeu por meio desses arquivos que, durante os anos vinte do século passado, houve forte rivalidade entre o CV e o ZVfD – o grupo sionista, que desenvolveu intensa oposição ao

²⁵¹ Os dirigentes do CV consideraram prudente não deixar quaisquer informações sobre a ajuda financeira recebida dos empresários judeus bem-sucedidos e também de não judeus contrários ao regime nazista.

CV. Esta rivalidade ainda não foi bem estudada até hoje. As discussões ocorreram por meio dos jornais de cada grupo: o CVZ *Die Central Verein Zeitung*, dirigido por Alfred Hirschberg a partir de 1922 e *Die Jüdische Rundschau*, jornal do ZVfD, dirigido por Robert Weltsch, grande amigo de Chaim Weitzmann e Martin Buber. Weltsch era favorável a uma divisão bipartite na Palestina, entre árabes e judeus. É sua uma frase que se tornou famosa em relação ao uso da Estrela Amarela, insígnia obrigatória para os judeus durante o regime nazista: *Trägt ihn mit Stolz* (usem-na com orgulho, a insígnia amarela), para os judeus não se sentirem baixados. Durante o regime nazista, até o fechamento compulsório do CV, Weltsch e Hirschberg trabalharam juntos, sob a direção do rabino Leo Baeck, esforçando-se por deixar suas divergências de lado, pois o momento era de defender a causa comum. Weltsch foi também um dos incentivadores para que o Leo Baeck Institute se tornasse uma realidade, criado pouco antes do falecimento do rabino Leo Baeck, em Londres em 1956.

Dentre as várias preciosidades descobertas nos Arquivos foi a carta, já mencionada em que Leo Baeck escrevera para o rabino Cesar Seligmann se lastimando que, para alguns membros do CV, o *Deutschtum* (alemanidade) se convertera em religião. Ao invés de acreditarem em Deus, acreditavam no *Deutschtum*, sem se darem conta de que não eram benquistos entre os alemães, procuravam não enxergar o que ocorria à sua volta, sem ter visão de conjunto, do momento político em que viviam.

Os Arquivos de Moscou têm trazido nova luz à história do nazismo na Alemanha. Dentre as 4371 pastas referentes ao escritório central do CV de Berlim, a história do CV passou por uma mudança de rumo após as pesquisas feitas, conforme as explicações de Barkai.

Figura 29 – *Jüdische Rundschau*, número 27, 4 de abril de 1933.

6.1 FONTES ANTERIORES À DESCOBERTA DOS ARQUIVOS DE MOSCOU

Os principais autores sobre o CV anteriores à descoberta dos arquivos foram Alfred Hirschberg, escrevendo sobre os vinte e cinco anos da morte do *Syndikus* do CV, Ludwig Holländer, Arnold Pauker em 1968, Jehuda Reiharz em 1975. Bem antes, em 1918, o rabino Paul Rieger escrevendo sobre os primeiros 25 anos do CV.

Passados os anos das enormes dificuldades econômico-financeiras, durante a grande inflação na Alemanha²⁵², que ocorreu no momento inicial do pós-Primeira Guerra Mundial, a vida de toda a população foi alterada, até o país conseguir se reerguer²⁵³. Alguns anos mais tarde houve um relaxamento do Tratado de Versalhes, que fora leonino por parte da França em relação à Alemanha, sendo que a França atuou de maneira totalmente revanchista, como vencedora da guerra, a partir de novembro de 1918, justamente porque fora a grande perdedora em 1871, quando da Unificação alemã, comandada pelo general Otto von Bismarck [1815-1898]. Nos primeiros anos do pós-guerra de 1918, não havia no cenário econômico mundial o que chamamos hoje de órgãos reguladores internacionais, como o Banco Mundial, o FMI, a OCDE²⁵⁴, e outros, capazes de evitar que economias nacionais viessem à bancarrota, como ocorreu com o Estado Alemão durante a República de Weimar, que foi consequência direta do prejuízo causado pela Primeira Guerra Mundial. A somatória desses fatos foi um fator que facilitou e favoreceu a ascensão dos partidos da extrema direita nos quadros da política alemã. Ao questionamento, por que ocorreu a Primeira Guerra Mundial também não se tem até hoje uma resposta adequada que possa justificá-la, havendo historiadores que afirmam que o Kaiser Wilhelm I queria a guerra.

A importância desses *Osobyi* é que apresentavam materiais supostamente desaparecidos, dos quais se pode deferir muita informação histórica. De um modo geral as pastas roubadas da Alemanha pelo Exército Vermelho, quando venceram a guerra em 1945 e as levaram para Moscou não tratavam especificamente de pastas da Alemanha, mas sim de pastas que o *Reichssicherheitshauptamt*²⁵⁵ (RSHA) havia roubado dos Territórios Ocupados. O conteúdo das pastas,

²⁵² Foi a inflação mais alta que já ocorreu na história da humanidade.

²⁵³ HAFFNER, Sebastian. *Geschichte eines Deutschen*. Munique: Deutsche Verlags-Anstalt, 2001.

²⁵⁴ FMI - Fundo Monetário Internacional; OCDE – Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico.

²⁵⁵ Escritório Central de Segurança do Reich, durante o Terceiro Reich.

em sua maioria, versava sobre organizações judaicas, maçons e socialistas, que eram consideradas “inimigos do Estado”, bem como a associação dos rotarianos, os membros da religião Bahai e os praticantes da língua esperanto. Os arquivos detinham também o espólio do estadista Walther Rathenau, assassinado em Berlim, em 1922, por membros das Organização Cônsul, outro grupo político de milícias.

Grande parte desses documentos foi devolvida para o governo da antiga República Democrática Alemã (1949-1989), já em 1957.

O CV foi o bastião mais consistente contra a apostasia (abandono da religião) e defecção (abandono consciente de um grupo ou de uma causa) entre a maior parte de judeus alemães, como seus líderes sempre disseram.

Barkai mostrou que a importância dos arquivos foi maior do que se supunha. Em sua adolescência Barkai sentira preconceito pelos membros do CV. A partir do material dos Arquivos pode ficar sabendo porque o nome do CV soava tão alemão. Na verdade, seu idealizador, Raphael Loewenfeld queria que os judeus nunca mais se rebaixassem ao nível dos *Schutzjuden* (judeu que pede proteção), ao invés de lutar pelo seu direito conquistado à cidadania, representado pelos cidadãos, por isso escreveu no título, cidadãos de fé judaica. E, não como se pensava, judeus que não quisessem saber de seus irmãos do Leste. Outra questão interessante encontrada por Barkai, foi que, durante os 45 anos de existência, o CV mudou seu posicionamento em face de algumas questões, não eram rígidos. Eugen Fuchs, antigo vice-presidente dos primórdios do CV escreveu, pouco antes de seu falecimento, no primeiro número do jornal CV Zeitung em maio de 1922²⁵⁶ sobre o valor da religião judaica, querendo alertar a juventude sobre a importância de se conhecer os valores da religião. Escreveu sobre a postura inicial da direção do CV:

Foto 22 – Eugen Fuchs (1856-1923).

Jüdischen Museums Berlin

²⁵⁶ Até então o jornal do CV se chamava ‘Im deutschen Reich’, e sua edição era mensal.

Naquela época, em 1893, pensávamos que venceríamos o preconceito contra nós pelo emprego do racionalismo, abrindo mão das características judaicas, como a Lei da Kashrut²⁵⁷, desprezando o Talmud e combatendo a socialdemocracia. Somente bem mais tarde é que nos demos conta que a única forma de defendermos a nossa condição judaica seria por meio do profundo saber judaico. Fez-se necessário conhecer melhor a tradição judaica, a ética judaica, o ensinamento dos profetas, e do Talmud. Essa é a nossa única arma, termos orgulho do nosso judaísmo, e da nossa consciência judaica. Por isso o CV merece sentir orgulho, pois recuperou sua autoconfiança, autocrítica. (Tradução nossa).

Alguns poucos membros do CV mostraram interesse ao nacional-socialismo até mesmo depois de 1933. Houve alguns poucos judeus que chegaram a se interessar pelo regime de Hitler, o nacional-socialismo, por pouco tempo.

Para Barkai, o CV foi a maior organização política judaica e a mais representativa na Alemanha. A ambivalência retratada nos leva a pensar em termos psicológicos, como teriam sido aqueles anos? Como por exemplo a vida de uma minoria discriminada, em face do antissemitismo. O antissemitismo e a vida minoritária discriminada está relacionada com temas da psicologia: paranoia, perseguição, autismo e depressão. Busquei autores dessa área, trazendo um pouco do que encontrei, para finalizar o capítulo.

Ao saírem do gueto, boa parte dos recém-saídos continuaram carregando o gueto dentro de si, do qual jamais poderiam se separar. Pode ser facilmente compreendido, que buscassem uma espécie de assimilação, entendida como necessária para que fossem reconhecidos na nova sociedade alemã, urbana, onde chegaram.

Parafraseando psicólogos destacados, inclusive uma citação do livro: *Autismo e Psicanálise* de Flavia de Azevedo²⁵⁸, pode-se encontrar uma analogia com as ideias centrais do tema deste estudo. Mesmo partindo de outro foco, pode-se concluir que o interesse de alguns judeus de serem reconhecidos pela sociedade alemã, tenham se esquecido de suas raízes, de seu passado, que continha seus valores, buscando, mesmo que de maneira independente a busca de valores da nova cultura. Esta é uma dialética do grupo discriminado que, ao mesmo tempo, busca aceitar as possibilidades de uma nova integração bem-vinda. Por outro lado, marcada pela experiência

²⁵⁷ Normas alimentares sobre a separação de carne e leite, e outras regras, constantes do Levítico, o Terceiro Livro de Moisés.

²⁵⁸ AZEVEDO, Flavia de. *Autismo e Psicanálise*. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

dolorosa ancestral, de trazer o medo de embarcarem nesse entusiasmo pela nova realidade. O processo de integração, que às vezes se torna de assimilação, pode ser seguido de novo nascimento psicológico, de nova visão do mundo.

Seguindo a paráfrase de Flavia de Azevedo:

... para mim, a imigração arrancou-me... de minhas ideias sonolentas, dessa cápsula psicológica que havia sido o gueto: ela me expôs a um ambiente estranho, cuja novidade agravava as vulnerabilidades da transição, mas uma vez dominadas as angústias da desejada segurança inicial, levou-me a me tornar produtivo e a fazer emergir sua teoria, a atualizar sua teoria da nova realidade do judeu no mundo.

As várias realidades sociais das relações entre os judeus, agora já vivendo essa realidade dialética na vida urbana, nas várias dimensões, seguiram se produzindo processos, independente da vontade ou determinação diabólica de alguma mente, exceto a dos políticos, que paulatinamente foram surgindo e podendo aproveitar de forma maniqueísta para manipular as mentes em busca de seu poder, facilmente construído, então sobre essas bases populistas paranoides, atribuindo aos judeus, recém chegados, que antes tinham vivido no gueto, agora integrados e parecendo se dar tão bem, a ponto de pôr em risco o lugar dos alemães, que já viviam lá, legitimamente germânicos.

Passaram a surgir iniciativas políticas no seio do judaísmo alemão que já foram aqui mencionadas, por aqueles que se entenderam como cidadãos judeus, cidadãos alemães, embora de fé judaica, que criticavam essa nação, sob a possibilidade de abandono das raízes judaicas e encontraram uma solução, que eram experimentos que a história determinou que surgissem como fenômenos, que eram simultaneamente do campo psicológico e sociológico grupal, do inconsciente coletivo e dos núcleos paranoides e depressivos individuais. Tudo isto se conjugou para se produzirem esses experimentos históricos, sendo que foram tratados aqueles que se constituíram como autodefesa, sobre a forma organizada do CV. A história, infelizmente, nos mostrou que o nacional-socialismo, alimentado e alimentando o antissemitismo, passou por cima de toda e qualquer iniciativa de resistência. Inclusive nas inúmeras soluções individuais desenvolvidas no sentimento de alcançar a sobrevivência; felizmente, pois sem isso nem sequer teríamos conhecido a história do que se passou, e que aqui podemos desenvolver a partir dos relatos.

Podemos compreender que os qualificativos de covardia individual, de que a aliança com o inimigo foi traição, todas essas pechas são totalmente inadequadas, quando falamos de um povo

sendo esmagado, dizimado como foi. A história do CV trata do mais importante movimento, cujo estudo podemos aqui desenvolver. É certo que restam hiatos que poderão e deverão ser preenchidos por estudos seguintes.

6.2 O PAPEL DA LÍNGUA ALEMÃ PARA OS JUDEUS

Como já mencionado faz séculos que a língua alemã acompanha o povo judeu, mesmo fora da Alemanha, pois a grande maioria dos judeus nos países da Europa Central sempre falou o ídiche²⁵⁹. Os judeus alemães desejavam ser valorizados pelo apreço que sentiam por sua língua, o alemão. Citando Gabriel Riesser, Berthold Auerbach, Ludwig Bamberger, Gershom Scholem e Hobsbawm apresento um comentário sobre o que eles disseram sobre seu amor pela língua alemã:

Gershom Scholem: “Para muitos de nós a língua alemã, nossa língua materna, concedeu-nos um presente de inesquecíveis experiências; ela definiu o panorama da nossa juventude e lhe deu expressão”.

O que ele disse sobre o amor dos judeus pelos alemães:

O amor, se bem que tenha existido uma vez, foi sufocado em sangue; seu lugar precisa ser tomado por conhecimento histórico e por clareza conceitual (condições prévias para uma discussão que pode, talvez, trazer frutos para o futuro).

Até a segunda metade do século XVIII, e depois, os judeus alemães levavam a mesma vida que os judeus em todos os outros lugares ... eram nitidamente reconhecíveis como nação; possuíam história milenar própria... viviam sob uma ordem religiosa que perpassava sua vida e cultura... Até o momento em que a influência do meio ambiente alemão penetrou na *Judengasse* (rua judaica, ou gueto) ... em grande parte por um processo de osmose quase

Figura 30 – Virada do século, Reigen, de Arthur Schnitzler.

A estréia aconteceu no dia 23 de dezembro de 1920 no Little Schauspielhaus em Berlim e foi um dos maiores escândalos de teatro do século 20. A peça descreve em dez diálogos eróticos, a “mecânica implacável de relações sexuais”.

German 477 - Jahrhundertwende

²⁵⁹ Língua germânica falada pelos judeus na Europa central e oriental, baseada no alto-alemão dos séculos XIV e XV, com elementos hebraicos, aramaicos e eslavos.

consciente... os valores culturais alemães foram transformados em valores judaicos (e, linguisticamente, no iídiche)...

Na segunda metade do século XVIII ficou claro que havia uma profunda fraqueza no âmago do judaísmo da maioria dos judeus no Ocidente. E, a partir de Moses Mendelssohn começou um processo consciente entre os judeus de retorno aos alemães. Processo favorecido por poderosas forças históricas. Começou a propaganda pela absorção dos judeus pela cultura alemã. Começou a luta dos judeus pelos direitos civis, que durou de três a quatro gerações, conduzida a seu favor por uma camada determinada e vitoriosa entre “não judeus”.

Como preço da emancipação judaica os alemães exigiram o repúdio firme à nacionalidade judaica – preço este que os escritores e os porta-vozes da vanguarda judaica pagavam com muita alegria²⁶⁰.

Quando as nações ocidentais emanciparam Israel ... não aceitaram Israel, mas como uma multidão de indivíduos judeus. Os alemães conservadores começaram a creditar aos judeus uma facilidade muito grande com que renunciavam à sua consciência étnica. A auto abnegação dos judeus, embora bem-vinda e exigida era frequentemente vista como uma falta de substância moral.

A assimilação não acabou com a questão judaica na Alemanha, como os seus defensores tinham esperado; pelo contrário, ela transferiu o lugar da questão e tornou tudo mais grave.

No momento em que os judeus deixaram o gueto, ou seja, se “tornaram alemães”, eles ficaram desordenados pela profunda insegurança que começou a persegui-los. A confusão emocional dos judeus alemães entre 1820 e 1920 é de considerável importância, se quisermos entendê-los como um grupo caracterizado por aquele judaísmo alemão que encontramos na nossa juventude e que nos estimulou à resistência.

Eric Hobsbawm:

A força emancipatória da língua alemã torna-se compreensível se pensarmos que os conselheiros municipais de Brody, cidade da Galícia, com maior porcentagem de população judaica, fizeram questão de introduzir o alemão como língua oficial em suas escolas. Em 1880 apresentaram com sucesso seu pedido à corte imperial de Viena, argumentando de maneira pouco verossímil, que o alemão era a língua corrente na Galícia²⁶¹.

²⁶⁰ SCHOLEM, Gershom. Seria, eventualmente, o caso de Heinrich Heine , que se converteu, supondo que essa atitude equivaleria a um bilhete de entrada na sociedade. São Paulo, Perspectiva, 1996.

²⁶¹ HOBBSAWM, Eric. Tempos fraturados: *Cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013, p.110.

Poesia de Nelly Sachs (1895-1970), publicada 3 de novembro de 1938, último número que circulou do C.V. Zeitung denotando a dor da partida para o exílio²⁶²:

Será que os anos dedicados ao CV valeram a pena?
Ninguém consegue avaliar a dor da minha alma
Este canto, já nascido morto, tal qual o voo da andorinha,
O som da saudade escura, que continua soando, chorou
Os olhos derramam sua luz, já a boca silenciou, palavra nenhuma.
Floresce a noite, então – rosa, do silêncio meu,
O amor cerra os meus olhos,
Me desfaço tão profundamente em teu ser distante,
Canto no meu sono: “caminhando, sou teu”.
Tradução livre da autora

²⁶² Dividiu o Prêmio Nobel de Literatura em 1969 com o escritor israelense Schmuél Josef Agnon.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os judeus residiam na Alemanha há mais de 1000 anos e no ano de 1922 houve uma comemoração, pelo rabino Nobel, no *Lehrhaus* (Casa de Estudos), fundado por Franz Rosenzweig em Frankfurt am Main.

Após a queda de Napoleão os governos europeus, que tinham sofrido invasão, resolveram recuperar a antiga ordem, restaurar as dinastias e alcançar o poder perdido. Foi um retorno às estruturas elitistas, e à recuperação da religião anterior.

Mesmo assim, foi promulgado o Édito da Tolerância aos judeus em 1812, retirado em 1815, pelo Congresso de Viena. Eclodiu então a primeira onda antissemita.

O Congresso de Viena não auxiliou na Unificação dos Estados da Federação e a Alemanha permaneceu com uma série de províncias desajuntadas, sem união nacional.

Abriu-se novo espaço para mentalidades repressoras, representadas pelo *Turnvater Jahn* – padrinho dos Esportes, que promoveu o surgimento do espírito nacionalista. Seus seguidores queimaram livros, inclusive do autor judeu Saul Ascher, em 1817.

Os ataques HEP-HEP de 1819 levaram jovens professores judeus como o historiador Leopold Zunz a criarem o *Verein für Kultur und Wissenschaften der Juden*. Toda a Europa se encontrava em um clima de agitação pré-revolucionária.

A poesia que Heinrich Heine fez em homenagem aos tecelões, chamada *Die Weber*, em 1844, denota a miséria reinante naquela época.

Em 1847, teve início na Igreja Paulskirche de Frankfurt am Main uma Assembleia Nacional para promover a democracia na Alemanha. O deputado judeu Gabriel Riesser fez um discurso pelas garantias constitucionais em defesa dos judeus, que surtiu certo efeito.

O historiador alemão Hans-Ulrich Wehler (1931-2014) elaborou seis motivos pelos quais a revolução iniciada na Paulskirche não foi bem-sucedida.

Bismarck promoveu a Unificação Alemã, após derrotar a França. A Alemanha recebeu um valor enorme de reparações de guerra, e o período da Unificação foi chamado de *Gründerzeit*, Era dos Fundadores.

Uma quebra generalizada de Bolsas de Valores levou os judeus a serem considerados culpados, o que ficou conhecido como a Segunda Onda Antissemita.

Antissemitas conhecidos se manifestaram e surgiu a ideologia *völkisch*, semente do antissemitismo e do nazismo.

Vinte anos depois, foi criado o CV, primeiro órgão de defesa dos judeus. Para o Central Verein, os judeus receberam apoio de pessoas destacadas, como o historiador Theodor Mommsen, Prêmio Nobel em 1902. Até eclodir a Primeira Guerra Mundial, os judeus viveram relativamente calmos, mas passaram a sofrer forte antissemitismo durante a guerra. Judeus importantes como Walther Rathenau, Carl Melchior, Max Warburg e outros colaboraram com o Kaiser Wilhelm II, alcançando altos postos governamentais, o que provocou uma forte rivalidade com a alta hierarquia militar, levando-os a abandonar seus cargos. Em vista disso, o Exército resolveu elaborar um censo judaico, como forma de humilhar os judeus, e conseguiu.

Os membros do CV quiseram discutir esta questão, mas os Diretores não levaram o problema adiante, para não piorar o estado geral, em si, já muito delicado. Muitos judeus morreram na guerra. Após a derrota surgiram milícias – os *Freikorps*, antissemitas, que promoveram muitos assassinatos, causando muitas injustiças. Foi instaurada a República de Weimar, que foi precária, fraca, onde, inclusive, predominou forte antissemitismo.

O Central Verein foi muito atuante. O Dr. Alfred Hirschberg tornou-se seu gerente e redator, e teve de agir com muita diplomacia, em face das acusações do governo nazista.

Houve judeus que se sacrificaram na ajuda para os demais poderem fugir da Alemanha, como o rabino Leo Baeck²⁶³, Otto Hirsch, Cora Berliner, a Sra. Fürst e outros.

Dentro do programa já existente de hostilidade declarada aos judeus a Diretoria do CV foi presa na *Kristallnacht* e o *Central Verein* foi extinto. Foram soltos no início de 1939 pela coragem e empenho da Senhora Eva Hirschberg e conseguiram partir da Alemanha. Hans Reichmann, um dos diretores do CV escreveu um artigo importante sobre a esperança de que a solidariedade prevaleceria sobre a crueldade, explicando sua fuga da Alemanha em abril de 1939, juntamente

²⁶³ Sendo muito conhecido não foi assassinado, como os demais.

com sua esposa Eva, pois não valia a pena morrer, com o que a autora deste trabalho concorda plenamente.

Barkai publicou os textos redigidos pelos primeiros Diretores do CV, Eugen Fuchs, por exemplo, que escreveu em 1923, pouco antes de falecer, que supunham ser muito mais fácil enfrentar o antissemitismo. Imaginavam que por meio do racionalismo, eliminando as leis da *kashrut*, os ensinamentos bíblicos e talmúdicos passariam a ser aceitos pela sociedade alemã. Fuchs escreveu que foi somente pelo conhecimento profundo dos ensinamentos judaicos, conforme clamara F. Simon, ainda em janeiro de 1893, na fundação do CV, que conseguiriam combater o antissemitismo, recuperando sua autoestima e autoconfiança, pela sabedoria dos preceitos da religião. Barkai escreveu que por meio dos arquivos de Moscou compreendeu que o CV fora muito mais importante do que imaginava. Considera que o grupo sionista, *Zionistischer Verein für Deutschland* é devedor à coragem e ao pragmatismo dos membros do CV, quando tiveram de trabalhar juntos, sob a orientação do rabino Leo Baeck, entre 1933 e 1938.

São de se destacar cinco pontos marcantes da essência e circunstâncias da existência do CV:

1. Permeando a sociedade alemã e especialmente da comunidade judaica havia uma divergência de mentalidades. Judeus representavam a mentalidade progressista e moderna, procurando os meios mais atualizados, o que os distinguia dos conservadores, o que produziu um sentimento de competição com os alemães, mais voltados para o passado.
2. O CV surgiu propondo-se a representar e defender os judeus contra o antissemitismo, procurando alcançar dignidade e respeito, e não serem submissos.
3. Alguns líderes se destacaram por seu papel heroico, como Walther Rathenau, Leo Baeck e os demais mencionados.
4. Os documentos encontrados em 1990 nos Arquivos de Moscou confirmam e comprovam os fundamentos ideológicos do CV, que exprimiam na sua essência a confiança de que um futuro melhor seria possível, mesmo com a identidade alemã mantida.
5. Fez parte do cenário a significativa presença do movimento ideologicamente sionista lutando por um Lar Nacional Judaico.

REFERÊNCIAS

- ADLER, H. G. *Die Juden in Deutschland*. Munique: Editora Kosel-Verlag, 1960.
- ADLER, Laurie. *Nos passos de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- AHLWAHRDT, Hermman. *Der Verzweifelte Kampf der arischen Völker gegen das Judentum*. Berlin: 3 Bde. 1890. Disponível em < <https://goo.gl/c8nG2Z> >; acesso a 10 de abril de 2017.
- AHLWAHRDT, Hermman. *Die Judenjagd und die Deutsche Meute. Ein Nachtrag zu den Judenflinten*. 1892.
- ALY, Götz. *Hitlers Volksstaat. Raub, Rassenkrieg und nationaler Sozialismus*. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 2006.
- ALY, Götz. *Why the Germans, why the Jews? Envy, Race Hatred, and the Prehistory of the Holocaust*. Nova York: Henry Holtand Company, 2014.
- ALY, Götz; HEIM, Susanne. *Das Zentrale Staatsarchiv in Moskau (Sonderarchiv), Rekonstruktion und Bestandsverzeichnis verschollen geglaubten Schriftguts aus der NS-Zeit*. Düsseldorf: Hans-Böcker Stiftung, 1993.
- AMÉRY, Jean. *Além do crime e castigo. Tentativas de superação*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2013.
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Compreender*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Trad. Denise Bottmann, org. Jerome Kohn.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- ARENDT, Hannah. *Rahel Varnhagen*. Rio de Janeiro: Dumará, 1994.
- ARENDT, Hannah. *Rahel Varnhagen: The life of a Jewish Woman*. London: East and West Library, 1974.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- AZEVEDO, Flavia de. *Autismo e Psicanálise*. Curitiba: Juruá Editora, 2009
- BAECK, Leo. *Das Wesen des Judentums*. Frankfurt am Main: Kauffmann, 1922.
- BALAKRISHNAN, Gopal. *Uma questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.
- BAPTISTA PEREIRA. *O Brasil e o antissemitismo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d.
- BARBOSA, Rui. *O processo do Capitão Dreyfus*. São Paulo, Editora Giordano, 1994.
- BARKAI, A. & MENDES-FLOHR, P. *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit 1918-1945*. Munique: C.H.Beck Verlag, 1997.
- BARKAI, A. *Wehr Dich!, Der Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens 1893-1938*. Munique: C.H.Beck Verlag, 2002.

- BARKAI, Avraham. *Das Wirtschaftssystem des Nationalsozialismus: Der historische u. ideolog. Hintergrund; 1933-1936*. Köln: Verlag Wissenschaft u. Politik, 1977.
- BARKAI, Avraham. *Wehrt Euch! Der Centralverein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens*. Munique: C. H. Beck, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed. 1998.
- BEAUVOIR, Simone. Prefácio. *Shoá, vozes e faces do holocausto*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERLINER, Cora. *Die Organisation der jüdischen Jugend in Deutschland. Ein Beitrag zur Systematik der Jugendpflege und Jugendbewegung*. Berlin: Verlag des Verbandes der jüdischen Jugendvereine Deutschlands, 1916.
- BLUMENTHAL, W. M. *The Invisible Wall*. Washington D. C. Counterpoint, 1994.
- BORRIES, Achim von. Organizador. *Selbstzeugnisse des deutschen Judentums 1870-1945*. Frankfurt am Main, Fischer Bücherei, 1962.
- BROSZAT, Martin. *German National Socialism, 1919-1945*. Sta Barbara: Clio Press, 1966.
- BROWNING, Christopher R. *The Origins of the Final Solution*. Yad Vashem, 2004.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CARDOSO, Ciro F. & BRIGNOLI, H. Perez. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- CHAMBERLAIN, Houston Stewart. *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*. Bruckmann, 1899.
- COMPACT MEMORY UNIVERSITÄTSBIBLIOTHEK <<http://sammlungen.ub.uni-frankfurt.de/cm?lang=deV>>
- COOLLINGWOOD, R. G. *A ideia de História*. Lisboa: Ed. Presença, 1946.
- DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Graal, 2006.
- DARNTON, R. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- DIE DEUTSCHE BIBLIOTHEK. *Exil in Brasilien 1933-1945*. Frankfurt a.M, 1994.
- DIE DEUTSCHE BIBLIOTHEK. *German Bundestag Public Relations Division*. Bonn: 1998.
- DIEKMANN, Irene A. & GÖTZE, Bettina L. *Vom Schutzjuden Levin zum Staatsbürger Lesser. Das preußische Emanzipationsedikt von 1812*, Berlin: Gebundene Ausgabe, 2012.
- DILTHEY, Wilhelm. *Erlebnis und Dichtung*. Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1922.
- DILTHEY, Wilhelm. *Weltanschauung und Analyse des Menschen seit Renaissance und Reformation* Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1914.
- DOBB, Maurice. Do feudalismo para o capitalismo. In: DOBB, Maurice. *A transição do feudalismo para o Capitalismo. Um debate*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.
- DOHM, Christian Konrad Wilhelm von. *Über die Bürgerliche Verbesterung der Juden*. Berlin u. Stettin: Kaiserslautern 1891.

- DÜRRE, Peter; BAHL, Hubert; GOTTSCHALK, Gerhard. Die Aceton-Butanol-Gärung: Grundlage für einen modernen biotechnologischen Prozeß. *Chemie Ingenieur Technik*. Volume 64, Issue 6 June 1992.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- ELON, Amos. *The Pity of It All. Fifth Avenue*. New York: Picador, 2002.
- EPSTEIN, Klaus; LOUGEE, Robert W. *Paul de Lagarde 1827–1891. A Study of Radical Conservatism in Germany*. Cambridge, Massachusetts, 1962.
- ERHARDT, Marlis. *Rahel Varnhagen*. Darmstadt: Luchterhand, 1993.
- ESTADO DE S. PAULO (O). 11/12/2016 p. E2, traduzido do jornal *The Economist*.
- EVANS, R. J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta, 2012.
- FAYE, J. P. *Antisémitisme: Hitler et le mot «völkish»*. Paris, Hermann, 1972.
- FAYE, J. P. *Introdução às linguagens totalitárias*. Teoria e transformação do relato. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- FAYE, J. P. *O Século das Ideologias*. Lisboa: Inst. Piaget, 1988.
- FEUCHTWANGER, Lion. *Jud Süß*. München: Drei Masken Verlag, 1925.
- FISHER, F. *Wehrt Euch!! Ein Mahnwort an die Juden*. Berlin: Central-Buchhandlung, 1893.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *A Alemanha nazista e os judeus – os anos de extermínio – 1939-1945*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *A Alemanha nazista e os judeus – os anos de perseguição – 1933-1939*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *Memory, History and the Extermination of the Jews of Europe*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2004.
- GAY, Peter. *A Cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Editora Schawarcz Ltda, 2001.
- GEHRTS, Barbara. *Nie Wieder ein Word Davon?* München: Dtv junior, 1997.
- GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler – Consentimento e Coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- GINSBERG, Benjamin. *Judeus contra Hitler*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os Carrascos Voluntários de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GRAB, Walter; SCHOEPS, Julius [orgs.]. *Juden in der Weimar Republik. Skizzen und Porträts*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.
- GROSSER, Alfred. *Hitler, la presse et la naissance d'une dictature*. Paris: Armand Colin, 1959.
- GRUNFELD, Frederic V. *Profetas malditos. El mundo trágico de Freud, Mahler, Eisntein y Kafka*. Barcelona: Editorial Planeta AS, 1980.

- GUINSBURG, J. Org. *O judeu e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- GUTERMAN, Marcos. *Nazistas entre nós*. São Paulo, Editora Contexto, 2016.
- HAFFNER, Sebastian. *Geschichte eines Deutschen*. Stuttgart/ München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2000.
- HAGUETTE, Maria Teresa Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.
- HALPHEN, Achille-Edmond. *Recueil des lois : décrets, ordonnances, avis du conseil d'état, arrêtés et règlements concernant les Israélites depuis la révolution de 1789*. Paris: Bureaux des Archives israélites, 1851.
- HARTOG, François. *O Século XIX e a História. O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- HEINE, H. *Heine, hein? Poeta dos contrários*. São Paulo: Perspectiva/Goethe-Institut, 2011.
- HERZIG, Arno e RADEMACHER, Cay [orgs]. *Die Geschichte der Juden in Deutschland*. Hamburg, Ellert & Richter Verlag, 2007.
- HERZL, Theodor. *Der Judenstaat – Versuch einer modernen Lösung der Judenfrage*. Boden-heim: Athenaenäum, 1985.
- HILBERG, Raul. *Destruction of the European Jews*. New Jersey: Holmes & Meier Publishers Publishers, 1985.
- HIRSCHBERG, Alice Irene. *Desafio e resposta. A história da Congregação Israelita Paulista*. São Paulo: CIP, 1976.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848* São Paulo: Paz e Terra. 2000.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HOBBSBAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias*. São Paulo: Paz e Vida, 2005.
- HOBBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2010.
- HOBBSBAWM, Eric. *Tempos fraturados: Cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.
- HOBBSBAWM, Eric. *The age of extremes*. New York, Vintage, 1996.
- ISRAEL, Jonathan. *Democratic Enlightenment. Philosophy, Revolution, and Human Rights, 1750-1790*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- KATZ, Jacob. *Out of the Ghetto*. Syracuse: Harvard College, 1973.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos Judeus em Portugal*. Introdução, atualização bibliográfica e notas de NOVINSKY, Anita Waingort. São Paulo: Ed. Pioneira, 1971.
- KAYSERLING, Meyer. *Moses Mendelssohn. Sein Leben und Wirken*. Leipzig, Hermann Men- delssohn, 1888.
- KERSHAW, Ian. *Hitler, Um Perfil do Poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- KERSHAW, Ian. *Hitler. A biography*. New York: Norton, 2008.
- KLEMPERER, Victor. *Curriculum Vitae*. 2 vol. Berlim: ATVerlag, 1996.

- KLEMPERER, Victor. *LTI, A linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.
- KLEMPERER, Victor. *Os diários de Victor Klemperer*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- KLEMPERER, Victor. *Und so ist Alles schwankend*. Berlin: ATVerlag, 1996.
- KLUGER, Ruth. *Paisagens da memória*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- KRAUSZ, Luís. *Passagens*. São Paulo, EDUSP, 2012.
- LAFER, Celso: O pacifismo de Stefan Zweig. *O Estado de S. Paulo*. 21/08/2016, p. 2.
- LAMM, Hans. Holländer, Ludwig. In: *Neue Deutsche Biographie (NDB)*, Band 9. Berlin: Duncker & Humblot, 1972.
- LANGEWIESCHE, Dieter. *Nationalismus im 19. und 20. Jahrhundert: zwischen Partizipation und Aggression*. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1953.
- LEO BAECK INSTITUTE. (s.d.). *Encounters with Anti-Semitism: Anti-Semitism in the Trenches and at Home*. Acesso em 9 de abril de 2017, disponível em Leo Baeck Institute: <https://goo.gl/3UOZuB>
- LEO BAECK INSTITUTE. *Year Book n° 45*. London: Berghahn Books, 2000.
- LEVI, Primo. *É isto um Homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LEVI, Primo. *Wann Wenn Nicht Jetzt? Roman*. München: Dtv, 1989.
- LEVY, Richard S. *The downfall of the Anti-Semitic Political Parties in Imperial Germany*. New Haven, 1975.
- LÉVY-BRUHL Lucien. *La mentalité primitive*. 15e édition, 1960, 544 pages. Disponível em <<http://dx.doi.org/doi:10.1522/cla.lcl.men>> acesso 8 de abril de 2017.
- LEY, Michael. *Holocaust als Menschenopfer: vom Christentum zur politischen Religion des Nationalsozialismus*. Münster, 2002.
- LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2006.
- LOSURDO, Domenico. *Nietzsche, o rebelde aristocrata. Biografia intelectual e balanço crítico*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.
- LOTH, Wilfried. *Das Kaiserreich Obrigkeitstaat und politische Mobilisierung*. Dtv. München, 1996.
- LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MANN, Golo. *Deutsche Geschichte.1919–1945*. Frankfurt aM: Fisher Bücherei, 1961.
- MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MASSING, Paul W. (Karl Billiger). *Hitler is no fool*. New York: Modern Age Books, 1939. Disponível em < <https://goo.gl/LhxdbI> >, acesso a 10 de abril de 2017.
- MASSING, Paul W. *Rehearsal for Destruction: A Study of Political Anti-Semitism in Imperial Germany*. New York: Harper, 1949.
- MAUROIS, André. *A vida de Disraeli: primeiro-ministro e amigo da rainha Victoria*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- MAZZARI, Marcos. Heine. *O Rabi de Bacherach e três textos sobre o ódio racial*. São Paulo: Hedra, 2009.

- MENDES de Almeida, Ângela. *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MENDES-FLOHR, P. *Deutsch-Jüdische Geschichte in der Neuzeit 1918-1945*. Munique: C. H. Beck Verlag, 1997.
- MEZAN, Renato. *A sombra de Don Juan e Outros ensaios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- MEZAN, Renato. O dever da memória: sobre a submissão dos judeus ao terror nazista *In*: SLAVUTZKY, Abrão [org.]. *O dever da memória: o levante do gueto de Varsóvia*. Porto Alegre: Cidade Editora, 2003.
- MICHAEL, Robert & DOERR, Karin. *Nazi-Deutsch-Nazi German*. Santa Barbara: Greenwood Press, 2002.
- MOMMSEN, Hans. *The Third Reich between Vision and Reality, New Perspectives*. Oxford: Berg, 2001.
- MORAES, Eduardo Jardim de (org), *Hannah Arendt: Diálogos, Reflexões, Memórias*. Belo Horizonte: Humanitas, 2001.
- MOSSE, George L. *German Jews beyond Judaism*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1997.
- MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology – Intellectual Origins of the Third Reich*. Nova York: Howard Fertig, 1998.
- MOSSE, Werner E. *Juden im Wilhelminischen Deutschland 1890-1914” – ein Sammelband*. Mohr Siebeck, 1998.
- NAQUET, Pierre Vidal. *Os assassinos da memória: “Um Eichmann de papel”, e outros ensaios sobre o revisionismo*. Campinas: Papirus, 1988.
- NIRENBERG, David. *Anti-Judaism, the Western Tradition*. NY, WW Norton & Co., 2014.
- NOVAIS, A. Fernando [org.]. *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NOVINSKY, Anita Waingort & CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (orgs.). *Inquisição. Ensaios sobre Mentalidades, Heresias e Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- NOVINSKY, Anita Waingort. *Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- NOVINSKY, Anita Waingort. *Inquisição: Prisioneiros do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 2002.
- NOVINSKY, Anita Waingort; GORENSTEIN, Lina; RIBEIRO, Eneida; LEVI, Daniela. *Os judeus que construíram o Brasil*. São Paulo, Planeta, 2015.
- OELSNER, Miriam B. P. *A linguagem como instrumento de dominação: Victor Klemperer e sua LTI, a linguagem do Terceiro Reich*. Dissertação (mestrado). Departamento de Letras Modernas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- OELSNER, Miriam B. P. A luta do *Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens* pelo direito à cidadania alemã 1893-1938. *In*: LEWIN, Helena [org.]: *Judaísmo e globalização. Espaços e temporalidades*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. pp. 335-347.

- OELSNER, Toni. Three Jewish Families in Modern Germany. *A Quarterly Journal Devoted to Contemporary and Historical Aspects of Jewish Life*. New York: Editor Salo Baron, M. Cohen, K. Pinson, Joshua Starr, July and October 1942.
- OPPENHEIMER, Hans. *Lexikon des Judentums*. New York: C. Bertelsmann Verlag, 1967.
- OSSIEWICH, Carl Von. *227 Tage im Gefängnis*. Darmstadt, Lucherhand Literaturverlag, 1998.
- PALMER, A. *Bismarck*. Brasília: Universidade de Brasília, 1976.
- PAXTON, Robert. *The Anatomy of Fascism*. Nova York: Random House, 2004.
- PEREIRA, Baptista. *O Brasil e o antissemitismo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- POLIAKOV, Léon. *A Europa Suicida: 1870-1933*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- POLIAKOV, Léon. *De Cristo aos judeus da Corte*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- POLIAKOV, Léon. *De Voltaire a Wagner*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- PULZER, Peter G. J. *The Rise of Political Anti-Semitism in Germany and Austria*. New York: John Wiley and Sons, 1964.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massa do fascismo*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.
- REINHARZ, Jehuda. *Fatherland or Promised Land – The Dilemma of the German Jew, 1893 –1914*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1975.
- RICHARD, Lionel [org.]. *Berlim, 1919-1933. A encarnação da modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- RIEGER, Paul. *Ein Vierteljahrhundert im Kampf um das Recht und die Zukunft der deutschen Juden*. Berlin: CV, 1918.
- ROSENFELD, Anatol. *Entre dois mundos*. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- ROSENFELD, Anatol. *Mistificações literárias: Os protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. São Paulo. Estação Liberdade, 2007.
- SARTRE, J. P. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1960.
- SCHAMA, Simon. *A história dos judeus. A procura das palavras 1000 a. C.-1492 d. C..* São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- SCHILLER Friedrich. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen*. Tübingen: Cotta'sche Verlagsbuchhandlung, 1795.
- SCHOLEM, Gershom. *Cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013?
- SCHOLEM, Gershom. *O Golem, Benjamin, Buber e outros justos: Judaica I*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- SCHOLL, Inge. *A rosa branca*. São Paulo: 34 Ltda: editora 34, 2013.
- SCHULZE-WESSEL, Almut. Antisemitismus im Spiegel der C.V.-Zeitung. *Jahrbuch für Antisemitismusforschung*, 2002.
- SHAKED, Gershon. *Sombras de Identidade*. São Paulo: Perspectiva, 1988
- SILVA, K. V., SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2010.

- SORLIN, Pierre. *O antissemitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- SPERBER, Suzi. *O judeu nos espinhos – Irmãos Grimm*. Tese (titular). Campinas: UNICAMP, 1999.
- STANGNETH, Bettina. *Eichmann Before Jerusalem: The Unexamined Life of a Mass Murderer*. New York: Copyright, 2014.
- STEINER, George. *In Bluebeard's Castle – Some Notes Towards the Redefinition of Culture*. New Heaven: Yale University Press, 1971.
- STERN, Fritz. *Gold and Iron: Bismarck, Bleichröder and the Building of the German Empire*. New York: Alfred A. Knopf, 1977.
- STERN, Fritz. *The Politics of Cultural Despair – A Study in the Rise of the Germanic Ideology*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- STOKES, Philip. *Os 100 pensadores essenciais da filosofia*. Rio de Janeiro: Difel, 2012.
- SUAREZ, Luiz. *Las Grandes Interpretaciones de la História*. Bilbao: Ed. Moretón, 1972.
- SZKALARZ, Eduardo. *Nazismo, Como ele pode acontecer*. São Paulo: Abril, 2014.
- TODOROV, T. *Memória do Mal, Tentação do Bem, Indagações sobre o Século XX*. São Paulo: ARX. 2002.
- TODOROV, T.; DUCROT, Oswald. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1991.
- TÖNNIES Ferdinand. *Gemeinschaft und Gesellschaft*. Soderausgabe die 4. unveränd. Aufl. 2005 der Neuausgabe 1979 (basierend auf der 8. Aufl. 1935).
- VARNHAGEN, Rahel. *Jeder Wunsch wird Frivolität genannt*. Darmstadt und Neuwied: Hermann Luchterhand Verlag GmbH & Co KG, 1983.
- VIEIRA, Antônio. Papel a favor dos cristãos novos. In: *Obras Escolhidas*. Volume IV. Obras Várias II. Livraria Sá da Costa, 1952.
- VOLKOV, Shulamit. *Antisemitism as a Cultural Code. Reflections on the History and Historiography of Antisemitism in Imperial Germany*. YLBI, XXIII, 1978, pp. 25-46.
- VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Editora Martin e Claret, 2002.
- WALZER, Michael. Anti-Judaism. *The New York Review of Books*. 20 Mar.-2 Apr. New York: Norton & Co., 2014.
- WASSERMANN, Jacob. *My life as German and Jew*. New York: Coward-McCann, Inc., 1933.
- WASSERMANN, Jacob. O processo Maurizius. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- WASSERMANN, Jakob. *Der Fall Maurizius*. Berlin: S. Fischer, 1928.
- WASSERSTEIN, Bernard. *Na iminência do extermínio. A História dos Judeus na Europa antes da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschafts Geschichte 1849-1914*. München: Verlag C.H.Beck München, 1995.
- WEHLER, Hans-Ulrich. *Deutsche Gesellschafts Geschichte 1815-1845*. München: Verlag C.H.Beck, 1996.
- YEHOSHUA, Abraham B. *Mr. Mani*. New York: Doubleday, 1992.
- YERUSHALMI, Yosef Haym. *Zakhor*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ZOLA, Émile. J'accuse! (Carta ao presidente da República Francesa, Félix Faure). *L'Aurore* de 13 de janeiro de 1898.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ZWEIG, Stefan. *Joseph Fouché. Retrato de um homem político*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GLOSSÁRIO

CV Central Verein deutscher Staatsbürger jüdischen Glaubens - Associação de cidadãos alemães de fé judaica.

CVZ Central Verein Zeitung – Jornal do Central Verein.

Frankfurt a/Main – Frankfurt am Main.

Freies Jüdisches Lehrhaus (Casa de Estudos do Judaísmo) em Frankfurt am Main.

Freikorps – Corporações liberadas (milícias de extrema direita).

GESTAPO – Polícia secreta do regime nazista.

Gründerzeit – “Era dos Fundadores” do Segundo Reich.

Ataques HEP-HEP de 1819 – Herusalema est perdit, primeira onda antissemita.

Isvestia – jornal russo.

Kashrut prescrições alimentares judaicas, constantes do Levítico, o Terceiro livro de Moisés, do Pentêuco.

Kristallnacht – Noite dos cristais quebrados em 9 de novembro de 1938, pogrom.

Osobyi – *Sonderarchiv* – Arquivos especiais encontrados em Moscou

Shoá Termo criado por Elie Wiesel. É uma palavra do ‘Levítico’, terceiro dos cinco livros de Moisés do Antigo Testamento. Significa ‘desfazer-se em fumaça’, tal qual a fumaça dos corpos carbonizados, após a gaseificação de seus donos nos campos de concentração e de extermínio nazistas.

Völkisch – do povo alemão, raiz nacional do povo alemão.

Die Weber – Os tecelões. Poesia de Heinrich Heine em 1844. Trad. André Vallias.

Zionistische Vereinigung für Deutschland ZVfD – Associação sionista para a Alemanha.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abraham Barkai, 1-18, 5-151, 6-160
 Acton, 2-48
 Adolf Hitler, 1-15, 1-24, 1-25, 2-79, 2-80, 2-90, 4-117, 5-119, 5-123, 5-130, 5-145, 5-146, 5-149, 5-150, 5-153, 5-154, 5-155, 5-156, 6-162, 6-167
 Adolf Stoecker, 2-74, 2-79, 2-91, 5-134
 Albert Ballin, 5-141
 Alfred Hirschberg, 1-20, 1-22, 1-23, 5-129, 5-133, 5-134, 5-136, 5-137, 5-140, 5-152, 5-155, 5-157, 6-160, 6-162, 6-164, 6-165, 7-173
 Alfred Josef Keller, 1-26
 Alfred Wiener, 1-23, 5-152, 5-156, 6-160
 Alice Irene Hirschberg, 9, 1-22, 1-23
 Almut Schulze-Wessel, 5-129
 Aly Götz, 2-74
 Anatol Rosenfeld, 7, 5-132
 Ângela Mendes de Almeida, 1-21, 1-22
 Ariel Segall, 6-159
 Arnold Pauker, 6-165
 Arnold Schoenberg, 5-142
 Arthur Balfour, 5-136, 5-137, 5-138, 5-142, 5-151
 Arthur Gobineau, 2-27
 August von Kotzebue, 2-47
 Avraham Barkai, 1-20, 1-22, 5-129, 6-158, 6-160, 6-161, 6-162, 6-163, 6-164, 6-166, 6-167, 7-174
 Azariah de Rossi, 2-35
 Baruch Spinoza, 2-68
 Benjamin Franklin, 2-33
 Bernard Wasserstein, 1-22
 Bertha von Suttner, 2-72, 4-106, 4-113, 5-125
 Berthold Auerbach, 2-65, 2-68, 3-101, 6-169
 Berthold Brecht, 5-145, 5-153
 Blondel, 5-126
 Brunnig, 5-154
 Carl Melchior, 5-141, 5-148, 7-173
 Cecil Roth, 1-23
 Chaim Weizmann, 5-135
 Charles Dickens, 2-58
 Christian Wilhelm Dohm, 2-33
 Condorcet, 2-35
 Cora Berliner, 5-124, 7-173
 Cosima, 2-84
 Cosima Wagner, 2-28, 2-84
 David Bankier, 8, 1-22, 1-24, 6-158, 6-159
 David Bankier Z'L', 8, 1-22
 David Friedländer, 2-54
 David Nirenberg, 1-26
 Domenico Losurdo, 2-28, 2-84
 Dreyfus, 1-14, 2-86, 5-130, 6-163
 Edmund Burke, 2-45, 2-48
 Edmund Husserl, 2-63
 Edouard Lásker, 2-91, 2-96
 Eduard Gans, 2-51
 Eduard Simson, 2-54
 Elias Canetti, 1-25, 2-43
 Émile Durkheim, 5-133
 Émile Zola, 5-130
 Eric Hobsbawm, 1-16, 1-17, 1-22, 2-43, 5-126, 5-127, 6-169, 6-170
 Erich Fromm, 1-25
 Ernst Moritz Arndt, 2-44
 Ernst Toller, 5-143
 Eugen Düring, 2-39, 2-83, 2-84, 2-89
 Eugen Fuchs, 4-108, 5-127, 5-134, 5-139, 5-142, 5-143, 6-166, 7-174
 Eva Hirschberg, 1-23, 1-24, 7-173
 Eva Reichmann, 5-128
 Fabio Landa, 1-26
 Felix Mendelssohn Bartholdy, 2-59
 Ferdinand Tönnies, 5-133
 Flavia de Azevedo, 6-167, 6-168
 François Hartog, 2-64
 Franz Joseph I, 1-17, 4-118
 Franz Rosenzweig, 1-24, 2-35, 7-172
 Freud, 1-25
 Friederich Engels, 2-89
 Friedrich Engels, 2-51, 2-56, 2-58, 2-89
 Friedrich II, 2-33, 2-42
 Friedrich Nietzsche, 2-27, 2-84
 Friedrich Rühs, 2-44
 Friedrich Schiller, 2-37, 2-49
 Friedrich Wilhelm III, 2-42, 2-44, 2-48
 Friedrich Wilhelm IV, 2-54, 2-57, 2-59, 2-63

- Fritz Stern, 1-21, 1-22, 1-25, 2-74
 Fustel de Coulanges, 2-64
 Gabriel Riesser, 2-54, 2-57, 4-110, 4-112, 4-113, 6-169, 7-172
 Gabriela Wilder, 1-23
 George Bernard Sperber, 1-26
 George Büchner, 2-51
 George Lachmann Mosse, 1-21, 1-22, 1-25, 2-66, 2-74
 George von Schonerer, 5-130
 Georges Lefebvre, 5-126
 Gerschom Scholem, 1-21, 2-38, 4-115, 6-169
 Gerschon Bleichröder, 2-74
 Gershom Scholem, 1-22
 Gershon Shaked, 1-21, 1-22, 2-71
 Gershon Sholem, 2-36
 Goebbels, 2-32, 5-154, 5-155, 6-162
 Goldmann, 5-135
 Göring, 5-155, 5-156
 Gottfried Wilhelm Leibniz, 2-33
 Gotthold Ephraim Lessing, 2-33
 Götz Aly, 1-21, 1-22, 1-25, 2-41, 2-73, 2-74, 2-76, 4-112, 4-115, 6-159, 6-162
 Grimm, 2-30
 Gustav Freytag, 2-27
 H. G. Adler, 1-21, 1-22, 1-25
 H. Wallon, 5-126
 Hannah Arendt, 1-14, 1-15, 1-22, 1-25, 2-40, 2-90, 2-92, 5-142, 5-157, 180
 Hans Maier, 1-16
 Hans Reichmann, 5-128, 7-173
 Hans-Böcker, 6-159
 Hans-Ulrich Wehler, 1-22, 2-46, 2-60, 7-172
 Heinrich Graetz, 2-70, 2-86
 Heinrich Heine, 1-25, 2-37, 2-39, 2-49, 2-50, 2-51, 2-52, 2-53, 2-63, 2-65, 2-66, 6-170, 7-172
 Heinrich Mann, 2-86, 5-128
 Hella Mortiz Z'L', 1-23
 Helmut Berding, 2-56
 Henrique Rattner Z'L', 1-23
 Henry Ford, 5-132
 Hermann Cohen, 1-24
 Hindenburg, 5-123, 5-154, 5-155
 Hinrich C. Seeba, 1-26
 Hobsbawm, 2-43
 Holländer, 2-34, 2-78
 Hugo Preuss, 2-86, 4-108, 5-128, 5-140
 Hundt-Radowsky, 2-44
 Immanuel Kant, 2-36, 4-115
 Isidor Weiß, 5-154
 Ismar Elbogen, 1-23, 2-70, 3-99, 3-100
 Jacó Guinsburg, 1-23, 4-116
 Jacob F. Fries, 2-44
 Jacob Katz, 1-21, 2-32, 2-33, 4-115
 Jakob Wassermann, 1-21, 1-22, 1-25, 2-50, 2-71, 2-81, 4-116
 Jean Améry, 1-16
 Jehuda Reiharz, 6-165
 João Azenha, 1-26
 Johann David Ludwig Yorck, 2-42
 Johann Gottlieb Fichte, 2-39
 Johann Gustav Droysen, 2-59, 2-86, 4-113
 Johann Wolfgang Goethe, 2-49
 Johannes Kepler, 2-33
 John de Souza, 5-144
 John Maynard Keynes, 5-148
 Jonathan Israel, 2-43
 Juda Löb Baruch, 2-51
 Julius Bab, 6-161
 Kafka, 1-25
 Kapp, 5-140
 Karl Alexander de Württemberg, 2-32
 Karl August von Hardenberg, 2-48
 Karl Emil Franzos, 1-18
 Karl Gutzkow, 2-51
 Karl Liebknecht, 2-88, 5-146
 Karl Luëger, 2-80, 4-117, 5-130
 Karl Marx, 2-51, 2-56, 2-58, 2-62, 2-86, 2-89, 5-126, 5-127
 Klemens von Metternich, 2-45
 Kurt Blumenfeld, 5-142
 Leo Baeck, 1-23, 5-122, 5-123, 5-125, 5-133, 5-140, 5-144, 5-152, 6-160, 6-163, 6-164, 7-173, 7-174
 Léon Poliakov, 1-21, 1-22, 1-25, 2-30
 Leon Tolstoi, 2-65
 Leopold von Ranke, 5-125
 Leopold Zunz, 2-50, 2-51, 2-63, 7-172
 Lessing, 2-33, 2-34, 2-36, 2-50, 4-105
 Levin Goldschmidt, 2-65, 2-91
 Lévy-Bruhl, 5-126
 Lion Feuchtwanger, 2-32
 Lucien Febvre, 5-126
 Lucy Wegner, 1-23, 5-136
 Ludendorff, 5-139
 Ludwig Bamberger, 2-78, 2-86, 2-91, 6-169

- Ludwig Börne, 2-39, 2-51
 Ludwig Holländer, 2-74, 2-92, 5-128, 5-133, 5-134, 5-140, 5-142, 5-155, 6-160, 6-165
 Ludwig Philippson, 2-49
 Mahler, 1-25
 Marc Bloch, 5-126
 Martin Buber, 1-23, 1-25, 2-35, 5-122, 5-131, 5-144, 5-146, 6-164
 Martin Mendelsohn, 5-143
 Martinho Lutero, 2-46, 2-62
 Max Warburg, 5-141, 7-173
 Maximilian Horwitz, 4-108, 4-110, 5-143
 Messias, 2-43, 2-63
 Metternich, 2-45, 2-46, 2-48, 2-51, 2-53, 2-64
 Michael Löwy, 5-147
 Mirabeau, 2-33, 2-35
 Mohl, 2-57
 Moses Mendelssohn, 1-23, 2-33, 2-35, 2-36, 2-55, 2-59, 5-133, 6-170
 Nahum Sokolov, 5-137
 Napoleão, 2-45, 2-48
 Napoleão Bonaparte, 2-37, 2-38, 2-39, 2-40, 2-41, 2-42, 2-44, 2-45, 2-47, 2-48, 4-115, 7-172
 Napoleão Bonaparte III, 2-61
 Nelly Sachs, 6-171
 Nicholas de Kues, 2-33
 Nikolai, 1-23, 2-33
 Norbert Elias, 1-25
 Novinsky, 8, 1-23
 Oliver Twist, 2-58
 Otto Hirsch, 5-123, 5-124, 6-160, 6-163, 7-173
 Otto von Bismarck, 2-48, 2-56, 2-60, 2-61, 2-62, 2-64, 2-67, 2-72, 2-74, 2-78, 2-79, 2-81, 2-82, 2-83, 2-88, 2-89, 2-91, 2-92, 2-96, 5-122, 5-127, 5-146, 5-147, 5-148, 6-165, 7-172
 Paul Célan, 1-16
 Paul Lagarde, 2-39, 2-82
 Paul Mendes-Flohr, 1-20, 1-22, 5-129, 6-160
 Paul Rieger, 1-20, 1-22, 2-74, 2-77, 2-87, 4-106, 4-109, 4-112, 4-114, 4-115, 5-129, 6-160, 6-165
 Peter Gay, 1-22, 1-25, 5-146
 Peter Weil, 5-153
 Phillip Scheidemann, 5-119
 Pierre Angel, 2-27
 Pierre Sorlin, 1-21, 1-25, 2-29
 Poliakov, 2-27, 2-31
 Primo Levi, 1-16
 Princesa Auguste, 2-63
 Rahel Varnhagen, 2-39, 2-40, 2-54
 Raphael Loewenfeld, 2-65, 2-80, 4-104, 4-108, 6-166
 Renato Mezan, 9, 1-22
 Richard Wagner, 2-28, 2-84
 Riesser, 2-54, 2-55, 2-59, 2-63, 2-65, 2-91, 4-112, 4-113
 Rifka Berezin, 1-23
 Robert Blum, 2-54
 Robert Bosch, 2-86, 5-128
 Robert Welsch, 5-137
 Robespierre, 2-35
 Roger Martin du Gard, 5-125
 Rosa Luxemburg, 5-146
 Rudolf Steiner, 2-86, 5-128
 Salomon Ibn Verga, 2-35
 Samson Raphael Hirsch, 2-67
 Saul Ascher, 2-44, 2-47, 2-66, 7-172
 Saul Friedländer, 1-25, 2-27
 Sebastian Haffner, 1-22, 5-149
 Sebastian Hafner, 5-145
 Shulamit Angel-Volkov, 1-20, 2-79
 Shulamit Volkov, 1-22, 1-26, 2-90
 Sigmund Freud, 1-25, 5-125, 5-130
 Simon Dubnov, 2-58
 Simon Schama, 1-21, 2-30
 Stanislas de Clermont-Tonnerre, 2-38
 Stefan Zweig, 1-22, 5-125, 5-130, 5-131, 5-144
 Striemer, 1-24
 Susanne Heim, 6-159, 6-162
 Süß, 10, 2-32, 177
 Tácito, 1-21, 2-29
 Teodor Hertzfel, 5-130, 5-131, 5-135, 5-137
 Theodor, 2-77, 2-86, 2-87, 3-101, 5-128
 Theodor Fontane, 2-56
 Theodor Herzl, 1-14, 1-18, 2-75, 5-124, 5-130
 Theodor Mommsen, 1-19, 2-71, 2-86, 2-87, 2-92, 4-113, 7-173
 Thomas Mann, 5-144, 5-151
 Tobias Jäcker, 1-21, 1-22
 Toni Oelsner, 1-25, 2-73
 Trude Maurer, 5-129, 6-161

- Victor Hugo, 2-58
Victor Klemperer, 1-20, 1-21, 1-22, 1-25,
2-51, 2-63, 2-67, 4-111, 5-144, 6-161
Voltaire, 2-35, 2-37, 2-40
von Stein, 2-46, 2-48
Walther Rathenau, 2-33, 4-116, 5-124, 5-
141, 5-142, 5-148, 5-149, 6-166, 7-173,
7-174
Werner Sombart, 5-151
Wilhelm I, 2-48, 2-52, 2-65, 2-78, 2-79, 2-
91, 2-95, 6-165
Wilhelm II, 1-17, 2-89, 2-95, 2-96, 4-104,
5-121, 5-127, 5-131, 5-136, 5-139, 5-
141, 5-145, 5-146, 7-173
Wilhelm von Humboldt, 2-46
Willy Brandt, 6-159
Wilson do Nascimento Barbosa, 1-23
Yehuda Reinharz, 1-20, 1-22, 6-160
Yerushalmi, 1-16
Yomtov Lipman, 2-65
Yosef Haym Yerushalmi, 1-25, 2-36
Zunz, 2-63, 2-65
Zwanziger, 2-52
Zygmunt Bauman, 1-22, 1-26

ANEXO

As mulheres asquenazes Simon Schamma

7. As mulheres asquenazes

1. CORDEIROS DE SACRIFÍCIO

Nomes tão lindos, desfechos tão terríveis. Doulcea, a doce, *eshet chayil*, a mulher de valor, mais valiosa que rubis para seu marido, o rabino pietista Eleazar bar Yehudah, conhecido como o Perfumista, feita em pedaços nas ruas de Worms em 1196, tentando obter ajuda enquanto as filhas Hanna e Bellette agonizavam em casa; Licorícia, dura como pedra, duas vezes viúva, com a bolsa bem provida, que sobreviveu a três temporadas na Torre de Londres, mas acabou assassinada em sua casa em Winchester, junto com a criada cristã, em 1277; Séfora de Worms, a ave presa numa armadilha de suicídio, na primavera de 1096, enquanto bandos de cruzados bradavam pelo sangue dos assassinos de Cristo, implorando ao marido que a matasse primeiro, para que ela fosse poupada de ver o filho ser morto pela faca do pai; Sarit de Colônia, a noiva graciosa, cortada em duas partes, da virilha à garganta, por seu sogro, Judá, o Levita, num casamento transformado em bodas de sangue; as mulheres na ponte, duas de Colônia e duas de Trier, vendo as irmãs serem arrastadas sem compaixão para a pia batismal, resolvendo-se afinal por um contrabatismo, saltando para a morte nas águas escuras do Mosela; a convertida anônima que

desposara o rabino Davi Todros de Narbonne, perseguida por seus parentes furiosos, encontrando refúgio em Monieux até um bando de cruzados matar o rabino, apoderar-se de dois de seus filhos para convertê-los à força, deixando na miséria a prosélita viúva com seu bebê.¹

E houve também Poulceline, de quem todos ouviriam falar, a bela Poulceline, próxima — muito próxima, segundo Efraim de Bonn — a Thibaut, conde de Blois, senescal da França, cunhado do rei, embora nada disso tenha ajudado quando os judeus de Blois, inclusive ela, foram queimados vivos numa pira em 1171. O que fizera Poulceline? O que fizera qualquer uma delas, as de belos nomes? Como sempre, nada, a não ser terem nascido judias. O que se *dizia* que elas faziam, porém, era matar crianças, sobretudo crianças cristãs. Corpo algum era necessário para que a acusação fosse aceita. Ninguém em Blois algum dia achou um corpo, tampouco criança alguma desaparecera, mas em maio um servo que estava dando de beber a seu cavalo no Loire avistou um judeu soltar alguma coisa pequenina e pálida junto do rio. O que aquele judeu estava segurando era, na verdade, um rolo de peles animais não curtidas, mas quando uma delas caiu na água, como o servo informou a seu senhor, o cavalo refugou e recusou-se a beber, sinal certo de que algo de ilícito ocorrera no rio. Uma pele era uma pele. O incidente foi levado ao conde Thibaut, que o julgou grave o bastante para que o homem fosse submetido ao ordálio da água a fim de comprovar se o que ele dizia era verdadeiro ou falso. Ele sobreviveu. E os trinta e poucos judeus de Blois foram detidos e encarcerados, agrilhoados uns aos outros e ao piso à maneira usual da época. Só Poulceline foi poupada à masmorra, o que enfureceu a condessa Alix, que a via como inimiga. No entanto, temia-se que fosse tal o poder da judia sobre o conde que Poulceline foi impedida de falar-lhe. Como tantas mulheres asquenazes da Europa setentrional, Poulceline tinha posses, emprestava dinheiro a pobres e ricos, a judeus e cristãos, e como tal fora bastante útil ao conde para gozar de sua estima, e talvez mais do que isso. De vez em quando ela se queixava com ele das injustiças sofridas pelos demais judeus. Isso pode ter piorado as coisas, pois fosse seu dinheiro ou seu corpo, ou ambos, que a tinha tornado atraente aos olhos de Thibaut, ela se tornara uma figura impopularíssima na cidade. Não demorou muito para que se juntasse ao restante dos judeus no calabouço, e em 26 de maio morreu com eles nas chamas acesas na praça do mercado. É possível que

a história da criança atirada no Loire tenha sido tramada apenas para acabar com Poulceline.

Narrado em cartas remetidas por judeus de Orleans e Loches, o massacre judicial causou tamanho horror que encorajou os judeus de Paris a enviar uma delegação ao rei Luís VII. Uma carta que dava conta da resposta real anunciou a boa notícia: o monarca “inclinara com benevolência seu coração em nosso favor”. O surpreendente foi que Luís advertiu que Thibaut seria punido se houvesse agido com injustiça.

Ora, judeus de minha terra, não tendes por que vos alarmar com o que o acusador fez em vosso domínio. A mesma acusação foi levantada aos judeus de Pontoise e Joinville, e, ao chegarem as denúncias a mim, soube-se que eram falsas [...] estai cientes, judeus de minha terra, que não acolho tais suspeitas. Mesmo que se descobrisse um corpo na cidade ou no campo, eu de nada acoimaria os judeus quanto ao crime.²

As lamúrias ocorreram tarde demais. A Blois judaica fora erradicada num único dia com base numa acusação falsa, ainda que, graças a algum milagre (talvez envolvendo dinheiro), os livros e rolos da comunidade tivessem sido salvos. Bastara pouco mais que o fato de um cavalo supostamente não querer matar a sede nas águas de um rio para que toda uma comunidade fosse denunciada como assassina de crianças cristãs. A paranoia popular sobre o que os judeus faziam às crianças, inclusive às deles próprios, remontava à Antiguidade. Diante de acusações de que judeus haviam sequestrado crianças, Josefo e Filo de Alexandria tinham sido obrigados a levá-las a sério para refutá-las. E em Antioquia João Crisóstomo muitas vezes acusava os judeus de, inspirados pelo demônio, sacrificarem os próprios filhos. Os textos eram distorcidos para se ajustar à paranoia. O horror profundo que a Bíblia expressava pelos sacrifícios de crianças a Moloc, realizados pelo rei Manassés, que pretendia restaurar o paganismo, era transformado em confirmação histórica da prática. Apesar da aparição do anjo no último instante, a disposição de Abraão para sacrificar seu filho Isaac, atendendo à ordem de Deus, ganhava um matiz sinistro. E os cristãos medievais conheciam tanto o Segundo Livro dos Macabeus quanto as *Antiguidades judaicas* e a *História da guerra judaica*, de Flávio Josefo, que narram o episódio em que, no apogeu da campanha dos selêucidas contra o

judaísmo, uma mãe judia prefere o sacrifício hediondo de seus sete filhos a vê-los submetidos a profanações pagãs, sobretudo comer carne de porco. Ficou famoso o caso do último filho, a quem Antíoco prometeu tudo o que lhe podia oferecer — fama e fortuna — se capitulasse, enquanto a mãe lhe aconselhava juntar-se ao mesmo destino dos irmãos. Quando ele entra no céu, ela lhe pede que procure Abraão para informar-lhe que enquanto ele possuía tão somente um altar, ela poderia jactar-se de sete. A história termina com a mãe atirando-se para a morte do alto das muralhas.

No fim do século XII, os cristãos dispostos a crer nesse tipo de fábula supunham que as mães e os pais judeus preferiam matar os próprios filhos a vê-los aceitar a luz da verdade do Evangelho. No entanto, a animosidade causada pelo horror se concentrava com mais intensidade nas mães judias homicidas, que figuravam no folclore cristão como uma contrapartida demoníaca à pureza e ao amor maternal da Virgem. Tanto as mães judias quanto a Virgem tinham sacrificado os filhos, mas, enquanto os pais amantíssimos da teologia cristã — Deus Pai e Maria, o vaso da encarnação — tinham feito seu sacrifício como um ato de compaixão pela salvação da humanidade, a mãe judia, talvez sob influência diabólica, matava os filhos em pecado e carnificina incompreensíveis.

A versão judaica desses mesmos acontecimentos, tanto na época dos Macabeus quanto por ocasião da Primeira Cruzada, era precisamente o oposto. Quando os cruzados infligiram seu massacre, os judeus dispunham da versão em hebraico da narrativa de Josefo, o *Josippon*, escrita no século X, na Itália. Em suas páginas, a mãe dos sete filhos (que no Midrash é chamada de Míriam bat Tanchum) era não uma fanática desnaturada, mas alguém que privara os tiranos de sua vitória, que afirmara a religiosidade sobre a abominação. Da mesma forma, a aceitação de um martírio caracteristicamente judaico, mesmo ao ponto de pais matarem os filhos para evitar a morte nas mãos de gentios, era apresentado como uma vitória sobre os ideais cristãos de martírio, presentes em toda parte na cultura do cristianismo nessa época. Nunca saberemos se as três crônicas hebraicas que relatam as histórias desses martírios (frequentemente com pormenores sangrentos insuportáveis) registram o que de fato aconteceu na Renânia em 1096, porque, além de alusões a alguns fatos que aparecem em narrativas cristãs, não existem fontes independentes que os comprovem. Do mesmo modo, porém, não há nada que diga que em sua essência, ou mesmo em seus detalhes, elas não sejam histórias verídicas.³ O incontestá-

vel é que a autodestruição de famílias judias para fugir a outros tipos de desenlace — por batismo ou massacre — é a maneira que essas antigas narrativas judaicas escolheram para afirmar o lugar ocupado por sua religião no cerne da catástrofe.

Seja como for, não resta dúvida de que em 1096, 75 anos antes do incidente em Blois, algo de terrível e inimaginável de fato aconteceu a mães judias e a seus filhos, num episódio que assombrou a memória judaica para sempre. Não muito depois de o papa Urbano II, no Concílio de Clermont-Ferrand, em novembro de 1095, ter promovido a ideia de uma cruzada para libertar a Terra Santa da custódia ímpia dos sarracenos, ocorreu a pregadores populares na França e na Renânia, como Pedro, o Eremita, que essa obra de depuração não precisava esperar que as espadas cristãs chegassem à Palestina. Não viviam entre eles inimigos de Cristo, nas cidades e vilas da Renânia — em Speyer e Mainz, Worms e Colônia? Se aqueles que vestiam o uniforme da cruz estavam prestes a verter sangue e gastar seu dinheiro pela causa santa, “por que havemos de permitir que eles [os judeus] vivam e tolerar que habitem entre nós? Usemos nossas espadas contra eles primeiro e, depois, sigamos nosso caminho”.⁴ O sangue do Salvador poderia ser vingado como um batismo sanguíneo no começo da guerra sagrada, e aos ganhos ilícitos dos judeus seria dado uso apropriado. Tudo seria feito como convinha. Os judeus, canalhas, impenitentes e aproveitadores, continuariam a pagar por seu crime, subsidiando os exércitos que devolveriam Jerusalém a Cristo.

Isso foi um mau presságio. Os judeus da França e da Renânia, como todos os demais na Europa cristã, tinham vivido ali conforme a dispensação de Santo Agostinho, segundo a qual eles tinham sido punidos pela morte do Salvador com a destruição do Templo, o banimento de Jerusalém e a dispersão pelo mundo. A punição era tão severa que se considerava “uma vida pior do que a morte”. E nessa dispersão infeliz deveriam ser preservados como um povo que, em seu conjunto, trazia a marca de Caim, testemunhas vivas do triunfo contrastante que era a salvação cristã. Daí a necessidade, de acordo com essa concepção, de serem preservados. Erradicá-los teria o lamentável efeito de impedir a grande conversão fixada como a precondição para a Segunda Vinda de Cristo. No fim do século XI, o papa Alexandre II lembrou expressamente ao rebanho que matar os judeus equivalia a um desafio blasfemo da misericórdia de Deus. Portanto, ao mesmo tempo que cumpria lembrar sem cessar aos judeus a natureza